

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

PRISCILA CRISTINA NASCIMENTO LOPEZ DE SCOVILLE

**AS CARTAS VÃO DIZER:
AS RELAÇÕES INTERTERRITORIAIS NA ERA DE AMARNA**

Porto Alegre

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

PRISCILA CRISTINA NASCIMENTO LOPEZ DE SCOVILLE

**AS CARTAS VÃO DIZER:
AS RELAÇÕES INTERTERRITORIAIS NA ERA DE AMARNA**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de doutora em História junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Katia M. P. Pozzer.

Porto Alegre

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Scoville, Priscila Cristina Nascimento Lopez de
As Cartas Vão Dizer: as Relações Interterritoriais
na Era de Amarna / Priscila Cristina Nascimento Lopez
de Scoville. -- 2022.
293 f.
Orientador: Katia M P Pozzer.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto
Alegre, BR-RS, 2022.

1. Egito Antigo. 2. Mesopotâmia. 3. Antigo Oriente
. 4. Humanidades Digitais. 5. Diplomacia. I. Pozzer,
Katia M P, orient. II. Título.

Priscila Cristina Nascimento Lopez de Scoville

AS CARTAS VÃO DIZER: AS RELAÇÕES
INTERTERRITORIAIS NA ERA DE AMARNA

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de doutora em História junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Porto Alegre, 06 de maio de 2022.

Resultado: Aprovado com conceito máximo.

BANCA EXAMINADORA

Dr. Anderson Zaleswki Vargas
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Dr. Carlos Henrique Barbosa Gonçalves
Universidade de São Paulo (USP)

Dr. Marcelo Pedro Campagno
Universidad de Buenos Aires

Dr. Liliane Cristina Coelho
Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE)

Aos meus avós, Maria Cecília (*in memorian*) e Francis (*in memorian*), que tanto me ajudaram no início dessa jornada e que agora se juntaram aos deuses nos campos de junco, vivendo suas próprias experiências nas Terras do Oeste.

AGRADECIMENTOS

Desde quando decidi fazer uma pesquisa de doutorado e iniciei essa empreitada acadêmica, muita coisa mudou no Brasil e no mundo. Vimos verbas cada vez menores serem disponibilizadas para a educação e para a ciência, vivemos uma pandemia surgir e remodelar nossas experiências sociais. Uma consequência disso foi que viagens não puderam acontecer, acervos, museus, eventos e muitos outros espaços foram fechados, ainda que temporariamente. A pesquisa sofreu um baque. Alguns dos meus planos iniciais precisaram ser reprogramados. Por causa de toda essa mudança (e certa insegurança), a tese que tenho hoje não teria sido possível sem o apoio de várias pessoas que estiveram ao meu lado nesses momentos incertos.

Agradeço, primeiramente, à minha família, que sempre ofereceu suporte: à minha mãe (Débora), ao meu pai e à minha madrastra (André e Carla), à minha irmã (Bianca), ao irmão e à minha cunhada (Felipe e Fabiana), meus avós (Zenilda e José), aos meus tios (Fernando, Jean e Luciane) e aos meus sobrinhos (Vento e Aurora). Cada um, ao seu jeito, ofereceu suporte quando precisei.

Merecem meu reconhecimento, também, meus amigos e colegas que seguiram essa jornada junto a mim: os que propõem debates desde a época do mestrado (Mariana, Gabriel, Luciane e Renan), os que ganhei durante a estadia em Porto Alegre (Alexandra, Henrique, Vicente, Rovian, Berenice, Violeta e Diego), as que me acompanham desde a infância (Carolina, Verônica, Marina L., Marina S., Alessandra, Thiana, Letícia, Bruna, Nathalia e Giovanna) e as que viram esse processo se desenvolver desde o final da minha graduação (Rafaela e Nathalli). Não posso deixar de mencionar, ainda, o Thiago, que foi crucial para a conclusão desse estudo; ao Ângelo, que teve seus ouvidos sempre a postos; ao Pedro, cuja presença foi responsável pelos meus primeiros passos na parte técnica do meu estudo.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a todos os outros cientistas que trilharam o meu caminho: à minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Katia M. P. Pozzer, que me inspirou desde o começo da elaboração do meu projeto e me trouxe até aqui; aos membros da banca, Prof. Dr. Marcelo Pedro Campagno, Prof. Dr. Carlos Henrique Barbosa Gonçalves, Prof. Dr. Anderson Zaleswki Vargas, e Prof^a. Dr^a. Liliane C. Coelho, que compartilharam comigo seus conhecimentos e tornaram essa tese possível.

A todos, muito obrigada.

RESUMO

Por meio de uma pesquisa interdisciplinar, que une a História à Egíptologia, à Assiriologia e às Humanidades Digitais, este estudo propõe reflexões acerca do Sistema Diplomático de Amarna. Para tanto, realizo uma discussão sobre a documentação das Cartas de Amarna (EA1-44) por meio de uma análise de redes sociais (a *Social Network Analysis*) em contraste com o contexto e com o conteúdo das correspondências. A pesquisa foi guiada pela perspectiva de compreender até que ponto essa comunicação interterritorial se caracteriza como sendo o primeiro sistema diplomático do qual temos notícia, como ele funcionava e se ele era eficaz. Assim, ponderei os costumes e regras que serviram de baliza para os contatos e as atitudes práticas dos reis, tentando entender seus anseios e preocupações. Por meio dessa pesquisa, foi possível perceber que, apesar de existirem diferentes compreensões em nível individual e coletivo, o Sistema de Amarna foi capaz de manter um equilíbrio de poderes no Antigo Oriente Próximo. Os contatos se sistematizaram por meio de dois conceitos essenciais: a reciprocidade e a fraternidade, que permitiam interpretações variadas, mesmo sendo tão importantes.

Palavras-chave: Antigo Oriente. Humanidades Digitais. Diplomacia.

ABSTRACT

Through interdisciplinary research, which merges History, Egyptology, Assyriology and the Digital Humanities, this study discusses the Diplomatic System of Amarna. To this end, I conduct research on the Amarna Letters (EA1-44) through Social Network Analysis, in contrast to the context and content of the correspondence. The thesis is guided by the perspective of understanding to what extent this interterritorial communication is characterized as being the first diplomatic system of which we know, how it worked and if it was effective. Thus, I pondered the customs and norms that served as a beacon for the contacts and practical attitudes of the kings, and aimed to understand their anxieties and concerns. Through this research, it was possible to perceive that, despite the existence of different understandings at the individual and collective level, the Amarna System was able to maintain a balance of powers in the Ancient Near East. The contacts were systematized through two essential concepts: reciprocity and fraternity (or brotherhood) - interpreted in multiple ways, despite being so important.

Key-words: Ancient Near East. Digital Humanities. Diplomacy.

RESUMEN

A través de una investigación interdisciplinar, que une la Historia con la Egiptología, la Asiriología y las Humanidades Digitales, este estudio propone reflexiones sobre el sistema diplomático de Amarna. Para ello, realizo una discusión sobre la documentación de las Cartas de Amarna (EA1-44) mediante un análisis de redes sociales (el *Social Network Analysis*) en contraste con el contexto y el contenido de las correspondencias. La investigación se guió por la perspectiva de comprender hasta qué punto esta comunicación interterritorial se caracteriza por ser el primer sistema diplomático del que conocemos, cómo funcionaba y si era eficaz. Así, reflexioné sobre las costumbres y las normas que servían de faro para los contactos y las actitudes prácticas de los reyes, tratando de comprender sus deseos y preocupaciones. A través de esta investigación, fue posible percibir que, a pesar de las diferentes concepciones a nivel individual y colectivo, el sistema de Amarna fue capaz de mantener un equilibrio de poder en el Cercano Oriente Antiguo. Los contactos se sistematizaron mediante dos conceptos esenciales: la reciprocidad y la fraternidad, que permitían interpretaciones variadas, a pesar de ser tan importantes.

Palabras clave: Cercano Oriente Antiguo. Humanidades Digitales. Diplomacia.

APARATOS TÉCNICOS

- [] Texto restaurado.
- [...] Texto faltando.
- Muito danificado ou não claro.
- < > Omissão do escriba.
- > < Repetição por erro do escriba.
- () Comentário para facilitar a leitura. Por Rainey.
- { } Comentários e reconstituição da autora na comparação das versões de Moran, Rainey Liverani, e na análise do texto transliterado.

A tradução das Cartas de Amarna, neste trabalho, é de minha autoria e feita a partir do inglês, com consultas ao italiano e à transliteração (representação do cuneiforme em caracteres modernos). Para a realização desta, utilizei a tradução de Mario Liverani, em italiano, e as traduções em inglês de Moran e Rainey – deste último também vem a transliteração do cuneiforme. A fim de facilitar a leitura, foram retirados da fonte os símbolos relacionados à restauração de textos com símbolos danificados, mas ainda evidentes.

Trago, nas traduções, apenas as cartas EA1-44, relacionadas aos reinos independentes e aos Grandes Poderes, isto é: Egito, Babilônia, Hatti, Mitani, Assíria, Alashiya e Arzawa. Duas cartas, porém, foram excluídas de minha seleção pelos seguintes motivos: EA30 por ser destinada aos reis de Canaã (e, portanto, não é entre iguais); e EA40, por ser uma correspondência entre dois comissários. As cartas relacionadas ao reino de Mitani (EA17-30), com exceção das cartas EA18 e EA25, foram traduzidas em minha dissertação, na qual também trago fotografias, feitas por mim, desses documentos, quando visitei os museus de Berlim e Londres (British Museum e Vorderasiatisches Museum), em 2016. Assim, a tradução dos tabletas EA17, EA19-24, e EA26-29, aqui presente, é uma versão revisada e atualizada do material anterior.

APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. O SURGIMENTO DE UMA FRATERNIDADE.....	25
1.1 O Começo: Ebla (c. 2500–2000 AEC).....	28
1.2. O Meio: Mari (c. 2000–1595 AEC).....	42
1.3. A Pausa: Impérios Crescentes (c. 1595-1400 AEC).....	55
1.3.1 Mesopotâmia.....	55
1.3.2. Egito.....	61
1.4. O Fim: Amarna (c. 1400 – 1300 AEC)	67
2. O MUNDO PRÓXIMO-ORIENTAL NA ERA DE AMARNA	71
2.1.Era de Amarna: os Primeiros Passos	71
2.2.O Oriente Próximo em Contato	77
2.3.Mensageiros e Suas Jornadas no Segundo Milênio AEC.....	85
2.4.Documentação: Estruturas e Aparatos.....	93
2.5.A Documentação: pelo Olhar das Humanidades Digitais	110
3. O PESO DAS PALAVRAS, O VALOR DAS ATITUDES	124
3.1 Artíficos da Diplomacia no Final da Idade do Bronze.....	127
3.2. A Instituição e a Retórica Diplomática	141
CONCLUSÃO.....	164
REFERÊNCIAS.....	172
TRADUÇÕES	182
EA1	182
EA2	185
EA3	186
EA4	187
EA5	189
EA6	190
EA7	191
EA8	193
EA9	194
EA10	195
EA11	197

EA12	199
EA13	200
EA14	201
EA15	206
EA16	207
EA17	209
EA18	211
EA19	212
EA20	215
EA21	218
EA22	219
EA23	227
EA24	228
EA25	238
EA26	249
EA27	251
EA28	255
EA29	257
EA31	265
EA32	267
EA33	268
EA34	269
EA35	270
EA36	272
EA37	273
EA38	274
EA39	275
EA41	276
EA42	278
EA43	279
EA44	280
APÊNDICE 1: GLOSSÁRIO DE NOMES	281
APÊNDICE 2: GLOSSÁRIO DE TERMOS EM LÍNGUA ANTIGA	287
APÊNDICE 3: RELAÇÃO DE NOMES E REINOS EM CADA CARTA.....	288

INTRODUÇÃO

Ao se estudar a História, os pesquisadores comumente recorrem aos vestígios escritos sobre determinado assunto ou época. Contudo, é imprescindível lembrar que há um agente por trás de tais registros e que, portanto, a escrita por si só não é confiável. Intrínseco ao texto, encontramos noções de mundo, expectativas, responsabilidades, sentimentos e intenções de seu autor. Quando lemos um texto antigo, não o entendemos do mesmo modo que o escriba que o redigiu entendia cada palavra. Isso acontece porque nossa contemporaneidade influencia nas nossas perspectivas. De mesmo modo, a escrita está imersa nas noções de seu autor, que seleciona o que julga ser interessante ou não para ser registrado¹. Por esses (e diversos outros) motivos, tanto se diz que a História não encontrará o passado tal qual ele era, sendo capaz apenas de fazer uma aproximação. Nesse sentido, Platão faz uma analogia de que a memória apresenta o passado como um registro de selo na argila – ela pode apresentar falhas e distorções².

O registro do passado, desde a antiguidade, é importante para o ser humano como uma forma de integrá-lo às estruturas sociais, culturas e ritos específicos, possibilitando a criação de uma memória coletiva (ou individual) para a identidade dos povos³. A prática se desenvolveu de forma independente e diferente em cada região, tanto em relação à estrutura e suporte, como em relação ao seu propósito. Isso porque pensar o tempo é uma experiência cultural. Ademais, na maioria das sociedades antigas, a escrita está restrita a um grupo muito específico e pequeno, composto, majoritariamente, por homens. Assim,

saber ler e escrever, no Oriente Antigo, era considerado não somente um privilégio, mas, sobretudo, uma superioridade social. Somente as famílias abastadas podiam assegurar a instrução de um futuro escriba, pois o custo dessa educação era muito elevado, e os estudos, bastante longos⁴.

¹ Em diversos momentos do livro de Ricoeur discute-se a relação da escrita da história e da inserção do autor em seu texto. Destaco a primeira parte do livro, “Da memória e da reminiscência”, e o primeiro capítulo da segunda parte do livro, “Fase documental: a memória arquivada”. RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2007.

² RICOEUR, Paul. *Op. Cit.*, p. 36.

³ RAAFLAUB, Kurt A (ed). *Thinking, Recording and Writing History in the Ancient World*. Chinchester: Wiley Blackwell, 2014, p. 1.

⁴ POZZER, Katia M. P. Escritas e Escribas – o cuneiforme no Antigo Oriente Próximo. *Clássica*, São Paulo, v. 11-12, n. 11-12, 1998/1999, p. 67.

Por isso, mais do que ser fruto de um contexto histórico muito diferente do nosso, a escrita no Antigo Oriente Próximo reflete uma realidade bastante particular, ligada à uma elite e preocupada com sua representação. Para agravar a situação, o conhecimento dos escritos sobre o passado era muito restrito, uma vez que evidências apontam que nem toda pessoa letrada tinha contato com textos literários na Mesopotâmia⁵. Como consequência desse monopólio das elites sobre a escrita, é difícil conseguir delimitar como o passado impactava na vida das pessoas comuns. Ainda assim, podemos perceber que ele era utilizado como uma ferramenta na representação régia para fins de legitimação e para se integrar na memória futura.

Sabemos que o estudo sobre o passado e a narrativa histórica são ferramentas essenciais para a identidade de um povo. Destarte, o entendimento sobre o conceito de História também é bastante variado. Desde o surgimento da História científica, não existe um consenso sobre como definir a disciplina. Pelo viés da Nova História Cultural, a “História é narrativa, só que com personagens reais. E mesmo que baseada em fatos e documentos, não pode alcançar o realmente acontecido devido à natureza parcial dos documentos e dos fatos”⁶. Isso não significa, contudo, que ela é ficção, “a diferença é que a História se preocupa com a verdade, enquanto o romance se preocupa com a beleza”⁷. Na antiguidade, porém, essas noções se confundem e são complementares: o passado mitológico, tanto no Egito como na Mesopotâmia, pertence à História local. O governo dos deuses é lembrado como se tivesse acontecido e, conseqüentemente, para os antigos, aconteceu – o importante é como as coisas eram recordadas. Temos aqui, portanto, o que Hartog coloca como um Tempo Mítico (ou heroico), no qual o passado é articulado com o futuro, pensado por meio de experiências. Para o herói, cuja história é contada no épico, só existe o presente, pois o passado é a lembrança dos mortos que assombram os vivos e o futuro será determinado pelo desígnio dos deuses⁸.

Nesse sentido, ainda antes da criação da disciplina histórica, por mais que o conceito não existisse, podemos perceber a importância da escrita para a constituição identitária – mesmo antes de Heródoto. Como dito, no mundo antigo, a interpretação e o estudo sobre o passado está intimamente ligado à memória, uma vez que esta “se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas

⁵ MICHALOWSKI, Piotr. **The Presence of the Past in Early Mesopotamian Writings**. In: RAAFLAUB, Kurt A (ed). *Op. Cit.*, p. 145.

⁶ SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 183.

⁷ SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Op. Cit.*, p. 183.

⁸ HARTOG, François. *Regimes de historicidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, pp. 49 – 64.

como passadas”⁹. No Egito, essa relação é bastante clara: há uma ideia de que o tempo de vida de uma pessoa não está restrito à sua existência na Terra, mas está intimamente ligada à memória de gerações futuras. Por isso, era importante para os egípcios sempre representar sua imagem e nome. Isso permitiria que fossem recordados e iria garantir sua existência no mundo dos mortos – ser esquecido é ser apagado do mundo dos deuses, é como se nunca tivesse existido.

Existe uma dualidade¹⁰ entre memória e esquecimento que interage diretamente na vida dos antigos egípcios. Por um lado, os faraós recorriam às listas reais para se legitimar no poder e, por isso, o recordar e escrever sobre o passado e as tradições era essencial. Esse tipo de prática garantia que o passado se mantivesse vivo e proporcionava a existência de uma continuidade régia. Por outro lado, afirmei anteriormente que o escriba interferia na escrita – isso significa que para que a legitimação fosse eficaz o registro do passado sofria alterações.

Ignorar algo ou alguém aponta a vontade de fazer com que este desapareça, para que não influencie no futuro. Isso porque a vida das pessoas não estava limitada ao seu tempo na Terra, o morto passava a ser considerado, como põe Ricouer, o “vivente antigo”.¹¹

Para os egípcios, a morte significava um recomeço no Amduat (mundo dos mortos)¹². Contudo, essa existência dependia da lembrança de alguém ainda vivo, já que, para os egípcios, existir não era um condicionamento físico. Isso porque a pessoa poderia continuar influenciando na vida dos outros mesmo após a morte, fosse pelo impacto causado em vida ou por ações que ela teria ativamente após seu falecimento. Por isso, são comuns cultos aos mortos e cartas enviadas a eles com pedidos para que interfiram (ou não) na vida dos parentes. Uma

⁹ SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Op. Cit.*, p. 275.

¹⁰ A dualidade é uma forma de pontuar a vida no Egito Antigo que explica ideias aparentemente opostas, que se complementam para garantir a complexidade do mundo. A morte física, por exemplo, é necessária para se reiniciar a vida no mundo dos mortos, assim como o Nilo enche e esvazia em determinadas épocas e o sol nasce e se põe todos os dias. Segundo Galán, o mundo egípcio é percebido por “distintas percepções de uma mesma realidade que não competem entre si, apenas tem a finalidade de completar umas as outras para cobrir os múltiplos aspectos de uma realidade complexa”. GALÁN, José Manuel. El paso del tiempo y el recuerdo del pasado em el antiguo Egipto. *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*, Online, v. LIX, nº 1, 2014, p. 38. Disponível em: <http://rdtp.revistas.csic.es>. Tradução da autora. Para mais ver: GALÁN, José Manuel. *Op. Cit.*, pp. 37-55. Disponível em: <http://rdtp.revistas.csic.es>; e COELHO, Liliane; SANTOS, Moacir E. A escrita da história do Egito Antigo. *NEARCO*, Rio de Janeiro, ano VII, nº 1, 2014, pp. 260-284.

¹¹ SCOVILLE, Priscila. **Queremos nos amar como irmãos: uma análise historiográfica das cartas de Amarna e das relações entre Egito e Mitani entre c. 1390 – 1336 AEC.** (Dissertação de Mestrado). Curitiba: UFPR, 2017, pp. 35-36. Disponível em: <https://goo.gl/kzNh36>

¹² Quando uma pessoa morria, preservava-se seu corpo físico (por meio da mumificação) e outras 5 partes consideradas essenciais para que a pessoa pudesse renascer: nome, kha (princípio da vitalidade), bá (princípio da mobilidade), sombra e coração. Com isso, acreditava-se que a pessoa seria levada ao tribunal de Osíris (deus governante do Amduat), onde passaria por um processo para saber se ela teria sido uma pessoa boa em vida e poderia entrar no Amduat. Caso pudesse, a pessoa viveria novamente nessas novas terras e teria as mesmas funções que teve em vida, mas, dessa vez, pela eternidade e sem que nenhum mal lhe acometesse.

pessoa que fosse esquecida, então, não teria impacto no mundo; portanto, atos como o apagamento de nomes e imagens eram uma punição pior do que a morte, já que condenava a pessoa a não existir, enquanto a morte era apenas uma passagem.

Com isso, fica claro que o registro dos eventos passados no Egito Antigo era bastante intencional – e, mais do que isso, constantemente revisado e editado. Existe uma manipulação ativa da memória, em que escribas selecionam o que será reescrito, descartam documentos que julgam desinteressantes e modificam ou atribuem outro nome ao governante inscrito, por exemplo. O mesmo também é verdadeiro na Mesopotâmia, que, apesar de ter uma cultura funerária e uma interpretação sobre o papel da memória diferentes, igualmente se preocupava com inscrições comemorativas que celebrassem seus reis para serem lembrados no futuro.

Na tradição mesopotâmica do terceiro milênio AEC, não há referências de qualquer forma de escrita sobre o passado que não seja ligado ao mitológico¹³. Escrever era um ato de relatar os eventos do presente ou contar histórias relacionadas aos deuses¹⁴. Os relatos reais pretendiam ser retomados no futuro, como uma forma de enaltecer os reis. Quando chegamos ao segundo milênio AEC, essa ideia foi lapidada e fica visível no famoso Código de Hammurabi, por exemplo. No texto, o rei realçou suas qualidades e amaldiçoou aquele que danificar ou apagar a sua imagem ou as suas palavras:

Eu sou Hammurabi, o rei da justiça, a quem Šamaš deu a verdade. Minhas palavras são escolhidas, minhas obras não têm rival; só para o tolo elas são vazias, para o sábio elas conduzem para a glória. Se esse homem guardar as minhas palavras que escrevi em minha esteira, [...] esse homem (será) como eu um rei de justiça. Se esse homem não guardar as minhas palavras que escrevi em minha esteira, desprezar minhas maldições, não temer as maldições dos deuses, anular o direito que promulguei e revogar as minhas palavras, alterar os meus estatutos, apagar o meu nome escrito e escrever o seu nome (ou) por causa destas maldições mandar um outro (fazer), esse homem, seja ele senhor, seja ele governador ou qualquer pessoa chamada com um nome, que o grande Anum, o pai dos deuses, aquele que pronunciou o meu governo, tire-lhe o brilho da realeza, quebre o seu cetro, amaldiçoe o seu destino¹⁵.

Hammurabi queria ser lembrado como um rei dedicado à justiça e por isso reforçou essa ideia em suas representações, como ele mesmo deixa transparecer: “Por ordem de Šamaš, o grande juiz do céu e da terra, [...] possa o meu nome ser pronunciado **para sempre** com honra na Esagila que eu amo”¹⁶. Essa preocupação em ser lembrado pela eternidade levou os reis do Antigo Oriente Próximo a promoverem inscrições e listagens reais que valorizassem seus atos

¹³ Com exceção de um texto do rei Lugalbanda, de Uruk, mas que ainda assim entrelaça sua história com um passado mitológico. MICHALOWSKI, Piotr. *Op. Cit.*, p. 146.

¹⁴ MICHALOWSKI, Piotr. *Op. Cit.*, p. 146-147.

¹⁵ BOUZON, Emanuel. *O Código de Hammurabi*. Petrópolis: Editora Vozes, 1980, p. 111.

¹⁶ BOUZON, Emanuel. *Op. Cit.*, p. 109. Grifo da autora.

e criassem um laço com os deuses (no Egito, como descendentes; e na Mesopotâmia, como escolhidos).

Ao nos depararmos com documentações escritas, portanto, é importante que consideremos as intenções carregadas pelo texto. As inscrições reais, como apontei acima, são ferramentas de propaganda, abordando temas como tributos e guerras para criar uma mensagem persuasiva que convencesse as gerações futuras sobre o feito dos antigos reis para que assim eles fossem lembrados. Neste trabalho, as fontes a serem utilizadas não são textos cerimoniais, mas ainda se configuram como mensagens persuasivas com fins de aceitação política. Cartas diplomáticas, tais quais as que compõem o *corpus* de Amarna, tampouco são documentos jurídicos, pois não apresentam informações diretas de cunho administrativo. Apesar de serem bem diferentes das inscrições reais, as correspondências se relacionam por representarem uma forma de comunicação que se pauta na lógica da barganha, com argumentos retóricos e metáforas emocionais¹⁷, ou seja, são uma ferramenta de propaganda e persuasão.

Por promover a interação de culturas diferentes, os artifícios e argumentos utilizados nas correspondências são interpretados de formas variadas por cada personagem envolvido, como apontarei no decorrer dessa tese. Ademais, certamente, o uso de uma língua franca estranha à maioria dos reinos abrangidos, contribuiu para que o texto pudesse ser manipulado de forma sutil e apresentado com diferentes intenções – sem, com isso, romper com as regras pré-estabelecidas. Para entendermos essas relações, portanto, é necessário pensarmos em alguns conceitos como etnicidade, contato, fronteira e diplomacia. Esses conceitos já foram trabalhados na minha dissertação de mestrado¹⁸, por isso, trago-os aqui de forma mais simples e direta, acrescentando novas variáveis com as quais me deparei nos últimos anos de pesquisa.

Em termos gerais, parto da ideia de que o sistema diplomático presente nas Cartas de Amarna pode nos mostrar mais do que simplesmente o que é relatado nelas. Por meio da análise de questões estruturais, antropológicas e de escrita, é possível encontrar muitas informações de *âmbito pessoal*¹⁹ dos reis. Nesse sentido, nota-se que, apesar de seguirem as normas do sistema e dizerem-se iguais, os atos dos Grande Reis dependiam dos seus interesses políticos e,

¹⁷ LIVERANI, Mario. **The Great Powers' Club**. In: COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond (eds). *Amarna Diplomacy*. The beginnings of international relations. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2002, p. 17.

¹⁸ Cf. SCOVILLE, Priscila. **Queremos nos amar como irmãos: uma análise historiográfica das cartas de Amarna e das relações entre Egito e Mitani entre c. 1390 – 1336 AEC**. (Dissertação de Mestrado). Curitiba: UFPR, 2017. Disponível em: <https://goo.gl/kzNh36>

¹⁹ Por âmbito pessoal subentende-se incluir tanto as motivações individuais de cada rei, como as propostas do reino e do governo. Isto é, o âmbito pessoal procura entender as motivações, não diplomáticas, pensando em como estaria o contexto do reino e do próprio rei que enviou a carta.

portanto, os reis buscavam sobressair-se constantemente. Em outras palavras, minha suposição inicial se baseava na ideia de que o Sistema de Amarna nos apresentou um cenário ideal de igualdade, mas que não representa a práxis real das relações no período. A problemática desta pesquisa, portanto, esteve centrada na disparidade entre o sistema diplomático e as práticas políticas dos Grande Reinos do Egito, Hatti, Babilônia, Assíria e Mitani na Era de Amarna. Meus anseios principais buscavam entender as motivações e conflitos existentes nas relações interterritoriais do Antigo Oriente Próximo, e se motivava pela percepção de que os Grandes Reis, apesar de unidos diplomaticamente em um sistema de paridade, constantemente buscavam se fortificar e sobressair aos demais, ainda que de forma sutil, para garantir uma maior hegemonia de seus territórios – criando uma “hierarquia não-dita”. Já adiante, porém, que as respostas encontradas por mim não confirmaram nem negaram essa hipótese em sua totalidade. Isto é, a diplomacia amarniana permitiu uma ordenação anárquica de modo sistemático, ainda que a interpretação sobre essa estrutura fosse diferente para cada um dos reinos.

A análise proposta neste estudo usa recursos interdisciplinares, com uma dinâmica entre Antropologia Cultural e História Cultural. A título de ilustração, a aproximação com a Antropologia Cultural nos garante um entendimento acerca da estrutura de elementos do sistema sociocultural nas formas de interação, com conceitos como reciprocidade e economia de oferta (que são trabalhados, por mim, ao longo dos capítulos – em especial, no capítulo 2). Para tanto, as pesquisas de Claude Lévi-Strauss²⁰ e Marshall Sahlins²¹ apresentam os aspectos necessários para a melhor compreensão sobre o “outro” e as estratégias utilizadas para garantir as intenções do âmbito pessoal presente no sistema diplomático de Amarna.

Pensar o “nós” em detrimento do “outro”, uma prática etnocêntrica²², contribui para a criação de identidades e de uma memória coletiva. Surgem assim, dois conceitos próximos: o de identidade e o de etnicidade. Por um lado, a identidade é uma construção pessoal, com uma relação psicológica que cria um elo de pertencimento. De outro, a etnicidade é uma construção social e cultural compartilhada por um determinado grupo. A etnicidade é baseada na diferenciação, como uma análise simbólica, e representa as questões políticas e culturais da interação social²³. Contudo, a alteridade não é binária: existe uma fragmentação de sujeitos – o “outro” não é somente aquilo que eu digo ser, nem somente o que ele afirma sobre si. A

²⁰ LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.

²¹ SAHLINS, Marshall. *Stone Age Economics*. Chicago: Aldine. Atherton, Inc., 1972.

²² O etnocentrismo é uma forma de colocar o “nós” como elementos centrais na relação com os “outros”.

²³ JENKINS, Richard. *Rethinking Ethnicity*. Arguments and Explorations. Londres: SAGE Publications Ltd, 1998, pp. 40-56.

identificação é composta por aquilo que o “eu” imagina sobre o “ele”; por aquilo que se entende pela narrativa que o “eu” construiu sobre “ele”; e aquilo que o “ele” procura transmitir sobre si.

Isso nos leva a duas reflexões: uma em relação ao passado e outra acerca do nosso olhar historiográfico ocidental do presente. A primeira diz respeito à uma discussão sobre contatos e fronteiras – explorarei essas ideias mais adiante; a segunda, joga luz à uma tradição orientalista. Nesse momento, detenho-me na ponderação do segundo ponto. A História, enquanto disciplina, surgiu em meio a criação de Estados Nacionais e tem, como objetivo político, a legitimação dos Estados-Nação ocidentais enquanto impérios civilizatórios e a criação de uma identidade nacional. Consequência disso é uma historiografia que retrata o “outro” de forma a contrastar com o seu “eu” ocidental. Em outras palavras, no contexto dos estudos sobre o oriente, as pesquisas (e o próprio imaginário comum) muito sofrem com o orientalismo – para usar o termo cunhado por Edward Said²⁴. Como afirma o pesquisador, “oriente não era (e não é), um tema de livre pensamento e ação”²⁵, mas resulta de um olhar distorcido que acentua uma dicotomia entre “civilização” e “barbárie”, criada pelo próprio ocidente em oposição ao oriente – já que a identidade surge por meio da diferenciação. Assim, enquanto pesquisadores, devemos estar atentos tanto a forma como interpretamos o passado, como no modo que os estudiosos que pautam nosso processo de conhecimento enxergavam o Antigo Oriente. É uma dupla função: tentamos evitar cair em discursos orientalistas e, ao mesmo tempo, enfrentamos as barreiras do tempo para interpretar as fontes e o contexto de seu autor – uma vez que, como já afirmei, nenhum texto é completamente isento das intenções de seu autor.

A segunda reflexão que a alteridade nos permite fazer diz respeito aos variados entendimentos sobre fronteiras. Isso acontece porque o conceito de Estado-Nação não existe no mundo pré-moderno e a relação dos povos era algo muito mais ligado à sua etnicidade e à esfera de influência ao seu redor²⁶. Assim, fronteira pode ser entendida tanto como uma zona física, quanto uma zona imaginária. A primeira refere-se à uma delimitação política do espaço, fixada pelos governantes; a segunda é uma delimitação de interação cultural entre os grupos que ocupam aquela região. Nesse sentido, é interessante apontar que a etnicidade

pode incluir uma ligação com um território, uma história comum, incluindo seus elementos fictícios e ficcionais; ela pode se expressar por meio de uma linguagem e costumes compartilhados; e ela *pode* ser ativada em resposta à opressão, mas quase

²⁴ SAID, Edward W. *Orientalismo*. O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

²⁵ SAID, Edward W. *Op. Cit.*, p. 30.

²⁶ ESTEVEZ, María de la Paz. La conquista de Toledo em 1085. Génesis y desarrollo de una frontera através de sus fuentes. In: NEYRA, Andrea V.; RODRÍGUEZ, Gerardo (dirs.). *Qué implica ser medievalista? Prácticas y reflexiones en torno del historiador*. Mar del Plata: Universidad de Mar del Plata, Sociedad Argentina de Estudios Medievales, v.2, 2012, pp. 23-26.

todos esses elementos são maleáveis. A constante parece ser que algumas combinações destes vão resultar em um grupo se identificando como um povo²⁷.

Em outras palavras, é correto dizer que apesar de uma região poder estabelecer um sentimento de união identitária entre indivíduos, a etnicidade não está restrita a isso. Ela respeita o contexto de vida e as relações as quais cada indivíduo (ou grupo) está inserido. Assim, as fronteiras enquanto zona física se tornam delimitações imaginárias na medida em que os limites entre reinos (ou cidades) promovem a circulação de ideias e tendências – ou seja, mais do que um espaço físico, a fronteira gera relações sociais, sendo um centro de intercâmbios culturais e da propagação deles. Com isso, cria-se uma identidade fronteiriça bastante particular, que une os elementos das culturas que ali estão presentes.

No contexto desse estudo, essa discussão é pertinente na medida em que o mundo próximo-oriental possuía uma rede de contatos extremamente desenvolvida e complexa que permitia a comunicação entre os reinos. As fronteiras, porém, passaram por anos de mudança e inconstância – como discutirei no primeiro capítulo. A realidade dinâmica da Mesopotâmia explica, por exemplo, o grau de sincretismos que existia na região, enquanto o Egito, por ser geograficamente isolado, permanece mais uniforme ao longo dos anos. Por isso, os limites geográficos de um reino e a área de dominação de grandes potências não podem ser entendidas estritamente no modo como se delimitam oficialmente. A título de ilustração, na Era de Amarna, a relatividade das fronteiras pode ser percebida por meio das frequentes traições dos suseranos pelos reinos subalternos, uma vez que aqueles se aliavam à outras potências mais próximas (tanto no sentido geográfico, como cultural). Um exemplo disso pode ser percebido nas cartas de Amurru²⁸ e Biblos²⁹. Amurru era um dos territórios mais ao norte, entre os conquistados pelo Egito - muito mais próximo da Anatólia do que do Vale do Nilo. Apesar de constantemente reafirmar sua lealdade aos faraós, o governante local, ‘Abdi-Ashirta, negociava alianças com o reino hitita e, por isso, foi denunciado pelo rei de Biblos, Rib-Hadda. Por outro lado, essas relações étnicas também podem ser percebidas dentro do território das Grandes Potências. A Babilônia é um exemplo de reino que sobrevive às mudanças étnicas e permite o intercâmbio cultural dentro de suas fronteiras, já tendo sido governada por acadianos, amoritas e cassitas – trarei mais dessa questão no primeiro capítulo.

²⁷ McINERNEY, Jeremy (ed.). *Ethnicity in the Ancient Mediterranean*. Malden: Wiley Blackwell, 2014, p. 2. Tradução e grifo da autora.

²⁸ EA60-67 e EA156-171.

²⁹ EA68-140 e EA362.

É interessante pensar que, como qualquer ser humano, os antigos não eram estáveis e imutáveis, mas eram influenciados, subjetivos e se adaptavam ao longo da vida de acordo com as experiências pelas quais passavam. O contato com outros povos e culturas certamente tinha um impacto na vivência, seja em maior ou menor grau – e mais, foi graças à essas interações e trocas que o mundo se desenvolveu da forma como conhecemos hoje. Ao meu ver, o contato pode ser definido a partir de diferentes focos. Entendo que saber sobre a existência do outro já estabelece um contato, podendo evoluir de maneiras diferentes. Para constituir um contato,

não há pré-requisitos, nem mesmo a necessidade de ter alguma experiência pessoal com o outro. O simples conhecimento da existência de um povo com diferentes crenças e modos de se portar ou pensar implica em contato. Isso porque saber que há um modo de vida diferente já é o suficiente para que se reflita sobre o próprio. Imaginemos: se eu, hebreu, sei que há diversos povos politeístas ao meu redor, mesmo que eu nunca tenha visto um estrangeiro, eu pensarei no porquê da necessidade de tantos deuses ou se o meu deus possui todas as atribuições que os panteões estrangeiros possuem. Essa reflexão pode fazer com que eu repense as questões trazidas pela minha religião e se elas realmente englobam tudo que preciso. Não há uma necessidade de conversão para o politeísmo, mas caso eu não concorde com algum elemento da doutrina hebraica, irei adaptá-la a um modo que me satisfaça e ainda seja aceita em meu meio social³⁰.

A abordagem mais comum é pensarmos em contatos pessoais, sejam diretos ou indiretos. Esse contato pessoal inclui qualquer forma de interação entre duas pessoas – quando diretos, são feitos pessoalmente; quando indiretos, passam por intermediários (seja a oralidade de um mensageiro ou a escrita de um documento, mensagem de texto ou redes sociais, por exemplo). Do lado oposto, temos o contato impessoal, que não envolve a relação ativa entre duas pessoas. Para que essas ideias fiquem mais claras podemos pensar em um contato comercial promovido por mercadores viajantes. Este contato pode ser entendido como pessoal durante o processo de compra e venda, uma vez que é estabelecido pelo comerciante e seus clientes; mas também pode ser interpretado como um impessoal se considerarmos a relação da pessoa que adquiriu o produto com o objeto em si. Tal objeto pode não carregar uma mensagem, mas possui uma estética ou simbologia própria da região que o confeccionou. Mesmo que o comprador não esteja consciente da cultura ou dos signos que envolvem seu novo bem, ele vai ser impactado, ainda que seja para refletir sobre o que ele acha ou não bonito ou prático.

Nesta tese, proponho pensar um tipo de contato muito específico: o interterritorial. Os reinos da antiguidade não pretendiam ser isolados e, independentemente se por meio da guerra ou da paz, o contato com o mundo exterior tinha a capacidade de ganhos econômicos e políticos – além das trocas culturais. Assim, por *relações interterritoriais* entendo todo o panorama de

³⁰ SCOVILLE, Priscila. *Op. Cit.*, p. 24.

contatos oficiais que envolvem reinos distintos, incluindo questões de diplomacia, alianças, atritos e conflitos. Utilizo o termo “interterritorial” ao invés de “internacional” para evitar criar uma associação ao nacionalismo³¹. Isso porque, quando falamos em Nação nos dias atuais, normalmente, nos remetemos ao contexto de criação dos Estados Nacionais³². Por mais que o conceito de Nação não seja único e se modifique ao longo dos séculos, aplicá-lo em sociedades pré-modernas carrega ideais que não refletem àquelas sociedades.

Por outro lado, a ideia de Estado pode ser percebida no mundo pré-moderno, ainda que com aplicações diferenciadas³³. Atualmente, para ser reconhecido como Estado é necessário possuir população permanente, território definido, governo; e capacidade de estabelecer relações com outros Estados³⁴. Todavia, como afirmam Silva e Gonçalves,

Nos Estados antigos não havia nenhuma preocupação com a rigorosa delimitação do traçado das fronteiras. Neles, a extensão territorial ia até onde as autoridades fossem capazes de exercer o poder político, jurídico e econômico. Isto é, os limites do Estado estendiam-se até onde se exercia a autoridade do poder central³⁵.

Por não poder ser muito rígida, a fim de não ignorar à natureza das relações humanas, não existe um consenso sobre a definição de Estado, o que o torna muito adaptável às propostas de cada autor. Assim, privilegio o termo “interterritorial” em detrimento do “interestatal”, evitando que concepções diversas sejam inclusas no debate que eu proponho. A definição mais comum, apesar de se manter flexível, é a que tipifica um Estado com uma região geograficamente demarcada e controlada por um governo centralizado ou instituição de governabilidade³⁶. Contudo, existe muita mobilidade no segundo milênio AEC próximo-oriental e as relações territoriais são inconstantes. Tratar os agentes como Estados pode ser confuso na medida em que a sua área variava com certa frequência. Ainda considero pertinente o uso do termo Estado para sociedades antigas, dadas as suas múltiplas definições. A emergência de uma noção de controle estatal acontece, de fato, nessa antiguidade, por meio da centralização política da militarização, do estabelecimento de obras públicas com taxação e da

³¹ O Nacionalismo se referente à identificação como sentimento ou à ideologia política por trás da ideia de Estado-Nação. SILVA, Guilherme A; GONÇALVES, William. *Dicionário de Relações Internacionais*. Barueri: Manole, 2010, p. 159.

³² SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Op. Cit.*, p. 308.

³³ Essa aplicabilidade do uso do termo em sociedades pré-modernas é discutida. Alguns pesquisadores defendem que não podemos atribuir ao passado o conceito de Estado, contudo, atualmente a maioria dos historiadores aceitam o uso em distintos períodos. SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Op. Cit.*, p. 116.

³⁴ SILVA, Guilherme A; GONÇALVES, William. *Op. Cit.*, p. 75.

³⁵ SILVA, Guilherme A; GONÇALVES, William. *Op. Cit.*, p. 75.

³⁶ MORRIS, Ian; SCHEIDEL, Walter. *The Dynamics of Ancient Empires: State Power from Assyria to Byzantium*. Oxford: Oxford University Press, 2009, p. 6.

intervenção na ordem social e religiosa³⁷. Devemos ter em mente, porém, que por muito tempo, o conceito de Estado não foi importante na definição das formas e funções da organização política e social, por isso, as dinâmicas territoriais (com ascensão e queda de impérios) podem ser pensadas nos termos de transformação social por meio das mudanças políticas ou religiosas e ideológicas, não apenas no espaço físico. Em geral, existia uma organização relacionada ao parentesco, que se desenvolveu e se constituiu por estruturas e elites políticas, econômicas e ideológicas³⁸. Minha escolha em não usar o termo Estado, então, não tem a ver com a pertinência de sua aplicação, mas por questão estilística. O mundo amarniano que estudo, frequentemente, se utiliza de analogias e costumes domésticos, sendo que esse Estado era uma ampliação das relações de parentesco. No Egito, a delimitação geográfica para estabelecer o poder centralizador é facilitada, mas as fronteiras da Mesopotâmia no início da Era de Amarna não são as mesmas do seu fim – o que pode gerar conflitos ao pensarmos nos agentes apenas como unidades políticas ligadas ao espaço físico. Assim, opto por interterritoriais, um termo mais neutro e que permite a dinâmica fronteiriça.

De fato, como afirmei acima, no Antigo Oriente Próximo, as fronteiras eram dinâmicas e as zonas hegemônicas não precisavam corresponder, necessariamente, com os acordos oficiais. Na verdade, em alguns momentos, tratados para delimitar fronteiras sequer eram estabelecidos. O que nos interessa, contudo, é pensar o modo como a comunicação entre os reinos acontecia, por isso, no decorrer desta tese abordo o desenrolar das relações interterritoriais e seu processo de sistematização diplomática. Como aponto no primeiro capítulo, as relações interterritoriais próximo-orientais se desenvolveram aos poucos, agregando estruturas, normas e costumes que refletiam uma tradição sírio-mesopotâmica. Inicialmente usados como ferramentas para estabelecer impérios, os contatos acabaram por criar o primeiro Sistema Diplomático do qual temos registro atualmente: o Sistema de Amarna.

Falar em diplomacia no mundo antigo requer uma reflexão acerca do nosso entendimento sobre a prática diplomática. Quando consultamos um dicionário tradicional, entre os possíveis significados de diplomacia, encontramos: “ciência das relações internacionais” e “arte de manter o direito e de promover os interesses de um Estado ou governo perante os Estados e governos estrangeiros”³⁹. Essas definições, porém, envolvem conceitos historiográficos complexos, como as noções de Estado e Nação – comentadas acima. Assim,

³⁷ CAMPAGNO, Marcelo. De la pertinencia del concepto de Estado para el pensamiento de las sociedades antiguas. Reflexiones sobre las capacidades de hacer del Estado egípcio antiguo. *Pasado Abierto*, Mar del Plata, n. 1, 2015.

³⁸ MORRIS, Ian; SCHEIDEL, Walter. *Op. Cit.*, p. 4.

³⁹ DIPLOMACIA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/diplomacia/>

uma busca mais centrada em debates acadêmicos pode nos ajudar a solucionar essas questões. Na obra de Silva e Gonçalves, assume-se que a diplomacia pode ser entendida de uma forma ampla ou restrita⁴⁰. O sentido restrito, apontado pelos autores, parece estar mais ligado à essa definição apresentada nos dicionários comuns, apresentando conceitos bastante específicos das disciplinas do Direito Internacional e das Relações Internacionais. Em um sentido mais amplo, porém, a diplomacia pode ser entendida como políticas externas ou mundiais⁴¹. É nesse sentido amplo que eu entendo o conceito, uma vez que ele permite a nossa percepção da vida prática mesmo antes do termo ter sido cunhado. A palavra “diplomacia” deriva do grego *diploun* (dobrar), que se refere aos documentos oficiais e, com o tempo, passou a ser associado àqueles acerca do estrangeiro.

O emprego do termo no sentido moderno só aconteceu em 1796, por Edmund Burke, mas “em virtude da origem etimológica, a palavra diplomacia, muito tempo depois de ganhar o novo sentido que lhe deu Burke, ainda era relacionada à conservação dos arquivos e ao estudo dos antigos tratados da história das negociações internacionais”⁴². Se considerarmos que a diplomacia é responsável por firmar acordos entre governos nos âmbitos político, econômico e social, podemos deduzir que a sua prática é mais antiga do que os estudos acadêmicos sobre elas. O exercício das relações interterritoriais e o estudo das Relações Internacionais, então, correspondem a coisas diferentes, sendo este, normalmente, focado no mundo moderno e contemporâneo; e, aquele, uma prática presente desde os tempos antigos. Segundo a pesquisadora Amanda H. Podany⁴³, acordos diplomáticos são feitos entre territórios distintos há pelo menos 4.300 anos – a própria criação da escrita na Mesopotâmia está mitologicamente associada à troca de correspondências⁴⁴.

Ainda assim, foi apenas após a Primeira Guerra Mundial que a diplomacia adotou novos padrões de relações diplomáticas, “por considerar que as práticas assentadas no equilíbrio de poder não conseguiam mais garantir a estabilidade, a ordem e a paz no mundo”⁴⁵e, por isso, era necessário estabelecer uma organização internacional. De forma breve, é possível dizer que, por consequência dessas estruturas, os estudos sobre as relações internacionais se focam apenas nos fatores ocorridos depois da Primeira Guerra Mundial. Portanto, esquece-se a maior

⁴⁰ SILVA, Guilherme A; GONÇALVES, William. *Op. Cit.*, p. 51.

⁴¹ SILVA, Guilherme A; GONÇALVES, William. *Op. Cit.*, pp. 51-52.

⁴² SILVA, Guilherme A; GONÇALVES, William. *Op. Cit.*, p. 52.

⁴³ PODANY, Amanda H. *Brotherhood of Kings*. How International Relations shaped the Ancient Near East. Oxford: Oxford University Press, 2010, pp. 19 - 20.

⁴⁴ Comentarei sobre isso no terceiro capítulo.

⁴⁵ SILVA, Guilherme A; GONÇALVES, William. *Op. Cit.*, pp. 52-53

parte da história desses tipos de interação. Em termos estatísticos, mais de 90% do período de existência da diplomacia não é estudado pelos pesquisadores modernos⁴⁶.

Pensando nisso, preocupo-me em trazer um contexto sobre o surgimento da diplomacia e sua subsequente sistematização. Com essa tese, proponho pensarmos o Sistema Diplomático de Amarna e analisar as relações estabelecidas por ele. Foi possível perceber que a diplomacia deu certo, nesse período, por causa do balanço entre teoria e prática, que só foi possível pela flexibilidade do sistema, isto é, o entendimento de âmbito pessoal de cada agente das relações era egocêntrico, mas pode ser incluso em um pensamento coletivo. Para o estudo, questiono até que ponto as regras da diplomacia eram respeitadas nesse contexto e como elas eram contornadas para os fins individuais.

Durante o primeiro capítulo, abordo a estruturação dos primeiros contatos diplomáticos de que temos vestígios e as transformações que eles foram sofrendo ao longo dos séculos. Apesar de considerar Amarna o primeiro sistema diplomático, ele foi resultado de outros contatos diplomáticos que se forjaram nas Eras de Ebla e Mari. Ao fazer essa afirmação assumo que existe uma diferença entre um sistema e um contato. De forma simples, entendo o contato diplomático como a comunicação oficial entre dois (ou mais) reinos, que buscam amenizar conflitos por meio de acordos de paz. Tal comunicação envolve normas de conduta e padrões retóricos. Todavia, ao meu ver, existem alguns requisitos para que se constitua um sistema – por isso, o Sistema de Amarna é o foco de minha tese. Mais do que entender como se estabeleceram as relações na antiguidade, pretendo compreender o sistema amarniano, com suas características e estruturas definidoras. Não procuro pensar cada reino envolvido por si só ou o impacto das relações estabelecidas em cada um deles, mas compreender o sistema como um todo.

Entendo um sistema como uma unidade que une intencionalmente elementos organizados de forma coerente e operante⁴⁷. Ser operante implica que um sistema precisa ser coerente também de forma externa, colocando-o em um contexto mais amplo. No uso coloquial, o termo “sistema” se refere às formas de organização, ao modo de proceder e à “maneira de arranjar elementos de um conjunto, o que remete ao aspecto do método”⁴⁸. Assim, já temos duas características próprias de um sistema: inserção em um conjunto maior e a ideia de metodologia destinada à algum fim. Contudo, ainda reúne outros aspectos. De acordo com

⁴⁶ COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond. *Op. Cit.*, p. 4.

⁴⁷ SAVIANI, Dermeval. *Sistema Nacional de Educação e Plano Nacional de Educação*. Campinas: Autores Associados, 2014, p. 4.

⁴⁸ SAVIANI, Dermeval. *Op. Cit.*, p. 4.

Saviani, “o sistema nasce da tomada de consciência da problematidade de uma situação dada, ele surge como forma de superação dos problemas que o engendraram”⁴⁹ e pode ser entendido como “uma organização objetiva resultante da atividade sistematizadora que se dirige à realização de objetivos coletivos. É, pois, um produto da práxis intencional coletiva”⁵⁰.

Se ser coletivo é uma característica importante para um sistema, os contatos diplomáticos da Era de Ebla e da Era de Mari não parecem poder estabelecer-se como um. Isso porque, como aponto no primeiro capítulo, nesses períodos as relações interterritoriais eram mais vulneráveis com fins de estabelecer hegemonias e alianças de guerra. Na Era de Amarna, porém, a diplomacia deixa de ser uma ferramenta de guerra para se tornar um instrumento de manutenção de poder. Os contatos visavam a manutenção da hegemonia coletiva: eram cinco reinos que precisaram se manter como potências. Assim, o Sistema de Amarna conseguiu ser mais eficaz e garantir uma estabilidade entre os Grandes Reis.

Defendo que foi na Era de Amarna que a diplomacia se sistematizou pela primeira vez, se caracterizando pela interação entre diferentes reinos em um determinado tempo histórico, com um objetivo comum. Apesar de usar terminologias diferentes, Rodolfo Ragonieri, igualmente apresenta essa diferenciação entre Amarna e os momentos anteriores, contrastando o que ele chama de sistema e sociedade internacionais⁵¹. Esse assunto será debatido no terceiro capítulo, mas aponto, desde já, que essa diferenciação de terminologia não é sem propósito. O que Ragonieri chama de sistema corresponde ao que eu acredito tratar-se de um contato diplomático (explicado acima), enquanto o que ele chama de sociedade inclui o compartilhamento de valores fundamentais, tal como a ideia de sistema que apresentei e que defendo do coletivo. Esses interesses comuns podem incluir a estabilidade doméstica (uma vez que a harmonia interna preserva a soberania dos Grandes Reis) e um regramento coletivo, que pode ser desejável ou normativo, baseado em padrões de comportamento – focando-se, especialmente na reciprocidade ou submissão⁵².

A partir das noções e conceitos que expus nessas páginas introdutórias, baseio minha tese na reflexão acerca dos contatos interterritoriais diplomáticos na Era de Amarna. Metodologicamente, faço uso tanto da contextualização histórica quanto das Humanidades Digitais para possibilitar o entendimento, por meio de diferentes vieses, das informações mais

⁴⁹ SAVIANI, Dermeval. *Op. Cit.*, p. 4.

⁵⁰ SAVIANI, Dermeval. *Op. Cit.*, p. 10.

⁵¹ RAGONIERI, Rodolfo. **The Amarna Age: an international society in the making.** In. COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond. *Op. Cit.*, pp. 42-53.

⁵² RAGONIERI, Rodolfo. *Op. Cit.*, p. 47.

detalhadas contidas em cada capítulo. Enquanto no primeiro capítulo, intitulado *O Surgimento de uma Fraternidade*, foco em uma análise mais histórica sobre o desenvolvimento da diplomacia no Antigo Oriente Próximo; no segundo capítulo, chamado *O Sistema de Amarna*, viso trazer as especificidades da Era amarniana por meio da interdisciplinaridade. Para tanto, transito entre questões da História, da Antropologia, da Arqueologia e das Ciências da Computação, por exemplo. No terceiro capítulo, *O Peso Das Palavras, O Valor Das Atitudes*, trago uma reflexão mais profunda sobre o impacto da diplomacia amarniana e as suas características próprias, pensando em como o Sistema foi capaz de moldar as sociedades antigas e nas (in)consistências dessa estrutura – por meio dos contrastes entre teoria e prática, pondo em xeque os dados da análise de redes, questões de retórica e o contexto produção desses documentos. Em outras palavras, com essa tese, proponho pensar o mundo próximo-oriental de forma integrada, considerando a organização das sociedades em relação ao sistema diplomático desenvolvido. Nas páginas que produzi, realizo um diálogo entre a Egíptologia e a Assiriologia, a partir da História, considerando novos paradigmas multidisciplinares. Juntamente com meus questionamentos e anseios, trago a tradução, para o português, das Cartas de Amarna referentes aos Reinos Independentes (EA1-44, com exceção das EA30 e EA40) e dois breves glossários – um de nomes e outro de termos na língua antiga, apresentando todos os personagens e as palavras que aparecem ao longo desse estudo. Os dados coletados para a análise de redes sociais também foram disponibilizados nos apêndices. Espero, com esta tese, poder contribuir para os estudos próximo-orientais, organizando as fontes e informações quantitativas para que possam ser utilizadas em pesquisas futuras por pesquisadores falantes da língua portuguesa. Analisar as relações diplomáticas é um convite para refletirmos sobre a antiguidade de um modo menos engessado e evolutivo, mas a partir de civilizações complexas com ideologias e paradigmas próprios.

1. O SURGIMENTO DE UMA FRATERNIDADE

Talvez a tendência das pessoas seja assumir que os humanos progrediram por um longo tempo desde o início da civilização. Então, pode ser uma surpresa descobrir tamanha familiaridade tão cedo na história humana. Os mais antigos documentos escritos preservados não revelam um mundo bárbaro em constante guerra, mas registros de escritórios de governo muito bem organizados, cartas para líderes estrangeiros, dicionários de línguas estrangeiras e tratados de paz.

Amanda H. Podany

Quando a escrita foi inventada, no final do quarto milênio AEC (antes da era comum – tradicionalmente a.C.)⁵³, as pequenas cidades, que a pouco começaram a surgir, se fortificaram, se organizaram, se desenvolveram e cresceram – em grande parte graças ao cuneiforme, que possibilitava o registro daquilo que antes precisava ser guardado na memória. Governantes, chefes militares, altos-funcionários e sacerdotes agora poderiam consultar os acordos estabelecidos, confirmar quem e o quanto foi pago por determinado serviço etc. Não há dúvidas de que a escrita trouxe benefícios para os povos que a adotaram e não à toa ela se espalhou facilmente. Mais ou menos na mesma época em que os primeiros tabletes em cuneiformes eram confeccionados na Mesopotâmia (primeiro vestígio de cuneiforme pictográfico é de c. 3200 AEC⁵⁴), o Egito já trabalhava os seus primeiros símbolos hieroglíficos (os registros mais antigos do hieróglifo datam de c. 3200 AEC, sendo focados em nomes e numerais⁵⁵), e não tardou para as regiões de Elam e Índia também seguirem essa tendência. Daí para frente, organizações populacionais se desenvolveram com muita agilidade: no terceiro milênio AEC, o cuneiforme

⁵³ Podemos dizer, porém, que a ideia de criar registros de informação surgiu com a revolução urbana, quando os povos começaram a se sedentarizar e criaram símbolos numéricos para sua melhor organização (os vestígios mais antigos são do VII milênio AEC). Contudo, não os considero aqui por ainda não serem uma forma estruturada e estabelecida de comunicação. As consequentes inscrições em forma de pictogramas só começam a aparecer mais tarde, no IV milênio AEC. Em pouco tempo os pictogramas transformaram-se em ideogramas e, por fim, temos uma fase fonética de escrita cuneiforme (para ver mais sobre isso sugiro a leitura de POZZER, K. M. P. *Escritas e escribas: o cuneiforme no antigo Oriente Próximo*, Clássica, São Paulo, v. 11-12, 1998/1999, pp. 61-80). Por isso, refiro-me aqui ao quarto milênio AEC, uma vez que a comunicação e transmissão de ideias em forma material (não-oral) somente pode acontecer a partir do estabelecimento do cuneiforme.

⁵⁴ FINKEL, Irving e TAYLOR, Jonathan. *Cuneiform*. Londres: The British Museum Press, 2015, p. 7; e POZZER, K. M. P. *Op. Cit.*, p. 62.

⁵⁵ ALLEN, James P. *Middle Egyptian*. An Introduction to the Language and Culture of the Hieroglyphs. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p.1.

estava disseminado pelo Oriente Próximo e no segundo milênio já era utilizado como sistema de escrita em diferentes línguas – dentre as quais destacam-se o sumério e o acadiano⁵⁶.

Estima-se que mais de meio milhão de tabletas com a escrita cuneiforme tenham sido encontrados no Oriente Próximo (e outras centenas de milhares – talvez milhões – ainda esperam sob a terra para serem descobertos)⁵⁷. Apesar da maioria desses tabletas serem de cunho administrativo, com informações sobre taxas, empregados e animais, por exemplo; muitos dos escritos nos trazem contatos estabelecidos entre diferentes governantes e os aspectos de uma comunidade interterritorial. Entre esses documentos estão inscrições reais e cartas diplomáticas. Embora não existisse uma palavra que designasse o que hoje chamamos de “diplomacia” para caracterizar esses contatos⁵⁸, os reinos envolvidos, seus reis e seus mensageiros, certamente contribuíram para a invenção dessa ideia. Não podemos afirmar quando e como foram feitos os primeiros contatos ou quem teve essa ideia especificamente, mas sabemos que em algum momento entre c. 2300 e c. 1300 AEC, reis definiram um acordo sobre os modos como essas interações deveriam ser estabelecidas e quais eram as contrapartidas.

Os reis antigos não possuíam nossa concepção moderna de direitos humanos, mas esses homens que pertenciam a uma fraternidade de reis observaram tratados e dividiam uma compreensão de comportamentos aceitáveis que, apesar de não serem escritos como leis internacionais, eram acordados por todos.⁵⁹

Se afirmamos que os reis formaram uma fraternidade é porque, em seus acordos, eles seriam tratados como irmãos – e dirigiam-se ao outro como tal. Isso é reflexo do mundo próximo oriental, que poderia ser explicado e entendido a partir de relações familiares, com uma organização em grandes Casas. Nelas, o homem responsável pelos demais é chamado de “pai” (*abum*, em acadiano), pelos seus súditos, considerados “filhos” (*mārum*, em acadiano), dependentes dele. Era a partir desse modo que se estabelecia uma relação hierárquica de qualquer natureza, tanto entre reis e vassallos, como para fiscais e trabalhadores⁶⁰. Contudo, os

⁵⁶ FINKEL, Irving e TAYLOR, Jonathan. *Op Cit.*, pp. 65-66.

⁵⁷ PODANY, Amanda H. *Brotherhood of Kings*. How International relations shaped the ancient near east. Oxford: Oxford University Press, 2010, p.11.

⁵⁸ O termo diplomacia pode ser entendido, simplificada, como a aplicação de políticas externas ou mundiais regradas, com normas e padrões que visam a manutenção da paz. Nesse sentido, as práticas da antiguidade podem ser entendidas como diplomáticas, ainda antes do estabelecimento do conceito, com a criação da disciplina acadêmica de Relações Internacionais. No segundo milênio AEC, não existiu um termo específico para designar essas relações, mas o rei de Lagash, Enmetena, nos dá uma possibilidade: em inscrições reais, Enmetena utiliza a palavra suméria *nam-shesh* (fraternidade, irmandade) para se referir aos acordos estabelecidos por ele com Lugalkignedudu, rei de Uruk. O termo *nam-shesh* não foi amplamente utilizado, mas é explicativo sobre a lógica por trás dos contatos, como será explicado no decorrer do capítulo.

⁵⁹ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 11.

⁶⁰ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, pp. 28-29.

acordos que surgiram entre diferentes governantes no final do terceiro milênio previam uma igualdade entre eles e, portanto, a relação não poderia ser entre “pai” e “filho”. Por isso, o termo “irmão” (*aḥu*, em acadiano), era mais apropriado.

Além de designar “irmão”, *aḥu* também significa “braço” e “lado”. Há um certo simbolismo nessa significação, afinal, braço é o que anda ao lado do corpo, assim como irmão é aquele que está ao seu lado – tanto no sentido hierárquico como na referência a formação de alianças. Isso fica mais claro quando olhamos o verbete no Chicago Assyrian Dictionary (CAD)⁶¹, no qual aponta-se que a mesma palavra ainda pode ser entendida como “associado”, “colega”, em termos de alguma relação social, política, emocional ou legal específica⁶². O surgimento de uma fraternidade, enquanto movimento diplomático, aconteceu quando os reis, ao invés de tentarem se impor sobre outro, o tratam como um *aḥu*. Daí deriva o termo *aḥḥūtu*, definido como “relação fraternal”, “*status* de irmão”, “pessoas de mesmo *status*”, “irmandade”⁶³. O uso do termo “irmão” nos documentos interterritoriais é percebido desde o vestígio mais antigo que conhecemos hoje (uma carta enviada pelo governante de Ebla) e se estende até o colapso dessa estrutura de relacionamentos de caráter oficial, aproximadamente mil anos depois.

Quando colocado assim, parece se tratar de uma relação linear, na qual os contatos estabelecidos entre diferentes territórios mantiveram-se equilibrados e com traços bastante claros e estruturados desde os primeiros passos dessa comunicação institucional. A realidade, contudo, é outra. O dinamismo mesopotâmico e os frequentes confrontos demonstram que a diplomacia não tem a mesma função no decorrer do tempo. Ela, assim como os reinos, é flutuante, inconstante e está em frequente transformação. Neste capítulo, procuro demonstrar esse processo evolutivo e as mudanças pelas quais os contatos oficiais entre reis passaram. Aqui, por uma questão de didática e fluidez, respeito uma distinção de períodos tal como Mario Liverani⁶⁴ e Amanda Podany⁶⁵, por exemplo, propõem: definindo Eras (ou Idades) nomeadas a partir do maior grupo de documentação referente a diplomacia encontrado em determinado

⁶¹ A coleção do CAD está disponível em: <https://oi.uchicago.edu/research/publications/assyrian-dictionary-oriental-institute-university-chicago-cad>

⁶² CAD 1. GELB, Ignace J; *et al.* *The Assyrian Dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago*. Chicago: University of Chicago, v. 1, 1998, pp. 195 – 210. No dicionário Acadiano da Association Assyrophile de France, resume-se o último significado de uma maneira ainda mais direta, podendo ser entendido como “tornar-se amigo” ou “fazer amigos”. ASSOCIATION ASSYROPHILE DE FRANCE. *Akkadian Dictionary*. Online. Disponível em: <http://www.assyrianlanguages.org/akkadian>

⁶³ GELB, Ignace J. *et al.* *Op. Cit.*, v.1., pp. 186 - 188

⁶⁴ LIVERANI, Mario. *Relaciones Internacionales en el Próximo Oriente Antiguo, 1600-1100 a.C.* Barcelona: Bellaterra Arqueologia, 2003.

⁶⁵ PODANY, Amanda. *Op. Cit.*

período de tempo – os tabletas de Ebla, Mari e Amarna. Ressalto, porém, que essa separação é feita apenas para nos situar nos estudos diplomáticos, mas não configuram momentos icônicos ou referências para a datação e compreensão do mundo antigo oriental. Pelo contrário, a categorização pelas fontes não reflete o contexto mais amplo. A título de ilustração, o que chamo de Era de Ebla inclui o final do Período Dinástico Arcaico (PDA), o Império Acadiano e a Terceira Dinastia de Ur – além, é claro, de uma série de outros eventos. A nomenclatura utilizada aqui, portanto, reflete a documentação diplomática, não a sociedade próximo-oriental.

1.1 O COMEÇO: EBLA (c. 2500–2000 AEC)

O estudo da antiguidade próximo-oriental parece seguir diferentes tendências de nomenclatura para momentos específicos. O que chamamos de Período Dinástico Arcaico (ou, simplesmente, Período Arcaico), em inglês pode aparecer como “Early Dynastic” (em tradução livre, “Alto Dinástico”) ou “Presargonic” (“Pré-sargônico”), e compreende um vasto período (c. 2900-2350 AEC). É claro que a vida mudou durante esses 550 anos, por isso, existem subdivisões: PDA 1 (c. 2900-2750 AEC), PDA 2 (c. 2750-2600 AEC) e PDA 3 (c. 2600-2334 AEC). Georges Roux nos lembra que a documentação escrita sobre eventos políticos só aparece a partir do final do segundo momento, sendo que o PDA 1 e o PDA 2 têm seus estudos principalmente dependentes de vestígios arqueológicos ou textos limitados⁶⁶. O que nos interessa aqui, porém, é o PDA 3, em especial, a partir de c. 2500 AEC quando as inscrições reais e documentações econômicas, jurídicas, administrativas e literárias se tornam mais comuns.

Muito disso é resultado de uma escavação arqueológica de 1974-75, na qual foram encontrados centenas de tabletas em Tell Mardik – a antiga Ebla⁶⁷. Até então, o norte da Síria, durante o terceiro milênio AEC era virtualmente desconhecido, mas essa descoberta trouxe luz a muita informação sobre a organização, a estrutura social, o sistema econômico, as relações diplomáticas e comerciais e as áreas de influência ao redor das cidades. O impacto dessa documentação pode ser percebido pela grande disseminação pela mídia da época⁶⁸, que incentivou a agilidade de divulgação dos estudos em cima desse material, impulsionando ainda mais as pesquisas e o conhecimento da antiga sírio-mesopotâmia. Como relatou Robert Biggs, quase cinco anos após a descoberta, “os achados de Ebla (e eu me refiro não apenas aos tabletas,

⁶⁶ ROUX, Georges. *Ancient Iraq*. Londres: Penguin, 1992, p. 122.

⁶⁷ Sobre o processo histórico dos achados arqueológicos e das escavações ver, em especial, o primeiro capítulo de MATTHIAE, Paolo. *Ebla: Archaeology and History*. Nova York, Routledge, 2021.

⁶⁸ BIGGS, Robert. The Ebla Tablets. An Interim Perspective. *Biblical Archaeologist*, v. 45, n. 2, 1980, p. 76.

mas a escavação como um todo) já produziu uma grande quantidade de informação sobre a Síria, especialmente no 3º milênio, em história, comércio, arte e arquitetura e sobre o lugar da Síria dentro do mundo antigo”⁶⁹.

Ao contrário do que se faz parecer, os tabletas não revelam que Ebla era uma cidade particularmente grande ou importante. Como apontei anteriormente, pesquisas voltadas às temporalidades remotas como essa sofrem com a limitação das fontes – muitos vestígios foram perdidos ou completamente destruídos ao longo dos séculos; outros ainda aguardam sua descoberta e muitas informações sequer foram gravadas. Assim, reforço a importância do grupo documental – motivo pelo qual utilizo a nomenclatura de “Era de Ebla” – mas com a consciência de que a cidade e as relações intrínsecas a ela não são mais ou menos relevantes que outras regiões. Isto é, Ebla teve a sorte de ter seu material encontrado em boas condições, permitindo que seu nome fosse lembrado com mais apreço, mas não parece ter sido um local de destaque na época.

Com tantas limitações, a reconstrução da História mesopotâmica do Período Dinástico Arcaico é bastante complicada: os textos são raros e concisos, além de haver dinastias coexistindo localmente. Ademais, alguns nomes sequer aparecem nas Listas Reais que conhecemos. Assim, nos resta uma história fragmentada e controversa que se resume às guerras internas e externas. Não tenho a ambição de recriar a História da Mesopotâmia, pelo contrário, traço uma narrativa focada e especializada nas relações diplomáticas. Isso significa que não me preocuparei em trazer informações sobre o desenvolvimento, rupturas e continuidades ao longo do tempo – apenas elencarei, nas próximas páginas, eventos e estruturas que eu considero relevantes para pensarmos na diplomacia.

A história que trago aqui se inicia há mais de quatro mil anos, em meados do terceiro milênio AEC – uma época marcada pelos embates entre reinos da Mesopotâmia e Elam. Contudo, meu foco está mais ao oeste, nas cidades de Ebla e Mari (mapa 1), no norte sírio. Até a descoberta dos arquivos de Ebla, como apontei anteriormente, pouco se sabia sobre a região nessa época⁷⁰. Ebla e Mari parecem ter sido cidades rivais, com diversos confrontos e disputas. Em uma carta enviada a Ebla, o rei de Mari, Enna-Dagān, afirma vitórias e expansão mariana no Eufrates por três de seus antecessores, em especial, Iblul-II (c. 2380 AEC), que parece ter

⁶⁹ BIGGS, Robert. *Op. Cit.*, 1980, p. 85. Tradução da autora.

⁷⁰ Poucas décadas antes, em 1933-39, uma escavação arqueológica encontrou em Mari um *corpus* documental representativo (sobre o qual falarei em outro momento), que reflete sobre o contexto do segundo milênio AEC. Contudo, até então, apenas 6 reis marianos eram conhecidos, sendo que desses, apenas dois nomes eram legíveis – apresentados na Lista Real Suméria.

Mapa 1: Síria e Mesopotâmia em PDA 3 (Período Pré-Sargônico)



Fonte: SAUVAGE, Martin (dir.). *Atlas Historique du Proche-Orient Ancien*. Beirouth, Paris: Institut Français du proceh-Orient, Les Belles Lettres, 2020, p. 68.

conquistado territórios que pertenciam a Ebla⁷¹. Apesar dessa carta ser um vestígio do estabelecimento de contato entre reinos diferentes, ela ainda não representa o surgimento da diplomacia, e, segundo Archi e Biga, ela tem a intensão de intimidar o rei de Ebla para exercer algum tipo de controle⁷² - talvez fosse o caso, já que os reis de Ebla, enviavam continuamente tributos como ouro e prata para Mari, pelo menos até o governo de Ibrium (c. 2295-2267 AEC)⁷³. Entretanto, nem só de conflitos era feita essa relação: artistas marianos trabalhavam em Ebla⁷⁴ e delegações viajavam trocando bens entre esses dois territórios. Embora não tenham sido encontradas cartas diplomáticas deste período, contatos amistosos poderiam acontecer⁷⁵. Um exemplo disso é o registro de quatro alto-funcionários encarregados por um rei de Ebla (provavelmente, Irkab-damu⁷⁶) de enviar presentes para Mari na ocasião de uma cerimônia fúnebre do rei Iblul-II⁷⁷. Talvez, se considerarmos a afirmação de Roux sobre os tributos contínuos, esses presentes fossem parte de tal tributação, já que esta também é referenciada por aquele termo.

Neste momento, porém, Irkab-damu tem um papel importante para a narrativa que procuro traçar. Ele governou Ebla em c. 2300 AEC – e é esse lugar e período que marcam os princípios da diplomacia no mundo, ao menos entre o que temos notícia atualmente. O mais antigo vestígio de diplomacia, nos moldes comentados anteriormente, é uma carta escrita em Ebla, a mando de Irkab-damu, e endereçada para o rei de Hamazi, Zizi. É importante frisar, entretanto, que essa correspondência não apresenta a fundação dos acordos diplomáticos e já possui uma estrutura organizada, refletindo uma prática muito bem delimitada e acordada entre as duas partes.

Esses homens sabiam o que eles estavam fazendo e devem ter aprendido o básico com diplomatas que vieram antes deles. Obviamente os dois reis (ou pelos menos seus emissários) haviam estado em contato anteriormente; essa não era uma carta considerando a possibilidade de os dois reinos formarem uma aliança, mas uma troca estabelecida entre “irmãos”⁷⁸.

Esse relato nos mostra uma das dificuldades bastante palpável em se estudar a História Antiga: a documentação é limitada, fragmentária, conforme já comentei acima. Isso significa

⁷¹ ARCHI, Alfonso e BIGA, Maria Giovanna. A Victory over Mari and the Fall of Ebla. *Journal of Cuneiform Studies*, Vol. 55, 2003, pp. 1-2. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3515951>; e ROUX, Georges. *Op. Cit.*, p. 142.

⁷² ARCHI, Alfonso e BIGA, Maria Giovanna. *Op. Cit.* pp. 1-2.

⁷³ ROUX, Georges. *Op. Cit.*, p. 142.

⁷⁴ ROUX, Georges. *Op. Cit.*, p. 142.

⁷⁵ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, pp. 26-27.

⁷⁶ Não é certo que funcionários tenham sido enviados por Irkab-damu, podendo ter sido um rei anterior. Para mais, ver ARCHI, Alfonso e BIGA, Maria Giovanna. *Op. Cit.* pp. 2-3.

⁷⁷ ARCHI, Alfonso e BIGA, Maria Giovanna. *Op. Cit.* pp. 2-3.

⁷⁸ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 27. Tradução da autora.

que nossos relatos não estão completos. A correspondência enviada para Hamazi é a mais antiga encontrada até hoje que aponta um contato diplomático, mas ela nos indica que tal comunicação não nasceu ali – o documento nos mostra apenas a continuação de algo já existente – e os registros anteriores estão perdidos (talvez aguardando sua descoberta, talvez destruídos para sempre). Contudo, essa carta ainda tem muito a nos dizer sobre os primeiros passos dados pela diplomacia. Nela, podemos encontrar alguns dos padrões que serão utilizados até o colapso do sistema no fim da Era do Bronze, cerca de mil anos depois do rei de Ebla ter enviado tal mensagem para o reino de Hamazi:

Assim diz Ibbu, o diretor do palácio do rei, para o mensageiro: “Você é meu irmão e eu sou seu irmão. Como um irmão eu vou garantir o que quer que você deseje, assim como você garantirá o que quer que eu deseje. Dê-me bons mercenários [ou animais de trabalho]. Por favor, os envie. Você é meu irmão, eu sou seu irmão. Dez vigas de madeira, eu, Ibbu, entreguei para o mensageiro (para você). Irkab-Damu, rei de Ebla, é irmão de Zizi, rei de Hamazi, e Zizi, rei de Hamazi, é irmão de Irkab-Damu, rei de Ebla”. Assim, Tira-II, o escriba, escreveu. Para o mensageiro de Zizi. [Verso] Entregue⁷⁹.

Sabemos que Irkab-damu ordenou a escrita da carta, mas o conteúdo foi produzido por um de seus alto-funcionários, chamado Ibbu, que ditou as palavras para o escriba Tira-II. Isso é um reflexo do não-letramento dos reis, que, em grande maioria, não eram alfabetizados e dependiam de mensageiros como Ibbu e Tira-II. É interessante notar, porém, que a carta não tenta esconder essa situação, tendo sido destinada ao mensageiro do rei de Hamazi, não diretamente ao próprio governante. Os mensageiros falam em nome do rei, mas não são suprimidos da escrita e aparecem vividamente nas mensagens. Com o tempo, como veremos mais adiante, os mensageiros deixam de aparecer como “remetente” e “destinatário”, mas seus nomes continuam registrados quando trata-se de uma relação entre iguais.

Além disso, podemos notar o uso do termo “irmão” para designar a relação entre os territórios. Afirma-se que Irkab-Damu e Zizi são irmãos, mas, ainda em dois momentos, Ibbu diz “eu sou seu irmão e você é meu irmão”; “você é meu irmão, eu sou seu irmão” para reforçar a ideia de igualdade e a aliança estabelecida anteriormente: no primeiro caso vê-se a paridade dos reis, no segundo a dos funcionários. Outra questão interessante de ser apontada é a noção de reciprocidade⁸⁰ que permeia a carta e já parece bem instituída nesse momento. Quando Ibbu

⁷⁹ Traduzido a partir do inglês, em COHEN, Raymond. **Reflections on the New Global Diplomacy Statecraft 2500 BC to 2000 AD**. In: MELISSEN, Jan (ed). *Innovation in Diplomatic Practice*. Hampshire: Palgrave, 1999, p. 3.

⁸⁰ O conceito de reciprocidade que trago aqui se baseia nas discussões da antropologia cultural, com autores como Lévi-Strauss e Sahlins. De modo simples, podemos dizer que a reciprocidade prevê equilíbrio e estabilidade a partir das trocas culturais que ela causa, ela evoca a ideia de dom e contra-dom (que no caso significa a troca de bens, incluindo princesas para casamentos). Quando esquematizada em um sistema, a reciprocidade possibilita a manutenção do poder por meio da diplomacia, isso porque “as trocas são guerras pacificamente resolvidas, as

afirma “Como um irmão eu vou garantir o que quer que você deseje, assim como você garantirá o que quer que eu deseje”, ele implica uma troca de presentes – normalmente bem materiais, da melhor qualidade, que não são encontrados em seu próprio território. Existe um fator econômico, não apenas militar, na formação de alianças. Por isso, era protocolo que se enviassem presentes junto com as cartas, na espera de um retorno generoso. Nesse sentido, “se amigos fazem presentes, presentes fazem amigos”⁸¹.

Tal fator econômico também era visível em outras características dessas relações. Primeiramente, é importante ressaltar que havia uma hierarquia entre os reinos mesopotâmicos e sírios: os que se tratavam como irmãos estavam no topo dessa ordem, enquanto os demais seriam “filhos”, submetidos à ação de algum dos reinos mais poderosos. Quando um território perdia uma batalha, poderia haver uma negociação, em que o perdedor deveria, sob os olhos dos deuses, jurar lealdade ao rei que o derrotou e, com isso, se submeter a algumas condições impostas, como o pagamento de tributos ou mudanças no curso de canais de irrigação etc. Esses juramentos eram de caráter vitalício (apesar de não serem sempre respeitados) e caberia aos deuses o poder de punir o transgressor⁸². Apesar desse tipo de negociação, as guerras continuaram acontecendo uma vez que os acordos não tinham como o objetivo de acabar com elas, mas de servir como ferramenta de conquista e hegemonia – o que proporcionava melhores ganhos econômicos.

Por outro lado, as negociações com os reinos equiparados muitas vezes envolviam casamentos diplomáticos. Nos tempos de Irkab-damu, os casamentos já eram bastante comuns e efetivos, como é possível comprovar pela documentação de Ebla, com seus diversos registros de reinos e cidades que formaram esse tipo de acordo – foi o caso, por exemplo, de Kish, uma cidade suméria que recebeu a princesa eblaita Kešdut⁸³. A cerimônia em si era simples: consistia em derramar óleos na cabeça da princesa, festividades e procissões⁸⁴. Contudo, os acordos envolviam uma grande quantidade de bens a serem trocados, entre o dote e o *terhatum*⁸⁵. Mesmo após a realização do casamento, o pai da noiva continuaria enviando

guerras são o desfecho de transações infelizes” (LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 107).

⁸¹ SAHLINS, Marshall. *Op. Cit.*, p. 186. Tradução da autora

⁸² PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 33.

⁸³ ARCHI, Alfonso. *Ebla Archives. Texts, History and Society*. Berlim: Gruyter, 2015, pp. 4 – 5.

⁸⁴ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 34.

⁸⁵ O termo acadiano *terhatum*, em uma tradução livre pode ser entendido como “preço da noiva”. Ele não era um pagamento pela princesa, já que ela não estava sendo comprada. O *terhatum* consistia em um presente para o pai da noiva, como forma de mostrar que o casamento ia acontecer e os procedimentos estavam sendo tomados. Para mais ver: CAD 18. BIGGS, Robert D., et al. *The Assyrian Dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago*. Chicago: University of Chicago, v. 18, 2006, pp. 350-354.

presentes a ela e era comum que as princesas pedissem por itens originários de suas terras. Assim, os casamentos eram formas de movimentar mensagens de aliança e conseguir materiais valiosos e diversos por meio do Oriente Próximo. No caso de Kish, o motivo dessa aliança é facilmente presumível: Kish e Ebla eram as cidades que faziam fronteira com Mari pelo sul e pelo norte, respectivamente, e juntas poderiam se opor aos reis marianos⁸⁶. Para entender isso, é importante considerar que, ao longo do terceiro milênio AEC, existia uma certa hegemonia cultural suméria, que se estendia para além das fronteiras da Baixa Mesopotâmia, em especial, seguindo o Eufrates: de Kish para Mari e de Mari para Ebla⁸⁷. Mari, por sua vez, era aliada de Ur, a única cidade suméria que estava livre da influência do poder centralizador de Kish⁸⁸.

Nessa mesma época, ao sul, o rei de Lagash, Entemena, conduzia negociações com o rei de Uruk, Lugalkinešdudu. O acordo, segundo uma inscrição de Entemena, estabelecia a fraternidade entre eles, isto é, a igualdade⁸⁹. As alianças formadas, porém, não eram definitivas e não visavam acabar com as guerras locais; a paz era inconstante e ameaçada frequentemente. O casamento de Kešdut com o príncipe de Kish não foi capaz de evitar a queda de Ebla por Mari⁹⁰, apenas 3 anos depois; e a de Mari, cerca de uma década depois, pelos acadianos⁹¹. Ademais, apesar do governo de Entemena ter acabado com prosperidade e em termos tranquilos, não demorou para que a Mesopotâmia enfrentasse novos embates militares. Uma a uma, as cidades foram caindo nas mãos de Sargão, mas isso é assunto para outro momento.

Por ora, é interessante considerarmos que ao mesmo tempo em que os contatos eram feitos para que reis tivessem acesso a materiais valiosos, esses bens serviam para garantir *status*. Quanto mais de longe os objetos viessem, maior era seu valor agregado e maior era a importância relativa ao poder do reino. É claro, não era apenas por meio de guerras e casamentos que os reis conseguiam objetos estrangeiros. Muito antes da invenção da escrita já havia comerciantes que paravam de vilarejo em vilarejo carregando bens, que, por sua vez, passavam de mão em mão até atravessar longas distâncias. É bastante provável que os objetos alcançassem cidades que sequer conheciam ou sabiam a origem daquele bem. Em Ebla, por

⁸⁶ ARCHI, Alfonso. *Op. Cit.*, p. 7.

⁸⁷ ROUX, Georges. *Op. Cit.*, p. 146.

⁸⁸ ARCHI, Alfonso. *Op. Cit.*, p. 6.

⁸⁹ A inscrição pode ser lida em RAGAVAN, Deena. Cuneiform Texts and Fragments in the Harvard Art Museum / Arthur M. Sackler Museum. *Cuneiform Digital Library Journal*, n. 1, 2010, pp. 2-3. Disponível em: https://cdli.ucla.edu/pubs/cdlj/2010/cdlj2010_001.html

⁹⁰ Ver nota 56.

⁹¹ ARCHI, Alfonso. *Op. Cit.*, p. 12.

exemplo, foram encontrados materiais provenientes de Ur, mas não há registros sobre Ur nos arquivos da cidade⁹².

Entre os objetos mais valorizados estavam metais como o ouro e a prata, que se contrastavam com o mundo próximo-oriental feito de barro e argila. O ouro brilhava para sempre apenas precisando ser moldado no formato desejado, sem necessidade de purificação. E a prata talvez fosse considerada um pedaço sólido do sol, já que em sumério era chamada de *ku-babbar* (“branco puro”): o termo *babbar* possui o mesmo símbolo cuneiforme que era usado para designar o sol (chamado de *utu*)⁹³, e pode ser traduzido como “brilhante”, “branco” ou “sol da manhã”; *ku*, por sua vez, é um adjetivo de “brilhante”, “puro”, “branco”, “sagrado”⁹⁴. Ainda, o acadiano *namru* (brilhante), também, é uma leitura possível para esse mesmo sinal cuneiforme de *babbar*⁹⁵.

Síria e Mesopotâmia não são espaços com muitas riquezas naturais, por isso, grande parte dos bens valiosos encontrados na região tiveram que viajar por diferentes rotas até chegar ali. O ouro era trazido do Egito ou do Afeganistão; a prata e o cobre vinham pela Anatólia, atravessando os montes Taurus até chegar em Ebla e Mari. A cornalina vinha da Índia, em um caminho mais curto do que o lápis-lazúli, que era extraído da montanha Shar-i-Sang (Afeganistão)⁹⁶ e atravessava o Hindu-Kush. O caminho percorrido pelo lápis-lazúli era tão extenso que os sumérios criaram uma lenda própria para explicar a origem desse minério. Segundo eles, a rocha vinha de um local que ficava há sete cadeias de montanhas de distância, chamado Aratta⁹⁷. De acordo com Zaccagnini, a história segue uma estrutura literária que começa ainda nos tempos místicos, quando Uruk não tinha nenhum contato com outros povos. A partir da relação com a deusa Innana (que era adorada nas duas cidades), inicia-se uma série de eventos que envolvem o envio de mensageiros até Aratta, ameaças de guerra, enigmas indecifráveis, o estabelecimento de algumas posturas na relação entre os reinos, luta entre os campeões de cada cidade e intervenções divinas. Até que, por fim, o governante de Aratta aceitou enviar lápis-lazúli e ouro para Uruk em troca de figos e uvas⁹⁸.

⁹² PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 43.

⁹³ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 37.

⁹⁴ SUMER LEXICON SEARCH. Sumer.grazhdani.eu, 2016. Disponível em: <http://sumer.grazhdani.eu/>

⁹⁵ LABAT, Rene. *Manuel d'épigraphie akkadiene*. (signes, syllabaire, idéogrammes). Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner S.A., 1994, p. 179.

⁹⁶ A maioria dos pesquisadores concordam que na antiguidade, desde o fim do Vº Milênio AEC, o lápis-lazúli era minado em um único lugar: a quase inacessível montanha Shar-i-Sang, na divisa entre Afeganistão, China e Paquistão. PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 49.

⁹⁷ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, pp. 43-51.

⁹⁸ ZACCAGNINI, Carlo. Ideological and Procedural Paradigms in Ancient Near Eastern Long Distance Exchanges: The Case of Enmerkar and the Lord of Aratta. *Altorientalische Forschungen*, v. 20, n. 1, 1993, pp. 38-42.

Imagem 1: Mapa-mundi babilônico (c. séc. VI AEC).



Fonte: Museu Britânico (BM 92687). © Trustees of the British Museum

Os mais diversos vestígios encontrados na Mesopotâmia (cartas, documentos, objetos etc.) atestam que as cidades próximo-orientais, no III Milênio⁹⁹, estavam em contato (direto ou indireto) com territórios que se estendem desde a costa mediterrânea até a China, apesar de pouco conhecerem sobre os espaços além de suas cidades. Isso pode nos parecer controverso, devido a intensidade e frequências das relações comerciais, mas é possível entender a lógica de mundo ao olhar um mapa antigo (imagem 1): o mundo está representado como um disco, cercado por um círculo de água; a Babilônia aparece como um retângulo ao fim do rio Eufrates; os pequenos círculos ao seu redor são cidades ou distritos. Os triângulos fora do disco, além do mar, são as “terras míticas” (espaços além da Mesopotâmia e Síria) – posicionados, então, fora

⁹⁹ Os vestígios materiais apontam contato ainda anterior, como objetos em lápis-lazúli encontrados no Egito, desde o IV milênio AEC. No acervo do Metropolitan Museum of Art, por exemplo, estão algumas contas de lápis-lazúli do Período Pré-Dinástico (números de catálogo 09.182.13a; 99.4.54; 32.2.27; entre outros).

do mundo. Como afirma Podany, “é um mundo pequeno, com a Mesopotâmia confortavelmente em seu centro”¹⁰⁰.

Apesar de costumarmos atribuir à Grécia o título de “berço da civilização”, muito antes da sua consolidação, a Mesopotâmia já era um expoente. Afinal, foi ali que surgiram as primeiras cidades, as primeiras formas de escrita e muitas outras inovações tecnológicas e intelectuais. A Babilônia foi, de fato, o centro do mundo¹⁰¹, pelo menos nos tempos de Sargão (c. 2270 - 2215 AEC)¹⁰², pouco após a morte de Irkab-damu. Por ali passavam rotas comerciais de todo o mundo conhecido e das “terras místicas”. Dificilmente houve uma cidade que não conhecesse as conquistas de Sargão, cuja ambição de ser rei do mundo inteiro criou o primeiro império: o de Acádia.

O impacto de Sargão no mundo mesopotâmico foi tanto que o rei era idealizado e, cerca de mil anos após sua morte, ainda escreviam sobre ele. Textos Neoassírios e Neobabilônicos descrevem uma lenda sobre sua vida, assumindo uma forma mítica, com diversas semelhanças com as histórias de Krishna, Moisés e Rômulo e Remo. Segundo a narrativa, Sargão governou a humanidade, cortou o caminho através das montanhas com uma picareta de cobre e navegou três vezes pelas costas dos mares¹⁰³. É claro, precisamos ponderar até que ponto os vestígios posteriores de Sargão são confiáveis, contudo, apesar de exagerados, alguns trechos desses textos são capazes de nos revelar aspectos mais realistas. Roux acredita que missões tiveram sucesso entre as regiões do atual Curdistão e o Golfo Pérsico até o Omã, mas questiona campanhas mais distantes¹⁰⁴. Os registros do próprio tempo de Sargão afirmam que ele conquistou toda a Mesopotâmia e a Síria; do Golfo Pérsico (mar ao sul) ao Mediterrâneo (mar ao leste). Tendo ele, ou não, atravessado o Tauro e chegado no Irã, ou navegado até o Creta, a memória que permaneceu na sociedade o garantiria esses feitos. Por esses mares, Sargão navegou; desertos e montanhas, ele atravessou – para todos os efeitos, Sargão conquistou o mundo e governou a humanidade.

¹⁰⁰ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 36.

¹⁰¹ Na perspectiva mesopotâmica.

¹⁰² O nome Sargão é, na verdade, uma adaptação do nome Sharrukin, que acabou sendo convencionada nas pesquisas. Isso aconteceu porque um rei assírio, muito posterior ao Sargão da Acádia, adotou seu nome, Sharrukin, em homenagem ao grande conquistador. Esse governante assírio foi referenciado na Bíblia hebraica, mas os autores da Bíblia seguiram uma lógica de entendimento (pelo que ouviram), não escreveram de acordo com o cuneiforme. Esse erro fez com que os pesquisadores repetissem o nome “Sargão” para o rei de Acádia, mesmo não estando na Bíblia. PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 44

¹⁰³ A tradução pode ser vista em PRITCHARD, James B (ed). *Ancient Near East Texts Relating to the Old Testament*. Princeton: Princeton University Press, 1992, p. 119.

¹⁰⁴ ROUX, Georges. *Op. Cit.*, p. 154.

Não cabe a esse estudo trazer detalhes sobre como Sargão formou seu império ou sobre como ele se estruturou¹⁰⁵. A razão de eu mencionar este rei aqui é para atentar-nos a expansão do mundo próximo-oriental no III Milênio. As conquistas de Sargão configuraram uma nova fase na História da Mesopotâmia – deixamos o Período Dinástico Arcaico para entrar no Império Acadiano. Agora, a enraizada cultura e predominância suméria dá espaço para a instalação de um reino centralizado semita e, com isso, os modelos de vida são alterados. Apesar de todo o sucesso militar, o regime imperial de Sargão tornou evidente que nenhum rei governa e se mantém forte estando sozinho. A eficácia e as vitórias do rei podem ter sido, em parte, consequências das suas políticas que permitiam a comunicação e organização mútua entre espaços dominados. Mesmo tendo conquistado todo o mundo conhecido¹⁰⁶, Sargão manteve contatos diplomáticos com os demais territórios. Exemplo disso, são as relações que seu neto, Naram-Sin, mantinha com o rei de Elam – o nome de Sargão não aparece na documentação, mas tudo indica que seu neto estava mantendo contatos estabelecidos pelo avô. Por um lado, Sargão se mostrava misericordioso e atestava a possibilidade de relações entre pares, como visto em sua inscrição: “Agora, (qualquer) rei que queira se considerar meu igual; onde quer que eu tenha dado meus passos, deixe-o carregar os seus!”¹⁰⁷. Por outro, apesar de haver tido certa tranquilidade durante 55 anos, muitos chefes locais se revoltaram contra Sargão, que precisou os reprimir¹⁰⁸.

Durante os governos de Irkab-damu e Sargão, mercadorias circulavam pelo Oriente Próximo e cada contato externo (mesmo que indireto e impessoal)¹⁰⁹ era responsável pela garantia de determinados bens. Os reis da segunda metade do terceiro milênio AEC, entre acordos e disputas, interagiam em busca de poder militar e econômico, formando um sistema de comunicação que caracteriza a primeira evidência de diplomacia do mundo, refletido (não

¹⁰⁵ Sobre isso, sugiro a leitura de LIVERANI, Mario. *Antigo Oriente*. História, Sociedade e Economia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016, pp. 205-230.

¹⁰⁶ Reforço aqui a ideia de que o Oriente Próximo é o mundo conhecido, e os demais territórios, apesar de manter contato com a Mesopotâmia, são “terras míticas”.

¹⁰⁷ NOUGAYROL, Jean. Un Chef-D'oeuvre Inédit de la Littérature Babylonienne. *Revue d'Assyriologie et d'archéologie orientale*, v. 45, n. 4, 1951, p. 170. Tradução da autora.

¹⁰⁸ ROUX, Georges. *Op. Cit.*, pp. 154-155.

¹⁰⁹ Conforme apontei na introdução, em meu entendimento, o termo “contato”, da forma mais simples, pode ser entendido como “conhecer”, “saber que existe”. A partir daí ele pode evoluir e se transformar em um contato pessoal ou impessoal, direto ou indireto, dependendo na natureza desse conhecimento. Entendo dessa forma pois, mesmo sem que nunca tenha havido uma vivência próxima, o saber da existência de algo diferentes a nós já é o suficiente para que possamos refletir e nos influenciar pelo outro. De forma breve, caracterizo os contatos e duas subcategorias 1) Pessoal (exige uma experiência com o outro, troca de mensagens, apertar as mãos, conversar); e 2) Impessoal (não há interação com outra pessoa, mas objetos, mercadorias diferentes ou exóticas que se tem acesso, mesmo que não saiba a origem). Os contatos pessoais, por sua vez, possuem mais subcategorias: 1) Diretos (quando a experiência é física ou com alguma troca feita diretamente de A para B); e 2) Indiretos (quando a comunicação entre as pessoas acontece por meio de intermediários).

só) na documentação de Ebla. A escolha de nomeação desse período em referência a Ebla, conforme já discuti anteriormente, é porque o conjunto completo de documentação mais antigo já encontrado veio dessa cidade, apesar de ele não refletir o início das relações e nem marcar um contexto histórico *per se*. Ebla não foi, necessariamente, uma cidade importante ou a criadora da diplomacia, mas é a mais informativa. Quem quer que tenha destruído a cidade¹¹⁰, ao botar fogo no palácio, transformou os tabletes de argila em cápsulas do tempo, enrijecendo o material e garantindo que ele chegasse até nós.

Em qualquer caso, os reis sírios e os reis mesopotâmicos que viveram em c. 2350 AEC olhavam para além dos confins dos seus pequenos reinos e não viam apenas inimigos e estrangeiros, mas um mundo em que eles poderiam se comunicar, negociar e oferecer comércio [...] Os mais antigos documentos diplomáticos disponíveis para nós não são do tempo em que a diplomacia começou. O que nós podemos ver é o escopo, a efetividade e a sofisticação crescentes da diplomacia na medida em que os reinos crescem em tamanho e poder nos séculos seguintes¹¹¹.

Essas palavras de Podany são capazes de resumir muito bem esses primeiros passos da diplomacia de Ebla. O mundo era constituído por pequenas cidades que, mesmo quando independentes, precisavam contar com o apoio estrangeiro para conseguir se manter e estabelecer relações de comércio. Internamente, na Mesopotâmia, o sentimento de pertencimento à uma tradição suméria ainda exigia algumas continuidades. Em contraste, as riquezas acumuladas graças ao contato com o estrangeiro garantiam uma prosperidade que atraía diferentes grupos étnicos através das montanhas do Zagros e das estepes. Esses grupos podiam se mesclar na sociedade mesopotâmica ou atacar e pilhar cidades desprotegidas. Manter-se alheios ao exterior não era uma opção, era mais proveitoso conquistar cidades e manter rotas de comércio em termos amistosos com os territórios mais distantes¹¹². As alianças eram frágeis e inconstantes, mas serviam ao propósito principal de superar inimigos mútuos e ter acesso a novos objetos. Em resumo, a diplomacia de Ebla servia como uma ferramenta para estabelecer hegemonias, as alianças eram uma forma de acesso aos materiais de outro território sem a necessidade de uma guerra, mas isso não significa que as disputas não aconteciam, apesar de não haver necessidade de ocupação das áreas derrotadas em batalhas.

¹¹⁰ Existe uma discussão acerca da destruição de Ebla, visto que as escavações não são conclusivas sobre o feito. Alguns pesquisadores acreditam que pode ter sido Sargão (que dizia que o deus Dagan havia lhe presenteado com Ebla), outros que foi seu neto, Naram-Sin (que afirmava ser a primeira pessoa a conseguir conquistar Armanum e Ebla). Contudo, a hipótese mais provável sobre a destruição de Ebla aponta que foi um rei de Mari, em repúdio a um conflito acontecido três anos de antes. Segundo Liverani, quando Naram-Sin se refere à Ebla, ele trata de uma nova cidade, refeita depois da derrota para Mari. LIVERANI, Mario. *Op. Cit.*, 2016, p. 190 e p. 212.

¹¹¹ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, pp. 59-60. Tradução da autora.

¹¹² ROUX, Georges. *Op. Cit.*, p. 159.

Na medida que as pequenas cidades foram crescendo e as hegemonias se tornando mais marcadas, como no caso do Império de Acádia, as formas de relacionamento foram sendo lapidadas e se adaptaram a uma nova realidade.

[...] não há dúvida de que a dinastia de Acádia ampliou rapidamente as dimensões de seus horizontes. É certo que o comércio do período Proto-histórico e os contatos comerciais das cidades sumérias do período Protodinástico já eram bastante amplos, mas aconteciam mediante a utilização de pontos de passagem e intermediários, que viabilizam a afluência de mercadorias distantes, mas que envolviam um tempo muito longo e de custos elevados. O projeto dos reis acádios pretende, ao que parece, identificar a esfera comercial com a política e militar, chegando diretamente às fontes das matérias-primas sem se submeter à rede de intermediação.¹¹³

Poucos anos após Sargão, o poder de Acádia já havia se enfraquecido e uma nova fase começava para a Mesopotâmia: era o período Neossumério. A influência semita da Acádia deu lugar a uma retomada da cultura suméria, e as cidades no sul mesopotâmico voltaram a prosperar. Isso não significa que o mundo próximo-oriental estava repetindo padrões antigos, mas aprendendo a manter as hegemonias de forma mais eficaz, abandonando as ideias de um império universal de Sargão e substituindo-as por uma noção de expansão organizada. Para isso, focou-se na retirada de autonomia das cidades dominadas, trocando reis por funcionários, centralizando a administração e criando um plano ideológico¹¹⁴.

Aparentemente, depois de Sargão a situação ficou caótica. Sharkalishani (sucessor de Naram-Sin) viu Elam se tornar independente e perdeu o controle de diversas cidades até o colapso do império de Sargão. Esses momentos foram descritos na Lista Real Suméria com as seguintes palavras: “Então, quem era rei?”, seguido por “Quem não era rei?”¹¹⁵. A Mesopotâmia estava desestabilizada pela intervenção acadiana e por uma série de eventos, que não cabem explicar aqui, e precisou passar por um processo de reestruturação. Assim, grandes cidades do sul entraram em decadência enquanto outras cresceram; e no centro e no norte, algumas cidades se destacaram como centros administrativos. Quase cem anos depois, em c. 2120 AEC, o rei de Uruk, Utuhegal, aliando-se a príncipes do sul, reuniu um exército contra os gutianos (que haviam desbancado os acadianos). Fundou-se, por fim, a Terceira Dinastia de Ur (c. 2112 - 2004 AEC), que apareceu como um renascimento da influência suméria e ficou marcada pela capacidade de organização, ordem e coesão interna e seu “escasso poder sobre as regiões que o rodeiam”¹¹⁶. Foi uma época de relativa paz e prosperidade, apoiada na retomada da arte e literatura suméria – por isso, também, representa o chamado de Período Neossumério. O centro

¹¹³ LIVERANI, Mario. *Op. Cit.*, 2016, p. 219.

¹¹⁴ LIVERANI, Mario. *Op. Cit.*, 2016, p. 233.

¹¹⁵ LIVIUS. The Sumerian King List. *Livius*, 2020. Disponível em: <http://shorturl.at/gmFK2>

¹¹⁶ LIVERANI, Mario. *Op. Cit.*, 2016, p. 249.

de gravidade do poder parece ter sido desviado da Baixa Mesopotâmia, deixada com menos influência nas relações comerciais do mundo. O rei Šulgi, que sucedeu Ur-Nammu (fundador de Ur III), promoveu campanhas militares ao norte, estabelecendo seu domínio na região do atual Curdistão por meio da guerra. No espaço onde hoje é o Irã, em oposição, Šulgi foi mais diplomático, tendo enviado suas filhas para casamentos em Susa e alistando soldados elamitas para defender suas fronteiras¹¹⁷. Essas práticas refletem bem o que eu havia comentado a pouco: era interessante para os reis estabelecer seu domínio nas cidades mesopotâmicas e manter boas relações com o exterior¹¹⁸ – isso evitaria invasões externas e garantiria uma hegemonia interna.

Ainda assim, alguns grupos étnicos conseguiram escapar da órbita de Ur, como os amoritas (vindos do oeste) e os elamitas (no leste), tornando-se grandes oponentes. Ao leste, Elam formava um reino forte e poderoso; e, na Anatólia, possuidora de muitas riquezas minerais, começou a haver um grande deslocamento de pessoas. A Mesopotâmia foi inundada por novas populações. Em contrapartida, as cidades do norte sírio conseguiram prosperar e se urbanizar e, assim, Mari continuava sendo um entreposto para as relações do oriente com a Síria.

Em um curto período de tempo, na transição do terceiro para o segundo milênio AEC, o Oriente Próximo experimentou uma dinâmica de poder muito grande: Ur foi conquistada pelos reis de Elam, sendo libertada por Ishbi-Era pouco tempo depois; e a Baixa Mesopotâmia, cada vez mais, perdia sua supremacia, apesar de ainda ser o espaço ocupado por cidades poderosas, como Isin e Larsa¹¹⁹.

Mari se tornou um ponto central para entendermos as relações diplomáticas, no segundo período desses contatos e o nomeia por ser à cidade com maior número de documentação diplomática do período, assim como foi a Era de Ebla. A cidade de Mari foi encontrada por acaso em 1933¹²⁰ e, pouco depois, as ruínas de um dos palácios do último rei de Mari (Zimri-Lim) revelaram milhares de objetos diversos, entre os quais estavam cerca de 20 mil tabletas com escrita cuneiforme. Na sala 115 do palácio estava o arquivo epistolar real, onde as

¹¹⁷ ROUX, Georges. *Op. Cit.*, p.169.

¹¹⁸ Ver página 39.

¹¹⁹ Para entender de forma mais detalhada e extensa, ver: VAN DE MIEROOP, Marc. *A History of the Ancient Near East, ca. 3000 – 323 BC*. Oxford: Blackwell, 2007, pp. 63 – 105; e, para Larsa: POZZER, Katia M. P. *Les Archives Privées de marchands à Larsa pendant la deuxième moitié du règne de Rim-Sîn*. Lille: ANRT, 2003.

¹²⁰ Em agosto de 1933, residentes da fronteira entre Síria e Iraque buscavam em ruínas antigas, espaços para colocar seus mortos (uma prática comum na época), e encontraram a cabeça de uma estátua. O inspetor da região (um francês) foi avisado e o curador de antiguidades orientais do Louvre foi encaminhado André Parrot com uma equipe para investigar o local. Logo descobriram mais estátuas, das quais, uma tinha a inscrição “Rei de Mari”. O nome Mari já era conhecido por documentos de outros reinos. HEIMPEL, Wolfgang. *Letters to the King of Mari*. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2003, p. 3.

correspondências sobreviveram ao tempo, graças a um incêndio (presumidamente causado por soldados de Hammurabi), que enrijeceu ainda mais a argila. Na Babilônia, as cartas contemporâneas às de Mari estão submersas devido a uma inundação, mas algumas outras foram descobertas em outras cidades – isso significa que, apesar de Mari possuir o maior número de documentos, a cidade não é a única fonte disponível¹²¹. Ainda assim, é a Mari que me refiro ao tratar do momento e às delimitações no contexto diplomático, uma vez que esse é o foco de minha pesquisa – conforme já apontei antes sobre a nomenclatura de Eras que estabeleci. Em termos históricos, a Era de Mari é posicionada no Período Paleobabilônico, que, por sua vez, é nomeado graças a influência da Babilônia e seus reis amoritas sobre o mundo – não os marianos.

1.2. O MEIO: MARI (c. 2000–1595 AEC)

Desde a queda de Ebla, havia um vácuo de poder que foi sendo preenchido por populações externas, como os martu (nômades), os amoritas e grupos indo-europeus. A migração indo-europeia começou ainda no terceiro milênio AEC e impactou o mundo de modo duradouro – saindo da região entre o Báltico e o Mar Negro, essa família etnolinguística se espalhou da Índia à Europa. Na Mesopotâmia, a chegada de novos grupos estimulou o contato de diferentes culturas e, nesse momento, os amoritas ganharam algum destaque¹²². Na transição do Neossumério para o Paleobabilônico, apesar das mudanças drásticas, algumas cidades ainda permaneceram independentes, como era o caso de Mari. A Babilônia, que antes havia caído no sob o domínio da dinastia de Ur III, também conseguiu manter um senso de independência¹²³. Contudo, apesar da Babilônia estar localizada em uma região de grande importância histórica, a cidade em si nunca havia tido um papel de destaque na política suméria até então. Assim, a chegada de grupos estrangeiros na cidade pode ter sido menos impactante em um primeiro momento, especialmente se considerarmos que os amoritas se adaptaram à vida e cultura sumério-acadiana. Por outro lado, a chegada volumosa dos amoritas na Mesopotâmia intensificou a confusão política do período, na medida em que eles se proclamaram reis de várias cidades¹²⁴, incluindo centros importantes, como Mari, Babilônia, Aleppo, Larsa e Eshnunna¹²⁵.

¹²¹ HEIMPEL, Wolfgang. *Op. cit.*, pp. 3-5.

¹²² Em outro momento, mais adiante, falarei sobre outros grupos que entraram na região nessa época e que também ganharam mais relevância e foram essenciais na configuração do oriente-próximo no segundo milênio. Ver item 1.3.1 MESOPOTÂMIA

¹²³ VAN DE MIEROOP, Marc. *Op. Cit.*, p. 82.

¹²⁴ ROUX, Georges. *Op. Cit.*, p. 184.

¹²⁵ CHARPIN, Dominique. **The History of Ancient Mesopotamia: An Overview**. In: SASSON, Jack M. (ed). *Civilizations of the ancient Near East*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1995, v. II, p. 812

O momento era de “grande mobilidade, marcada por pressões econômicas, por tendências à fragmentação e ao individualismo”¹²⁶. Essa nova configuração, característica do Período Paleobabilônico, com a chegada de novos grupos e com as ambições maiores, fez com que as relações exteriores fossem se tornando cada vez mais uma forma de criar e manter novas hegemonias. Para isso, a realeza se tornou um ponto central de equilíbrio e referência, usando-se de táticas que já existiam no Período Neossumério, mas que foram ganhando novas ênfases diante da situação, como hinos reais, inscrições comemorativas, códigos, divinização e, no caso dos reinos ao norte, a força pelo poder militar do rei¹²⁷. A maior diferença entre os reis neossumérios e os paleobabilônicos é que aqueles se apresentavam como bons administradores e estes como “bom pastor” para seu povo, manifestando sua preocupação e cuidado com a população¹²⁸; ou seja, o foco saiu do núcleo palaciano e foi para a pessoa comum – ao menos no imaginário coletivo. Isso significa que a chegada dos amoritas foi capaz de abalar as estruturas políticas mesopotâmicas. Em primeiro lugar, por dar espaço a criação de reinos, em contraste com as cidades-estados. Com isso, a centralidade de Ur III deu espaço a uma economia conduzida de forma privada¹²⁹, emergindo uma sociedade com noções de propriedades médias ou grandes. Ou seja, homens, terras e animais não pertenciam necessariamente aos templos ou palácios e, conseqüentemente, o trabalho artesanal aumentou. O templo agora era responsável pelos cuidados dos deuses e pela vida espiritual das pessoas, enquanto o palácio cuidava do bem-estar e da economia. Em termos de contatos externos, os comerciantes puderam trabalhar de forma autônoma, organizando-se em sociedades (*karum*), apesar de ainda serem servidores do palácio¹³⁰.

Ao longo do Período Paleobabilônico, as cidades que mais se destacaram no mundo mesopotâmico foram Larsa (próximo ao Golfo Pérsico), Babilônia (central), Eshnunna (central), Ekallatum (norte), Mari (noroeste), Yamhad (oeste sírio) e Qatna (sudoeste sírio). Entre elas, é Mari que nomeia essa época diplomática, uma vez que lá se encontrou a maior parte da documentação referente ao assunto. A Babilônia, apesar de sua relevância, não era uma cidade particularmente poderosa no início do segundo milênio AEC, como comentei acima. Desde o início, os governantes amoritas da Babilônia estavam determinados em enriquecer a cidade e transformá-la em no centro político de um reino¹³¹. Contudo, eles eram ofuscados por

¹²⁶ LIVERANI, Mario. *Op. Cit.*, 2016, p. 286.

¹²⁷ LIVERANI, Mario. *Op. Cit.*, 2016, p. 286.

¹²⁸ LIVERANI, Mario. *Op. Cit.*, 2016, p. 286.

¹²⁹ CHARPIN, Dominique. *Op. Cit.*, p. 813.

¹³⁰ ROUX, Georges. *Op. Cit.*, pp. 180-181.

¹³¹ ROUX, Georges. *Op. Cit.*, p. 184.

Larsa (governada por Rim-Sin, descendente de elamitas), Elam (ao sudeste) e pelas conquistas de Šamši-Adad (no norte). É interessante lembrar que Elam era um inimigo estereotipado da Mesopotâmia e mais poderoso do que qualquer reino no vale do Tigre e Eufrates. Apesar de formar alianças, Elam ainda se sobressaía e os termos não eram igualitários. O próprio rei Hammurabi (c. 1792 – 1750 AEC), tão famoso nos dias de hoje, iniciou seu reinado sendo considerado um “filho” do rei elamita¹³² – alcançar o posto de “irmão” não era uma tarefa fácil.

Mari tampouco era uma cidade icônica. Yahdun-Lim, seu governante, era submetido ao rei de Aleppo e, por um tempo, precisou jurar lealdade a Naram-Sin, de Eshnunna, que havia conquistado seus arredores no século XIX AEC¹³³. Por outro lado, Mari se fixava como um importante ponto de ligação entre a Mesopotâmia e a Síria, conectando pessoas e servindo como um espaço de entrecruzamento de duas realidades. A conexão de Mari com Eshnunna não foi duradoura, mas teve importantes consequências na medida em que propiciou a dispersão da língua acadiana, desenvolvendo um novo dialeto assírio¹³⁴. Ademais, por Mari ser o limite entre Mesopotâmia e Síria, é possível perceber ali a importância das fronteiras na criação de uma nova unidade identitária, por abranger elementos de cada cultura que a ocupa¹³⁵. Assim, a cidade conseguiu se organizar e se estruturar por meio da confluência entre nômades e sedentários (culturas tribais e palacianas). O nome que se destacou em um primeiro momento é Šamši-Adad (c. 1813 – 1781 AEC), rei da Alta Mesopotâmia, tendo governado Ekallatum e Mari e estabelecido uma capital mais ao norte, entre as duas cidades, em Šhubat-Enlil, conforme o mapa 2.

¹³² PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 68.

¹³³ CHARPIN, Dominique. *Op. Cit.*, p. 813.

¹³⁴ CHARPIN, Dominique. *Op. Cit.*, p. 813.

¹³⁵ Conforme explico na introdução desse trabalho, as fronteiras podem ser entendidas como um espaço físico (delimitação política da zona de influência de determinada sociedade) ou como espaço imaginário (determinado pelas dinâmicas e interações entre culturas). Nesse segundo sentido, a região fronteira pode criar uma dinâmica própria, que são diferentes daquelas estabelecidas pelo grupo que domina politicamente a região e pelo grupo que está na região política ao lado. Segundo Estevez, mais do que um espaço físico e uma zona de contato, a fronteira é o centro das relações entre dois (ou mais povos) que circulam em sua área. Isso é verdade tanto no sentido de encontro de culturas, como no de propagação delas. Assim, os povos fronteiriços englobam características diversas e criam uma nova, própria para si. Isso porque o domínio oficial sobre uma terra é algum muito mais teórico do que prático (ESTEVEZ, María de la Paz. *Op. Cit.*, pp. 23-28). Esses fatores ficam mais claros quando pensamos nas hegemonias da Mesopotâmia, que não eram fixas nem definitivas, mas que eram dinâmicas e que frequentemente mudavam.

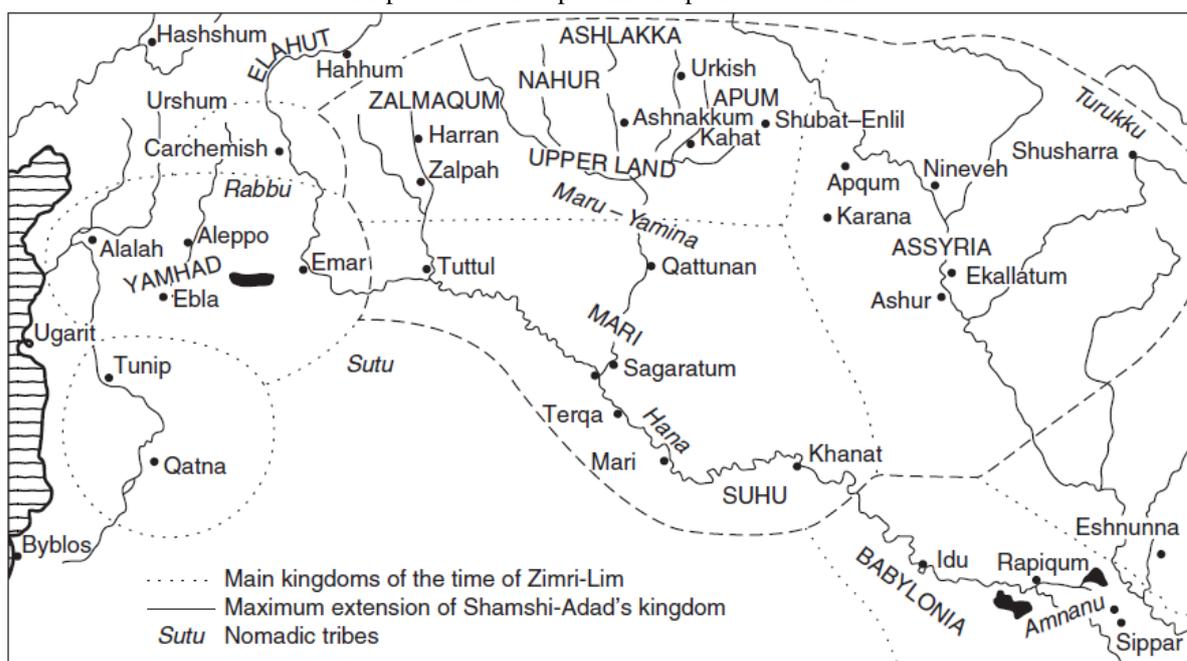
Mapa 2: Oriente Próximo em c. 2000-1500 AEC



Fonte: PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p 66.

A ascensão de Šamši-Adad foi bastante conturbada e, uma vez estabelecido, o rei ainda teve que enfrentar muitos problemas de legitimação e organização do império que se formava. Isso porque Šamši-Adad era de uma família tribal, de origem amorita, que já havia entrado em disputas contra os reis de Mari e de Eshnunna. Sua primeira conquista foi na região da Assíria, onde estabeleceu Ekallatum como uma capital provisória¹³⁶. Para isso, ele precisou enfrentar Naram-Sin, que se expandia pelo rio Diyala para o Eufrates. Šamši-Adad continuou se expandindo até criar o chamado “Império da Alta Mesopotâmia”, que abrangia toda a região no vale do Tigre o Eufrates, desde a fronteira norte da Babilônia (mapa 3).

Mapa 3: Alta Mesopotâmia no período de Mari



Fonte: LIVERANI, Mario. *The Ancient Near East. History, Society and Economy*. Nova York: Routledge, 2014, p. 221

Para manter o controle do território, Šamši-Adad o dividiu em três partes: ele governava no norte, mantido em sua capital, Šubat-Enlil; Mari ficou sob responsabilidade de seu filho, Yasmah-Addu (c. 1795 AEC); e a região de Ekallatum havia sido entregue ao seu outro filho, Išme-Dagān (c. 1776 - 1736 AEC). Desse modo, Šamši-Adad passou a controlar o Tigre e o Eufrates. Para administrar seu Império foram trocadas cartas entre rei e vice-reis (pai e filhos). Šamši-Adad nunca abandonou suas ideias expansionistas, e consolidou seu poder tanto por guerra, como pela diplomacia – especialmente com a promoção de casamentos em busca de

¹³⁶ LIVERANI, Mario. *Op. Cit.*, 2016, pp. 322-323.

alianças, como é o caso do matrimônio entre Yasmah-Addu e uma princesa de Qatna¹³⁷. Tal casamento é um bom exemplo das políticas diplomáticas uma vez que este foi arranjado por Šamši-Adad, o Grande Rei da Alta Mesopotâmia, sendo Yasmah-Addu apenas informado da situação – o que contribuiu para discussões entre o noivo e Išḫi-Addu (o pai da princesa) sobre as negociações¹³⁸. Ao que tudo indica, havia uma predileção de Šamši-Adad por seu filho Išme-Dagān, considerado um bom guerreiro e competente. Seu irmão, por sua vez, foi frequentemente criticado pelo pai, que o considerava um rei fraco, que não era um bom administrador. Isso fica visível na mensagem que Yasmah-Addu teria recebido de seu pai, copiada por ele em sua réplica:

E você, até quando deveremos te guiar em todas as ocasiões? Você é um bebê, não é um adulto? Você não tem barba em seu queixo? Quando você vai dirigir a sua Casa? Você não vê que seu irmão está comandando um grande exército? Então, você também, dirija teu Palácio, tua Casa!¹³⁹

Independentemente do caso, as cartas nos mostram mais do que apenas detalhes sobre a administração, mas referem-se à vida pessoal dos líderes locais, com seus defeitos e qualidades. Mais do que isso, é possível interpretar a forma como se viam e eram vistos: Išme-Dagān era um soldado orgulhoso de suas vitórias; Yasmah-Addu era obediente e tranquilo, mas negligente e, talvez, preguiçoso; Šamši-Adad, por sua vez, se mostrava bem-humorado, sábio, metucioso e controlador – um pai que reprime, mas também parabeniza e aconselha quando necessário¹⁴⁰.

Mesmo com a administração dividida entre rei e vice-reis, o Reino da Alta Mesopotâmia tinha relações dinâmicas de alianças e invasões. Yasmah-Addu parece ter tido uma relação hostil com Qatna, apesar de nenhum confronto direto ser conhecido. Por outro lado, ele criou relações fraternais com Carchemish (ao norte), com quem trocou bens materiais¹⁴¹. Seu irmão, Išme-Dagān, era mais agressivo e confrontava os reinos entre o Tigre e os Zagros. Os últimos anos de Šamši-Adad foram conturbados, com aliados perdendo territórios e novos inimigos cercando a Alta Mesopotâmia. A Babilônia ainda mantinha uma relação respeitosa, uma vez que os reis contemporâneos a Šamši-Adad não tinham pretensões de conquistar o norte – pelo menos até então. Pouco após a morte de Šamši-Adad, Yasmah-Addu não foi capaz de manter-

¹³⁷ LIVERANI, Mario. *Op. Cit.*, 2016, p. 324.

¹³⁸ VILLARD, Pierre. *Šamši-Adad and his Sons: the rise and fall of an Upper Mesopotamian Empire*. In: SASSON, Jack M. *Op. Cit.*, p. 880.

¹³⁹ DURAND, Jean-Marie. *Documents épistolaires du palais de Mari*. Paris: Les Editions du Cerf, v. 1, 1997, p. 138. Tradução da autora.

¹⁴⁰ ROUX, Georges. *Op. Cit.*, p. 191-192.

¹⁴¹ ROUX, Georges. *Op. Cit.*, p. 193.

se e Mari caiu sob o domínio de um líder local, Zimri-Lim (possivelmente, parente de Yahdun-Lim, um antigo rei de Mari, antes da dominação de Šamši-Adad)¹⁴². Sem o apoio do pai e do irmão, Išme-Dagān se viu obrigado a recuar e concentrou seus domínios na região da Assíria, ficando isolado do resto do mundo e sem acesso as rotas do oeste e do comércio com a Anatólia.

Zimri-Lim (c. 1775 - 1761 AEC) precisava estabelecer sua autoridade em Mari e, para isso, soube ponderar entre guerras e diplomacia. Ele derrotou revoltas no vale do Cabur, onde estabeleceu relações de pai/senhor e filho/subalternos com os derrotados¹⁴³. Além disso, ele usou suas filhas para manter e criar alianças ao longo da Mesopotâmia, por isso, todas se casaram com reis estrangeiros, com exceção de uma. Essa, para estabelecer boas relações com babilônicos, foi oferecida ao deus Šamaš, juntando-se ao seu templo em Sippar¹⁴⁴. As atitudes de Zimri-Lim refletem a nova ordem que estruturava as relações no Oriente Próximo, que utilizava a diplomacia com instrumento para estabelecer seu poder e criar impérios hegemônicos por meio da guerra. Isto é, os reis expandiam seu território, mas tinham consciência de que um ambiente hostil seria difícil de manter, por isso Zimri-Lim assegurava a paz sempre que possível, desencorajando agressões, mas agindo quando necessário. Afinal, manter alianças era um ato essencial e os reis sabiam disso – como podemos perceber por meio de uma carta encontrada em Mari: “Não existe nenhum que rei é forte sozinho: Hammurabi da Babilônia tem dez ou quinze reis o seguindo; Rim-Sin de Larsa tem o mesmo; Ibal-pi-El de Eshnunna tem o mesmo; Amut-pi-El de Qatna tem o mesmo; e Yarim-Lim de Yamhad tem vinte reis seguidores”¹⁴⁵.

Enquanto Zimri-Lim firmava-se em Mari e criava sua zona de influência na faixa da Alta Mesopotâmia, Hammurabi conseguiu reunificar a Baixa Mesopotâmia em uma proporção não vista desde os tempos de Sargão, quase quinhentos anos antes. Essa situação não foi imediata e Hammurabi passou as duas primeiras décadas de seu governo sem que a Babilônia fosse uma cidade particularmente poderosa¹⁴⁶. De início, por volta de 1820 AEC, o sul estava dividido, principalmente, entre os poderes de Larsa, Isin, Uruk e Babilônia, sendo que a parte mais ao norte estava sob a hegemonia da Babilônia e o sul estava sob influência de Larsa.

¹⁴² De acordo com Bienkowski e Millard, Zimri-Lim provavelmente era filho do antigo rei. Para Van de Mieroop, contudo, ele não era filho, mas no máximo um neto ou sobrinho de Yahdun-Lim. BIENKOWSKI, Piotr & MILLARD, Alan. *Dictionary of the Ancient Near East*. Londres: British Museum Press, 2000, p. 328; VAN DE MIEROOP, Marc. *Op. Cit.*, p. 104.

¹⁴³ ROUX, Georges. *Op. Cit.*, p. 198.

¹⁴⁴ LIVERANI, Mario. *Op. Cit.*, 2016, p. 325

¹⁴⁵ DOSSIN, Georges. Les archives épistolaires du palais de Mari. *Syria: Revue d'art oriental et d'archéologie*, v. 19, n. 2, 1938, p. 117. Tradução da autora. Disponível em: https://www.persee.fr/issue/syria_0039-7946_1938_num_19_2

¹⁴⁶ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, pp. 65 - 69.

Quando Hammurabi assumiu o trono da Babilônia, ele estava cercado por reis poderosos ao sul, por Rim-Sin (de Larsa), e ao norte, por Šamši-Adad – reis com bastante prestígio, mas idosos¹⁴⁷. Na época, Eshnunna estava fortificada, mas Zimri-Lim e Hammurabi puderam usar as tropas elamitas como escudo para se protegerem. Quando os elamitas finalmente derrotaram os governantes de Eshnunna, eles imediatamente voltaram-se contra seus aliados de Mari e da Babilônia¹⁴⁸. Elam enviou duas tropas para a Mesopotâmia: uma em direção a Babilônia e outra para Ekallatum. No sul, Hammurabi conseguiu manter seu poder, mas as regiões do norte caíram sob o domínio elamita.

Zimri-Lim e Hammurabi acompanhavam atentos às ambições de Elam no Tigre e sabiam que a união entre as duas cidades era essencial para manterem certo controle no Eufrates. Mari e Babilônia tinham acordos para uma inteligência bilateral que emprestava tropas entre si. Roux argumenta que é possível que Hammurabi tenha usado dessa aliança apenas para consolidar seu poder usando os militares marianos¹⁴⁹. Ele parece ter sido estrategista, observando pacientemente a movimentação ao seu redor para agir com precisão. Hammurabi começou suas conquistas pelo sul, dominando Isin e Uruk e fazendo de Rim-Sin seu subordinado e aliado. Somente a partir de então, ele voltou-se ao norte e, aproveitando-se da morte de Šamši-Adad, se impôs como protagonista nos eventos de Mari. Aparentemente, havia duas frentes de alianças: um grupo do Eufrates (Yamhad, Mari, Babilônia e Larsa) e outro do Tigre (Ekallatum/Aššur¹⁵⁰, Eshnunna e Elam). A situação, contudo, era bastante dinâmica e flexível, Eshnunna tentava aumentar sua zona de influência e promoveu uma série de intervenções, tendo expulsado Išme-Dagān de Ekallatum, quando este refugiou-se na Babilônia. O maior inimigo de Hammurabi e de outros reinos ao redor, era Ibal-pi-El II (c. 1779–1765 BC), rei de Eshnunna – até mesmo o distante reino de Yamhad sentia temor pela política expansionista de Ibal-pi-El II.

A pressão foi bastante sentida no Eufrates, Išme-Dagān, antes de perder seu território apelou por apoio de aliados, como fica visível em uma mensagem enviada para Hammurabi: “E eu escrevi por tropas, mas você não as mandou para mim. E você as mandou para outro lugar”¹⁵¹. Apesar da carta não falar diretamente das ameaças de Eshnunna, o contexto de tensão

¹⁴⁷ LIVERANI, Mario. *Op. Cit.*, 2016, pp. 341-342.

¹⁴⁸ CHARPIN, Dominique. *Op. Cit.*, pp. 816-817

¹⁴⁹ ROUX, Georges. *Op. Cit.*, p. 199

¹⁵⁰ Liverani coloca como um núcleo da Assíria, mas opto por apontar as cidades em si, pois acredito que retrata melhor a configuração, sem confundirmo-nos com o Império Assírio de séculos mais tarde. LIVERANI, Mario. *Op. Cit.*, 2016, p. 325.

¹⁵¹ ARM 26 384. HEIMPEL, Wolfgang. *Op. Cit.*, p. 332.

e a argumentação sobre auxílios militares anteriormente oferecidos, nos permitem imaginar que se tratasse do caso. Além disso, esse tablete expressa de forma drástica a humildade e lealdade de Išme-Dagã para com Hammurabi, ainda que isso nos pareça estranho¹⁵². O desejo de manter-se bem visto aos olhos de Hammurabi pode ser uma resposta à força que este ganhava na Mesopotâmia.

A situação, em meio a idas e vindas, se manteve relativamente equilibrada pelos vinte anos iniciais do regime de Hammurabi. Contudo, o rei babilônico foi paulatinamente ascendendo e conseguiu unificar as regiões das antigas Acádia e Suméria, de forma a “eliminar quaisquer iniciativas (ou pretensões) políticas das cidades-estados [...]. As cidades já tinham se tornado capitais provinciais, sedes administrativas descentralizadas de um país politicamente unido”¹⁵³. Foi Hammurabi, então, quem possibilitou o estabelecimento da Babilônia como reino¹⁵⁴, não mais cidade – uma característica relevante, que rompe com as tradicionais cidades-estados tão típicas da Mesopotâmia.

Os reinos de Hammurabi e Zimri-Lim, apesar de aliados, eram fundamentalmente diferentes em sua estrutura. O primeiro era um rei urbano, enquanto o segundo era tribal. Muitos membros da tribo de Zimri-Lim viviam em cidades, como os babilônicos, mas formavam comunidades que agiam de forma coletiva¹⁵⁵. Apesar das diferenças e guerras vivenciadas, Hammurabi e Zimri-Lim mantiveram relações amistosas, como reis irmãos – tal como Irkab-damu e Zizi, anos antes. Ao menos retoricamente, “a cidade de Mari e Babilônia sempre foram uma casa e um dedo que não se deixa ser partido”¹⁵⁶. Foi assim até a terceira década do governo de Hammurabi, quando Zimri-Lim foi submetido ao governo da Babilônia após Hammurabi o acusar de não prestar apoio contra Eshnunna e enviar tropas contra Mari¹⁵⁷. Dois anos depois, Hammurabi voltou a atacar Mari e, na ocasião, incendiou a cidade¹⁵⁸.

A ideia de reis irmãos, como comentei no início desse capítulo, contribuía para que o mundo fosse uma grande família estendida, na qual os governantes eram membros de uma mesma Casa, regida pela jurisdição divina. Esse mundo, apesar de incluir inúmeros grupos étnicos, tinha muitas coisas em comum, tanto nas questões ligadas à cultura como na religião.

¹⁵² HEIMPEL, Wolfgang. *Op. Cit.*, p. 333.

¹⁵³ LIVERANI, Mario. *Op. Cit.*, 2016, pp. 343-344.

¹⁵⁴ Na língua inglesa existe uma diferenciação para se referir a essas Babilônias: *Babylonia* é o termo referente ao reino, cuja capital é *Babylon* (a cidade). Em alemão existe *Babylon* (cidade) e *Babylonien* (região/reino). Contudo, em português essas ideias se confundem, já que usamos Babilônia para os dois casos

¹⁵⁵ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 70.

¹⁵⁶ ARM 26/2 449. HEIMPEL, Wolfgang. *Op. Cit.*, pp. 372-373. Tradução da autora.

¹⁵⁷ ROUX, Georges. *Op. Cit.*, p. 200.

¹⁵⁸ Assim como no caso de Ebla, o incêndio de Mari foi responsável por enrijecer os tabletes de argila, contribuindo para sua sobrevivência ao tempo.

Por mais que um deus fosse característico de um povo, nada impedia que outros se associassem e aceitassem a presença dele, afinal, para “todos os sírios e mesopotâmicos, não havia um falso deus”¹⁵⁹. Assim, uma jurisdição divina é um elemento válido para reger e garantir os votos de amizade e lealdade trocados entre os reis, mesmo que nos dias atuais isso não nos pareça funcionar.

A ideia de familiaridade entre os reis era essencial para essa realidade:

Os mesopotâmicos e os sírios [...] não parecem ter uma concepção de ‘Estado’ ou ‘governo’. Eles não tinham palavras para essas ideias. Em seus lugares, eles pensavam em famílias, pais e irmãos. Criando laços familiares entre eles, os relacionamentos não eram apenas fictícios, mas reais. Muitos dos vassallos, que se chamavam de “filhos” do seu suserano, eram de fato seus filhos, ou pelo menos genros.¹⁶⁰

Era costume que um novo rei, quando assumisse o trono, se endereçasse aos outros como “filho”, por respeito aos mais velhos, mesmo que o reino fosse independente e hegemônico. Era apenas quando o rei mais velho o chamava de “irmão” que ele poderia ser reconhecido como igual. Assim, era sempre um novo começo a cada governo. Isso fica refletido em certa inconstância das amizades, em especial entre os reis subordinados.

Zimri-Lim, como já aponte, usou da ideia de familiaridade, enviando suas filhas para casamentos em diferentes cidades do Oriente Próximo – literalmente fazendo da região sua grande família. Os reis se referiam às “relações de sangue e fortes ligações que existiam entre eles [...] era tudo uma questão de família”¹⁶¹ - uma ideia que já existia nos tempos de Ebla, mas foi cimentada pelos amoritas. Uma aliança só estaria completa depois de firmar um matrimônio, não importa qual rei se casasse com qual princesa (ela sequer precisava receber o título de rainha)¹⁶². Na prática, enviar as princesas tornava-se uma questão estratégica, além do fator econômico - comentado nas páginas anteriores. Os exemplos disso são variados, mas podemos destacar a ocasião em que Šamši-Adad ofereceu uma cidade subordinada, Šušarra, como dote de uma de suas filhas¹⁶³. Além disso, ao que parece, os mensageiros usados pelos reis não eram os mesmos de suas esposas, e, portanto, havia uma comunicação livre entre um rei e suas filhas. Com isso, era possível conseguir informações de alguém que morasse nas cidades estrangeiras, mas que ainda tivesse uma ligação verdadeira com sua origem, já que, como dito, as alianças e a lealdade eram dinâmicas. Podany nos fornece o exemplo de Inbatum, uma princesa de Mari

¹⁵⁹ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 39. Tradução da autora.

¹⁶⁰ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 84. Tradução da autora.

¹⁶¹ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 83. Tradução da autora.

¹⁶² Os reis frequentemente casavam-se com diversas mulheres, mas apenas uma seria sua esposa real e à rainha era garantido muito poder: elas poderiam comandar a cidade quando seu marido estivesse ausente, como foi o caso da esposa de Zimri-Lim, Shiptu.

¹⁶³ Texto 71. EIDEM, Jesper; LÆSSØE, Jørgen. *The Shemshara Archives 1: the Letters*. Copenhagen: Royal Danish Academy of Science and Letters, 2001, p. 53.

que se casou com o rei de Andarig, seu subordinado. Em uma ocasião, Zimri-Lim a enviou uma carta questionando sobre as relações com Amaz e ela descreveu a situação, contando tudo que sabia sobre o passado e sugerindo que seu pai procurasse por seu marido¹⁶⁴.

O contexto mesopotâmico na primeira metade do Segundo Milênio AEC é bastante dinâmico. A busca por criar hegemonias de poder, como podemos notar, adequou antigas tradições às novas expectativas. Os contatos entre cortes não eram mais necessários apenas para as cidades se defenderem, como era na época neossuméria; agora, em face de um mundo paleobabilônico com influências estrangeiras (em especial, amoritas), a melhor defesa era o ataque. As alianças foram forjadas para conquistar e assegurar o poder hegemônico. A tradição não era suficiente para garantir a supremacia: os reis que não avançavam acabavam sendo engolidos por reinos em expansão. Assim, a cultura suméria deu espaço para a babilônica. Os reinos que se formaram foram capazes de entender a diplomacia como ferramenta de guerra e, por isso, a usaram sem restrições. Mari era um reino de poder médio, mas o rico arquivo encontrado em seu palácio joga luz à vida próximo-oriental. Todos os tipos de informação chegavam para o palácio, como dados de províncias, eventos militares e cortes estrangeiras. A comunicação não era restrita ao padrão diplomático oficial¹⁶⁵, tal formato, na realidade, era o menos comum, na medida em que os assuntos triviais ou locais eram descritos de forma mais simples¹⁶⁶. Entre os documentos também se encontram, por exemplo, cartas que o rei enviava para os administradores ou sua família, quando estava viajando¹⁶⁷.

Assim, fica claro que a comunicação acontecia de diferentes formas e o casamento não era a única maneira de se conseguir informações sobre os territórios estrangeiros. Alguns filhos de Hammurabi, por exemplo, visitaram e tiveram casas em Mari, “talvez fosse assim que os reis soubessem sobre as terras de seus aliados e inimigos, eles haviam as visitado antes de assumir o trono”¹⁶⁸. Contudo, a maior fonte de informação dos reis eram os seus mensageiros. Apenas pessoas de máxima confiança recebiam o papel de *mār šiprim*¹⁶⁹ real, ainda que o termo

¹⁶⁴ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, pp. 84-85.

¹⁶⁵ Explicarei na página seguinte.

¹⁶⁶ ROUX, Georges. *Op. Cit.*, pp. 219-220.

¹⁶⁷ CHARPIN, Dominique. *Op. Cit.*, p. 816.

¹⁶⁸ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 71. Tradução da autora

¹⁶⁹ No conjunto de Amarna, existem exceções: nas cartas EA23 e EA27, usa-se a palavra egípcia em hierático, *iptfty*; na EA24, aparecem palavras as hurritas *paššithi* e *gipānūšāššena*; nas EA31 e EA32, vindas de Arzwan, usa-se *halugatallan* e *temia*, respectivamente; e é possível, que na carta EA29, a palavra *nāgiru*, também signifique mensageiro (HOLMES, Y. Lynn. The Messenger of the Amarna Letters. *Journal of the American Oriental Society (JAOS)*, v. 95, n. 3, julho – setembro, 1975, p. 376. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/599349?seq=1&cid=pdf-reference#references_tab_contents). Entre as cartas trocadas por Grandes Reis (EA7, 8, 11, 39 e 40), ainda podemos encontrar o termo *tamkāru* (comerciante) sendo usado como um sinônimo para os mensageiros. (GESTOSO SINGER, Graciela. **Fortunes and Misfortunes of Messengers and Merchants in the Amarna Letters**. In: DREWNOWSKA, Olga & SANDOWICZ, Małgorzata

possa se referir a diferentes cargos, desde simples mensageiros à alto funcionários e ministros. Normalmente, traduzimos *mār šiprim* como mensageiro, de um modo mais abrangente, mas seu significado literal é “filho do tablete”¹⁷⁰. Não havia embaixadores fixos nas cortes estrangeiras, por isso, mais do que enviar mensagens e escrever relatórios, esses mensageiros assumiam o papel de representar o rei. Uma vez que recebiam uma missão, eles eram responsáveis por todos os aspectos dela, desde os preparativos até a conclusão, atuando também como “um negociante, um diplomata, um embaixador e um ministro plenipotenciário agindo em nome do seu rei”¹⁷¹.

De modo geral, podemos dizer que a diplomacia surgiu como uma ferramenta destinada a estabelecer impérios¹⁷² e continua o sendo durante todas as fases no mundo oriental (Ebla, Mari e Amarna). Destarte, em cada época o foco dado é diferente: de modo simplista podemos dizer que os documentos de Ebla nos mostram uma diplomacia de alianças para defesa; com os de Mari, ela é usada para expandir o poder dos amoritas; e, por fim, com as cartas de Amarna, a diplomacia é sistematizada como uma garantia do *status quo*. Assim, na Era de Mari a diplomacia de não pretende ser uma alternativa à guerra, mas é usada como um instrumento para ela, conforme destaquei nas páginas anteriores. Mesmo com esse foco, as relações entre os reinos respeitavam regras e uma estrutura já estabelecida na Era de Ebla e que, cada vez mais, foi se definindo e consolidando por meio dos amoritas.

Existem diferentes formas de se estabelecer a comunicação e receber informações, por isso, reforço minha escolha em tratar da diplomacia, descartando documentos administrativos ou pessoais. Isto é, trato da comunicação oficial entre reis e esta parte da ideia de que as mensagens eram trocadas pelos próprios governantes e quando bem-sucedidas, resultavam em um casamento. A formatação dessas mensagens expressa uma cultura oral, que era endereçada com termos como “diga para [destinatário]”, “assim diz [remetente]”. Na documentação de Mari, vemos que, geralmente, o remetente era o mensageiro, que reportava ao seu rei citando as palavras do outro, contudo, poderia acontecer de algumas cartas serem diretamente direcionadas de um rei ao outro: “Diga para o meu senhor [Zimri-Lim]! Seu servo Ibal-pi-El

(ed). *Fortune and misfortune in the Ancient Near East: proceedings of the 60th. Rencontre assyriologique internationale at Warsaw 21–25 July 2014*. Indiana: Eisenbrauns, 2016, p. 144)

¹⁷⁰ LAFONT, Bertrand. **Messagers et Ambassadeurs dans les archives de Mari**. In: CHARPIN, D.; JOANNÈS, F. *La circulation des biens, des personnes et des idées dans le Proche-Orient ancien*. Paris: Éditions Recherche sur les Civilisations, 1992, p. 169.

¹⁷¹ SCOVILLE, Priscila. Os filhos do tablete: o poder dos mensageiros em cartas do Segundo Milênio AEC. *Revista Entrelaces*, v. 1, n.º. 16, 2019, p. 20. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/entrelaces/article/view/39862>

¹⁷² COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond (eds.). *Amarna Diplomacy. The beginnings of international relations*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2002, p. 11

diz: algum tempo atrás, Hammurabi falou conforme segue: ‘não há paz entre Mari e Babilônia [...]’¹⁷³.

Segundo os costumes, durante a comunicação, reis subordinados deveriam enviar tributos aos seus suseranos, enquanto os reis aliados deveriam trocar presentes luxuosos (irritando-se e demonstrando insatisfação caso se sentissem desprezados). É importante frisar que a reciprocidade era um elemento fundamental dessas relações, sendo extremamente importante que os presentes fossem de valor equivalente, inclusive entre os territórios conquistados¹⁷⁴. Isso fica evidente em dois episódios citados por Podany. O primeiro é referente a uma carta em que um vassalo escreve para Zimri-Lim, suplicando para que ele não presenteie os mensageiros, pois ele não poderia ser recíproco e Zimri-Lim já havia recusado presentes anteriormente dizendo ser muito pouco¹⁷⁵. O segundo exemplo, por sua vez, reflete essa necessidade de reciprocidade entre os aliados: Išme-Dagān e Išhi-Addu (rei de Qatna) se desentenderam quando o primeiro, ao assumir o trono de seu pai, pediu por dois cavalos e em resposta enviou vinte minas de metal. É possível que Išme-Dagān não soubesse o valor que tem um cavalo, ou isso valesse menos na região da Assíria, onde vivia. Talvez ele tivesse superestimado o valor do metal em Qatna ou simplesmente não soubesse que os presentes deveriam ser de igual valor. De qualquer modo, Išhi-Addu o retalhou, enviando uma carta que explicava como deveria ter sido seu comportamento e como ele próprio havia sido generoso¹⁷⁶.

Um último ponto importante de ressaltar sobre essa padronização é que os tratados de paz dependiam de um juramento feito diante dos deuses. Isso acontece, por um lado, porque, como já apontei, existia uma jurisdição divina que garantiria o cumprimento do que foi acordado e, caso o acordo fosse quebrado, os deuses poderiam fazer uma punição pessoal (atacando diretamente o rei), uma punição vicária (aos súditos) ou uma punição coletiva (dirigida ao rei e seus súditos)¹⁷⁷. Por outro lado, porque a cultura oral era muito forte e a escrita era uma mera forma de transportar as palavras, mas, na prática, o que valia era o que foi dito¹⁷⁸. Exatamente por isso era muito importante que as reuniões fossem testemunhadas, seja por outros mensageiros, cortes ou deuses – eram raras as ocasiões em que aconteciam encontros

¹⁷³ ARM 2 21. HEIMPEL, Wolfgang. *Op. Cit.*, p. 472. Tradução da autora

¹⁷⁴ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.* p. 76.

¹⁷⁵ Refere-se à carta ARM 28 49, comentada (mas não transcrita, transliterada ou traduzida) em PODANY, Amanda H. *Op. Cit.* p. 76.

¹⁷⁶ Refere-se à carta ARM 5 20, comentada (com trechos traduzidos) em PODANY, Amanda H. *Op. Cit.* pp. 76-79.

¹⁷⁷ WESTBROOK, Raymond. **International Law in the Amarna Age**. In: COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond (eds.). *Op. Cit.*, p. 37.

¹⁷⁸ *Idem*, p. 38.

secretos. Ademais, as testemunhas serviam como forma de garantia para que os bens transportados junto com as cartas não fossem extraviados ou roubados, já que todos sabiam as quantidades de cada produto¹⁷⁹.

1.3. A PAUSA: IMPÉRIOS CRESCENTES (c. 1595-1400 AEC)

Nos séculos que separavam Irkab-damu e Zimri-Lim, a diplomacia tornou-se cada vez mais um fato da vida cotidiana: a área de circulação dos mensageiros cresceu, as cartas ficaram mais detalhadas, o termo “irmandade” ganhou uma conotação mais delineada e os tratados de paz ficaram mais frequentes. A comunicação diplomática funcionava, mas as guerras emergiam com certa regularidade. Podemos entender que a diplomacia mariana, apesar de conseguir manter uma ordem na Mesopotâmia e na Síria, era tida como um acessório de guerra, não uma alternativa a ela – uma característica mais proeminente na documentação de Mari do que na de Ebla. Eventualmente, as disputas constantes iriam causar destruições maiores, como aconteceu no ano 35 de reinado de Hammurabi. Após décadas mantendo uma aliança com Zimri-Lim, Hammurabi se tornou mais ambicioso e expandiu suas inclinações conquistadoras, destruindo a cidade do seu antigo aliado e dominando todo o espaço entre o Golfo Pérsico e Mari. “Na cabeça de Hammurabi, e provavelmente para aqueles que foram formalmente seus aliados, parece que a guerra ainda era algo necessário para criar a paz”¹⁸⁰.

A organização diplomática foi ameaçada após a morte de Hammurabi, quando seu império entrou em declínio e novas forças exteriores começaram a aparecer no Oriente Próximo, conforme veremos a seguir. Ao mesmo tempo, outros cantos do mundo também passavam por mudanças substanciais em sua configuração: o Egito do Reino Médio (c. 1980 – 1760 AEC¹⁸¹) havia perdido sua essência e o poder faraônico foi fragmentado, entrando no que chamamos de Segundo Período Intermediário (c. 1759 – 1539 AEC), como explicarei no tópico 1.3.2.

1.3.1 MESOPOTÂMIA

No final do terceiro milênio AEC, a migração de grupos indo-europeus pela Ásia e Europa mudou a configuração do mundo, espalhando suas culturas e movimentando aqueles com quem se encontravam. Na Mesopotâmia e na Anatólia, isso culminou na entrada de

¹⁷⁹ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.* pp. 74 e 80.

¹⁸⁰PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 91.

¹⁸¹ As datas referentes ao Egito Antigo são muito discutidas, por isso, a padronização utilizada neste trabalho parte do trabalho de HORNUNG, E.; KRAUSS, R.; WARBURTON, D. (orgs.). *Ancient Egyptian chronology*. Leiden: Brill, 2006.

cassitas, amoritas, hurritas e hititas. O vale do Tigre e Eufrates viu uma cultura amorita crescer e se fortificar durante o Período Paleobabilônico, como comentei anteriormente. Durante as cinco gerações que sucederam o governo de Hammurabi, o império babilônico foi perdendo sua influência, pouco a pouco. Entre c. 1738 e 1720 AEC, quase todas as cidades do sul haviam sido abandonadas, possivelmente resultado de uma migração que saía da parte urbana para os campos em decorrência de uma inundação drástica que mudou o curso do Eufrates para longe das cidades e deixou o solo menos fértil pelo excesso de sal¹⁸². Para Van de Mieroop, essa mudança é menos clara, podendo ter sido consequente de ações contra revoltas, que causaram a migração para o norte e podem ter afetado a infraestrutura das cidades de modo irreparável¹⁸³. Independentemente do caso, o abandono do sul é expressivo e dramático, visto que ali antes havia sido o centro cultural e religioso da Mesopotâmia.

Quando o tataraneto de Hammurabi, Samsu-ditāna, estava no poder, a Babilônia havia perdido seus territórios ao sul e mantinha sua ação no norte, mas Samsu-ditāna não foi um rei conquistador e focou-se na parte interna. A situação política externa não estava assentada e grupos, até então desconhecidos, apareceram na região. A partir de c. 1600 AEC, é impossível entender a Mesopotâmia de forma isolada, sendo necessário incluir a conexão causada pela chegada de novas etnias e os reinos que emergiram ao seu redor – no Egito, Anatólia, Irã e, depois, Europa¹⁸⁴. Em um primeiro momento, vimos surgir os cassitas, um grupo tribal, de origens desconhecidas – provavelmente vindos do Irã, pela cordilheira dos Zagros¹⁸⁵. Em seguida, em c. 1595, atravessando os Tauro, chegaram os hititas, que ocupavam o planalto anatólico desde, pelo menos o terceiro milênio AEC, junto com outros povos de origem indo-europeia. Contudo, “a formação do Estado hitita coincide com a fase paleobabilônica final”¹⁸⁶. Antes dos hititas estruturarem sua civilização, a Anatólia já era um centro de comércio metalúrgico, onde havia uma ocupação assíria durante o reinado de Sargão – esse espaço posteriormente se tornou a capital hitita, chamada de Boğazköy¹⁸⁷.

Os hititas, completamente desconhecidos na Mesopotâmia no século XVII AEC, tinham reis que se orgulhavam das destruições que causavam. Era um povo militar, que saqueava os territórios derrotados e vangloriava-se pelos seus feitos. Eles tinham interesses puramente conquistadores, assim como Sargão, séculos antes. Hattusili (c. 1586 – 1556 AEC) foi um dos

¹⁸² PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 120.

¹⁸³ VAN DE MIEROOP, Marc. *Op. Cit.*, p. 115.

¹⁸⁴ ROUX, Georges. *Op. Cit.*, p. 225.

¹⁸⁵ BIENKOWSKI, Piotr & MILLARD, Alan. *Op. Cit.*, pp. 164 – 165.

¹⁸⁶ LIVERANI, Mario. *Op. Cit.*, 2016, p. 378

¹⁸⁷ ROUX, Georges. *Op. Cit.*, p. 231.

primeiros reis a se destacar: responsável por campanhas na Síria, além das vitórias em batalha, ele aprendeu o cuneiforme durante suas campanhas militares e levou o sistema de escrita para a Hatti, seu reino na Anatólia. Esse rei não parece ter tido intenções de controlar a Síria, tendo voltado pra Hatti após coletar os espólios de guerra. Contudo, Hattusili foi fortemente repreendido pelos hurritas (um grupo étnico que habitava, entre outros espaços, o norte sírio desde o terceiro milênio AEC¹⁸⁸), que se tornaram seus arqui-inimigos. Os hurritas, porém, só se tornaram membros ativos na política mesopotâmica a partir do século XV AEC e, ainda assim, por um curto período de tempo.

Após o governo do hitita Hattusili, seu neto, Mursili (c. 1620 – 1590 AEC), foi responsável por causar um grande impacto na Mesopotâmia. Depois de atacar Alepo, Mursili não voltou diretamente para Hatti, mas continuou com suas conquistas de modo a ameaçar a Babilônia. Não encontrou muita resistência em Terqa, que talvez tenha visto em Mursili a oportunidade de se desvencilhar da Babilônia e tornar-se independente¹⁸⁹. O fato é que, uma vez que Terqa foi conquistada, a Babilônia, pela primeira vez em décadas, se viu diretamente ameaçada por um inimigo igualmente poderoso.

Não sabemos como a batalha aconteceu, mas sabemos, por meio de textos posteriores, que os babilônicos foram derrotados, mesmo tendo o apoio hurrita¹⁹⁰. O rei Samsu-ditâna desapareceu dos registros a partir de então. Talvez ele tenha morrido ou sido exilado da Babilônia. Os hititas, celebrando sua vitória, levaram reféns até Hatti e, entre eles, estavam as estátuas do deus Marduk e sua esposa, Sarpanitum. Como consequência, a Babilônia foi abandonada pelos seus deuses, ficou sem rei, sem proteção divina, órfã e desprotegida após o saque. Deve ter sido um choque para os babilônicos ver inimigos destruírem a cidade, em especial porque

Ninguém vivo poderia ser capaz de lembrar de um tempo em que a Babilônia teria sido conquistada anteriormente. Se o ataque tivesse vindo de um inimigo relativamente local, como os elamitas ou cassitas, o impacto teria sido igualmente devastador, mas pelo menos os vilões seriam familiares. Até então, aparentemente, os hititas, se sequer estivessem presentes no imaginário babilônico, eram um povo provincial e distante, que vivia além das montanhas de cedro e que fornecia prata em troca de tecido e metal¹⁹¹.

A destruição da Babilônia resultou na reversão da situação que durante dois séculos caracterizava a Mesopotâmia e a Síria. Agora, experienciava-se em um vácuo de poder na

¹⁸⁸ SCOVILLE, Priscila. Etnicidade Marginalizada: a Identidade Hurrita. *Hélade: Revista de História Antiga*, v. 3, n. 2, 2017, p. 98. Disponível em: http://www.helade.uff.br/v3n2/helade_v3_n2_scoville.pdf

¹⁸⁹ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, pp. 122-123

¹⁹⁰ VAN DE MIEROOP, Marc. *Op. Cit.*, p. 121.

¹⁹¹ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 125. Tradução da autora.

região, não havia mais um rei que comandasse os territórios e a política se fragmentou. Até mesmo os hititas sofreram consequências: Mursili, ao voltar para casa, foi assassinado por seu cunhado, Hantili (c. 1526 - 1496 AEC), que usurpou o trono, mas acabou também sendo assassinado, gerando problemas na linha sucessória e instabilidade¹⁹². O grupo que conseguiu se aproveitar dessa fragilidade foi o cassita, que entrou e absorveu a cultura babilônica¹⁹³. Entretanto, ainda assim, os momentos que seguiram à queda da Babilônia não nos são muito claros pela falta de documentação – provavelmente, não produzida diante da instabilidade interna. Pesquisadores costumam chamar esse período de “Idade das Trevas”¹⁹⁴.

A concepção de Idade das Trevas carrega um estigma pejorativo pelo imaginário comum, talvez pela ideia criada no Renascimento em cima do período medieval que atribuía um ar caótico àquele momento. Contudo, quando pensamos na Idade das Trevas do século XVI AEC, devemos ter em mente que, apesar de ter havido uma mudança drástica na configuração do mundo mesopotâmico, as cidades não deixaram de existir e a fragmentação política deu espaço para que outros grupos, que já estavam presentes no Oriente Próximo, tivessem a chance de ganhar certa influência política¹⁹⁵.

Quando o mundo conseguiu se estabilizar e a documentação voltou a ser mais abundante, a Babilônia estava sendo governada por uma dinastia cassita, que bebeu da cultura babilônica amorita, adotando sua língua, vestimentas, deuses e celebrações. Foi justamente um rei cassita, chamado Agum-Kakrime (c. 1500 AEC), quem se preocupou em recuperar as estátuas dos deuses babilônicos que haviam sido levadas pelos hititas. Talvez fosse uma forma de reafirmar seu poder e se legitimar diante da população, ou, ainda, Agum-Kakrime realmente acreditasse que a cidade precisasse dos seus deuses para estar protegida. Independentemente do caso, a Babilônia recuperou seus deuses depois de um acordo estabelecido com o rei hitita¹⁹⁶. A partir desse contato, os cassitas começaram a pensar a diplomacia em uma maior escala e os hititas a se atentar às organizações políticas externas, formulando tratados de paz, aliança e juramentos de lealdade. Afinal, o choque causado pela destruição da Babilônia, quase um século antes, também apresentou aos hititas uma realidade completamente nova. Assim como os babilônicos se viam como o centro do mundo¹⁹⁷, os hititas deviam imaginar que a Anatólia era

¹⁹² VAN DE MIEROOP, Marc. *Op. Cit.*, p. 121.

¹⁹³ LIVERANI, Mario. *Op. Cit.*, 2016, p. 355.

¹⁹⁴ O debate sobre a noção de Idade das Trevas e a cronologia pode ser visto em LIVERANI, Mario. *Op. Cit.*, 2016, p. 377; e VAN DE MIEROOP, Marc. *Op. Cit.*, pp. 122-123.

¹⁹⁵ VAN DE MIEROOP, Marc. *Op. Cit.*, p. 124.

¹⁹⁶ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, pp. 126-27.

¹⁹⁷ Como explicitarei no início do capítulo, ver páginas 36-37.

o ponto central, mas de repente se depararam com um reino distante, cheio de riquezas e com o qual eles tinham a chance de aprender (como foi o caso da adoção do cuneiforme). Os dois reinos, então, sabiam da potencialidade do outro e surgiu, nesse contato, o interesse comercial por produtos exóticos. De acordo com um documento de Agum-Kakrime¹⁹⁸, a própria recuperação das estátuas foi tratada como uma vontade dos deuses, que pediram para passar uma temporada em Hatti para estabelecer as relações entre eles¹⁹⁹.

Enquanto os cassitas chegavam na Babilônia e os hititas reestruturavam seus domínios na Anatólia, o norte da Mesopotâmia e da Síria viu os hurritas se agruparem e se fortificarem, gerando um novo reino poderoso governando por descendentes de grupos indo-arianos²⁰⁰: Mitani. Esse reino é uma das consequências das migrações indo-europeias séculos antes. Um desses grupos entrou na Índia, onde desenvolveu uma cultura própria ao se adaptar aos locais. Essa sociedade ficou conhecida como indo-ariana (ou simplesmente ariana) e voltou a se movimentar em direção ao Irã, ao Cáucaso e a Armênia. Os arianos se misturaram muito bem entre diferentes grupos, da união com os hurritas criou-se o reino mitânio. Os hurritas, por sua vez, provavelmente eram originários da Armênia, como apontam os estudos linguísticos que traçam uma relação com o urartu²⁰¹. Contudo, eles nunca estiveram restritos à essa região e em c. 1800 AEC eles eram a maior parte da população de Alalakh. Nomes hurritas também eram vistos em Mari e agruparam-se em Gasur²⁰² (uma cidade ao norte da Mesopotâmia, que eles renomearam para Nuzi²⁰³). Foi no norte da Mesopotâmia que os hurritas finalmente se agruparam no século XV AEC e criaram seu reino, repelindo os hititas, assírios e egípcios para defender suas novas fronteiras.

¹⁹⁸ Ainda há discussão sobre a autoria do texto ser de fato de Agum-Kakrime ou se ele foi escrito posteriormente e apenas atribuído ao seu nome.

¹⁹⁹ FOSTER, Benjamin R. *Before the Muses: an anthology of Akkadian Literature*, v. 1. Maryland: CDL Press, 1996, pp. 274-278.

²⁰⁰ Apesar de população hurrita, a aristocracia mitânica provavelmente foi formada por descendentes de grupos originários da Índia. Essa afirmação se dá pois existem alguns elementos não hurritas envolvidos na elite, como nomes, alguns deuses védicos e o próprio léxico. A teoria mais aceita é de que descendentes de grupos nômades, falantes de uma língua parecida com o sânscrito, chegaram no norte da Síria, vindos pela Ásia central, e unificaram a região em meados do século XVI AEC. Todavia, os governantes não devem ser indo-arianos, pois tinham nomes hurritas antes de assumir o trono e falavam hurrita. É muito provável que os reis se entendessem como hurritas, mas por algum tipo de tradição, mantinham seus nomes de trono relacionados ao sânscrito.

²⁰¹ URARTIAN language. *Encyclopædia Britannica*. 02 de novembro de 2015. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Urartian-language> Para mais, ver: GELB, Ignace J. *Hurrians and Subarians*. Chicago: The University of Chicago Press, 1973.

²⁰² ROUX, Georges. *Op. Cit.*, pp. 234 - 234

²⁰³ Nuzi possui um grande corpus documental que nos ajuda a entender a vida dos hurritas na cidade. Para mais ver: LION, Brigitte. Nuzi, Une Ville Du Monde Hourrite. *HALUKA*, Paris, n.3, 02/1998. Disponível em: http://y.deliyannis.free.fr/hatti/articles.php?id=hlk_3_3

É difícil traçar uma cronologia sobre Mitani, ainda que exista uma tentativa²⁰⁴, porque arqueologicamente não temos documentação suficiente, sequer sabemos onde ficava sua capital, Washukanni. Sem a capital, não possuímos vestígios administrativos ou qualquer fonte oficial – os poucos materiais que temos sobre Mitani foram encontrados no exterior²⁰⁵. Estima-se que o primeiro rei de Mitani tenha sido Kirta (entre c. 1600-1560AEC), mas não há registros sobre ele. O rei mais antigo cujo nome aparece na documentação é Šuttarna I (c. 1560 AEC), conhecido apenas por meio de um selo do período de Šauštatar I (c. 1475 – 1450 AEC)²⁰⁶. O nome mais relevante para pensarmos nesse momento, porém, é Parattarna I (c. 1500 - 1475 AEC). Esse rei foi crucial para a recriação e reestabelecimento do Oriente Próximo.

Enquanto a Babilônia passava por um período obscuro e Hatti seguia com uma sucessão de reis fracos, Mitani conseguiu se formar rapidamente e, com isso, começou a se expandir e dominar territórios ao seu redor. Com Parattarna I, as terras hurritas cresceram. Ele foi um rei guerreiro e conquistador, tendo inclusive enfrentado o Egito de Tothmés I²⁰⁷. Em pouco tempo, Parattarna I, dominou o norte sírio-mesopotâmico e promoveu embates contra Hatti. Seu sucesso pode, em parte, ser resultado de uma nova política de conquista. Ao contrário do costume vigente, após os ataques, os mitânios não recolham os espólios e voltavam sem maiores interesses; pelo contrário, os espaços derrotados por Mitani gozavam de bastante liberdade em troca de lealdade. Era estabelecido um acordo entre os reis, testemunhado pelos deuses, no qual, o subordinado oferecia tributos esporádicos e soldados para campanhas militares em troca de apoio em caso de ataques, confirmação da legitimidade real e inclusão de seus nomes como “filhos” do rei de Mitani²⁰⁸ - em alguns casos, os reis subordinados recebiam

²⁰⁴ MARTINO, Stefano de. **A Tentative Chronology of the Kingdom of Mittani from its Rise to the Reign of Tušratta**. IN: HUNGER, H.; PRUZSINSKY, R. (eds). *Mesopotamian Dark Age Revisited*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2004, pp. 35-42.

²⁰⁵ Em 1986, o Lago Mosul, foi inundado, cobrindo um grande número de sítios arqueológicos que ainda não haviam sido estudados e escavados. Entre eles está o sítio de Kemune, na região do Curdistão, próximo ao Médio Tigre. Desde 2010, pesquisadores alemães e curdos estão estudando e monitorando a região, tendo recuperado fragmentos de tabletes. Contudo, apenas recentemente, em 2018, graças ao baixo nível de água no Lago Mosul, pode-se iniciar uma escavação do palácio do período mitânio, e iniciou-se uma pesquisa arqueológica na região, na qual foi possível recuperar dez tabletes cuneiforme e notar pinturas murais e a arquitetura. Infelizmente, a subsequente cheia no lago atrapalhou as pesquisas. A notícia da descoberta pode ser vista em: UNIVERSITY OF TÜBINGEN. *Archaeologists uncover palace of the Mittani Empire in the Duhok province of the Kurdistan Region/Iraq*. Online. 27 de junho de 2019. Disponível em: <https://uni-tuebingen.de/en/university/news-and-publications/press-releases/press-releases/article/archaeologists-uncover-palace-of-the-mittani-empire-in-the-duhok-province-of-the-kurdistan-region-i/>

²⁰⁶ De acordo com Freu, neste mesmo documento Šuttarna I aparece como “filho de Kirta, rei de Mitani”. FREU, Jacques. *Histoire du Mitanni*. Paris: L’Harmattan, 2003, p. 221.

²⁰⁷ Na documentação egípcia, a primeira vez que se menciona o reino de Mitani, conta-se sobre como as tropas do faraó derrotaram aquele inimigo no norte da Síria, não diz-se o nome do rei mitânio, mas acredita-se que tenha sido Parattarna I.

²⁰⁸ Ser um filho aqui, representa o caráter familiar das relações, assim como havia rei irmãos, havia os filhos. Nessa realidade, acrescentar um membro novo à família era visto como algo bom, não pejorativo.

até mesmo terras como presentes²⁰⁹. Mais adiante, voltarei a falar sobre a importância de Mitani e a nova emergência da Mesopotâmia, entretanto, por hora, é interessante notar que é nesse momento, com Mitani expansiva, Babilônia cassita e Hatti novamente fortificada, que vemos a diplomacia ressurgir, pouco a pouco, em uma realidade completamente diversa.

1.3.2. EGITO

A fragmentação do mundo próximo-oriental no século XVI AEC também é visível no Egito. Como apontei anteriormente, a região estava politicamente fragilizada, passando pelo Segundo Período Intermediário. O próprio termo utilizado para identificar o período já nos sugere essa instabilidade. Isso porque costumamos dividir a história dinástica do Egito em Reinos (Antigo, Médio e Novo), intercalados pelos Períodos Intermediários (sendo três no total). Intermediário porque é aquilo que está entre dois pontos principais – em um sentido bastante desenvolvimentista que coloca a evolução de A para B, cuja intercessão é uma ruptura.

O Reino Médio havia sido um momento próspero, em que a cultura funerária foi democratizada, os contatos comerciais foram intensificados, a arte e a arquitetura alcançaram novos parâmetros, a escrita foi fortemente estimulada e muitos textos literários foram produzidos²¹⁰. É deste período, por exemplo, o conto de Sanehet (Sinuhé, em grego), que narra sobre a trajetória de um alto-oficial egípcio que acompanhava Senusret I (príncipe herdeiro) na Líbia quando o faraó morreu sob estranhas circunstâncias. Por medo de conspirações, o oficial foi viver no deserto da Palestina²¹¹. Essa história nos ajuda a entender a relação que se formava no Egito com o estrangeiro; relação essa que iria tomar novas formas como consequência do contato mais aproximado.

Por muito tempo, apesar de existirem formas de contato, o Egito se manteve relativamente isolado do mundo exterior, protegido pela geografia, com desertos áridos, cortados pelo Nilo e limitados pelo mar Mediterrâneo²¹². Destarte, quando a força política do Reino Médio se fragmentou, o Egito se viu dividido, com mais de um rei coexistindo, entre os

²⁰⁹ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, pp. 160-161.

²¹⁰ CALLENDER, Gae. **The Middle Kingdom Renaissance**. In: SHAW, Ian (org). *The Oxford History of Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University Press, 2003, pp. 166 – 171.

²¹¹ Para mais sobre Sanehet, ver: CARDOSO, Ciro Flamarion. *Sete Olhares Sobre a Antiguidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, pp. 121 – 160; e GALÁN, José Manuel. *Cuatro Viajes en la Literatura del Antiguo Egipto*. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2000, pp. 61 – 128. Disponível em: http://digital.csic.es/bitstream/10261/36807/1/Cuatro_Viajes.pdf

²¹² Ainda assim, são atestadas relações com o Levante desde meados do terceiro milênio AEC, quando o Egito comprava madeira de boa qualidade das florestas de pinho, cedro e cipreste do Líbano.

quais estava uma dinastia de governantes estrangeiros, na região norte – os hicsos²¹³. Não cabe a este trabalho explicar em detalhes a dinâmica do Período, mas é notável que a chegada de grupos externos no Egito aconteça no mesmo momento em que tribos estranhas ingressaram na Mesopotâmia, conforme expliquei anteriormente.

De forma geral, dois grupos prevaleceram durante o Segundo Período Intermediário: as XVII e XVIII dinastias, que governavam em Tebas, e a XV dinastia, que compreendia os hicsos fixados em Avaris (ver mapa 4). Após muitos conflitos, os reis tebanos eventualmente derrotaram os hicsos, e recentralizaram o poder egípcio sob a XVIII dinastia (c. 1539 – 1292 AEC), inaugurando o Reino Novo (c. 1539 – 1077 AEC). Agora, porém, os egípcios estavam cientes de um mundo muito mais ameaçador e as relações com o estrangeiro mudaram drasticamente para garantir sua segurança. Os hicsos, ainda, trouxeram avanços importantes sobre a arte da guerra com novas tecnologias sendo introduzidas ao Egito. Os faraós que seguiram à expulsão dos hicsos decidiram atacar as terras do exterior para combater àqueles que, talvez, pudessem ter intenções de conquistar o Egito. Aos olhos dos primeiros faraós da XVIII dinastia, o isolamento não era mais suficiente e o Egito precisava de um império para se proteger²¹⁴. Esse era o mesmo princípio que vimos nas páginas anteriores durante a época de Mari, com Hammurabi criando um grande poder hegemônico, por meio da guerra, para manter a paz (e tudo isso partindo de um complexo sistema de relações diplomáticas).

Os egípcios aprenderam muito com o período de dominação estrangeira, em especial sobre técnicas e materiais de uso cotidiano, tendo adotado e expandido as práticas comerciais com o Mediterrâneo e o Egeu²¹⁵. Contudo, o caráter mais diferenciado foi a criação de um exército profissional treinado, visto que até então o Egito recrutava camponeses inexperientes quando era necessário²¹⁶.

A entrada do Egito no Reino Novo aconteceu, mais ou menos, no mesmo momento em que os cassitas se fixaram na Babilônia, marcando uma nova configuração para o mundo próximo-oriental. Contudo, a reunificação do Egito que sucedeu a expulsão dos hicsos, não

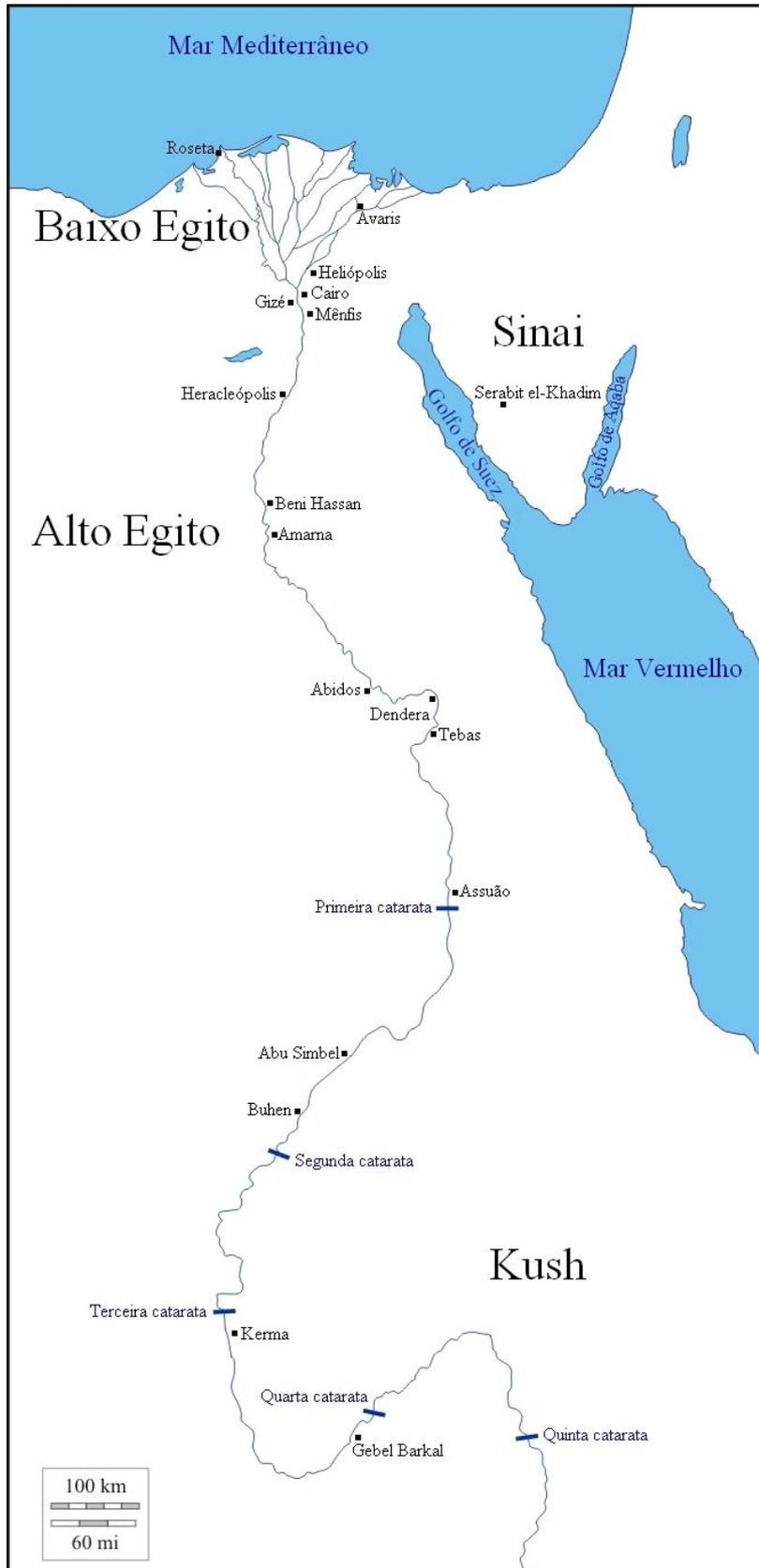
²¹³ O termo “hicsos” é uma adaptação grega sobre o termo egípcio *ḥq3w-ḥswt* (governantes das terras estrangeiras). Segundo Aldred, apesar de por muito tempo a historiografia ter visto os hicsos como invasores, o mais provável é que eles fossem um povo semita, que já tinha estabelecido contatos comerciais com o Egito e foram adentrando e se estabelecendo aos poucos na região. Podany vai adiante e afirma que os hicsos, provavelmente, vinham da região do Levante e tinham alguma relação com os amoritas. ALDRED, Cyril. *Os egípcios*. Editorial Verbo: Lisboa, 1966, p.129; PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 139.

²¹⁴ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 140-141.

²¹⁵ BRYAN, Betsy M. **The 18th Dynasty before the Amarna Period**. In. SHAW, Ian. *Op. Cit.*, p. 208

²¹⁶ SHAW, Ian & NICHOLSON, Paul. *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*. Londres: British Museum Press, 1995, pp. 37-38.

Mapa 4: Antigo Egito



Fonte: SCOVILLE, Priscila. *Op. Cit.*, 2017, p. 99.

significava estabilidade e, por isso, os reis buscavam fortalecer seu poder por meio de campanhas militares e reorganização administrativa. Tais práticas são bastante visíveis nos governos de Ahmose (c. 1539 – 1515 AEC) e Amenhotep I (c. 1514 – 1494 AEC), que buscavam eliminar o perigo mais eminente e voltaram-se para Kush²¹⁷. Entretanto, foi Tothmés I (c. 1493 – 1483 AEC), sucessor de Amenhotep I, quem incluiu o Egito no mundo próximo-oriental e seu desejo por um império resultou, de forma não antecipada, na inserção do Egito em uma comunidade interterritorial poucos anos mais tarde.

Tothmés I promoveu campanhas militares na Núbia e na Síria, onde conheceu inimigos maiores, se deparando com uma região violenta cheia de disputas locais. Não há registros oficiais sobre as expedições na Síria, mas as conhecemos por meio de tumbas de dois soldados egípcios (ambos chamados Ahmose). Em uma delas, o soldado narra a vitória de Tothmés I sobre o rei de Mitani, possivelmente, era Parattarna I. Essa campanha tornou o Egito um reino conhecido e merecedor de atenção. Nasceu ali, também, a inimizade entre Mitani e Egito – os reis hurritas estavam acumulando inimigos, mas cada vez mais fortificados. Tothmés I não promoveu uma ocupação ativa do território que conquistou, mas foi o primeiro faraó a

colocar o Egito diretamente no centro dos assuntos internacionais com seu progresso militar triunfante na Síria até o rio Eufrates – um evento que ele comemorou erguendo uma estela de vitória na margem do rio. Em termos puramente militares, sua conquista foi impressionante. Mas, no que diz respeito as consequências de longo prazo, ele havia abocanhando mais do que ele e seus sucessores poderiam confortavelmente digerir²¹⁸.

Seus feitos não passaram despercebidos e inspiraram muito Tothmés III (c. 1479 – 1425 AEC) às suas conquistas. Tothmés III assumiu o trono ainda muito jovem, após seu pai (Tothmés II) falecer precocemente. Durante sete anos, o jovem rei governou com a corregência da rainha Hatshepsut (c. 1479 – 1458 AEC), sua sogra e madrasta²¹⁹. Após esse período, a rainha se declarou faraó e passou a governar como tal, privilegiando contatos comerciais (que hoje a tornaram famosa pelas expedições em Punt). Anos mais tarde, quando Tothmés III enfim pode reivindicar sua posição de faraó, ele imediatamente iniciou suas investidas no exterior.

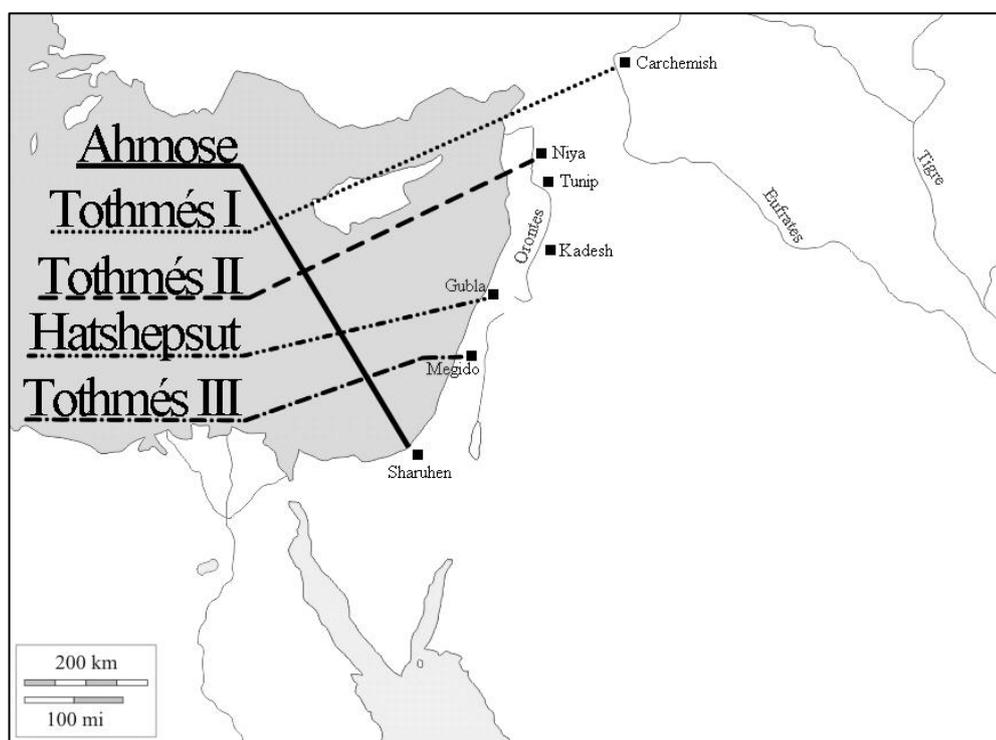
²¹⁷ BRYAN, Betsy M. *Op. Cit.*, pp. 212 - 214.

²¹⁸ BRYCE, Trevor. *Letters of the Great Kings of the Ancient Near East*. The Royal Correspondence of the Late Bronze Age. Londres: Routledge, 2014, p. 21. Tradução da autora.

²¹⁹ De forma simples, a linha sucessória do Egito do início do Reino Novo segue com: Ahmose, o primeiro faraó da dinastia, não teve filhos e após sua morte seu cunhado (Amenhotep I) assumiu o trono. Os dois únicos filhos que Amenhotep I teve com sua esposa real, faleceram antes do pai, obrigando, então, com que a sua filha (Hatshepsut), casasse-se com seu filho de outra esposa (Tothmés II). Tothmés II morreu sem ter filhos homens, então casou sua única filha mulher com Tothmés III, um filho de outra esposa, sem conexão com a família real.

Foram um total de 17 campanhas militares²²⁰, expandindo a área de influência egípcia cerca de 600 km ao sul e mais 600 km ao norte²²¹.

Mapa 5: Investidas egípcias no início do Reino Novo.



Fonte: SCOVILLE, Priscila. *Op. Cit.*, 2017, p. 110.

A primeira campanha militar de Tothmés III já foi bem-sucedida e garantiu uma posição privilegiada ao Egito. Aparentemente, Kadesh estava unindo forças para um ataque ao Egito. Era necessário reprimir qualquer forma de rebelião, os egípcios não deveriam gostar da sensação de *dejà vu* que colocaria um novo rei estrangeiro no poder. Assim, dez mil homens marcharam pelo Sinai até Canaã, enfrentando o calor e os trajetos perigosos. A vitória de Tothmés III vem como consequência de um longo cerco em Megido, a cidade mais importante do centro palestino. Com essa conquista, o Egito tinha controle sobre rotas comerciais para o leste e para o norte²²². Tothmés III não encerrou suas conquistas por aí, ele continuou buscando

²²⁰ COHEN, Raymond & WESTBROOK, Raymond (org). *Op. Cit.*, p. 6.

²²¹ De acordo com o pesquisador Fábio Frizzo, durante o governo de Tothmés III, a área de ocupação egípcia teria alcançado até a quarta catarata do Nilo, mas há o registro da presença de egípcios entre as quarta e quinta cataratas. FRIZZO, Fábio. *Estado, Império e Exploração Econômica no Egito do Reino Novo*. 2016, 401 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, Niterói, 2016. p. 170.

A expansão territorial também é atestada em ALDRED, Cyril, *Op. Cit.*, p. 136 e DODSON, Aidan. *Amarna Sunset: Nefertiti, Tutankhamun, Ay, Horemheb, and the Egyptian Counter-Reformation*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2009, p. 1.

²²² SPALINGER, Anthony J. *War in Ancient Egypt*. Oxford: Blackwell, 2005, pp. 83 – 84.

mais influência até chegar ao Eufrates, indo de encontro direto com Mitani, atingindo o mesmo ponto que Tothmés I havia alcançado.

O primeiro confronto com Mitani, promovido por Tothmés III, resultou em contatos com a Babilônia, Hatti e Assíria. Os três reinos, vendo-se ameaçados pelo rápido crescimento de Mitani, enviaram cartas e presentes ao Egito. Essas correspondências podem ter sido uma forma de demonstrar amizade e evitar que o faraó os invadisse, mas, provavelmente, eram um modo de declarar aliança contra um inimigo comum²²³, conforme era o costume mesopotâmico.

Tothmés III nunca promoveu expedições para a Mesopotâmia ou para a Anatólia, é possível que, para ele, essas terras fossem os confins do mundo que enviavam presentes para reconhecer o poder do faraó. Talvez, Tothmés III não soubesse o tamanho e a grandiosidade que esses territórios ofereciam. Contudo, os mensageiros que chegaram ao Egito, agora conheciam o esplendor das terras nilóticas – eles deviam estar chocados e maravilhados com os obeliscos, as pirâmides, a esfinge, o templo de Karnak e a quantidade de ouro. Afinal, em um mundo construído com argila e barro, uma realidade cercada por grandes monumentos deveria ser impressionante.

Por volta do 42º ano de reinado, Tothmés III perdeu o interesse militar, focando-se em reescrever a história do Egito, convertendo as construções de Hatshepsut para si ou seu filho, Amenhotep II, talvez, para estabelecer a linha sucessória. Mitani, por sua vez, se viu livre para reconquistar espaços no norte da Síria. Não sabemos afirmar qual rei mitânio enfrentou Tothmés III, mas, provavelmente, tenha sido Šauštatar II (c. 1435 – 1410 AEC) - um rei que, sem muita resistência, pode estabelecer o império de Mitani, graças à uma política agressiva e às estratégias de conquista e subordinação²²⁴.

É nesse ponto que essa história fica (mais) interessante. Os embates diretos entre potências vão se tornando cada vez mais raros. A Babilônia conseguiu manter-se relativamente bem no Médio Eufrates; Hatti teve mais estabilidade dentro de seu território; o Egito definiu suas fronteiras e zona de influência na Síria; e Mitani incorporou a Assíria e legitimou seu

²²³ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 149.

²²⁴ Conforme apontei anteriormente, Mitani oferecia motivos para que seus territórios conquistados tivessem interesse em manter-se subjugados, por meio de oferecimento de segurança e presentes por bom comportamento. O Egito, contudo, não tinha essa visão. Existia uma noção de superioridade em relação ao estrangeiro, por isso, ao representar o caos, usavam imagens de estrangeiros – eles eram *Isfet*, uma força violenta dos confins do mundo que acabaria com a ordem. Naturalmente, a relação com um vassalo era algo unilateral. Os reis egípcios não faziam um juramento, apenas exigiam que seu vassalo promettesse lealdade. Somente com o governo de Tothmés III começou-se a reparar nesses costumes e aprender um pouco sobre os costumes mesopotâmicos, mas Mitani foi mais efetiva.

espaço no norte sírio e mesopotâmico. É claro, disputas nas zonas fronteiriças continuaram acontecendo, mas de modo geral, o Oriente Próximo estava novamente configurado.

No Egito, os sucessores de Tothmés III, Amenhotep II (c. 1425 – 1400 AEC) e Tothmés IV (c. 1400 – 1390 AEC), respectivamente, tiveram um governo muito menos militarizado e mais focado em estabelecer bons contatos. Durante o reinado de Amenhotep II, a iconografia de Mitani muda: eles não são mais tratados como inimigos, mas aliados; como é possível perceber por meio de uma estela, em Mênfis, na qual o faraó declarou que recebeu presentes de Hatti, Nahrin (Mitani) e Sangar (Babilônia)²²⁵. Tothmés IV, por sua vez, participou de uma longa negociação de casamento diplomático²²⁶. Fica claro que as alianças voltaram a se formar, cartas e presentes novamente estavam sendo trocados. Pouco a pouco, os termos igualitários que definiram as Eras de Ebla e Mari estavam sendo retomados e reformatados.

1.4. O FIM: AMARNA (c. 1400 – 1300 AEC)

Diante de todo o cenário descrito no decorrer desse capítulo, é notável o movimento da diplomacia até chegar em um último momento. Ao falar em “fim”, não pretendo dizer que ao final desse período a diplomacia deixou de existir. Pelo contrário, prefiro retomar o título norteador do capítulo “o surgimento de uma fraternidade”. Amarna representa o início da diplomacia do mundo, mas ela não apareceu de um dia para o outro. Foram necessários séculos de contato externo, acordos e tratados para que a Era de Amarna nascesse como um sistema estruturado. Como afirmam Cohen e Westbrook, o Sistema de Amarna não foi “o início das relações internacionais, nem um beco sem saída, mas, emprestando uma frase churchilliana, ele foi o fim do começo”²²⁷. As cartas do sistema amarniano representam uma tradição desenvolvida ao longo dos séculos, que serve como uma forma de comunicação entre os reinos distantes, com uma língua franca (acadiano) e convenções que guiavam e controlavam a conduta dos vizinhos sem necessariamente, entrar em guerra. É nessa época que vemos, pela primeira vez, as potências do mundo próximo-oriental (do Mediterrâneo ao Golfo Pérsico) interagindo com mecanismos de manutenção da política interconectada e um regime diplomático.

O que caracteriza a diplomacia amarniana não é sua expansão ou intensidade, uma vez que, como aponta Liverani, nada disso é inédito, mas ela é marcada pela vertebralização das

²²⁵ BRYAN, Betsy M. *Op. Cit.*, p. 245.

²²⁶ Carta EA29.

²²⁷ COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond. *Op. Cit.*, p. 11. Tradução da autora

relações em um sistema que abrangia a região e possibilitava uma hierarquia em unidades regionais de igual poder para manter o *status quo*²²⁸. Por isso, é equivocado tratar Amarna como a primeira evidência de diplomacia no mundo (como assume-se em alguns momentos). Foram séculos de interação entre diferentes reinos do Oriente Próximo que serviram de base para o sistema que surgiu no final do Segundo Milênio. Amarna, por outro lado, é o primeiro vestígio da antiguidade próximo-oriental referente à diplomacia a ser encontrado, em 1887²²⁹.

Os principais documentos que trazem à luz esse regime são as Cartas de Amarna: um conjunto de 350 correspondências (mais 32 tabletas escolares) encontradas no Egito, na cidade de Tell El-Amarna (antiga Akhetaton), em 1887. Essas cartas apontam a interação do Egito com os territórios ao seu redor, seja um vassalo sírio ou uma potência estrangeira (mapa 6), seguindo parâmetros muito parecidos (apesar de agora estarem mais estruturados) com os de período anteriores. Os Grande Reinos (Assíria²³⁰, Babilônia, Egito, Hatti e Mitani) seguiam com a ideia de fraternidade, sendo irmãos uns dos outros e com poderes iguais, jurados diante dos deuses. Não é coincidência que esse período da Idade do Bronze Tardia nos dê um gostinho de globalização, sendo marcado pela grande circulação de bens, técnicas e padrões artísticos. Os reis que agiram, por meio da diplomacia, para essa manutenção de poder, estavam vivendo um equilíbrio de poder, uniformemente distribuído para que nenhum pudesse buscar uma unificação universal. Assim, apesar da grande circulação de pessoas, objetos e ideias, esse momento de “Equilíbrio de Poder” é um momento estático entre duas fases dinâmicas²³¹ (a expansão de Hammurabi e o colapso da Era do Bronze).

Antes de continuar, contudo, gostaria de frisar que, ao escrever sobre a Era de Amarna, refiro-me a esse contexto diplomático, cuja documentação selecionada por mim data dos períodos de Amenhotep III (c. 1390 – 1353 AEC) e Akhenaton (c. 1353 – 1336 AEC)²³². Assim, não faço referência ao Período de Amarna, iniciado por Akhenaton, que representa uma mudança nos modos de vida e culto dentro do Egito. É verdade que os momentos se confundem,

²²⁸ LIVERANI, Mario. *Op. cit.*, 2003, p. 25.

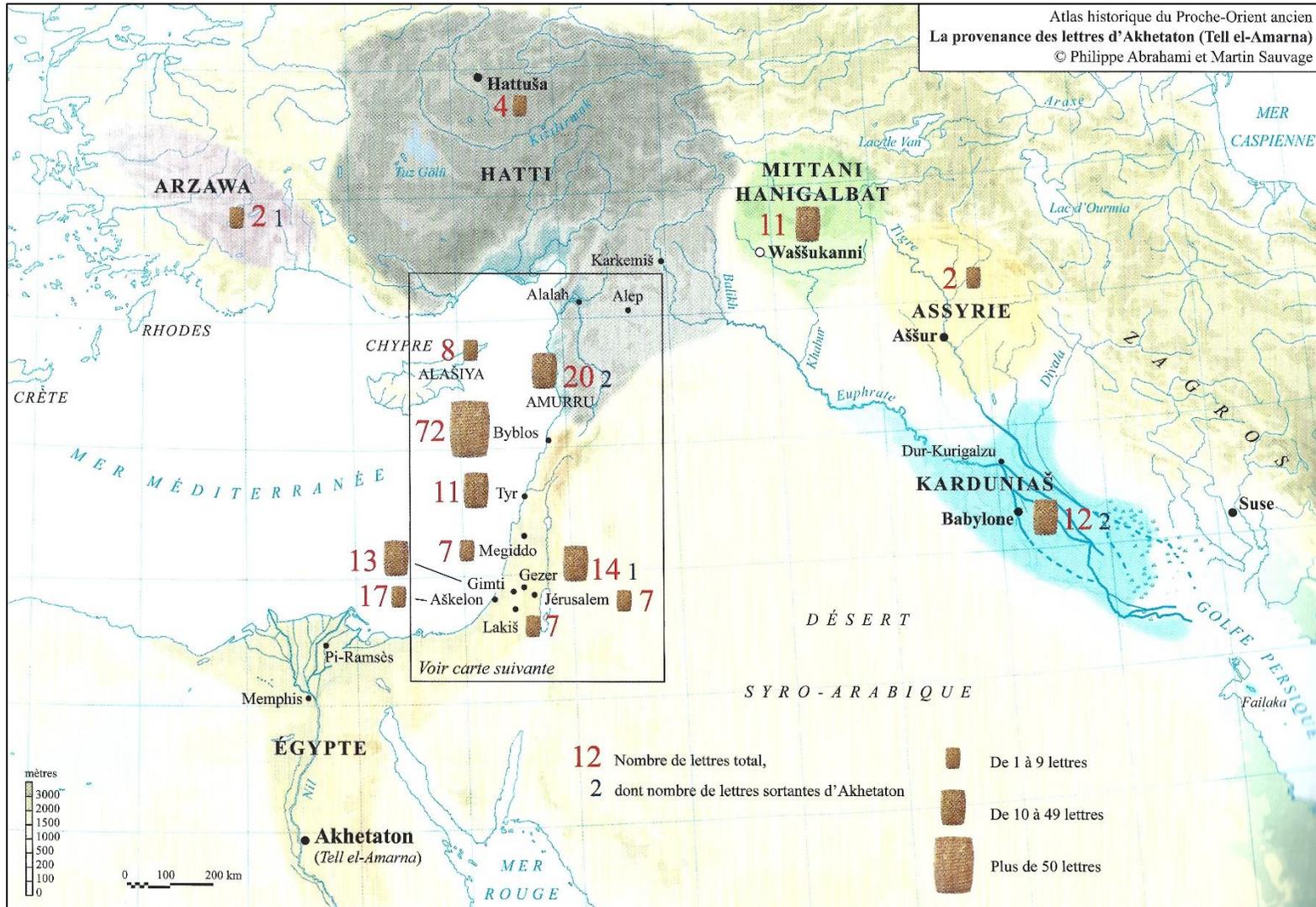
²²⁹ Os arquivos de Mari foram encontrados em 1933-1939, os de Ebla em 1975. Até mesmo a documentação de Boğazköy, que se refere ao mesmo sistema de Amarna, foi escavada em 1906-1907.

²³⁰ Apesar de eu estar incluindo a Assíria nesse contexto, é importante ter em mente que o território havia acabado de se desvencilhar do poder de Mitani e da Babilônia. Os reis assírios diziam-se iguais e irmãos aos outros, mas isso ainda era assunto de debates – pelo menos, na documentação amarniana.

²³¹ LIVERANI, Mario. *Op. cit.*, 2003, pp. 25 - 26.

²³² Há, ainda, um terceiro rei, cujo nome não sabemos especificar, podendo ser Semenkhkare ou Tutankhamon.

Mapa 6: A origem das cartas de Akhetaton (Tell el-Amarna).



Fonte: SAUVAGE, Martin (dir.). *Op. Cit.*, p. 94

mas a título de investigação, volto-me especificamente ao caráter diplomático – afinal, meu estudo diz respeito ao sistema como um todo, que inclui, mas não se restringe ao Egito em si.

No próximo capítulo, explicarei sobre o sistema, seu contexto, sua estrutura e o conjunto de cartas de Amarna. Isso porque minha análise parte deste momento e acredito que é necessária uma explicação mais palpável do que eu poderia oferecer aqui. Contudo, ressalto que foi graças aos reis desde Irkab-damu e Hammurabi que Amarna pode florescer. Esse novo sistema foi resultado de um desenvolvimento orgânico, que elencou elementos sírio-mesopotâmicos em um mecanismo de comunicação interterritorial, com circunstâncias multipolares e policulturais que atravessavam barreiras de distância, linguagem, cultura e tradições políticas²³³. Talvez, assim como os reis do século XIV AEC, nós possamos aprender muito com os reis antigos que traçaram os caminhos da diplomacia.

²³³ COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond. *Op. Cit.*, pp. 11 – 12.

2. O MUNDO PRÓXIMO-ORIENTAL NA ERA DE AMARNA

*Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.*

Carlos Drummond de Andrade

Sabemos que o Sistema de Amarna apareceu em resposta à organização do mundo sírio-mesopotâmico diante de conflitos e negociações, como apontei no decorrer do capítulo anterior. Após séculos de estruturação, a diplomacia se transformou, deixando de ser um acessório de guerra para se configurar em um mecanismo de manutenção do *status quo* e de aquisição de bens. O mundo mesopotâmico havia se remodelado, os reinos distantes estavam mais interligados por meio do contato mais facilitado e intenso. Nessa perspectiva, Síria e Mesopotâmia deveriam parecer ser terras muito mais próximas do que elas aparentavam nos tempos descritos nos arquivos de Ebla e Mari.

2.1. ERA DE AMARNA: OS PRIMEIROS PASSOS

A entrada da Mesopotâmia na Idade das Trevas reconfigurou a estrutura próximo-oriental como um todo. A região do Levante viu a circulação de comerciantes diminuir, ainda que o contato com outros territórios não tenha cessado completamente e promovesse trocas entre o nordeste africano e o Egeu. O Egito do Reino Médio havia atraído imigrantes de locais diversos (da Síria, de Creta e da África), contudo, a região do Delta acabou por se tornar uma extensão cultural de Canaã²³⁴. Assim, os faraós perderam o controle do norte e se estabeleceram em Tebas. Como abordei no capítulo anterior, o Segundo Período Intermediário do Egito foi marcado pela fragmentação política e três espaços eventualmente se sobressaíram: Avaris (com controle hicsu), Tebas (capital dos egípcios) e Kush (ao sul, que já havia sido conquistada pelos faraós, mas que agora via uma oportunidade de buscar mais independência). Para o Egito, a perda do norte e do sul significava perder, também, muitos recursos naturais (como o ouro, que vinha de Kush), os portos que garantiam o contato com o Mediterrâneo e as rotas para o Sinai (ambos controlados por Avaris). Kush e os hicsos, porém, mantinham seus contatos usando caminhos por oásis no deserto e isolando e encurralando Tebas. Os detalhes de como o Egito

²³⁴ COLLINS, Paul. *From Egypt to Babylon*. The international Age 1500 – 500 BCE. Cambridge: Harvard University Press, 2008, p. 17.

conseguiu sair desse monto de fraqueza já foram explicados²³⁵, por isso, basta dizer que, paulatinamente, os tebanos conseguiram retomar sua força e reconquistaram o norte e o sul. A expulsão dos hicsos com a subsequente repreensão de suas bases militares na Síria impulsionaram campanhas que consolidaram a força dos primeiros reis do Reino Novo egípcio. Com as investidas na Síria, a economia do Egito voltou a se fortificar e seu prestígio cresceu rapidamente.

Esses movimentos de reorganização também aconteciam na Mesopotâmia e na Anatólia. Os hititas, sob o governo de Hattusili I estabeleceram sua predominância derrotando grupos tribais no norte da Anatólia, atravessando os Montes Tauro para pilhar Alalakh no norte sírio e, por fim, demonstrar sua força para Arzawa, ao oeste. Na mesma época os hurritas organizavam-se no emergente reino de Mitani, sendo responsáveis por ataques ao sudeste das fronteiras hititas – como consequência, todos esses territórios rebelaram-se contra Hatti²³⁶. Ali nascia a inimizade entre hititas e hurritas (um conflito que só seria solucionado séculos mais tarde, com o colapso de Mitani).

Durante o reinado de Parattarna, Mitani estabeleceu seus domínios entre as planícies sírias e o norte da Mesopotâmia, criando alianças baseadas no juramento de lealdade dos reis derrotados, como já demonstrei no capítulo anterior²³⁷. Um desses casos é o de Idrimi, um descendente do antigo reino de Yamhad, que precisou se refugiar após os ataques hititas na região. Anos mais tarde, Idrimi voltou para o norte enviando uma mensagem e presentes a Parattarna, nos mesmos moldes que a diplomacia estabelecia. Idrimi foi escolhido para governar Alalakh como subordinado de Mitani²³⁸. O exemplo de Idrimi nos serve para entender o diferencial da política mitânica: ela não se resumia à conquista e pilhagem, mas estabelecia um controle efetivo que garantia certa independência aos reis locais. O caso de Idrimi ainda serve para percebermos que, mesmo sendo subordinado, ele tinha autonomia para tomar certas decisões no âmbito militar (tendo promovido ataques aos hititas) e diplomáticas (aliando-se com Kizzuwatna)²³⁹, desde que concordasse com as motivações de Parattarna. O poder de Mitani, assim, cresceu rápido e de modo eficaz. Na Anatólia, os hititas precisaram se reestruturar e emergiram, em especial, durante o reinado de Telepinu, responsável por redefinir as fronteiras de Hatti.

²³⁵ Ver capítulo 1, tópico 1.3.2 Egito.

²³⁶ COLLINS, Paul. *Op. Cit.*, pp. 22-23.

²³⁷ Ver capítulo 1, tópico 1.3.1. Mesopotâmia.

²³⁸ Essa história está narrada na famosa estátua de Idrimi, hoje no British Museum sob número 130738.

²³⁹ COLLINS, Paul. *Op. Cit.*, p. 33.

Por fim, o sul mesopotâmico passou a ter influência cassita. Este grupo emergiu no vácuo de poder deixado pelo saque hitita da Babilônia anos antes e, assim, conseguiu estabelecer sua autoridade nas regiões da antiga Suméria e se firmar, principalmente, após a recuperação das estátuas de Marduk e sua contraparte, que haviam sido levadas para Hatti. Deste modo, os Grandes Reis²⁴⁰ emergiram no Egito, na Mesopotâmia e na Anatólia, controlando os territórios menores ao seu redor e remodelando a estrutura próximo-oriental.

O vale do Nilo, que antes mantinha-se alheio à dinâmica sírio-mesopotâmica, foi colocado nessa equação, em muito, graças a Tothmés III. Suas ações, como apontei anteriormente, foram capazes de alcançar o Levante e criar um impacto poderoso. Alguns reis começaram a criar laços com o Egito, ainda que de forma singela. Os sucessores de Tothmés III se viram diante de um mundo completamente diferente daquele com o qual os egípcios estavam acostumados. A XVIII dinastia egípcia havia fundado o Reino Novo com base na guerra, enaltecendo a força dos seus faraós. Talvez por isso, Amenhotep II, ao assumir o trono, tenha sido enfático em suas representações atléticas e militares. Ele promoveu duas campanhas na Síria que, de acordo com os registros, foram bastante violentas. A primeira delas resultou na morte de sete príncipes sírios, que tiveram seus corpos expostos na Núbia e no Egito²⁴¹. Tal atitude pode ser entendida como um símbolo de poder, principalmente, pelo impacto do envio de um dos príncipes até a Núbia. A mensagem era clara: aquele seria o fim dos que se voltassem contra o rei do Egito.

O clima de guerra e a aura militar que envolviam os faraós nesse momento explicam essas representações enfáticas de Amenhotep II, ainda que não sejam o único motivo. Ele se orgulhava de seu perfil atlético, dominando a arquearia, a corrida, a cavalaria, entre outros; algumas inscrições dizem, até mesmo, que o faraó tinha força sobre-humana²⁴² (ou, ao menos, era como Amenhotep II queria ser visto). O imaginário construído por e sobre ele, como um ser superior a todos os outros, não o faz parecer um bom candidato à diplomacia – mas as aparências enganam. Amenhotep II foi o responsável por levar ao Egito um sistema de alianças que garantiam a estabilidade dos territórios. Afinal, apesar de narrar campanhas militares e guerras, apenas duas expedições foram necessárias durante os 25 anos de seu governo (a primeira no ano 7 e a segunda no 9). Isso significa que, após o nono ano, mesmo com referências hostis, os conflitos haviam sido solucionados e, portanto, a maior parte de seu reinado foi relativamente tranquila. É importante lembrarmos que as disputas que aconteciam nesse

²⁴⁰ Reis hegemônicos e independentes.

²⁴¹ BRYAN, Betsy. *Op. Cit.*, pp. 244 - 245; SPALINGER, Anthony J. *Op. Cit.*, pp. 140 - 145.

²⁴² PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, pp. 163 - 164.

momento se davam entre Egito e Mitani, conforme apontei no capítulo anterior - e, uma vez que se encontrou uma solução para as desavenças entre egípcios e mitânios, as novas formulações de paz começaram a se moldar.

Infelizmente, não temos uma documentação que nos permita visualizar o modo como esses primeiros contatos em busca da paz aconteceram, mas podemos fazer algumas suposições. A primeira delas é baseada na cronologia: Šauštatar II era o rei mitânio contemporâneo de Amenhotep II. Nas inscrições reais de Amenhotep II, em Mênfis, o faraó aponta que recebeu presentes dos reinos distantes de Hatti, Babilônia e Mitani. Os dois primeiros não apresentam novidade, pois, como apontei no capítulo anterior, Tothmés III já havia recebido comitivas desses reinos; a presença de Mitani, porém, era inédita.

Naquele momento, o chefe de Nahrin (Mitani), o chefe de Hatti e o chefe de Sangar (Babilônia) ouviram sobre as grandes vitórias conquistadas por sua majestade. Cada um deles tentou superar sua contraparte com presentes de todas as terras estrangeiras. Eles clamaram em nome de seus antepassados para implorar para Sua Majestade para poupar suas vidas. “Nós enviaremos nossas taxas para o seu palácio, Filho de Rá, Amenhotep, governante divino de Heliópolis, rei dos reis [...]”²⁴³.

Percebemos, por meio dessa inscrição, que Amenhotep II não assumiu uma postura igualitária para representar esses novos laços de amizade dentro do Egito, pelo contrário, ele atribuiu os presentes às suas conquistas, como se os demais reis estivessem reconhecendo o seu poder – e isso fica claro com a expressão “rei dos reis”. Certamente, Amenhotep II entendia como era o funcionamento de um acordo diplomático e enviou presentes para Šauštatar II em concordância com sua mensagem, mas isso não significa que a população interna deveria saber sobre esse acordo²⁴⁴. E sabemos que foi um acordo, pois Amenhotep II não enviou novas expedições militares para conter ou dominar seus inimigos – tampouco os demais reinos repreenderam a postura de Amenhotep II, o que nos mostra a concordância envolvida na situação.

Outra suposição, que é possível fazer a partir disso, é a de que foi Šauštatar II quem procurou Amenhotep II para estabelecer a diplomacia. Isso porque toda a aliança foi forjada nos moldes sírio-mesopotâmicos que, até então, não eram conhecidos pelos egípcios. Ademais,

²⁴³ HOFFMEIER, James K., “**The Memphis and Karnak Stelae of Amenhotep II (2.3)**”. In: HALLO, William; JUNGER, K. *Context of Scripture*, v. 2. Leiden: Brill, 2003, p. 22. Tradução da autora.

²⁴⁴ Uma postura parecida com essa é a de Ramsés II que, anos mais tarde, vai representar a batalha de Kadesh como uma grande vitória egípcia, quando, na verdade, ela havia terminado com um acordo de paz. Essa forma de representação vitoriosa gravada nos templos e tumbas reais, respondem ao próprio entendimento da escrita e da verdade egípcia, que mergulha no debate da memória: a escrita é sagrada e as palavras que são gravadas se tornam verdadeiras na medida em que elas serão memoradas, celebradas e lembradas. Um debate mais aprofundado sobre isso pode ser visto em minha dissertação de mestrado, no primeiro capítulo. SCOVILLE, Priscila. *Op. Cit.*, 2017, pp. 31-39.

conseguimos supor algumas motivações para que Šauštatar II propusesse a paz entre os dois territórios. Em primeiro lugar, temos a agressividade de Amenhotep II no exterior, como já apontei; essa tática (que não havia sido usada anteriormente²⁴⁵) criava medo em seus inimigos e na população de modo geral, fazendo com que as cidades sírias jurassem e se mantivessem leais ao faraó²⁴⁶. Se isso se intensificasse, era possível que Šauštatar II precisasse confrontar as forças egípcias em duas frentes. Ademais, Hatti, após um longo período de instabilidade, estava reconquistando territórios nas fronteiras de Mitani e reestabelecendo seu predomínio em rotas no norte sírio. Isso significa que a inimizade entre os dois reinos voltou a se intensificar e, talvez, a expansão egípcia pudesse ser usada em favor dos mitânios, ameaçando os hititas.

Considerando esses pontos levantados, parece ser mais lógico buscar uma aliança com o Egito do que continuar os enfrentamentos. Afinal, as terras do Egito eram muito distantes, não haveria uma guerra naquele território – portanto, as batalhas seriam apenas para destruir as cidades de Mitani e isso não traria nenhum benefício. A melhor forma de ter acesso às riquezas do Egito era o ter como aliado – uma conclusão bastante realista, visto que as alianças já eram uma prática comum há séculos na região sírio-mesopotâmica. Somando-se a isso, criava-se a expectativa de apoio econômico e militar do Egito para enfrentar os hititas, em caso de necessidade. Essas considerações, como aponta Bryce, devem ter atravessado os pensamentos do rei mitânio²⁴⁷ e ele, certamente, sabia que uma aliança exige que haja um acordo satisfatório para ambos os lados.

O processo de negociação, provavelmente, demorou anos e deveria ser especialmente complicado para o Egito. Isso porque, além de não estar familiarizado com os costumes e com a língua, deve ter sido difícil para o faraó compreender o conceito de *irmão*, que vinha ligado às correspondências. A irmandade era o ponto de partida para se estabelecer a alianças e os reis precisavam se tratar e se entender como iguais para que o sistema desse certo. Como, pelo menos até hoje, não foram encontradas as cartas que tratavam sobre essa negociação, não é possível saber como que Amenhotep II recebeu essa proposta e se a aceitou – não há nenhum registro de que tenha o feito e, a julgar pelas suas inscrições reais, ele não deixou de se enxergar e representar como superior aos demais reis do Oriente Próximo.

Ainda assim, Podany defende que Amenhotep II acabou cedendo. Para ela, a escrita acadiana foi um fator importante para isso: uma vez que os egípcios não entendiam o que havia

²⁴⁵ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 169.

²⁴⁶ Manter-se leal, porém, não é necessariamente verdadeiro nos anos subsequentes (e talvez nem mesmo nessa época). Durante os governos de Amenhotep III e Akhenaton, podemos encontrar cartas dos territórios do Levante que apontam traição e a ruptura dessa lealdade, como é o caso de Amurru.

²⁴⁷ BRYCE, Trevor. *Op. Cit.*, 2014a, pp. 37 – 38.

sido escrito, as expressões a respeito de “irmandade” e “fraternidade” poderiam ser passadas internamente como um reconhecimento do poder faraônico pelos outros reis (como descrito na inscrição citada acima). Os egípcios não precisavam saber que outros presentes foram enviados em troca dos que foram recebidos²⁴⁸. A possibilidade de um novo casamento diplomático²⁴⁹ era, igualmente, uma forma de atestar seu poder (na visão egípcia, receber uma noiva era um sinal de força do rei, como apontarei mais adiante²⁵⁰) e traria benefícios econômicos, já que a noiva carregava um grandioso dote consigo por ser uma princesa. Aceitar uma aliança com Mitani era uma estratégia econômica, pois haveria troca de bens luxuosos e Mitani tinha acesso a dois itens particularmente interessantes: o lápis-lazúli e os cavalos²⁵¹. Riqueza e esposas estrangeiras chegariam no Egito com regularidade em troca de ouro. No balanço final, custaria muito menos do que uma guerra, mas ainda tinha o potencial de trazer os louros da vitória.

Outra questão debatida, certamente, foi o estabelecimento das fronteiras. Mitani precisou abrir mão de boa parte da costa Síria, tendo domínio apenas do interior e das cidades ao norte de Ugarit; o Egito, em contrapartida, conseguiu manter seu acesso ao longo da costa do Mediterrâneo. Mesmo perdendo o litoral, Mitani via vantagem na ocupação egípcia, já que dividia o território entre esses dois reinos, excluindo a influência de Hatti na região. Ao contrário de Podany, Bryan e Collins acreditam que o acordo apenas se efetivou durante o reinado de Tothmés IV e de Artatama, sucessores de Amenhotep II e Šauštatar II, respectivamente²⁵². A afirmação faz sentido, considerando que é Tothmés IV, e não Amenhotep II, quem aparece mencionado por Tušratta na carta EA29²⁵³, ao retomar relações anteriores. Segundo a correspondência, Tothmés VI casou com uma filha de Artatama e oficializou a aliança.

Independentemente do caso, havendo ou não um casamento diplomático anterior, o contato entre Egito e Mitani durante todo o processo, deve ter inspirado os hititas a também estabelecer uma relação formal de amizade com os faraós. Nesse momento, a Assíria estava sob domínio de Mitani e os líderes assírios não deviam enxergar a aliança de egípcios e mitânios com bons olhos, já que isso fortificava, ainda mais, o poder daqueles que os dominaram. A Babilônia, por sua vez, era o único dos Grandes Poderes que não havia estabelecido acordos de

²⁴⁸ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, pp. 178 – 179.

²⁴⁹ Tothmés III já havia tido esposas estrangeiras.

²⁵⁰ Ver a partir da página 105.

²⁵¹ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, pp. 176 – 177.

²⁵² BRYCE, Trevor. *Op. Cit.*, 2014a, p. 38; COLLINS, Paul. *Op. Cit.*, p. 49.

²⁵³ Essa carta, escrita por Tušratta para Akhenaton, faz parte do conjunto de Amarna que será analisado nessa tese. Explicarei sobre a sigla e organização dessa documentação mais adiante nesse capítulo.

fronteira com algum outro (apenas com a Assíria, antes dela cair nas mãos mitânicas). Temos, enfim, um panorama se formando. Cada vez mais, os reis do Egito, Mitani e Babilônia se correspondiam e buscavam reforçar a ideia de uma família estendida²⁵⁴. Os reis estavam, pouco a pouco, entrando em uma relação amistosa,

em princípio, não como resultado de idealismo ou compromisso com a paz, mas porque, pragmaticamente, a paz lhes caía bem. Eles poderiam enriquecer e ficar mais confortáveis como aliados do que como inimigos e cada rei poderia usar o acordo para vantagem própria ao apresentá-lo ao seu povo²⁵⁵.

Infelizmente, os documentos desses períodos formativos do sistema não foram encontrados, mas existe um grande conjunto de correspondências que permite-nos entender seu funcionamento: as Carta de Amarna. Além delas, existem documentações hititas²⁵⁶ que atestam a presença desse sistema no período um pouco posterior ao do fim da documentação amarniana. Graças a essas fontes, sabemos que uma vez que os acordos foram estabelecidos, o sistema diplomático de Amarna se intensificou e se manteve por, pelo menos, 200 anos, com mecanismos de resolução de conflito que garantiram com que guerras entre essas cinco potências próximo-orientais fossem raras. De forma geral, o sistema funcionou muito bem como um mantenedor da paz – ainda que as discussões sejam muitas. Os governantes chamavam-se de irmãos e auto intitulavam-se “Grande Rei”, como se pertencessem a um seletor “Clube dos Grandes Poderes”, com igualdade de poder, responsabilidades e privilégios definidos²⁵⁷, como veremos adiante.

2.2. O ORIENTE PRÓXIMO EM CONTATO

Acredito ser importante considerar que, apesar deste trabalho pensar as relações interterritoriais por meio das Cartas de Amarna (que serão apresentadas no próximo tópico), o mundo próximo-oriental era composto por mais do que apenas os reinos apresentados nessa documentação. Elam, certamente, também poderia ter sido incluído entre os Grandes Reinos, por ter uma grande área hegemônica e de ação no leste da Mesopotâmia. O contato comercial abrangia territórios desde o extremo oriente ao sul europeu (mapas 7 e 8) e acontecia desde antes da invenção da escrita – os materiais circulavam longas distâncias e, ao alcançar um destino, é provável que não se soubesse qual havia sido sua origem.

²⁵⁴ COLLINS, Paul. *Op. Cit.*, pp. 49-50

²⁵⁵ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 179. Tradução da autora.

²⁵⁶ Alguns documentos podem ser encontrados, em inglês, em BECKMAN, Gary. *Hittite Diplomatic Texts*. Atlanta: Scholars Press, 1996.

²⁵⁷ COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond. *Op. Cit.*, pp. 6-11.

Em geral, em relação à alimentação e produtos têxteis e de uso comum (como óleos), os reinos sobreviviam com materiais presentes em seus próprios territórios. As negociações com outros locais focavam-se muito mais na aquisição de novas tecnologias e bens exóticos ou luxuosos, especialmente metais e pedras (semi)preciosas²⁵⁸. A valorização dos metais e das pedras preciosas aconteceu pelo contraste do mundo de argila sírio-mesopotâmico. Assim, desde os tempos de Ebla, esses objetos serviam como uma forma de criar *status* – quanto mais eles precisassem viajar, maior era seu valor agregado. Ebla e Mari possuíam vastas coleções de materiais preciosos, seja de ouro, prata, marfim, cornalina vermelha, lápis-lazúli etc.²⁵⁹.

Mapa 7: Contatos pela Eurásia (c. 2000 – 1300 AEC)



Fonte: PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 95.

Entre as “novas tecnologias” buscadas, podemos destacar técnicas com vidro (para substituição de pedras preciosas), bigas leves de guerra e caça, e especialistas emprestados entre cortes²⁶⁰. Sobre os materiais em si, o ouro é um metal interessante para se ter pela pouca manutenção que exige: ele não precisa ser trabalhado, apenas transformado no formato que se deseja, e brilhará para sempre. A prata, por sua vez, possivelmente, era vista pelos sumérios como um pedaço sólido do sol²⁶¹. Nos interessa considerar aqui que, na realidade do Segundo

²⁵⁸ LIVERANI, Mario. **The Late Bronze Age: materials and mechanisms of trade and cultural exchange.** In: ARUZ, Joan; BENZEL, Kim; EVANS, Jean. *Beyond Babylon: Art, Trade, and Diplomacy in the Second Millennium B.C.* Nova York: Metropolitan Museum of Art, 2009, pp. 162-163.

²⁵⁹ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, pp. 37-41.

²⁶⁰ LIVERANI, Mario. *Op. Cit.*, 2009, p. 163.

²⁶¹ Ver na página 35.

Milênio AEC, a prata era usada como unidade de medida para comparação de preços, mas era escassa na Mesopotâmia e Egito. Ela era trazida da Anatólia, por meio dos Montes Tauro. O cobre, igualmente, precisava vir do exterior, sendo trazido principalmente da Alašiya e da Ática²⁶², tendo fontes também em Magan. O ouro, que se transformara em uma obsessão, vinha quase que exclusivamente do Egito, que controlava as minas da Núbia e do Levante²⁶³. Para a confecção do bronze era necessária a combinação de cobre (da Alašiya e da Ática) e estanho (do Afeganistão ou do leste Mediterrâneo²⁶⁴). As pedras preciosas também eram buscadas em locais diversos. A cornalina vermelha e a ágata vinham da Índia. A lápis-lazúli era minada em apenas um lugar desde o fim do Quinto Milênio AEC: a montanha Sar-i Sang, quase inacessível em meio ao Hindu-Kush. O Egeu, por sua vez, parece ter impulsionado trocas de ouro, prata e marfim com o Egito.

No final do Segundo Milênio AEC, os micênicos e os minoicos viram no Mediterrâneo a chance de se expandir e conseguir materiais. Grécia e Creta (chamada de Kaptara ou Keftiu) foram capazes de estabelecer fortes laços comerciais no Oriente Próximo e seus bens e reis eram conhecidos no mundo próximo-oriental. Artistas e materiais cretenses chegavam no leste Mediterrâneo, decorando palácios (como o de Alalakh) com afrescos²⁶⁵. Contudo, a Grécia não parece ter sido um membro ativo do Sistema Diplomático de Amarna – ou, pelo menos, seus documentos não resistiram às ações do tempo, foram perdidos ou não tenham sido levados para Amarna durante a mudança de capital – talvez, apenas não tenham sido encontrados, ou, ainda, fizessem parte do grupo de tabletes que foi perdido logo após o descobrimento²⁶⁶. Acredito, porém, que o motivo mais provável dessa exclusão da Grécia é a falta de unificação do território. Não havia apenas um “rei micênico”, mas vários. As cidades compartilhavam uma cultura, mas eram independentes e muitas vezes competiam entre si; algumas eram tão pequenas que “não eram maiores que o menor dos vassalos cananeus do Egito, e o faraó não pensaria nelas duas vezes, exceto para obter os bens luxuosos que seus mercadores poderiam oferecer”²⁶⁷. Ao que parece o Egito liderava as relações nesse Clube dos Grandes Poderes, em

²⁶² COLLINS, Paul. *Op. Cit.*, p. 26.

²⁶³ Podany ainda afirma que existia comércio de ouro com o Afeganistão. PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 43.

²⁶⁴ As origens diferentes citadas por Paul Collins e Amanda Podany são diferentes. Collins descreve a vinda de cobre da Ática e do estanho do Mediterrâneo, e Podany os coloca como originários da Anatólia e Afeganistão, respectivamente.

²⁶⁵ COLLINS, Paul. *Op. Cit.*, p. 28.

²⁶⁶ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 260.

²⁶⁷ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 261. Tradução da autora.

especial por ser o maior fornecedor de ouro, e uma grande quantidade de material egípcio alcançou o Mediterrâneo e o Oriente Próximo durante os tempos de Amenhotep III²⁶⁸.

Por outro lado, a documentação hitita deixa bastante clara a importância de um reino chamado Ahhiyawā, ao oeste de Hatti. Não sabemos com exatidão sua localização, talvez estivesse na Anatólia, talvez fosse alguma das ilhas do Egeu, contudo, o mais aceito atualmente é que Ahhiyawā correspondia às terras dos aqueus de Homero²⁶⁹, sendo parte da Grécia micênica. Para se consolidarem na região, seu rei, Attarsiya criou uma base forte, expulsando o governante local, Madduwatta²⁷⁰, que buscou refúgio com os hititas. Aparentemente, Ahhiyawā foi um poderoso reino que manteve boas relações com os hititas – seu rei foi chamado de “irmão” por Hattusili III. Evidências do contato próximo de Ahhiyawā e Hatti podem ser vistas em documentos hititas e na própria arquitetura palaciana²⁷¹. O mais interessante de destacar é que o rei Tudhaliya V, em uma negociação com Amurru escreveu: “os reis que são meus iguais em *status* são o Rei do Egito, o Rei da Babilônia, o Rei da Assíria e o Rei de Ahhiyawā”²⁷². Este último rei, porém, foi riscado do tablete o que indica que ele não tinha a mesma importância dos Grandes Reis, mas provavelmente foi bastante ativo e relevante política e economicamente no Mediterrâneo.

Do outro lado do mundo próximo-oriental estavam os elamitas. Por séculos, o Elam cresceu e se estabeleceu como um reino poderoso da antiguidade, apesar de ter papel secundário nos contatos interterritoriais da segunda metade do Segundo Milênio AEC. Nessa época, o Elam entrava no período que chamamos de Reino Médio Elâmico²⁷³ – era um território extenso e que abrigava grupos de diversas etnias. Os vestígios mais comuns do Elam na Mesopotâmia são referentes à Babilônia. Por um lado, as relações eram conflituosas, tendo registros de diversos embates entre elamitas e cassitas. Por outro, também existem documentos que indicam contatos amistosos, com a promoção de casamentos diplomáticos, por exemplo. Segundo Van de Mieroop, porém, apesar de Elam já estar consolidado há muito tempo, a sua não participação

²⁶⁸ COLLINS, Paul. *Op. Cit.*, pp. 51 - 52.

²⁶⁹ Outra teoria afirma que eles são os antecessores dos troianos. BRITANNICA. The Editors of Encyclopaedia. Ahhiyawā. *Encyclopaedia Britannica*. Jan. 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Ahhiyawawa>

²⁷⁰ Madduwatta é uma figura interessante nesse contexto. Sob proteção hitita, ele ficou responsável pelo território entre Arzawa e Hatti, tendo promovido uma campanha militar contra Arzawa. Madduwatta foi derrotado e precisou ser resgatado pelos hititas. Como a guerra não funcionou, Madduwatta buscou aliar-se com Arzawa por meio do casamento diplomático. Ao mesmo tempo que ele jurava sua lealdade aos hititas, era possível que ele estivesse apenas buscando uma oportunidade para suas próprias ambições. COLLINS, Paul. *Op. Cit.*, p. 52.

²⁷¹ Ver THALER, Ulrich. **Ahhiyawa and Hatti: palatial perspectives**. In: ANTONIADOU, Sophia; PACE, Anthony (eds). *Mediterranean Crossroads*. Oxford: Oxbow Books, 2007, pp. 291 - 323.

²⁷² Texto n. 17. BECKMAN, Gary. *Op. Cit.*, p. 101.

²⁷³ LIVERANI, Mario. *Op. Cit.* 2016, pp. 513 - 514.

no sistema de Amarna, provavelmente, aconteceu por causa da sua distância da Síria (que, como dito, tornou-se mais central na Era de Amarna) e por uma ascensão mais concreta somente após o período coberto pelas correspondências²⁷⁴. De qualquer modo, o rei elamita, Untash-Napirisha, estabeleceu um casamento com a filha de Burnaburiaš II, da Babilônia, cuja família estendida incluía o Egito e Hatti²⁷⁵.

A distância talvez seja um dos fatores mais importantes a se pensar para a comunicação entre os reinos. Certamente, o estabelecimento de um sistema de contatos regulares que visava a paz garantia a viagem segura de mercadores e mensageiros com grandes quantidades de matérias-primas, objetos e riquezas diversas, seja por terra ou por mar²⁷⁶. Entretanto, o caminho a ser percorrido ainda precisava enfrentar as condições geográficas, para citar algumas: as Cordilheiras do Zagros e Tauro serviam como um empecilho que tornava a viagem mais complicada e cansativa; e o deserto arábico, igualmente, dificultava o acesso babilônico ao Mediterrâneo, criando rotas pela Alta Mesopotâmia para Ugarit ou Biblos (ver mapa 8).

O domínio das rotas garantia, além de segurança, isenção de taxas de transporte e recebimento de tributos das cidades sob o seu domínio. Por isso, as disputas do início do Segundo Milênio AEC foram tão intensas; o controle de rotas comerciais era bom fator econômico, visto que não apenas os seus mensageiros passaram por elas, mas todos os reinos precisavam as utilizar. Com a criação do sistema diplomático de Amarna, as viagens tornaram-se menos onerosas para os Grandes Reis, que poderiam passar pelo território vassalo de seus aliados sem problemas maiores. Os reis locais eram responsáveis pela segurança dos oficiais, dos mensageiros e dos comerciantes que viajassem entre cortes, como ficou registrado na carta EA30 de Tušratta para os reis de Canaã:

Para os reis de Cana[ã], os servos de meu irmão, assim (diz) o rei:
Agora, quanto a Akiya, meu emissário, eu o despachei com pressa com toda a velocidade para o rei da terra do Egito, meu irmão.
Não deixe que ninguém o detenha. Providencie a ele entrada segura para a terra do Egito e o entregue para o comandante da fortaleza da terra do Egito.
Deixe-o ir rapidamente. E não deixe haver sub<ornos> exigidos dele.²⁷⁷

Com as boas relações entre os reis da Era de Amarna, a comunicação do mundo se tornou muito mais fácil, mesmo fora do sistema diplomático. É na mesma época, enquanto os hititas fortificavam o seu núcleo na Anatólia, que a Babilônia estreitava as relações com o Egito para garantir sua posição no clube (e o consequente acesso às rotas do Mediterrâneo).

²⁷⁴ VAN DE MIEROOP, Marc. *Op. Cit.*, p. 189.

²⁷⁵ COLLINS, Paul. *Op. Cit.*, p. 62.

²⁷⁶ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 263.

²⁷⁷ Carta EA30.

Mapa 8: Antigo Oriente Próximo



Fonte: Produzido pela autora, com base de Natural Earth - naturalearthdata.com

Inicialmente, Kurigalzu I mandou uma de suas filhas para casar-se com Amenhotep III – o mesmo fez Kadašman-Enlil, o filho e sucessor do rei babilônico. Para o Egito, a relação era vantajosa por ser o intermediário para os materiais que vinham do Elam. No norte, o reino de Mitani começava a apresentar problemas: Artasumara II, sucessor de Šuttarna II, foi assassinado e seu irmão, Tušratta precisou assumir o trono ainda muito jovem. Ele foi capaz de reestabelecer a credibilidade mitânica punindo os assassinos e promovendo uma campanha vitoriosa contra os hititas. Os espólios dessas conquistas foram enviados ao Egito para atestar seu poder. Para os hititas, essa derrota teve impactos mais profundos: um grupo do norte anatólio, Kaska, chegou a conquistar Hattusa; e Arzawa avançava pelo sudoeste. Ao que parece, foi nessa época que o rei de Arzawa, Tarkhundarasu, se correspondeu com Amenhotep III, buscando alcançar seu posto no Clube dos Grandes Poderes, ocupando o lugar que antes pertencia a Hatti²⁷⁸. Para o descontentamento de Tarkhundarasu, os hititas foram capazes de se reestabelecer com Tudhalyia III e, posteriormente, sob o governo de Suppiluliuma, reconquistou o domínio da Anatólia, mas Arzawa manteve-se independente.

É importante salientar que, durante o período da diplomacia de Amarna, manter o *status quo* era o foco das relações. Conforme aponte nas páginas anteriores, a paz era conveniente e por isso era buscada por meio dos aparatos diplomáticos. Isso porque os Grandes Reinos estavam constantemente ameaçados por rebeliões e pela ambição daqueles que buscavam uma vaga no seleto Clube, como era o caso de Madduwatta, de Arzawa e da Assíria. Assim, na segunda metade do Segundo Milênio AEC, o Oriente Próximo estava centrado nas relações entre cinco reinos principais e dois reinos que, ao contrário de tantos outros independentes (como cidades da Grécia, Creta e Elam, mencionados acima), estabeleciam contatos regulares na documentação de Amarna. Já apresentei seus nomes em outros momentos dessa pesquisa, agora pretendo os apresentar oficialmente, ainda que de forma breve.

Entre os Grandes Reis temos a Assíria²⁷⁹ como um ponto de interrogação. Durante anos, a Assíria vinha tentando conquistar seu espaço no norte da Mesopotâmia, contudo, acabou caindo sob o domínio de Mitani em meados do Segundo Milênio AEC. Seus governantes não se deram por vencidos e continuaram em busca da sua independência. No período em que se comunica com o Egito, a Assíria havia se libertado do controle mitânico e focava-se em se consolidar como um Grande Poder. As relações não parecem ter sido fáceis: nas correspondências que foram enviadas, Aššur-uballit, rei da Assíria, tratava-se como Grande

²⁷⁸ COLLINS, Paul. *Op. Cit.*, pp. 52 - 58.

²⁷⁹ No conjunto de Amarna: cartas EA15-16.

Rei, mas deixava evidente que aquele era um primeiro contato; e o rei da Babilônia logo se viu ameaçado pela mensagem, sugerindo que a Assíria era parte de seu território e que o faraó não deveria estabelecer relações com ela²⁸⁰.

A Babilônia²⁸¹, que uma vez havia sido considerada um reino central e referência do mundo mesopotâmico, agora estava sob o comando de uma dinastia cassita. Foi uma época de desenvolvimento e estabilidade, mas a centralidade do mundo havia se deslocado para o oeste. Ainda assim, manteve-se rica e próspera com contatos intensos com o Egito – suas cartas frequentemente tratam de casamentos e o envio de ouro.

O Egito, aos expulsar os hicsos de Avaris e conquistar os territórios na costa da Síria, conseguiu se impor no mundo próximo-oriental. Sua ação rápida e eficaz o colocou como uma ameaça aos reis locais e seu isolamento geográfico contribuiu para que seu crescimento hegemônico não passasse por confrontos no próprio território – mantendo-se, até certo ponto, seguro. No período das Cartas de Amarna, o Egito estava estável, fortificado e promovendo construções e, nos tempos de Akhenaton, a edificação de uma nova capital e uma nova forma de culto religioso. Os contatos com o exterior, certamente, foram um elemento importante para a riqueza ostentada no Egito da época.

Ao norte, na região da Anatólia, estava Hatti²⁸², que expandia sua influência pelos Montes Tauro até o norte da Síria. Hatti, que havia passado por um período de reis fracos após a queda da Babilônia (em c. 1595 AEC), voltou a crescer e se destacou sob o governo de Suppiluliuma – que invadiu a Síria e entrou em conflito com Mitani e Egito em busca do controle da região. Suppiluliuma assumiu o trono após uma revolta interna: Tudhalyia havia nomeado outro filho como sucessor, mas Suppiluliuma deve ter ressentido já que ele havia sido o responsável por reestruturar Hatti junto ao seu pai. Foi nesse momento que Hatti entrou no sistema internacional e tentou, cada vez mais, isolar Tušratta²⁸³. Hatti e Egito parecem ter se entendido, mas com Mitani a situação foi diferente. Parece que os reinos foram inimigos desde as suas origens, em meados do segundo milênio AEC. Ambos disputavam pelas cidades sírias e não parecem ter chegado a acordos satisfatórios, tendo relatos de conflitos nas margens do

²⁸⁰ Sob o comando de Ashur-uballit a Assíria havia ressurgido com força o suficiente para interferir nos territórios ao seu redor. O próprio rei cassita Kurigalzu II só chegou ao trono após uma ação assíria na Babilônia. Mais detalhes em: BEAULIEU, Paul-Alan. *A History of Babylon, 2200 BC – AD 75*. Chichester: Wiley Blackwell, 2018, p. 174.

²⁸¹ No conjunto de Amarna: cartas EA1-11.

²⁸² No conjunto de Amarna: cartas EA41-44.

²⁸³ COLLINS, Paul. *Op. Cit.*, p. 59 – 60.

Eufrates²⁸⁴. A Babilônia, por sua vez, garantiu a expansão de sua família, enviando uma filha de Burnaburiaš II para casar-se com Suppiluliuma.

Mitani²⁸⁵, como vimos, teve um papel importante para o estabelecimento da diplomacia de Amarna. O reino, composto por uma população hurrita, ainda é alvo de muitos debates acerca da sua elite e posição geográfica. Mitani se formou em meados do século XVI AEC, possivelmente, aproveitando-se do vácuo de poder deixado pela Babilônia ao fim do Período Paleobabilônico²⁸⁶. Cem anos depois, já havia alcançado seu auge e controlava o norte da Síria e enfrentava Hatti e o Egito. O estabelecimento da paz não demorou para chegar e as cartas enviadas para o Egito relatam uma relação bastante intensa.

Por fim, Arzawa²⁸⁷ e Alašiya²⁸⁸ são os dois reinos presentes na documentação que agem de forma independente, mas não estão inclusos nesse “Clube dos Grandes Poderes”. Arzawa localizava-se no oeste da Anatólia e mantinha relações estreitas com os hititas, muito por causa da proximidade. A Alašiya, que corresponde ao Chipre atual, era a fonte de cobre do Oriente Próximo e conseguiu manter-se rica e forte por meio do comércio.

2.3. MENSAGEIROS E SUAS JORNADAS NO SEGUNDO MILÊNIO AEC

Por mais que os Grandes Reis²⁸⁹ se declarassem autossuficientes, suas economias dependiam dessa complexa rede de contatos para conseguirem acesso a bens e materiais como ouros, cobre, grãos, cavalos etc. - ou seja, embora seja multipolar, sistema era interdependente. Essa rede funcionava como uma cadeia recíproca de mensageiros e comerciantes, que viajavam entre as cortes regularmente e que mantinham as negociações sempre ativas. A rede estabelecida foi mantida com estabilidade graças à alguns fatores: o reconhecimento mútuo das esferas de poder; o senso de fraternidade que contribuía para uma relação mais solidária; o reconhecimento dos deuses, ainda que com nomes diferentes; e o uso da língua acadiana para integrar o sistema²⁹⁰.

²⁸⁴ CTH 51, KBo 1 1. BECKMAN, Gary M. *Op. Cit.*, p. 38

²⁸⁵ No conjunto de Amarna: cartas EA17-30.

²⁸⁶ MARTINO, Stefano de. **The Mittani State: The formation of the Kingdom of Mittani.** In: CANCIKKIRSCHBAUM, Eva; BRISCH, Nicole; EIDEM, Jesper (eds). *Constituent, Confederate and Conquered Space. The Emergence of the Mittani State*, Berlim: De Gruyter, 2014, pp. 64-66.

²⁸⁷ No conjunto de Amarna: cartas EA31-23

²⁸⁸ No conjunto de Amarna: cartas EA33-40

²⁸⁹ Reis hegemônicos e independentes.

²⁹⁰ GESTOSO SINGER, Graciela. *Op. Cit.*, 2016, p. 161.

Não era comum que os Grandes Reis se encontrassem pessoalmente²⁹¹, por isso o papel do mensageiro, com os seus “tabletes pequenos”²⁹², é essencial nessas relações e, muitas vezes, esses funcionários precisavam usar de seu poder de decisão para concluir seus objetivos. Em geral, esses mensageiros eram alto-oficiais da administração do palácio e, em alguns casos, eram membros da família real ou parentes de outros mensageiros²⁹³. Eram necessárias semanas, meses ou, até mesmo, anos para se ter uma resposta sobre cada aspecto da negociação, cabendo ao *mār šiprim*²⁹⁴ a responsabilidade de conduzir um acordo satisfatório para ambos os lados e evitar desentendimentos.

Duas das qualidades mais valorizadas em um mensageiro eram a confiabilidade (*taklum*) e agilidade (*qallum*)²⁹⁵. Por representar o rei e ser responsável por tudo que rege a missão diplomática da qual ele foi incumbido, ser confiável é uma característica que é apreciada e reconhecida não apenas em relação ao rei que o enviou, mas também ao rei que o recebeu. Era necessário que ambos os monarcas acreditassem que o mensageiro reportaria a verdade e seria sensato na sua avaliação e atuação. A importância disso fica visível em pela documentação de Amarna, como uma carta escrita por Burnaburiaš II, rei da Babilônia²⁹⁶, em que diz:

Desde o dia que o emissário de meu irmão ch[egou a mim], meu corpo esteve mal e seu emissário em nenhuma [ocasião em] minha presença comeu comida ou bebeu álcool. [Quan]do você perguntar ao seu emissário, ele irá o dizer. Em respeito {de} [minha] re[cuperação], eu não estou [ainda] completamente re[staurado em saúde].

[E] quando meu [c]orpo estava mal e meu irmão [não expressou preocupação] por [mim], eu (próprio) estive cheio de raiva, dizendo “Que eu estou doente, meu irmão não ou[viu]? Por que ele não mostrou preo[cupação] por mim? Seu emissário, por que ele não enviou para v[er a minha situação]?” O emissário de meu irmão disse isso para mim, di[zen]do: “Este não é um território próximo que seu irmão ouviria e ele mandaria saudações para você. A terra é muito distante. Para seu irmão, quem iria o

²⁹¹ Abo-Eleaz, argumenta que os encontros entre os reis aconteciam normalmente em situações de guerra ou no juramento de lealdade de subordinados. Assim, os Grandes Reis não se viam pessoalmente, apesar de mencionarem intenções. ABO-ELEAZ, Mohy-Eldin E. Face-to-face: meetings between the kings of Egypt, Hatti and their vassals in the Levant during the Late Bronze Age. *Studien zur Altägyptischen Kultur*, v. 48, 2019, pp. 1-21.

²⁹² Os “tabletes pequenos” são as cartas enviadas, normalmente confeccionadas em tamanhos pequenos. Essas correspondências contrastam com os “tabletes grandes”, nos quais eram escritas as versões finais dos acordos estabelecidos. Esses “tabletes grandes” guardavam apenas as cláusulas importantes para cada rei, não o acordo completo, e eram feitos em três partes: primeiro listava o nome dos deuses invocados para testemunhar o evento, depois redigiam as cláusulas do contrato e finalizava propondo uma maldição para aquele que quebrasse o acordo. Infelizmente, poucos desses “tabletes grandes” sobreviveram ao tempo. PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 83.

²⁹³ Nas cartas do arquivo de Amarna, podemos encontrar referências, por exemplo, à família de Keliya, o emissário de Mítani – na carta EA29, Masibadli, tio de Keliya é nomeado e age como mensageiro.

²⁹⁴ Termo geral que se refere ao mensageiro, que pode ter uma variedade de posições. Ver páginas 52-53.

²⁹⁵ LAFONT, Bertrand. *Op. Cit.*, p. 169.

²⁹⁶ Outro exemplo sobre a necessidade de confiança no mensageiro é a carta EA32, na qual o rei de Arzawa diz a Amenhotep III “Veja, no que diz respeito à questão que Kalbaya disse para mim “Nós devemos estabelecer relações de sangue entre nós” Eu não confio em Kalbaya. Ele disse isso, mas isso não está apresentado no tablete.” (EA32, linhas 1-6)

dizer que ele deveria mandar uma saudação urgente para você? Se seu irmão tivesse ouvido que você está doente, ele não enviaria seu emissário para você?”

Então eu disse para ele, dizendo, “Meu irmão, o grande rei, tem uma terra distante ou próxima?”. Ele disse para mim assim, dizendo “pergunte ao seu emissário. Pois a terra é muito distante e seu irmão não ouviu sobre você, (assim) ele não mandou preocupação sobre seu [bem]-estar”.

Agora, uma vez que eu perguntei {para} seu emissário e ele me disse que é uma longa jornada, eu não estava bravo com meu irmão. Eu mantive silêncio. E visto que ele me disse {que} na terra de meu irmão tem tudo e meu irmão não quer nada e na minha terra tudo é encontrado e eu mesmo busco por nada, é uma bela coisa que nós recebemos do passado, das mãos dos antigos reis; nós manda[mos] saudações mútuas. Que essa seja a coisa que prevaleça entre nós. Minhas [sa]udações [eu vou enviar] para você [e você vai enviar as suas saudações para mim]²⁹⁷.

Voltarei a comentar sobre esse trecho outro momento, contundo, ressalto que, considerando que as palavras do mensageiro foram suficientes para mudar o humor do rei babilônico, a importância da credibilidade que esse funcionário deve ter sob os olhos dos dois reis fica evidente. A ação do mensageiro foi capaz de evitar um conflito, mantendo a relação da Babilônia e do Egito amistosa, sem que o faraó precisasse tomar conhecimento prévio sobre a situação, sendo prontamente defendido. Isso significa que o mensageiro além de servir como conselheiro do seu rei, a partir dos relatórios de viagem, também agia com certa influência na corte estrangeira. Não surpreende, então, que nas relações com os Grandes Reis, existisse um mensageiro chefe de cada reino que acompanharia todas as missões, sendo, inclusive, requisitado pelo nome quando estava ausente. No conjunto de Amarna, 28 mensageiros são mencionados pelo nome, a maioria das vezes em cartas dos Grande Reis, sendo Keliya e Mane (mensageiros chefes das relações entre Mitani e Egito) os que aparecem mais vezes²⁹⁸.

A carta EA7 (citada acima) ainda nos mostra como a agilidade era importante em mais de um sentido. Em primeiro lugar, o mensageiro deveria estar sempre pronto para agir - e agir de forma rápida -, como no caso do trecho citado. O mensageiro também deveria ser ágil na hora da escrita, uma vez que a essa cultura oral (e o fato de muitos reis serem iletrados) significava que haveria um rei falando sua resposta ao outro enquanto alguém a escrevia. A escrita, portanto, deveria acompanhar a fala. Por fim, a agilidade igualmente se refere ao processo de negociação e finalização da missão que lhe foi dada.

O trabalho do mensageiro começava muito antes de ele “colocar o pé na estrada”, já que ele era o responsável pela preparação e escrita da carta e, também, pela organização da caravana que o acompanharia. Os primeiros passos, então, dizem respeito a escolha da argila e a elaboração do tablete. Segundo Finkel e Taylor, havia uma padronização na formatação da

²⁹⁷ Trecho da carta EA7, linhas 8 – 41. Tradução nos apêndices.

²⁹⁸ GESTOSO SINGER, Graciela. *Op. Cit.*, 2016, p. 144.

argila de acordo com seu propósito: os textos administrativos (entre os quais se incluem as cartas diplomáticas) deveriam ser retangulares, pensados para o manuseio humano e, portanto, tinham tamanhos pequenos, normalmente cabendo dentro da palma de uma mão²⁹⁹. A argila ou lama era coletada nas margens dos rios e tinha uma qualidade variável de acordo com o seu fim e origem. Com o tablete ainda úmido, era iniciado o processo de escrita e, uma vez que a argila estivesse preparada, ela secava ao ar livre, mas longe do sol excessivo³⁰⁰.

A escrita em si, também, respeitava algumas regras. Em primeiro lugar, temos o uso do cuneiforme - um sistema de escrita, que funciona com algo entre 600 e 1000 sinais de modo não-alfabético³⁰¹, e que poderia ser adaptado e utilizado em inúmeras línguas. Contudo, desde o final do terceiro milênio AEC, o acadiano estava se expandindo e, na segunda metade do segundo milênio AEC, predominou³⁰². Por fim, isso culminou na adoção do acadiano como língua franca dos contatos diplomáticos, apesar de existirem exceções. As cartas respeitavam uma estrutura escrita que, em geral, seguia uma sequência de endereçamento, conteúdo e lista de presentes. Como apontei anteriormente, o caráter oral da comunicação ficava expresso no cabeçalho, com o modelo “(diga) para”; “assim (diz)”; e pela a ação do rei, que era a de “ouvir o tablete” a ser lido em voz alta pelo mensageiro para aquele a quem a mensagem se destinava³⁰³.

Com o tablete pronto, ele era colocado em um envelope e fechado com o selo real. Esse tablete seria, então, confiado ao mensageiro que o levaria ao destino final, caso não fosse o mesmo escriba que o produziu³⁰⁴. A próxima etapa era organizar a caravana que o acompanharia. Isso porque os mensageiros eram acompanhados por grandes grupos, em especial tropas armadas, sendo bastante comum caravanas militares e/ou comerciais, apesar de cartas darem a impressão de que o mensageiro viajava sozinho³⁰⁵. Essas expedições poderiam acontecer a pé, de barco, de carroça ou cavalos e, ainda, poderiam enfrentar perigos no caminho, como saques ou assassinatos. “Eles faziam jornadas longas em grupos, acompanhados por guardas armados. Era perigoso viajar sozinho, já que eles tinham medo de que os nômades os

²⁹⁹ Há exceções, em especial com os tabletas grandes (ver nota 292)

³⁰⁰ FINKEL, Irving e TAYLOR, Jonathan, *Op. Cit.*, pp. 76-78

³⁰¹ FINKEL, Irving e TAYLOR, Jonathan, *Op. Cit.*, p. 6; SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. De tablet para tablet - novas ferramentas para a pesquisa e o ensino da história das culturas cuneiformes na era digital. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 6, n. 12, maio/agosto, 2014, p. 235.

³⁰² VAN SOLDT, Wilfred H. **Why did They Write? On Empires and Vassals in Syria and Palestine in the Late Bronze Age.** IN: VAN EGMOND, W.S.; VAN SOLDT, W. H. (eds). *Theory and Practice of Knowledge Transfer*. Studies in School Education in the Ancient Near East and Beyond. Papers Read at a Symposium in Leiden, 17-19 December 2008. Leiden: Nederlands Instituut Voor Het Nabije Oosten, 2012, p. 103.

³⁰³ LAFONT, Bertrand. *Op. Cit.*, p. 175.

³⁰⁴ BRYCE, Trevor. *Op. Cit.* 2014a, p. 63

³⁰⁵ LAFONT, Bertrand. *Op. Cit.*, pp. 170-172.

roubassem”³⁰⁶. Por isso, o acompanhamento militar era importante, como podemos perceber pelos relatos de mensageiros que foram interceptados ou que nunca chegaram ao seu destino - é o caso narrado nas cartas EA7 e EA8, quando comerciantes babilônicos foram atacados em Canaã.

As rotas não eram seguras e uma série de empecilhos poderiam atrasar a viagem do mensageiro, entre bandidos, geografia e burocracias. Um mensageiro ideal, segundo Singer, nunca descansaria, estando pronto para viajar, inclusive, à noite, para se aproveitar da escuridão. Ademais, mesmo quando chegava ao destino, o mensageiro ainda poderia ser recebido com insultos, ser agredido, aprisionado ou morto, ou simplesmente, impedido de voltar para a casa³⁰⁷.

Alguma segurança era provida por meio de um “passaporte diplomático”: um tablete com as informações do nome do titular, seu título, nome do seu rei, ponto de partida, descrição de sua escolta e destino. Com esse tablete era possível cruzar os reinos no caminho, sem que houvesse cobranças de taxas ou quaisquer prejuízos ao mensageiro. As cartas EA30 e EA40 nos trazem exemplos dessa situação, sendo a primeira um passaporte diplomático, e a segunda uma mensagem ao rei do Egito, lembrando-o para não cobrar taxas³⁰⁸. Existem, então, dois tipos de mensageiros sendo recebidos nas cidades: o *ṭêhîtum*, que requer uma audiência oficial no palácio, e o *êtiqtum*, que está apenas em trânsito³⁰⁹. Além disso, os mensageiros eram acompanhados por uma pessoa da corte do destino, pois esta poderia falar em nome dos viajantes e os proteger nos espaços do seu reino – e, claro, serviria como um espião para reportar sobre as mensagens³¹⁰. Esse tipo de acordo, especialmente com a passagem livre dos oficiais, deixa claro que, para os Grandes Reis, as fronteiras dos reinos menores eram insignificantes do ponto de vista diplomático, uma vez que as potências poderiam circular pelos territórios subordinados, mesmo que a origem ou o destino final não fosse necessariamente o reino que o governa³¹¹. Isso significa que o mensageiro Babilônia teria permissão para atravessar a Assíria quando precisasse chegar a Hatti. Nesse mundo em que os Grandes Reis criaram uma família estendida, sua Casa também era e as rotas de um rei poderiam ser usadas pelos seus irmãos.

³⁰⁶ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 72. Tradução da autora.

³⁰⁷ GESTOSO SINGER, Graciela. *Op. Cit.* 2016, p. 152.

³⁰⁸ Na EA40, linhas 17-20, diz-se “Quanto aos meus mercadores e meu barco, que seu inspetor alfandegário não chegue perto deles”

³⁰⁹ LAFONT, Bertrand. *Op. Cit.*, pp. 172-174.

³¹⁰ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 72.

³¹¹ GESTOSO SINGER, Graciela. *Op. Cit.* 2016, p. 148.

Uma vez que chegassem ao seu destino, os mensageiros deveriam ser bem recebidos e ficavam acomodados em uma residência particular exterior ao palácio, chamada de *bît naptarim*, onde poderiam descansar³¹². Ainda, seria provida uma generosa porção de grãos, óleos, lã, carne, roupa e prata, em proporção a importância do reino. Tudo que acontecia era observado atentamente e nos mínimos detalhes pelos mensageiros (e eles eram exigentes), qualquer favoritismo ou negligência seria reportada e poderia causar incômodo ou a ira de outra cidade. Por isso, era importante respeitar os protocolos e estar sempre atento. O tratamento dado ao mensageiro serviria como um indicador das relações.

Para a audiência, o mensageiro se apresentava à porta do palácio, onde o *sukkal* (uma espécie de porteiro) decidia se ele poderia entrar e se seria recebido pelo rei. Existem casos em que os mensageiros, mesmo portando documentos oficiais, foram recusados, gerando bastante desconforto e, até mesmo, prisões³¹³. Isso acontece porque não havia uma noção de imunidade diplomática – como é notável em dois casos relatados no documento ARM 26/2 370³¹⁴: o primeiro diz respeito a um grupo vindo de Eshnunna, que foi preso na sua chegada na Babilônia; o segundo refere-se aos elamitas que tiveram que voltar para casa sem serem entregar sua mensagem para Hammurabi. Este segundo caso é interessante para refletirmos sobre a dinâmica próximo-oriental, uma vez que Elam e Babilônia foram inimigos, a mensagem trazida poderia ter evitado embates posteriores ou acirrado ainda mais as relações.

Na maioria das ocasiões, porém, o mensageiro era aceito e era imediatamente recebido em uma sala especial do palácio e era aí que começava a negociação. Inicialmente, recebiam as saudações habituais (chamadas de *šulmum*) durante uma refeição, na qual, possivelmente, entregavam-se presentes de homenagem (*tâmartum*) ao rei anfitrião³¹⁵. Já na primeira audiência entregava-se a mensagem, sendo que o envelope só seria quebrado na frente do rei, para garantir a integridade do documento³¹⁶. No caso deste não ser secreto e o mensageiro não ser impedido, o texto era transmitido oralmente e testemunhado por outros mensageiros, corte e deuses³¹⁷.

³¹²PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 72.

³¹³LAFONT, Bertrand. *Op. Cit.*, p. 174.

³¹⁴HEIMPEL, Wolfgang. *Op. Cit.*, p. 324.

³¹⁵LAFONT, Bertrand. *Op. Cit.*, p. 175.

³¹⁶GESTOSO SINGER, Graciela. *Op. Cit.*, 2016, pp. 149 - 150.

³¹⁷PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 74.

Todos os que estivessem presentes, mais do que ouvir, eram incentivos a opinar e participar das reuniões³¹⁸.

Do mesmo modo que as testemunhas ajudavam a contribuir para que a mensagem não fosse alterada, o tablete servia como forma de validação da mensagem oral, fazendo um registro físico do acordo verbal. Era costume retomar os acordos anteriores, por um lado, para garantir que a mensagem continuava a mesma e apresentar as relações às testemunhas; por outro, para reforçar os laços como tradição e algo que devesse ser respeitado. Caso a mensagem textual divergisse da escrita, o rei anfitrião poderia requisitar uma nova carta para que o acordo fosse estabelecido, como foi no caso da EA32, quando o rei de Arzawa questionou a fala de um mensageiro egípcio.

As negociações aconteciam por diversos dias e cabia ao mensageiro o papel de agir em defesa da missão que lhe foi concedida diante de todas as situações. De um dia para o outro, as intenções e o humor do rei poderiam mudar, principalmente, quando mensageiros de reinos inimigos estavam presentes. Para contornar os possíveis desentendimentos e intrigas, era importante que os mensageiros tivessem certa liberdade para conduzir a negociação e argumentar com o rei local. No trecho citado acima, na carta EA7, de Burnaburiaš II, é possível perceber essa ação do mensageiro, que mesmo sem ser capaz de contatar seu rei, agiu em nome dele, defendendo-o, acalmando o ânimo do rei babilônico e revertendo a situação.

Durante o desenrolar das audiências, os mensageiros ainda precisavam se atentar ao modo como eles eram recebidos, uma vez que

as negociações e toda a política externa (mesmo que de forma indireta) deveria passar pelos mensageiros, tanto no processo como na execução dos acordos. Eram as impressões deles que seriam passadas para os governantes, portanto, os mensageiros se tornam uma espécie de conselheiros que advertiam o rei sob os aspectos diplomáticos, tendo, também, certa influência nas cortes estrangeiras, por serem de confiança do que o recebia.³¹⁹

Além do atendimento cotidiano, havia banquetes em homenagem a ocasião para manifestar a intensidade das relações estabelecidas³²⁰. Segundo Holmes, além de causar uma boa impressão, esses banquetes eram uma forma sutil do próprio rei interrogar os

³¹⁸ LAFONT, Bertrand. *Op. Cit.*, p. 176.

³¹⁹ SCOVILLE, Priscila. *Op. Cit.*, 2017, p. 93.

³²⁰ Era importante oferecer hospitalidade aos mensageiros, já que eles carregariam as impressões para o seu rei e isso poderia fortificar ou enfraquecer as relações. Entretanto, os banquetes podem causar humilhação, já que era comum trocar presentes nessa ocasião e, a falta deles poderia ser tida como um insulto aos deuses e ao rei. Singer ainda argumenta que a falta do banquete pode ser uma demonstração de descontentamento com as relações. Citando a carta EA7, a autora afirma que a doença de Burnaburiaš II foi, na verdade, uma desculpa para que não houvesse uma ocasião festiva já que as saudações-presente enviados pelo faraó não foram suficientes. GESTOSO SINGER, Graciela. *Op. Cit.*, 2016, p. 157.

mensageiros³²¹, sendo, também, um símbolo de poder e uma ferramenta usada para o manter³²². Contudo, havia protocolos a serem seguidos: os lugares na mesa do rei são reservados aos mais altos dignitários, entre eles, os embaixadores; é necessário curvar-se diante do rei pelos alimentos; e usar vestimentas adequadas, por exemplo. Ademais, durante esses banquetes, evocava-se o que havia sido negociado e ofertado, seguindo os princípios da reciprocidade³²³.

Ao fim das negociações, além de um banquete, acontecia uma celebração na qual era feito um juramento diante dos deuses, envolvendo o sangue de burro para selar os acordos³²⁴. Para essa ocasião eram confeccionados os tabletas grandes³²⁵, nos quais era escrita a versão final das negociações, normalmente com cláusulas de defesa mútua, paz entre eles e ajuda militar em caso de algum ataque. Ademais, cada rei mandava estátuas ou o símbolo de seus deuses para a capital do outro, a fim de que as divindades pudessem presenciar o juramento nos dois reinos simultaneamente, com um mensageiro representando o rei ausente³²⁶.

Alternativamente, os reis tocavam a garganta e acontecia algo relacionado com sangue, ao invés do abate do burro. De acordo com Podany, é possível que o mensageiro carregasse um pedaço de tecido com o sangue do rei para fazer um pacto e, a partir de então, os reis se referiam às relações de sangue e laços fortes entre eles³²⁷, como já mencionei anteriormente. Não conhecemos o valor simbólico desse ritual, mas acredita-se que ao fazer esse juramento, o rei estava pondo sua própria vida em jogo (já que a garganta era considerada o local por onde passava o fôlego vital). Como para essas relações distantes os mensageiros precisavam transportar o sangue para o outro rei, pode ser que o ritual fosse feito com o sangue do rei estrangeiro e, assim, mais do que arriscar a própria vida, a cerimônia estabelecia uma relação consanguínea entre reis – fazendo deles, verdadeiramente, irmãos³²⁸. Contudo, o estabelecimento desses acordos poderia demorar anos para acontecer e exigia muitas viagens dos mensageiros. Toda vez que eles retornavam ao seu reino de origem, o governante local

³²¹ HOLMES, Y. Lynn. *Op. Cit.*, p. 377.

³²² GESTOSO SINGER, Graciela. *Op. Cit.*, 2016, p. 157.

³²³ LAFONT, Bertrand. *Op. Cit.*, pp. 175-181.

³²⁴ De acordo com Charpin, nos tempos de Mari falam-se em dois rituais diferentes o *hayaram qatâlum* (imolar o burro) e o *napištašu lapâtum* (tocar a garganta). Essas duas expressões nunca aparecem juntas, uma vez que são aplicadas em situações diversas. Alianças concluídas em uma reunião possuem o abate do burro e não exige o registro escrito do acordo, apenas o ritual e a presença de testemunhas. As alianças concluídas à distancia sempre possuem o ritual de tocar a garganta e, nesse caso, a escrita irá fixar os termos. O ritual de matar um burro desapareceu em meados do Segundo Milênio AEC. CHARPIN, Dominique. “*Tu es de mon sang*”. *Les alliances dans le Proche-Orient ancien*. Paris: Les Belles Lettres, 2019, s/p (capítulo 2). Disponível em: <https://books.openedition.org/lesbelleslettres/258>

³²⁵ Ver nota 292.

³²⁶ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 83.

³²⁷ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 83.

³²⁸ HARPIN, Dominique. *Op. Cit.*, 2019, s/p (capítulo 2).

precisava autorizar a partida, conseguindo tudo o que fosse necessário para a viagem e anunciando um *âlikidim* (um funcionário que estava consciente de toda a negociação realizada e garantia uma boa resolução da missão, além de assegurar a veracidade do que foi estabelecido e poder transitar entre missões)³²⁹.

O trabalho do mensageiro, então, era múltiplo e contínuo, assumindo uma função de extrema importância para o desenvolvimento do sistema diplomático e o estabelecimento das relações interterritoriais. Esses funcionários, apesar de não terem seu reconhecimento enquanto vozes principais dos tratados, foram peças centrais no “jogo de interações” que moldou o Oriente Próximo no segundo milênio AEC. Em uma região dinâmica como a Mesopotâmia, a diplomacia adquiriu características itinerantes e, conseqüentemente, o mensageiro assumiu um papel essencial de organização. Afinal, ele representava seu reino com certa autonomia, em relação a negociação e inteligência, e isso o tornava o centro das relações, uma vez que toda a estrutura de interação dependia dele e era diretamente impactada por ele e por suas impressões. Ainda assim, mesmo tendo aparatos que os protegessem, caso houvesse algum problema, eles seriam os primeiros a sofrer as conseqüências, justamente por estarem na linha de frente.

2.4. DOCUMENTAÇÃO: ESTRUTURAS E APARATOS

As Cartas de Amarna, fontes principais dessa pesquisa, compreendem um total de 382 tabletes, dos quais 350 são cartas ou inventários anexos a elas. Encontrado em 1887, este *corpus* documental recebeu seu nome por ter sido descoberto na cidade Tell el-Amarna³³⁰, mais especificamente no “local das cartas do faraó”, do palácio de Akhenaton. As correspondências possuem inscrições em cuneiforme acadiano (escrita diplomática da época) com acordos entre o Egito e os povos vizinhos, independentes ou vassalos, entre os governos de Amenhotep III, Akhenaton e um terceiro faraó, que pode ser Semenkhekare (c. 1336 – 1334 AEC) ou Tutankhamon (c. ? – 1324 AEC)³³¹.

³²⁹ LAFONT, Bertrand. *Op. Cit.*, pp. 181-182.

³³⁰ Tell el-Amarna é o nome atual da antiga Akhetaten, a cidade fundada por Akhenaton durante sua reforma político-religiosa.

³³¹ Entre Semekhcare e Tutankhamon, houve o governo de Nefernefruaten (c. 1334 - ?), contudo, os dados sobre esses últimos governantes amarniano, após Akhenaton, são bastante confusos e escassos. Por isso, não podemos saber qual a efetividade e natureza desses governos. Segundo Shaw, o governo de Tutankhamon teria começado por volta de 1336 – talvez, Nefernefruaten tenha agido como corregente, talvez seja um outro nome de Semekhake Tutankhamon tenha iniciado como corregente.

Imagem 2: Carta EA28 - frente, verso e fragmentos



Fonte: acervo pessoal da autora, com a permissão do British Museum

Os primeiros tabletes foram encontrados por acaso, por uma mulher que passava no local e, logo iniciaram-se muitas escavações clandestinas³³², fazendo com que uma parte dessa documentação fosse parar em coleções privadas ou fosse simplesmente perdida³³³. Muitos dos tabletes que foram recuperados, porém, espalharam-se pelo mundo, sendo desagrupados e destinados para diferentes museus e continentes. Apesar disso, é importante ressaltar que, após as primeiras descobertas, o arqueólogo Flinders Petrie iniciou uma série de expedições em busca de novos vestígios, até que em 1891 - 92, descobriram-se mais 22 fragmentos. Em 1898, Petrie publicou suas conclusões e a trajetória dos achados de Amarna, tanto arqueológica como academicamente³³⁴. Segundo ele:

Os tabletes de argila, majoritariamente da Síria, mas com alguns duplicados do Egito, estavam dispostos no “Local de Cartas do Rei”, como é chamado pelos selos impressos nos tijolos que eu encontrei e ainda estavam presentes lá. Poucos anos atrás, os nativos, enquanto pilhavam as ruínas e carregavam os tijolos para suas casas modernas, ascenderam nesta câmara de registros contendo muitas centenas de tabletes. Esses foram mostrados para traficantes; eles mandaram alguns para o Dr. Oppert, em Paris, que anunciou que eram estrangeiros; outros foram enviados para M. Grebaut, o chefe de Departamento de Antiguidades, e foram tratados por ele com silêncio costumeiro. Por fim, quando eles foram supostos como quase sem-valor, uma quantidade foi carregada em sacos para Luqсор (*Luxor*) para os oferecer entre os

³³² MORAN, William L. *The Amarna Letters*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1992, p. xiii.

³³³ Liverani aponta que na época das descobertas, os locais venderam os tabletes para intermediários e negociantes de antiguidades, mas cerca de um terço do total foram perdidos nas disputas sobre a divisão e transporte para a cidade. LIVERANI, Mario. *Le lettere di el-Amarna*. Brescia: Paideia, 2 vol. 1999, p. 9.

³³⁴ PETRIE, William Mathew Flinders. *Syria and Egypt. From the Tell el Amarna Letters*. Londres: Methuen & CO, 1898.

traficantes de lá e estes foram largamente moídos em pedaços no caminho. O que sobrou, portanto, é um destroço do que poderia ter sido [...]. Esses tabletes, assim, ao chegarem nas mãos de traficantes, ficaram conhecidos e foram trazidos principalmente para o Museu Britânico e para o Museu de Berlim. Alguns deles derivaram para Museus de São Petersburgo, Paris e Cairo³³⁵; e alguns para coleções privadas de Murch, Rostowicz e outros [...].

Esses tabletes, apesar de dispersos, foram publicados em muitas formas e locais diferentes; e a primeira sinopse do todo foi dada no segundo volume do meu *History of Egypt*³³⁶. Mas desde então um número muito maior foi publicado, com um texto mais crítico e definitivo do todo por Hugo Winckler³³⁷, em *The Tell el Amarna Letters*³³⁸.

Petrie e Winckler não foram os únicos a fazer traduções e uma certa organização das correspondências. Em 1892, Carl Bezold publicou um livro com descrições, traduções e imagens dos tabletes presentes no British Museum³³⁹. Contudo, foi o assiriólogo Jögen A. Knudtzon, em 1907, quem classificou e ordenou toda a documentação no formato que utilizamos até hoje. Knudtzon, em sua obra “Die El-Amarna Tafeln”³⁴⁰, utilizou a sigla EA (el-Amarna) para estruturar as cartas em ordem cronológica e geográfica. Na época, apenas 358 tabletes eram conhecidos, cabendo a outros pesquisadores organizarem os demais (em especial, Anson Rainey, como mostrarei em seguida).

Pouco após a publicação de Knudtzon, as pesquisas se viram, até certo ponto, pausadas diante de duas guerras mundiais. Entretanto, no período entre guerras, iniciaram-se as escavações de Ugarit e, com o tempo, foram encontrados novos tabletes. Assim, o pós-segunda guerra foi um momento impulso acadêmico, especialmente liderado por William Moran, que se focou nos estudos linguísticos das cartas de Biblos, e por Anson Rainey, que categorizou e traduziu os 24 tabletes encontrados depois da publicação de Knudtzon, em 1970³⁴¹. Com isso, toda a documentação tornou-se disponível em volumes complementares (Knudtzon + Rainey)³⁴². Por fim, uma excelente versão atualizada da tradução das cartas, agora numeradas

³³⁵ Segundo RAINEY, Anson F. *The el-Amarna Correspondence*. Leiden: Brill, v. 1, 2015 p. 1 - 10, atualmente as cartas estão em coleções privadas e nos museus: British Museum, Vorderasiatische Museum in Berlin, Ashmolean Museum of Oxford University, Metropolitan Museum of New York, Oriental Institute of the University of Chicago, Louvre, Musées Royaux d'Art et d'Histoire, Cairo Museum, Istanbul Arkeoloji Müzeleri, Pushkin Museum.

³³⁶ A coleção tem seis volumes, sendo escrita entre 1894 e 1905, o volume 2 é de 1896. Referência ao segundo volume: PETRIE, William Mathew Flinders. *A History of Egypt*. Volume 2: The XVIIth and XVIIIth Dynasties. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

³³⁷ WINCKLER, Hugo. *The Tell el Amarna Letters*. Whitefish: Kessinger Publishing, 2011.

³³⁸ PETRIE, William M. Flinders. *Op. Cit.*, 1898, pp. 1 – 3. Tradução da autora.

³³⁹ BEZOLD, Carl. *The Tell el-Amarna tablets in the British Museum*. Londres: The British Museum; Harrison & Sons, 1892.

³⁴⁰ KNUDTZON, Jögen A. *Die El-Amarna-Tafeln mit Einleitung und Erläuterungen*. Lipzig: J.C. Rinschs'sche Buchhandlung, 2 v., 1915. Disponível em: <https://archive.org/details/dieelamarnatafel01knud/page/n3/mode/2up>

³⁴¹ Com exceção das cartas EA 380 – 382, que foram traduzidas posteriormente em uma reedição de 2015.

³⁴² LIVERANI, Mario. *Op. Cit.* 1999, p. 11.

e organizadas, foi publicada por William Moran, em francês (1987) e em inglês (1992)³⁴³. Infelizmente, a versão de Moran não possui transcrições, fazendo com que a consulta à obra de Knudtzon ainda fosse importante para os pesquisadores, mas é inegável a contribuição da nova publicação, que é uma referência nos estudos amarnianos até hoje. Após Moran, Mario Liverani também publicou uma edição, em dois volumes, com a tradução das cartas para o italiano (em 1999) – igualmente sem transcrições disponíveis. Isso significa os estudos sobre as Cartas de Amarna ainda estavam, até certo ponto, dependentes das publicações de mais de um século. Isso muda com a reedição da obra de Rainey, feita em 2015 – agora a coleção, em dois volumes, inclui tradução e transcrição de todo o arquivo.

As correspondências estão organizadas em dois grupos: cartas diplomáticas e cartas administrativas, sendo que a maior parte desse conjunto pertence ao segundo. As cartas administrativas dão luz às relações do Egito com os territórios controlados por ele na região da Síria – estas, porém, não serão trabalhadas nesta tese. Foco-me, portanto, no primeiro grupo, que conta com um total de 44 tabletes (EA1-44³⁴⁴), os quais também podemos dividir em dois grupos: Clube dos Grandes Poderes (Assíria, Babilônia, Hatti, Mitani) e Reinos Independentes (Arzawa e Alašiya).

Estruturalmente, as cartas possuem dois tipos: podem ser de injunção (com um ou mais pedidos) ou cartas de envio (com lista de itens sendo enviados). Contudo, a grande maioria desse *corpus* documental é uma combinação de cartas de envio e de injunção. Uma vez que a noção de reciprocidade era muito forte nas relações, ao fazer algum pedido de bens, esperava-se receber presentes em troca. Isso nos aponta uma realidade bastante específica desse sistema, por meio da ideia de fraternidade que desenvolveu elementos multipolares e policulturais³⁴⁵. Com isso, garantia-se que nenhum povo ou cultura sobressaísse-se ou tentasse se impor aos outros e, portanto, criaram-se termos igualitários (característica do policulturalismo). A tolerância das demais culturas, por sua vez, era mantida pela multipolaridade, que descentraliza os relacionamentos internos³⁴⁶. Tais questões ficam evidentes na escrita das correspondências,

³⁴³ MORAN, William. *Op. Cit.*

³⁴⁴ Com exceção das EA30 e EA40

³⁴⁵ COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond. *Op. Cit.*, p. 10

³⁴⁶ Para que isso fique mais claro, podemos pensar nos dias de atuais, que, desde a renascença, possui um sistema multicultural, mas não policultural, uma vez que a cultura ocidental europeia se sobressai às demais, apesar de serem aceitas. Isso fica visível se pensarmos que países como China, Egito, Índia e Irã até recentemente não eram aceitos em organizações diplomáticas.

com termos estrategicamente selecionados para reforçar a reciprocidade e a paridade dos reinos, como, por exemplo, as expressões de amor (*râmu / ra-âmu*³⁴⁷).

Para Singer, existem três formas de interpretar as declarações e afirmações de amor, comuns nos endereçamentos das cartas, principalmente, de Tušratta, rei de Mitani. A primeira finalidade está em afirmar lealdade, em especial no que diz respeito aos reinos subordinados ao Egito – e, portanto, não nos interessa nessa pesquisa. A segunda função é ligada à ideia de irmandade, reforçando a amizade e os laços entre os reis e se reflete pela entrega dos presentes como símbolo desse amor. O terceiro entendimento, por sua vez, está muito próximo ao segundo, e dá luz à reciprocidade, sendo uma analogia aos presentes que deveriam ser trocados³⁴⁸. A título de ilustração, esse fim pode ser percebido por meio da carta EA19, na qual Tušratta diz amar Akhenaton dez vezes mais do que amava Amenhotep III, por consequência, teríamos dez vezes mais presentes sendo enviados e esperava-se receber na mesma proporção.

Logo se percebe que existem padrões retóricos³⁴⁹ e estruturais na escrita das cartas diplomáticas. Tais padronizações são bem definidas, contemplando aspectos como a forma de endereçamento e os costumes esperados. Todo o processo, como dito anteriormente³⁵⁰, era acompanhado por um mensageiro, responsável pela missão diplomática. Ele prepararia o tablete e escreveria na argila as palavras ditas pelo seu rei, iniciando pela fórmula *ana* (para)³⁵¹ / *umma* (de)³⁵², que entendemos como “diga para” / “assim diz” – que reforça o poder da oralidade das relações, na qual o rei “escuta o tablete”³⁵³ diplomático. Nesse sentido, Westbrook argumenta que os acordos não precisavam ser escritos, apesar da versão final, normalmente, o ser. Segundo ele, o aparato legal da negociação era “um acordo oral, do qual a versão escrita era um registro, tendo, apenas, valor comprobatório”³⁵⁴. Em relação à escrita em si, na tradição sírio-

³⁴⁷ CAD 14. BIGGS, Robert D., *et al.* *The Assyrian Dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago*. Chicago: University of Chicago, v. 14, 1999, pp. 136 – 140.

³⁴⁸ GESTOSO SINGER, Graciela. The Term “Love” in the Amarna Letters. *The Bulletin of Australian Centre for Egyptology*, v. 14, 2003, pp. 81 – 83

³⁴⁹ Voltarei a discutir sobre retórica no capítulo seguinte, mas, por hora é interessante destacarmos que o termo possui uma vasta gama de definições. Ela pode ser entendida como um método analítico ou como uma produção heurística. Nesse trabalho, foco em uma conceituação ampla, que concorda com Kenneth Burke: a retórica está presente em qualquer contexto persuasivo, que, por sua vez, se apresenta em argumentações para o significado – que também é parte da persuasão, uma vez que quer transportar uma ideia. BURKE, Kenneth. *A Rethoric of Motives*. University of California Press: Berkeley, 1969, pp. 172-173.

³⁵⁰ Ver tópico “2.3. Mensageiros e suas jornadas no segundo milênio AEC”, acima.

³⁵¹ CAD 1, I. CIVIL, Miguel, *et al.* *The Assyrian Dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago*. Chicago: University of Chicago, v. 1, parte II, 2004, p. 100.

³⁵² CAD 10. BIGGS, Robert D., *et al.* *The Assyrian Dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago*. Chicago: University of Chicago, v. 20, 2010, p. 101.

³⁵³ LAFONT, Bertrand. *Op. Cit.* p. 175.

³⁵⁴ WESTBROOK, Raymond. **International Law in the Amarna Age**. In. COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond. *Op. Cit.*, p. 38. Tradução da autora.

mesopotâmica, era considerado uma cortesia colocar o nome do destinatário antes do remetente; no Egito, porém, a ordem era invertida³⁵⁵. Talvez, essa mudança na tendência tenha a ver com a escrita egípcia, que, em alguns momentos, promovia o que chamamos de “transposição honorífica”, na qual reordenavam-se os hieróglifos para que os nomes ou símbolos ligados ao sagrado fossem colocados à frente dos demais. Era uma convenção social para demonstrar respeito às divindades – e como o faraó era considerado um deus, seu nome também merecia destaque. Não podemos, porém, assumir que essa suposição seja verdadeira, em especial porque na transposição honorífica não há mudança na ordem das palavras, apenas dos hieróglifos. O que é visível sobre essa inversão é que ela poderia gerar protestos e, talvez, esse tenha sido o caso de acusação pelo rei hitita Suppiluliuma I, na carta EA42:

E agora, sobre o seu tablete que [você me enviou], por que [você exaltou] seu nome sob o meu nome? E quem anulou as boas relações [entre nós]? Essa é uma prática correta ent[ão]? Meu irmão, foi procurando paz [entre nós] que você escreveu? E se [foi, seu nome,] por que você o exaltou? E eu sou consid[erado então como] um corpo?³⁵⁶

Ainda na primeira parte da carta, eram feitas as saudações, com desejos e perguntas sobre o bem-estar (*šulmānu*) do rei, sua família e suas posses. Tais saudações também podem ser expressas por meio de presentes³⁵⁷. Curiosamente, o termo acadiano para essas saudações-presente e desejos de bem-estar se repete: *šulmānu* – como podemos ver na carta EA10, por exemplo:

Tabela 1: Bem-estar e presentes

[a-na Na-ap]-³hur³-ra-r[e-i]a šâr KUR M[i-iš-ri-i qí-bí-ma] [u]m-ma Bur-ra-bu-ri-ia-aš šâr KUR Ka-ra-d³du³-n[i-ia-aš] a-na ia-a-ši šu-ul-m[u] a-na ka-a-ša a-na bi-ti-ka a-na aš-ša-ti-ka a-n[a DUMU.MEŠ-ka] a-na ra-ab-³bu³-ti-ka a-na ša-bi-ka a-na GIŠ.GIGIR.ĪI.A-ka a-na si-si-ka ù a-na ma-ti-ka da-an-ni-iš lu šu-ul-mu³⁵⁸.

[Para Nap]hurar[ey]a, rei das terras {do} [Egito, diga:] Assim {disse} Burraburiyaš, rei das terras de Karaduniyaš. Comigo tudo está **bem**. Com você, com sua casa, com suas esposas, co[m seus filhos], com seus alto-oficiais, com sua infantaria, com suas bigas, com seus cavalos e com suas terras que tudo esteja muito **bem**³⁵⁹.

³⁵⁵ Entre as Cartas de Amarna existem 4 cartas escritas pelos faraós (EA1; EA5; EA14 e EA31), em todas elas essa tendência pode ser observada, exceto na EA1.

³⁵⁶ EA42, linhas 15-22. Tradução da autora.

³⁵⁷ CAD 17, III. BRINKMAN, John, *et al. The Assyrian Dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago*. Chicago: University of Chicago, v. 17, parte III, 2008, pp. 244-247.

³⁵⁸ EA10, linhas 1-7. RAINEY, Anson. *Op. Cit.*, pp. 96. Grifo da autora.

³⁵⁹ EA10, linhas 1-7. Grifo da autora.

*šu-ul-ma-na ba-na-a mi-im-ma ul tu-še-bi-lam ù a-na-ku-ma šu-ul-ma-na ba-na-a mi-im-ma ul ú-še-bi-la-ku*³⁶⁰.

Você não me enviou nenhum **presente** muito bom e eu também não te enviei nenhum **presente** muito bom³⁶¹.

Fonte: produzido pela autora

É interessante notarmos que essa parte da carta, apesar de bem estereotipada, poderia servir como uma forma sutil de destacar o *status* social dos correspondentes³⁶². Quando os reis fazem as saudações, eles sempre reforçam que para eles tudo estava bem, mesmo quando o corpo do texto nos revela o contrário. Ademais, o ato de perguntar pela saúde do destinatário (“šulmā ša’alu”) era essencial – para Liverani, é a parte mais importante, pois omiti-la ou interrompê-la implicaria em hostilidade ou crise política³⁶³.

Fica claro, então, que os detalhes retóricos envolvidos, mais do que passar a mensagem, reforçam as estruturas do sistema diplomático – tanto a irmandade como a reciprocidade - e a importância do fator econômico intrínseco nas relações. O corpo do texto, apesar de ser menos estereotipado (tal como era o endereçamento), está constantemente reforçando essas ideias, ao mesmo tempo em que segue normas de conduta bastante definidas. A reciprocidade é a linha condutora dessas negociações, sendo frequentemente usada como um argumento poderoso. Destarte, é importante considerarmos o tipo de documentação que as cartas são: longe de se enquadrarem como tabletas de registro de eventos e fatos, as correspondências têm, em sua essência, um caráter persuasivo, com textos pensados para alcançar um objetivo. Por isso, as cartas devem ser analisadas em termos de propaganda e persuasão³⁶⁴. Não podemos simplesmente assumir que as afirmações feitas sejam verdadeiras, mas devemos encontrar a lógica de barganha, os argumentos retóricos e as metáforas emocionais intrínsecas ao aparato jurídico. Nesse sentido, em muitos momentos, a teoria e a prática dessas relações diplomáticas têm formas diferentes.

Como afirma Liverani, “o sentimento de culpa” faz com que se aleguem ou se fabriquem desculpas para se pedir por presentes³⁶⁵. Sabemos que a economia é um fator importante na

³⁶⁰ EA10, linhas 13-15. RAINEY, Anson. *Op. Cit.*, pp. 96. Grifo da autora.

³⁶¹ EA10, linhas 13-15. Grifo da autora.

³⁶² Sobre a organização da estrutura das cartas, sugiro a leitura de MYNÁŘOVÁ, Jana. *Language of Amarna – Language of Diplomacy. Perspectives on the Amarna Letters*. Praga: Czech Institute of Egyptology, 2007.

³⁶³ LIVERANI, Mario. *Op. Cit.*, 2009, p. 164.

³⁶⁴ LIVERANI, Mario. **The Great Powers’ Club**. In: COHEN, Raymond & WESTBROOK, Raymond. *Op. Cit.*, p. 17.

³⁶⁵ LIVERANI, Mario. *Op. Cit.* 2000, p. 24.

formação das alianças, pois por meio delas os reis teriam mais acesso a materiais não disponíveis em seu território; portanto, a troca de presentes é extremamente importante para a diplomacia. Contudo, os presentes não deveriam ser requisitados e deveriam ser oferecidos de livre e espontânea vontade, sem esperar nada em troca – em teoria. Na prática, para garantir os bens que os interessam, os reis os pediam diretamente e essa “culpa” citada por Liverani era uma forma de amenizar o pedido, o descaracterizando como tal, já que aquele material era necessário. O oposto também é verdadeiro, da mesma forma como os reis estavam sempre em busca de ganhar presentes, eles evitavam os oferecer. Enquanto desculpas eram feitas para se pedir algo, outras desculpas eram criadas para se atrasar o envio³⁶⁶.

Somando-se a isso, os presentes precisavam ser recíprocos, oferecendo algo de mesmo valor em troca, como já apontei anteriormente. A reciprocidade era explicitamente trabalhada e enunciada, contudo, sua prática parece utópica. Primeiramente, porque o Egito sutilmente recusava-se em garantir completa igualdade hierárquica para os reis asiáticos (como percebe-se pela recusa de enviar mulheres para casamentos), não parece que os reis realmente entendiam as propostas dos outros. Em segundo lugar, porque existia como conseguir oferecer menos em retribuição a um presente por meio do atraso no envio, uma vez que “foi notado que em sociedades pré-capitalistas, o atraso em contrapartidas (ou contraprestações) supre uma função análoga, em termos financeiros, aos interesses do capital”³⁶⁷. Por isso, ao mesmo tempo em que se esperava receber presentes rapidamente (e os reis eram enfáticos em pedir agilidade), a recíproca era adiada³⁶⁸. Quando finalmente chegavam, os presentes deveriam ser apreciados, mas a práxis nos mostra uma realidade diferente. Constantemente, os reis reclamavam da qualidade e da quantidade do que foi enviado. Não somente isso envolvia toda a questão econômica, como também respondia à uma questão de “orgulho e recompensa”³⁶⁹.

Nesse sentido, os presentes poderiam ser entendidos como de modo a criar e reforçar o *status* social, que entendo por meio da economia de oferta³⁷⁰. Segundo Rus, apesar da economia de oferta estar ligada ao valor comercial e à reciprocidade, ela tem um impacto muito mais psicológico do que financeiro³⁷¹. Ela cria uma dependência mútua que é usada como forma de afirmação social, conforme o autor explica:

³⁶⁶ LIVERANI, Mario. *Op. Cit.* 2000, p. 24.

³⁶⁷ LIVERANI, Mario. *Op. Cit.* 2000, p. 25.

³⁶⁸ É evidente que, por ser praticada pelos dois lados da negociação, as estratégias se anulavam.

³⁶⁹ LIVERANI, Mario. *Op. Cit.* 2000, pp. 24 - 25.

³⁷⁰ Conceito da Antropologia, que, de forma simples, explica costumes de sociedades em oferecer bens ou serviços com base em seu valor de uso, de forma diferente da economia de mercado.

³⁷¹ RUS, Andrej. *Features of Gift Exchange in Market Economy.* 2012, 467 f. Tese (Doutorado). Univerza V Ljubljani – Fakulteta za Družbene Vede, 2010. Ljubljani, 2010, p. 15.

quando um objeto é vendido, o novo dono adquire completa propriedade sobre o objeto que ele comprou. O objeto de troca, então, se torna ‘alienado’ de seu dono anterior. Por outro lado, o objeto que é dado como um presente não é alienado de quem o deu. O receptor se torna um mero possessor do presente. Além disso, presentes não apenas continuam a incorporar a identidade do doador, mas também impõe sua identidade sobre o receptor. Como resultado, o receptor, ao carregar (parte da) identidade do doador, se torna subordinado (‘em débito’) do último³⁷².

Nesse sentido, os presentes doados aparecem como uma forma de hierarquizar as relações fraternais e, portanto, de uma forma sutil, quebrava-se com o elo de paridade entre os governantes, apontando intenções de âmbito pessoal³⁷³ desses reis, no qual o “eu” é melhor que o “outro”. Assim, a reciprocidade (garantida pelo sistema de igualdade) servia, também, como um artifício para estabelecer uma “hierarquia não-dita” de cunho pessoal entre os reinos, por meio da economia de oferta. Havia, portanto, uma noção de superioridade vinculada aos presentes enviados, mesmo que o sistema se baseasse na ideia de dom e contradom. Nesse sentido, ao apontar falhas de seus correspondentes, apontava-se, também, as vantagens e a grandeza de si próprio enquanto exige-se mais do outro.

Por outro lado, o frequente uso de termos associados à fraternidade cria um ponto de equilíbrio, no qual essa hierarquia pessoal não é assumida. Assim, as saudações pessoais, realizadas no início das cartas, se tornam uma forma de afirmação de *status* legal: são irmãos e iguais. Discutirei, em outro momento, mais sobre esses apontamentos entre hierarquias e paridade dentro do sistema diplomático. Por hora, é importante ter em mente que os membros de uma comunidade interterritorial são regidos por convenções políticas, regras e leis acordadas entre todos – e isso garantia o funcionamento do sistema. É claro, as Cartas de Amarna não são documentos jurídicos, mas elas nos revelam a importância dos termos legais para se entender a dinâmica entre os reis.

O mundo próximo-oriental era extremamente hierarquizado, desde o âmbito doméstico até o imperial, respondendo ao sistema de Casas. Nessa estrutura, “o rei era considerado nada mais do que um chefe de família em grande escala”³⁷⁴ e a unidade interterritorial era a agregação dessas grandes Casas sob a jurisdição divina. Ao contrário dos dias atuais, uma base interterritorial comandada pelos deuses fazia sentido naquele contexto³⁷⁵. Isso significa que os

³⁷² RUS, Andrej. *Op. Cit.*, pp. 15-16. Tradução da autora.

³⁷³ Conforme delimitar na introdução – nota de rodapé número 19.

³⁷⁴ WESTBROOK, Raymond. *Op. Cit.*, p. 29.

³⁷⁵ Para Rede, o Sistema de Amarna não configura um sistema de direito internacional por não existir organismos supranacionais. De fato, as cartas não representam um corpus jurídico, contudo, a jurisdição divina é um instrumento supranacional legítimo no mundo antigo. REDE, Marcelo. *Relações Internacionais, Diplomacia e Direito na Antiga Mesopotâmia. Phoênix*. Rio de Janeiro, n. 13, 2007, pp. 167 – 177. Disponível em: http://phoenix.historia.ufrj.br/media/uploads/artigos/11_Relacoes_internacionais_diplomacia_e_direito_na_antiga_mesopotamia_Ma_kGGmUc3.pdf

Grandes Reis não eram o topo absoluto da hierarquia, mas estavam subjugados à questão religiosa. Assim temos os reis vassalos na base da pirâmide, em cujo centro estão os Grandes Reis e o topo representa os deuses.

Nesse sentido, alguns apontamentos se fazem necessários. Em primeiro lugar, as monarquias antigas estabelecem uma forma de governo muito diferente da dos Estados atuais. Não havia diferença entre a vontade do rei a vontade do reino – ambos agiam como um só. Em segundo, a religião era parte do mundo real daqueles povos, todos acreditavam nos deuses, ainda que eles não fossem os mesmos, não existia algo como “um falso deus”. Ninguém iria questionar a vontade de divindades e elas governavam tanto quanto os reis. As decisões e ações de deuses eram tão temidas e reais quanto as dos homens. Qualquer calamidade natural (pragas, inundações, secas etc.) era entendida como uma punição divina e, a partir de então, as pessoas (governantes ou não) deveriam tomar atitudes para reparar esses erros e acalmar os deuses. Ademais, se a jurisdição é divina, as regras estabelecidas no sistema estão no campo da religião e, conseqüentemente, se não há diferença entre o reino e o rei, também não há diferenças entre lei e religião. Desse modo, elas se definem de forma extrajurídica, com elementos de honra, honestidade e consciência³⁷⁶.

Há, ainda, um terceiro elemento a ser ponderado, que diz respeito aos julgamentos. Estamos acostumados a perceber cortes especiais para tratar de casos referentes aos chefes de Estado, contudo, quando tratamos de uma lei divina, todos (sejam rei ou escravos) estão submetidos aos mesmos juízes. Os deuses julgam a todos sem distinção e todos poderiam, por meio de preces, pedir por recursos. Em termos domésticos, os deuses eram o último recurso, ao qual apelavam quando o tribunal humano não poderia providenciar justiça. Destarte, quando se trata de uma relação interterritorial³⁷⁷ o tribunal divino é a primeira (e única) instância – não havia nenhuma outra autoridade para a qual recorrer³⁷⁸.

O rei, enquanto “chefe de família”, tinha autoridade sobre todos os seus súditos e suas obrigações podem ser forçadas a eles. Os subordinados do rei poderiam responder em seu nome por uma punição ou, até mesmo, toda “família” poderia ser castigada por algum erro grave de seu representante. Nesse sentido, apesar de os acordos serem pessoais entre os reis, a violação deles poderia acarretar punições para todo o reino. Tais punições, como explicado, acontecem por meio de uma jurisdição divina, são dadas pelos deuses e podem assumir três formas: pessoal

³⁷⁶ WESTBROOK, Raymond. *Op. Cit.*, pp. 30 - 31.

³⁷⁷ Me refiro aqui ao caso das relações entre os grandes reis. Os reis vassalos estavam um passo atrás em relação à jurisdição divina, visto que apesar de terem autonomia na lei doméstica, a relação com outros reis vassalos dependeria da política adotada pelo império que o dominava.

³⁷⁸ WESTBROOK, Raymond. *Op. Cit.*, pp. 31 - 32.

(diretamente ao rei), vicária (destinada à população) ou coletiva (acomete tanto o rei quanto seus súditos)³⁷⁹, como apresentado no capítulo anterior.

É importante ressaltar que a documentação de Amarna não é um corpus legislativo, nem tinha suas regras estabelecidas por um acordo específico no assunto. Pelo contrário, por responder aos anseios mais morais do que jurídicos (ligados à religiosidade), as práticas rotineiras desses contatos foram concretizadas pela tradição, que vinha se estabelecendo por séculos, como visto no capítulo anterior. Isso é válido tanto para as questões técnicas (de linguagem e estrutura) como para as condutas (costumes estabelecidos e negociações possíveis).

Entre as formas de conduta definem-se, por exemplo, os modos como são tratados os mensageiros, casos de extradição e cidadãos estrangeiros. Já entre as negociações podemos pensar termos de persuasão, a base que permite certos argumentos, e a formatação e tipologia dos acordos. A diplomacia era entendida como um contrato, referenciado pelo termo *rikiltu*³⁸⁰, portanto, “um acordo entre reis era simplesmente um contrato que iria ligar as suas famílias **igualmente**”³⁸¹. Destaco aqui a ideia de igualdade, para frisar que esses reis tratavam-se como irmãos com o intuito de manter uma paridade, mas isso não significa que eles agiriam sempre de bom coração – afinal, irmãos podem brigar³⁸².

Os contratos não precisavam ser escritos, apesar de muitas vezes o serem depois de que as negociações estavam concluídas, na forma de tabletes grandes³⁸³. Como dito, o aparato legal nos acordos era o estabelecido de forma oral, mediante a um juramento feito na presença dos deuses. Assim, os deuses serviam tanto como testemunhas³⁸⁴, como juízes e supervisores. A relação entre os reinos era oficializada por meio de um juramento que acontecia em uma cerimônia especial, na qual preparava-se um baquete e realizavam o abate de animais³⁸⁵, enfatizando a seriedade e a durabilidade das promessas. As relações entre os Grandes Reis respeitavam os termos de reciprocidade e propunham obrigações aos governantes envolvidos. Nesse sentido, pode-se questionar: como que reis de igual poder aceitam a obrigatoriedade de

³⁷⁹ WESTBROOK, Raymond. *Op. Cit.*, p. 37. No capítulo 1, ver a página 54.

³⁸⁰ *rikiltu* (ou *rikistu*) significa: 1. decreto, contrato, acordo, regulamento; 2. tratado; 3. conspiração. CAD 14. BIGGS, Robert D. *et al. Op. Cit.*, 1999, pp. 345-346.

³⁸¹ WESTBROOK, Raymond. *Op. Cit.* p. 37. Tradução e friso da autora.

³⁸² BECKMAN, Gary. **International Law in The Second Millennium: Late Bronze Age**. In. WESTBROOK, Raymond (ed). *A History of Ancient Near Eastern Law*. Leiden: Brill, 2003, p. 755.

³⁸³ Ver nota 292

³⁸⁴ Ver tópicos 2.1. O meio: Mari (c. 2000–1595 AEC); e 2.3. Mensageiros e suas jornadas no segundo milênio AEC.

³⁸⁵ Para PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 82, esses abates eram exclusivamente de burros. O processo cerimonial já foi descrito na página 92.

elementos propostos por outro rei sem se tornar submissos a ele? Segundo Westbrook, eram os deuses quem estabeleciam as obrigações, não os reis; estes apenas as aceitavam e as reconheciam³⁸⁶. Essa ideia já aparece com o resgate das estátuas de Marduk e Sarpanitum pelos cassitas, uma vez que o rei de Agum-Kakrime argumentou que os deuses pediram para passar uma temporada em Hatti para estabelecer boas relações³⁸⁷.

Liverani defende que essas interações podem, e devem, ser percebidas pelo viés da antropologia – para além das relações de reciprocidade e economia de oferta. Em seus estudos, as relações e estruturas sociais dialogam com costumes organicamente humanos e, mesmo que seu uso não seja colocado em prática, os costumes são percebidos e reconhecidos no contexto de Amarna³⁸⁸. Isso ficará mais claro na medida em que apresento as conceituações.

Em primeiro lugar, podemos considerar Lévi-Strauss, que define a comunicação como a chave de qualquer sociedade. Segundo o autor, ela pode ser dividida em três aspectos: comunicação sobre a) mulheres; b) materiais e serviços e c) mensagens³⁸⁹. Tal comunicação, porém, não é estritamente linguística, mas também inclui as regras que ditam “como o ‘jogo de comunicação’ deveria ser jogado tanto no nível natural como no cultural”³⁹⁰. Assim, as atitudes promovidas entre grupos diferentes vão, necessariamente, passar por algum desses três aspectos de comunicação, dependendo de sua escala – isso inclui as questões políticas e econômicas envolvidas nos contatos.

Podemos ilustrar essa situação por meio do caso dos casamentos diplomáticos promovidos entre os Grandes Reis da Era de Amarna. Certamente, esse costume perpassa pelo campo da comunicação sobre mulheres, uma vez que envolve o envio de uma princesa para o matrimônio. Os casamentos em comunidades pequenas são uma forma de sobrevivência mais efetiva que a endogamia, contudo, em escala internacional, eles se tornam uma forma de prestígio social para fins políticos³⁹¹. Afinal, se o colocarmos de forma objetiva, quando acontece entre iguais, o matrimônio pode servir para reforçar uma boa relação ou para resolver situações conflitantes ou tensas. De modo geral, na tradição sírio-mesopotâmica, o resultado dessa negociação seria a princesa enviada se tornando a rainha do reino que a recebeu, estabelecendo uma relação de parentesco entre as famílias reais. Assim, a estrutura desses

³⁸⁶ WESTBROOK, Raymond. *Op. Cit.* p. 38.

³⁸⁷ Situação descrita nas páginas 72-73.

³⁸⁸ LIVERANI, Mario. *Op. Cit.*, 2009, pp. 163-167.

³⁸⁹ LÉVI-STRAUSS, Claude. **Social Structure**. In: KROEBER, A. L. *Anthropology Today: An Encyclopaedic Inventory*. Chicago: Chicago University Press, 1953, p. 536.

³⁹⁰ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Op. Cit.*, p. 536. Tradução da autora.

³⁹¹ LIVERANI, Mario. *Op. Cit.* 2009, p. 163.

contatos reforça o princípio da fraternidade, já que une as duas Casas em uma. Por outro lado, existe um elemento psicológico resultado disso, como afirma Meier³⁹²:

Casamento na Assíria possuía diferentes características daqueles atestados na Babilônia. Esses casamentos no leste semita, por sua vez, pressupõem expectativas diferentes daquelas atestadas no mundo semítico do oeste. Quando alguém expande os horizontes do Oriente Próximo para incluir as culturas dos antigos egípcios, hititas e hurritas, não se pode simplesmente extrapolar características de casamento de um espaço ou tempo particular e esperar que elas reapareçam em outro local.

Isso significa que o modo como cada reino interpretava os casamentos diplomáticos não era padronizado e ia além do que a teoria que os instaurou define. No Egito, em particular, a relação com o envio de princesas para matrimônio interterritorial é bastante representativa no que diz respeito a essas formas de interpretação. Enquanto na tradição sírio-mesopotâmica, as princesas enviadas se tornavam rainhas, no Egito elas tornavam-se parte de um harém e, portanto, são um símbolo de prestígio. A Esposa Principal³⁹³ do rei do Egito deveria ser uma mulher local (normalmente associada à família real), tanto para preservar a dinastia, como para agradar a opinião pública, uma vez que esta não aceitaria uma rainha estrangeira no trono³⁹⁴.

Não cabe a este trabalho entrar em detalhes sobre os costumes egípcios em relação ao casamento, basta dizer que os reis eram associados às divindades e, para que se legitimassem e o sangue real continuasse no trono, era comum o casamento entre faraós e suas primas, irmãs, tias ou filhas. Essas mulheres se tornavam a “Grande Esposa Real”, assumindo a qualidade de rainhas do Egito, mas elas não eram as únicas esposas do faraó. Teoricamente, o faraó poderia se casar com uma mulher estrangeira ou plebeia, mas seus filhos não seriam reis. O sucessor ao trono deveria ser um homem de linhagem real (e, portanto, filho da Grande Esposa Real)³⁹⁵. Essas condições são extremamente relevantes para entendermos a mentalidade egípcia e a forma como este povo se portava diante dos casamentos diplomáticos – visto que, como dito anteriormente, as estruturas do Sistema de Amarna são um reflexo dos costumes domésticos postos em grande escala.

Por um lado, os reis egípcios mantinham a tradição de casamento dentro da própria família. Por outro, casamentos incestuosos carregam um tom pejorativo: Lévi-Strauss defende

³⁹² MEIER, Samuel A. **Diplomacy and International Marriages**. In: COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond (eds). *Op. Cit.*, p. 165. Tradução da autora.

³⁹³ Não existe um termo equivalente à “rainha” no Egito, sendo que a mulher que cumpre esse papel recebe uma série de títulos entre os quais “Esposa Principal”, que a diferencia das demais esposas do faraó.

³⁹⁴ Isso não significa que rainhas estrangeiras não existiram. Dentro do contexto de Amarna, conhecemos, por exemplo, o caso de Maat-Hor-Neferure, uma princesa hitita que casou-se com Ramsés II, e foi reconhecida como rainha. MEIER, Samuel A. *Op. Cit.*, p. 172.

³⁹⁵ Contudo, é ingenuidade pensar que, na prática, filhos de esposas secundárias não chegaram assumir o governo. Isso pode ser sido muito mais comum do que imaginamos, pois, para se legitimarem, os reis frequentemente citam os nomes de seus pais, mas poucas vezes inscrevem o nome de suas mães.

a universalidade da condenação de práticas incestuosas dentro de um sistema de comunicação, pois tal proibição era uma forma de evitar que grupos permanecessem fechados em si e, como consequência, possibilitava articulações recíprocas³⁹⁶. Assim, os casamentos diplomáticos funcionavam de modo a incentivar a comunicação externa, conforme apontado acima. Na prática, isso significa que o incesto pode ser considerado uma forma de recusa da comunicação, enquanto a repulsa a ele seria uma forma de incitá-la. Nesse sentido, a tradição sírio-mesopotâmica confirma a importância da mulher para a comunicação interterritorial, mas podemos questionar a ação egípcia nessa frente.

Afinal, se estamos tratando de casamentos entre reis que se dizem iguais, pertencentes a uma mesma Casa/família, as princesas teriam a mesma importância hierárquica e deveriam ser colocadas no posto de esposas principais do rei que as recebesse. Contudo, se no Egito o casamento com estrangeiras não resultava na aceitação dela como rainha, como que se estabelecia essa paridade? Colocá-las em harém era diminuir sua importância relativa e ostentá-las como forma de reconhecimento pelos reinos que as enviaram. Isso tudo pode soar como se o Egito estivesse agindo de forma a se negar a manter a comunicação com os demais reis próximo-orientais. Destarte, a opção de recebê-las em haréns também funcionava como uma alternativa para que a comunicação pudesse acontecer constantemente, sem ir contra a tradição egípcia. Assim, o faraó mantinha seus contatos e poderia ampliá-los para casar-se com mais do que uma princesa por vez, criando mais laços em menos tempo.

A escolha egípcia em não elevar as princesas estrangeiras ao cargo de rainha, contudo, não passou despercebida. A carta EA1 nos sugere a insatisfação babilônica sobre isso. Nela, Amenhotep III cita as palavras que o rei Kadašman-Enlil teria lhe dito em alguma outra mensagem, se mostrando aborrecido por não ter quem reconheça a sua irmã no Egito. A princesa babilônica havia sido posta em um harém entre diversas outras mulheres e, portanto, rebaixada em seu *status* social. Aparentemente, ninguém sabia dizer qual das mulheres do harém era a irmã de Kadašman-Enlil.

E quando você escreve dizendo “Talvez fosse a filha de alguma pessoa humilde, ou uma das kaskeans ou uma filha da terra de Khanigalbat³⁹⁷, ou talvez da terra de Ugarit, que meus emissários viram. Quem pode confiar a neles como ela é? [...]”. [Eu apontei sua ir]mã para a rai[nha mãe co]mo a senhora de uma casa[...] E como você escreveu dizendo “quanto as minhas filhas que estão casadas com reis que são meus vizinhos. Se meus emissários [vão] lá, eles conversam com ela[s e elas envi]am para mim um

³⁹⁶ LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.

³⁹⁷ *i.e.*, Mitani.

presente. [...] É apropriado que você dê suas filhas para adquirir um vestuário de seus vizinhos?³⁹⁸.

No trecho Amenhotep III faz sua defesa, afirmando e ele não pode ser culpado pelo fato dos emissários babilônicos não a reconhecerem. Aos olhos do faraó não haveria diferença entre as princesas estrangeiras de seu harém, mas ele garantia que a irmã de Kadašman-Enlil estava bem. Ele ainda retruca dando a entender que o rei babilônico havia vendido a princesa, como um objeto, em troca de presentes. Esse posicionamento é interessante por dois motivos em especial: 1) porque mostra uma relação próxima entre mensagens de mulheres e materiais e serviços (ideia que explicarei em seguida); e 2) porque aponta uma noção de superioridade egípcia, na qual enviar mulheres para o exterior era uma forma de diminuir a importância delas e de seu reino.

Esse segundo ponto fica bastante claro quando consideramos que, em relação aos casamentos, o Egito não estava disposto a ser recíproco. Mais uma vez o sistema diplomático parece ser subvertido pelos faraós. Por acharem que enviar uma princesa ao exterior era uma forma de perda de prestígio, já que a egípcia estaria se sujeitando à cultura estrangeira, os faraós nunca enviaram noivas ao exterior. Como afirma Meier, isso é um reflexo da própria noção de “rei” que existia no Oriente Próximo, que divergia no Egito, na Mesopotâmia e na Anatólia. Enquanto na Mesopotâmia os reis eram considerados humanos escolhidos pelos deuses para governar, o Egito era liderado pelo próprio deus e em Hatti o monarca se tornaria uma divindade após a morte³⁹⁹. Essa mentalidade pode ser ampliada ainda mais: para os egípcios, o faraó era o responsável pelo mundo (resumido ao Vale do Nilo), os territórios fora disso eram terras de caos; isso significa que, para eles, os estrangeiros não eram pessoas do mesmo modo que os egípcios eram⁴⁰⁰. Nenhuma mulher egípcia, então, seria sujeitada ao exterior, principalmente, porque o Egito estava aceitando adotar uma tradição política que não era a sua – já é uma surpresa que o faraó permitisse ser chamado pelo mesmo termo que os outros Grandes Reis eram referidos: *šarru* (rei em acadiano)⁴⁰¹.

Mais uma vez, essa recusa em aceitar enviar princesas ao exterior foi notada e poderia ser interpretada como se o faraó estivesse se negando a manter a comunicação. Isso poderia significar o colapso do Sistema como um todo, já que interrompia a reciprocidade das relações e da comunicação em respeito aos matrimônios. A atitude foi questionada pelos babilônicos,

³⁹⁸ EA1, linhas 36-61. Tradução da autora.

³⁹⁹ MEIER, Samuel A. *Op. Cit.*, p. 166.

⁴⁰⁰ MEIER, Samuel A. *Op. Cit.*, p. 168.

⁴⁰¹ MEIER, Samuel A. *Op. Cit.*, p. 166.

como vemos em duas cartas, EA2 e EA4: “[Suas filhas estão disponíveis. Por que você não d]eu (uma) para mim?”⁴⁰²e

[Ademais]s você, meu irmão, quando [escreveu para mim] sobre não en[tregar] (uma filha) quando eu es[crevi para você] por uma filha para casamento, dizendo: “desde os tempos antigos, uma filha do rei do Egito nunca foi entregue a ninguém”, por que [uma] nunca [foi entregue]? Você é um rei, você pode [fazer] o que quiser. Se você fosse dar (uma filha) quem p[oderia dizer] qualquer coisa? Quando eles disseram-me essa mensagem, eu escrevi pa[ra o meu irmão] assim, dizendo: “há filhas adultas [de alguém], mulheres bonitas. Envie uma como se ela fosse [su]a [filha]. Quem irá dizer “ela não é a filha do rei?”⁴⁰³

Felizmente, apesar da crítica, os reis asiáticos aceitaram receber outros bens, em especial ouro, ao invés de princesas. Essa solução era “considerada humilhante para os seus colegas”⁴⁰⁴, como fica perceptível pela ironia utilizada por Amenhotep III na EA1: “É apropriado que você dê suas filhas para adquirir um vestuário de seus vizinhos?”⁴⁰⁵. Nesse sentido, nota-se com obviedade que a estrutura de Lévi-Strauss sobre comunicação acerca de mulheres se confunde com a de troca de materiais e serviços⁴⁰⁶.

Um casamento diplomático envolvia não só a entrega de princesas para outros reis, mas também movimentava a troca de presentes. Por um lado, os noivos (reis ou príncipes) enviavam um presente para o futuro sogro; por outro, as noivas levavam consigo grandes dotes. É claro, os dotes continuavam em posse da mulher, como uma espécie de garantia, mas incluíam utilidades domésticas que comporiam o palácio, como vasos de metal, móveis de marfim e ouro, roupas e servos. Mais o que isso, as negociações de casamento eram longas e envolviam a troca de muitos bens durante o processo.

É importante notarmos, todavia, que a interpretação sobre os matrimônios era diferente. Acima, foquei-me muito no caso do Egito, mas parte da aceitação dos reis mesopotâmicos em não receber princesas egípcias também se dá pela mentalidade envolvida nessa tradição. Enquanto os egípcios entendiam o envio de mulheres uma forma de submissão, na Mesopotâmia enfatizava-se a relação de parentesco que esses casamentos proporcionavam. Em termos antropológicos, quando uma mulher é enviada ao exterior, o grupo provedor é tido como superior, pois é graças a ele que se continuará a linhagem do outro.

Nesse sentido, é interessante notar que “a ligação matrimonial entre grupos nem sempre, talvez nem mesmo frequentemente, é algum tipo de aliança cinquenta-cinquenta entre partes

⁴⁰² Carta EA2, linhas 12-13.

⁴⁰³ Carta EA4, linhas 4-13.

⁴⁰⁴ LIVERANI, Mario. *Op. Cit.*, 2009, p. 164.

⁴⁰⁵ EA1, linha 61. Tradução da autora.

⁴⁰⁶ Comentado acima, na página 104.

homólogas. Um grupo entrega uma mulher, o outro a recebe [...]”⁴⁰⁷. Como dito, os egípcios entendiam que a mulher estava se submetendo ao reino alheio – e, portanto, recebê-las era uma forma de prestígio. Na tradição sírio-mesopotâmica, em contrapartida, o rei que enviasse uma de suas filhas para outro governante enfatizava, sempre que possível o fato de que agora ele era o sogro (*ēmu*) do que o que a recebeu (*ḥatānu*). Conseqüentemente, criava-se um laço de parentesco não apenas teórico, mas real e palpável – o rei receptor era parte de sua família estendida. Nessa realidade em que a organização do mundo funcionava como uma estrutura de Casas, estabelecer-se como sogro ou genro tem um impacto de âmbito pessoal. Por mais que os termos pudessem ser utilizados dentro do Sistema sem significar algo que diminuísse a posição dos “Grandes Reis”⁴⁰⁸, ligados pela fraternidade; para fins psicológicos, um “sogro” está hierarquicamente acima de seu “genro”, uma vez que as Casas são regidas pelos homens mais velhos. Os reis estavam conscientes de que cada grupo tinha uma interpretação diferente (presumidamente, inferior) sobre esses matrimônios, mas os termos da língua franca eram suficientemente ambíguos para que as relações se estabelecessem de forma satisfatória para ambos.

Independentemente da motivação para esses casamentos, o resultado foi uma rede de relacionamentos entre os Grandes Reis que se espalhou amplamente pelas suas capitais. Parece que cada Grande Rei era sogro ou genro ou cunhado de pelo menos um ou dois outros⁴⁰⁹.

Toda essa explicação sobre as relações matrimoniais serve para dizer que a comunicação entre diferentes sociedades, por mais que tenham as mesmas balizas, não precisam, necessariamente, partir de uma mentalidade igual, basta que se equilibrem. Nesse sentido, a comunicação sobre mulheres permite, também, os outros dois tipos de comunicação propostos por Lévi-Strauss: a sobre materiais e serviços, e a sobre mensagens. Conforme apontei acima, o envio de esposas envolvia, também, a circulação de bens e longas fases de negociação. Contudo, esses não são os únicos elementos dessa comunicação. O envio de materiais não relacionados aos casamentos acontecia, por exemplo, para celebrar algum evento específico como a ascensão de um novo rei e a realização de uma nova construção; ou simplesmente para acompanhar uma carta. É interessante notar, como aponta Liverani, que os bens deveriam ser personalizados de acordo com o destinatário e o remetente – na prática, isso é visível pela

⁴⁰⁷ SAHLINS, Marshall. *Stone Age Economics*. Chicago: Aldine. Atherton, Inc., 1972, p. 223. Tradução da autora.

⁴⁰⁸De acordo com Meier, o termo “parentesco” é muito pobre para definir as relações entre os Grandes Reis e, ao ser invocado, tinha um sentido bastante vago, que propiciava um uso particular entre esses governantes. MEIER, Samuel. *Op. Cit.*, p. 168

⁴⁰⁹ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 233.

generalização dos presentes: quando enviados a indivíduos homens, normalmente são itens associados a cavalos ou armas; no caso de mulheres, os presentes são roupas ou perfumes⁴¹⁰.

A comunicação associada às mensagens, por sua vez, funciona em serviço das outras duas, pois é usada para negociar os termos dos casamentos e da troca de bens materiais. As trocas de correspondências acabam se confundindo, portanto, com as outras comunicações. É difícil estabelecer até que ponto a troca de bens acompanha uma carta ou uma carta acompanha os presentes. É preciso ter em mente, entretanto, que esse tipo de contato era importante por um propósito muito além dos ganhos comerciais ou do estabelecimento de parentesco. Isso porque a troca de mensagens era a forma mais eficaz de manter o contato. Por isso, em muitos casos as negociações aconteciam de forma tão lenta que se tornavam intermináveis⁴¹¹. Nessas ocasiões, os meios são mais importantes do que os fins, pois garantiam a manutenção do contato do decorrer do tempo. Como afirma Liverani, “essa conduta era contra produtiva para os agentes de negociações estritamente comerciais, que não eram interessados na perseguição, mas na captura – isto é, em fechar o negócio. Porém, isso era uma excelente ferramenta para melhorar os contatos políticos e interculturais”⁴¹².

2.5. A DOCUMENTAÇÃO: PELO OLHAR DAS HUMANIDADES DIGITAIS.

Pode parecer óbvio afirmar que ao estudar a História estamos refletindo sobre a humanidade e, portanto, os seres humanos. Contudo, gosto de enfatizar essa questão para que lembremos, constantemente, que nossas pesquisas são sobre pessoas e, tal como nós, elas eram subjetivas, mutáveis, ambiciosas e influenciáveis. Cada pessoa é um universo em si próprio e, muitas vezes, nos deixamos levar pelos estudos de costumes comuns, generalizações sobre um pensamento predominante de cada época etc. Tenho a impressão que quanto mais recuamos no tempo para fazer uma pesquisa historiográfica, mais desumanizamos aquelas pessoas, esquecendo de considerar e conferir as suas características individuais. É claro que nunca será possível entender e saber como pensavam aqueles indivíduos de forma total, mas podemos buscar nos aproximar, a partir da união de diversos tipos de estudos que nos ajudem a entender comportamentos humanos. Por isso, no tópico anterior, ao explicar sobre o contexto e estrutura da documentação usada por mim neste estudo, procurei trazer elementos de outras áreas das Ciências Humanas. Isso nos ajuda a perceber, no homem antigo, elementos que são presentes em todos nós enquanto seres humanos. Agora, entretanto, muno-me das Humanidades Digitais,

⁴¹⁰ LIVERANI, Mario. *Op. Cit.* 2009, p. 164.

⁴¹¹ LIVERANI, Mario. *Op. Cit.* 2009, p. 168.

⁴¹² LIVERANI, Mario. *Op. Cit.* 2009, p. 168.

para pensar a fonte por um novo viés que contribua para entendermos a realidade dos contatos em termos mais pragmáticos, sem deixar de considerar as características humanas desse sistema diplomático.

As Humanidades Digitais são um elo entre as Ciências da Informação, Humanas e Sociais. Em outras palavras, são uma transdisciplina que utiliza métodos digitais em pesquisas sociais ou humanas⁴¹³, e assim, investiga questões sobre as sociedades por meio da tecnologia. Isso pode ser entendido em uma relação mais restrita ou ampla. Nesse segundo caso, podemos compreender quaisquer aparatos digitais usados durante o processo de pesquisa. É cada vez mais evidente que, nos dias atuais, os estudiosos dependem das novas tecnologias. O nível de dependência pode variar, mas ela está presente: seja na plataforma de consulta de uma biblioteca ou pelo simples uso do computador para a digitação e divulgação dos resultados. No Brasil, especialmente, as iniciativas de *open access* são grandes facilitadoras do conhecimento, uma vez que a falta de grandes centros, acervos ou museus dedicados ao Oriente Antigo dificulta o acesso de jovens estudantes e nos torna, relativamente, dependentes de um contato com o exterior⁴¹⁴.

De forma mais restrita, podemos pensar as Humanidades Digitais como ferramentas metodológicas. Como afirma Berry, computadores são capazes de transformar informações cotidianas em algoritmos manipuláveis, que nos ajudam a entender as relações⁴¹⁵. Justamente por isso, as humanidades digitais eram vistas, de início, como uma técnica, usada para uma análise quantitativa na criação de uma base de dados; com o tempo percebeu-se a importância das relações digitais e desenvolveram-se teorias próprias para as Humanidades Digitais, que contribuem para a análise qualitativa dos dados encontrados⁴¹⁶. Assim, o que, nos anos 1990 e 2000, era usado como instrumentos de digitalização e acesso das humanidades, hoje é um campo novo, muito mais específico para um novo contexto, no qual as pesquisas já foram feitas e pensadas em meios digitais. Douglas Eyman, ao contar sua trajetória e experiências, em especial na revista *Kairos*, apresentou as preocupações que surgiram para a aplicação das Humanidades Digitais e do mundo computacional para fins pedagógicos e científicos⁴¹⁷.

⁴¹³ DACOS, Marin. *Manifesto das Humanidades Digitais*. Tradução de Hervé Théry. 2012. Disponível em <https://tcp.hypotheses.org/497>

⁴¹⁴ Friso, porém, que existem pesquisas de alto padrão sendo desenvolvidas no Brasil com profissionais altamente qualificados. A crítica e a necessidade de contato com o exterior se fazem uma vez que o Brasil, em termos institucionais, não possui aparatos e investimentos adequados para a área.

⁴¹⁵ BERRY, David M (ed). *Understanding Digital Humanities*. Londres: Palgrave Macmillan, 2012, p. 2.

⁴¹⁶ BERRY, David M (ed). *Op. Cit.*, pp. 2-3.

⁴¹⁷ EYMAN, Douglas. *Digital rhetoric: theory, method, practice*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2015, pp. 1-15.

Com isso em mente, acredito, em acordo com Düring, Jatowt, Preiser-Kapeller e van den Bosch, que “historiadores podem em muito se beneficiar com as vantagens das ciências da computação e da informação que são dedicadas aos procedimentos, organização e análise de tais dados”⁴¹⁸. Pensar a Diplomacia Amarniana pelo viés das Humanidades Digitais possibilita uma visualização controlada e estruturada da fonte a partir da união de elementos das tecnologias digitais e das áreas de humanidades. Isso porque

Essencialmente, as Humanidades Digitais questionam o potencial humano na era das informações em rede [...]. As atividades de processamento [...] otimizam as habilidades dos computadores, geotecnias e sistemas de informação a fim de automatizar determinadas tarefas úteis para responder aos tipos de perguntas propostas inicialmente na pesquisa. Os projetos digitais dependem do conhecimento e compreensão de determinados fundamentos e assimilação dos ambientes e redes nos quais os projetos se desenvolvem de forma diversa⁴¹⁹.

Para minha análise, voltei-me à *Social Network Analysis* (SNA)⁴²⁰, na qual “os relacionamentos se tornam prioridade máxima” e que se preocupa com “o estudo sobre como estruturas regulares influenciam as atitudes dos atores”⁴²¹. Por isso, acredito que a *Social Network Analysis* pode contribuir significativamente nessa pesquisa, uma vez que a fonte e o objeto são essencialmente reflexos do relacionamento entre reis e reinos⁴²². A SNA une a matemática, a informática, a teoria gráfica e a sociologia de forma a criar gráficos visuais de relacionamentos complexos. As técnicas da SNA podem ser trabalhadas de forma individual (focada em uma única pessoa) ou global (considerando todos membros pertencentes àquela rede de conexões). Essa pesquisa, por se tratar de um sistema diplomático, trabalha em âmbito global, permitindo pensar a História Antiga e as sociedades próximo-orientais de modo integrado. Isso, portanto, rompe com uma noção tradicional, exposta por Guarinello⁴²³, na qual somos levados a perceber a História como algo progressivo, com uma etapa depois da outra,

⁴¹⁸ DÜRING, M., JATOWT, A., PREISER-KAPPELLER, J., VAN DEN BOSCH, A. (eds.). *Proceedings of the 3rd HistoInformatics Workshop*. Cracóvia, Polônia. 11/Julho/2016. Disponível em: <http://ceur-ws.org>. Tradução da autora.

⁴¹⁹ FLEMING, Maria Isabel D’Agostino; TEIXEIRA-BASTOS, Marcio; PORTO, Vagner Carvalheiro. A Arqueologia Clássica e as Humanidades Digitais no Brasil. *Cadernos do LEPAARQ*, v. XIV, n. 27, 2017, p. 16. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/view/10544>

⁴²⁰ Ou “Análise de Redes Sociais”.

⁴²¹ OTTE, Evelien; ROUSSEAU, Ronald. Social network analysis: a powerful strategy, also for the information sciences. IN: *Journal of Information Science*. 28 (6), 2002, p. 442.

⁴²² No Brasil, os trabalhos do Prof. Dr. Carlos Gonçalves representam outros exemplos sobre como a SNA pode beneficiar os estudos da História Antiga. Destaco: GONÇALVES, Carlos. Social Network Analysis and Kinship in the Old Babylonian Diyala. Fathers and Sons in the Archive of Nūr-Šamaš. *Revista Humanidades Digitais*, v. 3, n. 1, 2021; e GONÇALVES, Carlos. **Social Network Analysis, Homonyms, and Aliases in the Old Babylonian Diyala: A Study of the Archive of Nūr-Šamaš**. In: GONÇALVES, Carlos; MICHEL, Cécile (eds.), *Interdisciplinary Research on the Bronze Age Diyala*. Proceedings of the Conference Held at the Paris Institute for Advanced Study, 25–26 June, 2018. Turnhout: Brepols, 2021, pp. 83-102.

⁴²³ GUARINELLO, Norberto Luiz. *História Antiga*. São Paulo: Editora Contexto, 2014, p. 22.

sem interligação ou contato – o que certamente não é verdadeiro, como ficou visível nas discussões já apresentadas aqui.

O primeiro desafio para a utilização dos softwares da *Social Network Analysis* é a extração dos dados das fontes: é preciso selecionar os nomes e decidir o que fazer com as diversas variantes que aparecem no decorrer do processo (como a fragmentação de cartas e os nomes inconclusivos). Assim, para que seja possível compreender minhas escolhas e delimitação, julgo necessário recriar meus passos para a seleção final dos meus documentos e as respostas que foram encontradas por meio deles, visto que uma seleção diferente não traria os mesmos resultados. Além disso, exponho, desde já, que utilizei o software Gephi (versão 0.9.1) para a criação das imagens visuais, utilizadas no decorrer da pesquisa, e o plug-in do Excel, NodeXL (versão 1.0.1.418), para os cálculos referentes aos gráficos.

Inicialmente, considerei as cartas EA1-44, que correspondem aos reinos da Alašiya, Arzawa, Babilônia, Assíria, Mitani, Hatti e Egito. Por isso, excluí as cartas do conjunto de Amarna que eram referentes aos territórios subordinados (EA45-382), uma vez que preocupo-me em pensar apenas a relação de paridade que existe no sistema diplomático. Além disso, eliminei as cartas EA30, por ser destinada aos reis de Canaã (e não a um dos reinos independentes) e EA40, por ser não ser escrita nem enviada para um dos reis, mas trocada entre comissários com assuntos próprios.

Um segundo momento exigiu a leitura atenta das cartas, destacando o nome de todas as pessoas que apareciam, seja como remetente, destinatário, ou simplesmente mencionadas. Não utilizei todos os nomes que apareceram nessa leitura, mas selecionei reis ou personagens reais relevantes para a comunicação diplomática. Alguns nomes eram termos genéricos como “rei” ou “pai”, que, na medida do possível, tentei rastrear a quem se referiam para computá-los. Infelizmente, nem todos foram rastreados e me vi diante de uma lista de 26 indivíduos, conforme segue, em ordem alfabética:

- | | |
|----------------------|-------------------------|
| 1- Akhenaton | 2- Amenhotep II |
| 3- Amenhotep III | 4- Artašumara II |
| 5- Artatama | 6- Aššur-nadin-ahhe |
| 7- Aššur-uballit | 8- Burnaburiaš II |
| 9- Huriya | 10- Kadašman-Enlil |
| 11- Kadašman-harbe | 12- Karaindaš |
| 13- Kurigalzu | 14- Princesa Babilônica |
| 15- Princesa Egípcia | 16- Rei da Alašiya |
| 17- Rei de Hatti | 18- Rei do Egito |
| 19- Šuttarna II | 20- Suppiluliuma |
| 21- Tarkhundarasu | 22- Tiye |
| 23- Tothmés III | 24- Tothmés IV |
| 25- Tušratta | 26- Zidan |

Os nomes não conclusivos, como os Reis de Hatti, da Alašiya e do Egito, se agruparam, mas é possível que representem mais de um indivíduo. Alguns nomes listados, que não são claramente expostos na documentação, foram incluídos por mim a partir de algum tipo de referência que os indicasse. Na carta EA1, o rei babilônico menciona o reino de Mitani - pela cronologia e contexto da correspondência, imagina-se que se trata do período de governo de Šuttarna II. Nas cartas EA17 e EA24, quando Tušratta fala sobre os confrontos com os hititas, ele se refere à uma disputa sob o território de Isuwa⁴²⁴, contra o rei hitita Suppiluliuma. As cartas da Alašiya, são mais complicadas e não é possível imaginar quem é o rei que se correspondeu com o Egito. Contudo, segundo os argumentos de Rainey⁴²⁵, podemos saber que as cartas EA33-35 devem ter sido enviadas ao faraó Akhenaton e, conseqüentemente, o rei babilônico mencionado na carta EA35 deve ser Burnaburiaš II e o hitita deve ser Suppiluliuma. O mesmo tipo de periodização aproximada acontece na carta EA42, quando Suppiluliuma escreve sobre o “rei das terras de Hurri”, ele refere-se ao Tušratta. Além disso, na carta EA10, o rei Burnaburiaš II comenta que os contatos acontecem regularmente desde os tempos de Karaindaš, assim pude incluir os nomes de Tothmés III, Amenhotep II, Tothmés IV,

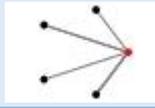
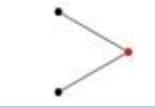
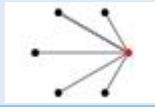
⁴²⁴ BRYCE, Trevor. *Ancient Syria. A three thousand year history*. Nova York: Oxford University Press, 2014, p. 41

⁴²⁵ RAINEY, Anson F. *The el-Amarna Correspondence*. Leiden: Brill, v. 2, 2015.

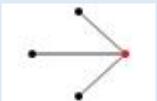
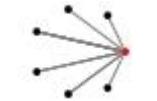
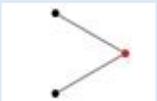
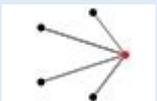
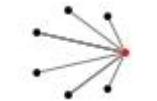
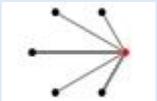
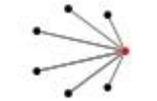
Amenhotep III, Kadašman-harbe, Kurigalzu e Kadašman-Enlil – governantes entre os tempos de Karaindaš e Burnaburiaš II.

Por fim, criei uma conexão entre cada nome, gerando uma tabela que representa todas as vezes em que esses indivíduos mostram ter conhecimento ou contato com outros. Para utilizar os termos da *Social Network Analysis*, foi possível considerar um grupo de “nós” (agentes/indivíduos) e as “arestas” (ligações/contatos) que eles possuem. De forma mais clara: os nós são as pessoas em questão, representadas nos gráficos como um ponto ou círculo; as arestas, são as relações estabelecidas entre os nós, ou seja, são as linhas que unem os pontos. A tabela final estabeleceu 147 relações (arestas), das quais 110 se repetiram e 37 aconteceram apenas uma vez⁴²⁶. Usando o NodeXL, calculei o grau de centralidade (quantidade de ligações) de cada indivíduo, medindo o número de relações estabelecidas por eles, conforme abaixo:

Tabela 2: Grau de centralidade de cada nó (indivíduo)

NÓ (INDIVÍDUO)	GRÁFICO	GRAU DE CENTRALIDADE
Akhenaton		12
Amenhotep II		4
Amenhotep III		15
Artašumara II		1
Artatama		4
Aššur-nadin-ahhe		2
Aššur-uballit		5
Burraburiaš II		11

⁴²⁶ A versão final da tabela está disponível nos apêndices

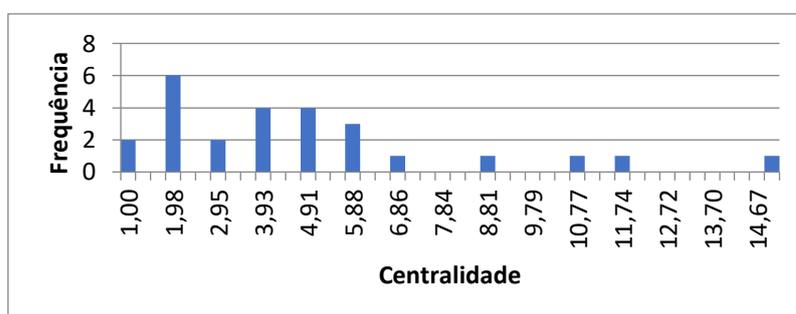
Huriya		3
Kadašman-Enlil		6
Kadašman-harbe		2
Karaindaš		2
Kurigalzu		4
Princesa Babilônica		3
Princesa Egípcia		1
Rei da Alašiya		5
Rei de Hatti		2
Rei do Egito		6
Šuttarna II		5
Suppiluliuma		6
Tarkhundarasu		2
Tiye		4
Tothmés III		5
Tothmés IV		7

Tušratta		9
Zidan		2

Fonte: Produzido pela autora, com uso do NodeXL, versão 1.0.1.418

A partir da centralidade de cada nó, é possível perceber visual e pragmaticamente os valores de sua importância dentro do grupo selecionado. Nos gráficos, os indivíduos referentes estão marcados em vermelho e seus contatos em preto. Os valores de centralidade, isto é, o número de pessoas com as quais cada indivíduo interagiu, vão de 1 a 15, sendo 15 o maior número de contatos estabelecidos por uma única pessoa – no caso, Amenhotep III.

Tabela 3: Frequência do Grau de Centralidade



Grau mínimo	1
Grau máximo	15
Grau médio	4,923
Grau mediano	4

Fonte: Produzido pela autora, com uso do NodeXL, versão 1.0.1.418.

Considerando que as cartas foram todas encontradas em Akhetaton, é natural que seja um rei egípcio a ter o maior número de contatos, visto que quase todas as cartas foram escritas para ou pelos os governantes do Egito. Contudo, é curioso que esse governante seja Amenhotep III e não Akhenaton. Quando Akhetaton foi construída, Amenhotep III já era falecido e Akhenaton era faraó. Imagina-se que as cartas de Amenhotep III tenham sido levadas para a nova cidade para melhor controle, mas a diferença na centralidade em comparação com outros reis ainda merece atenção. O grau de centralidade de Akhenaton é 12, um valor mais próximo aos reis babilônico Burnaburiaš II (11) e mitânio Tušratta (9), do que Amenhotep III, com as 15 conexões. Esses números são ainda mais expressivos se pensarmos que a média de

centralidade de todos os contatos é 5. Fica claro, assim, que Burnaburiaš II e Tušratta tiveram laços bastante sólidos com o Egito e papéis ativos nas relações interterritoriais da antiguidade.

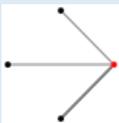
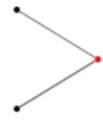
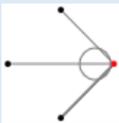
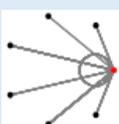
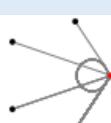
Outro ponto interessante que o NodeXL nos possibilita perceber é o número de vezes que se estabeleceu uma relação entre os indivíduos, seja de forma direta ou indireta⁴²⁷, ou seja, se a menção foi diretamente de A para B ou se B aparece em uma conversa entre A e C. Isso significa que, além de saber com quais pessoas cada indivíduo teve contato, podemos saber quantas vezes a relação entre os dois aconteceu. Mais do que isso, é possível calcular o menor caminho para conectar quaisquer indivíduos (que chamamos de distância geodésica). A média geodésica nesse contexto é 2,059152; sendo a maior distância (diâmetro) igual a 4. Em outras palavras, para uma mensagem chegar de uma das pessoas (entre as 26 selecionadas) a qualquer outra desse grupo, ela deve passar por no máximo 4 indivíduos, sem que haja intermediários desnecessários. Isso, por si só, já nos revela a solidez das relações, que é confirmada pela densidade do gráfico. Esse valor representa uma proporção que compara o número de arestas (ligações, conexões) no gráfico com o número máximo de arestas que o gráfico teria se todos os nós (pessoas) estivessem conectados um ao outro. Para isso, ele ignora arestas duplicadas e auto-loops (conexão do ponto com ele mesmo)⁴²⁸. Em outras palavras, a densidade nos ajuda a compreender a eficácia das relações, fazendo um cálculo que representa a porcentagem de relações reais (confirmadas) entre todas as possíveis. A densidade máxima (100%), assim, existe em uma rede completamente conectada, em que todos os nós possuem uma aresta com todos os outros nós. Segundo o NodeXL, a densidade da documentação de Amarna é 0,196923077. Isso significa que no sistema amarniano, apenas pouco mais de 19% dos nós estão conectados diretamente e todas as demais relações acontecem por meio de intermediários – o que confirma a importância e efetividade das conexões estabelecidas.

Após recolher esses dados, fiz o mesmo processo substituindo os nomes pelos reinos ao qual pertencem a fim de pensar a relação dos territórios como um todo, para além dos governantes. Assim, somaram-se 7 nós (reinos), com 147 arestas (conexões). Entre os contatos estabelecidos, percebe-se apenas 8 relações acontecem uma única vez e as 139 demais se repetem. Calculei, de mesmo modo, os gráficos individuais e graus de centralidade, pelo NodeXL:

⁴²⁷ Ver nota 109.

⁴²⁸ Os auto-loops são arestas que ligam o nó nele mesmo. No gráfico de nomes eles não existem, mas podem ser verificados nos gráficos em referência aos reinos, que apontarei em seguida.

Tabela 4: Grau de Centralidade dos nós (reinos)

NÓ	GRÁFICO	GRAU DE CENTRALIDADE
Alašiya		3
Arzawa		2
Assíria		5
Babilônia		6
Egito		8
Hatti		6
Mitani		6

Fonte: Produzido pela autora, com uso do NodeXL, versão 1.0.1.418

Para criar esses gráficos, incluí as relações entre nomes de um mesmo reino. Assim, relações como a de Akhenaton e Amenhotep III, por exemplo, também geram uma aresta. Por esse motivo, existem auto-loops nos gráficos de Babilônia, Hatti, Mitani, Assíria e Egito. Esses auto-loops totalizam 55 das arestas totais.

A existência dos auto-loops faz sentido se pensarmos em um aspecto relevante das relações amarnianas: Arzawa e Alašiya não eram reinos influentes ou hegemônicos, apesar da independência, por isso não estavam hierarquicamente no mesmo nível dos outros cinco reinos. Estes, por sua vez, são chamados de “Grandes Poderes”, justamente por controlarem quase todos os espaços do Oriente Próximo. Conforme apontei no tópico anterior, existem costumes

de conduta para a manutenção das relações, entre eles está a retomada de relações anteriores, como forma de reforçar os laços de fraternidade já existentes. Por isso, falar do próprio passado se torna comum nessas relações, criando, assim, os loops. De resto, as informações tiradas pelos cálculos nessas relações são:

Tabela 5: Dados de grau de centralidade, distância geodésica e densidade referentes aos reinos.

Grau de Centralidade Mínimo	2
Grau de Centralidade Máximo	8
Grau de Centralidade Médio	5,143
Grau de Centralidade Mediano	6
Máxima distância geodésica (diâmetro)	2
Distância geodésica média	1,183673
Densidade do grafo	0,619047619

Fonte: Produzido pela autora, com uso do NodeXL, versão 1.0.1.418

Trocar os nomes dos indivíduos pelos dos seus reinos nos dá uma melhor dimensão do impacto que cada um teve na diplomacia, ainda que em maior parte, tenha relação com o Egito. Os Grandes Reinos acabam por equilibrar seus graus de centralidade (sendo 8 do Egito, 6 da Babilônia, Hatti e Mitani e 5 da Assíria), em um contraponto aos demais reinos independentes, com graus de centralidade de 2 (Arzawa) ou de 3 (Alašiya). As arestas mais frequentes são Egito e Mitani (34 vezes), Egito e Egito (30) e Egito e Babilônia (27), concordando com o que os dados dos nomes nos apontou. O número de arestas cai expressivamente quando vemos os contatos de Egito e Hatti (7) e Egito e Assíria (5). É interessante perceber que a relação entre Egito e Alašiya é mais expressiva do que Hatti, tendo acontecido 8 vezes, mesmo não sendo um dos reinos influentes. A interação de Egito e Arzawa, por sua vez, acontece apenas em 2 momentos.

Fora das relações com o Egito, Mitani e Babilônia continuam sendo os mais frequentes, sendo que Mitani está presente em contatos mais diversos, enquanto a Babilônia possui um índice de auto-loops grande. Assim, temos, por ordem de frequência:

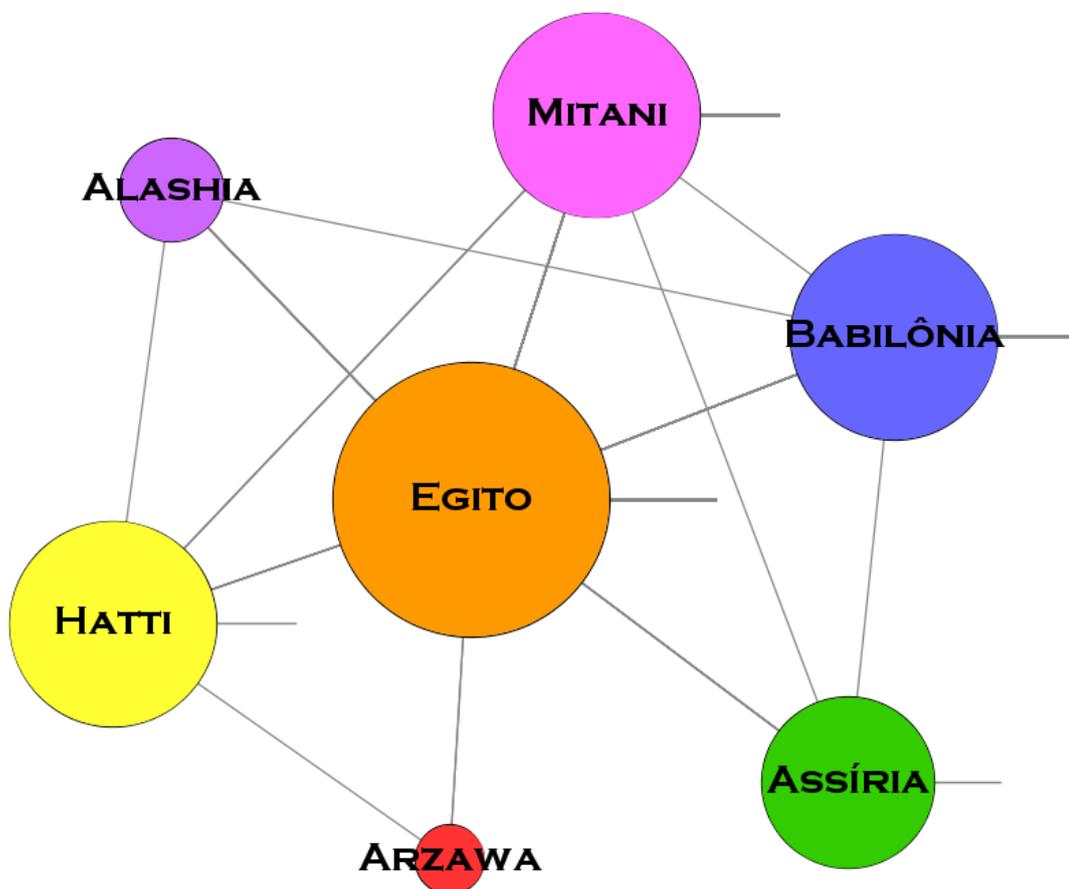
Tabela 6: Frequência das relações entre os reinos

Reino A	Reino B	Frequência
Egito	Mitani	34
Egito	Egito	30
Babilônia	Egito	27
Babilônia	Babilônia	12
Mitani	Mitani	11
Egito	Alašiya	8
Hatti	Egito	7
Assíria	Egito	5
Mitani	Hatti	3
Egito	Arzawa	2
Babilônia	Mitani	1
Babilônia	Assíria	1
Assíria	Assíria	1
Assíria	Mitani	1
Arzawa	Hatti	1
Alašiya	Babilônia	1
Alašiya	Hatti	1
Hatti	Hatti	1

Fonte: Produzido pela autora, com uso do NodeXL, versão 1.0.1.418

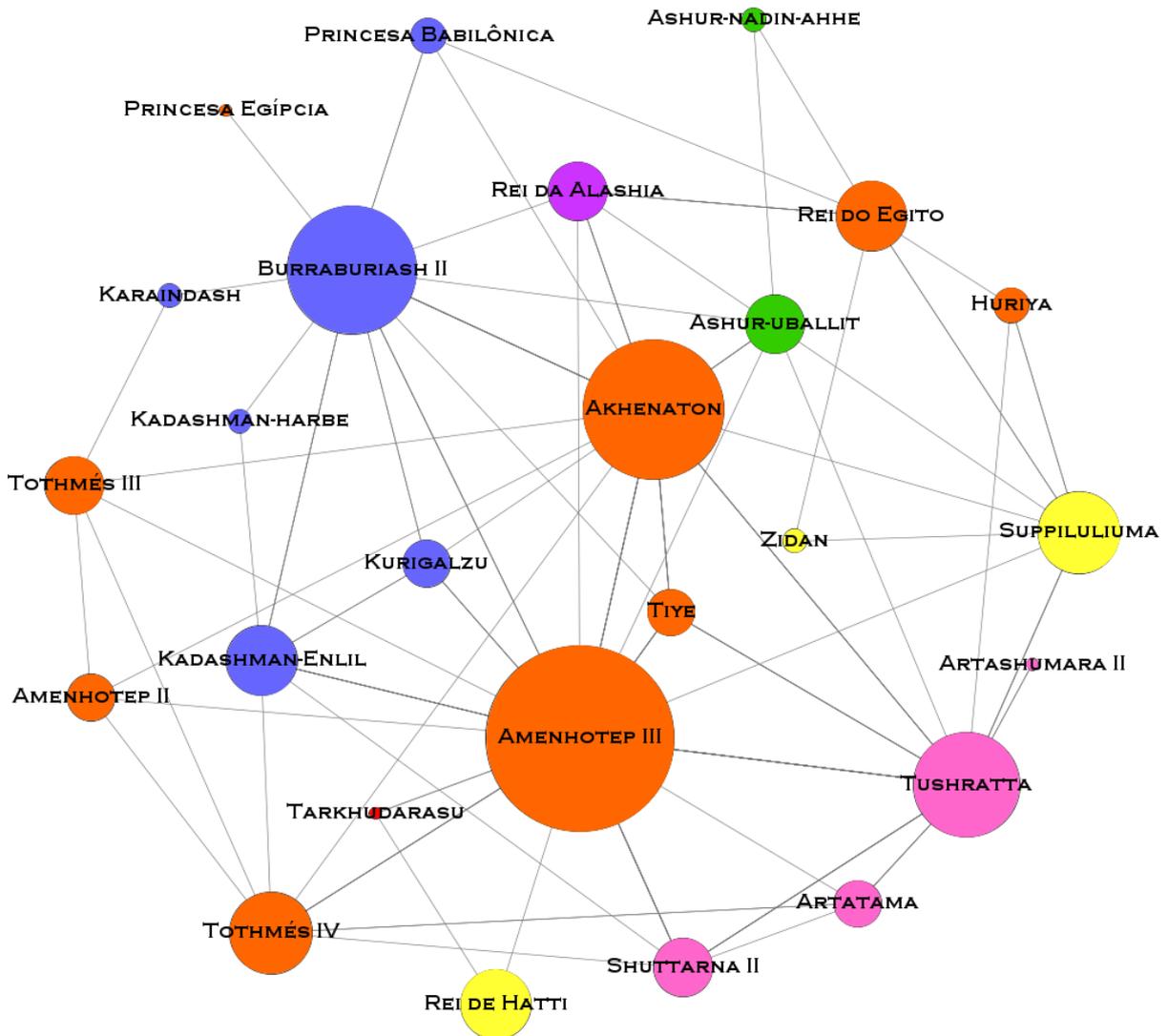
Naturalmente, por ser um conjunto de documentação egípcia, as relações que não envolvem o Egito são raras. A partir dos dados coletados criei dois gráficos de rede completos, um em referência aos nomes envolvidos no sistema e outro aos reinos em questão. Os gráficos de rede gerados transformam as informações da fonte em uma imagem. Com isso, é possível visualizar as relações e ligações entre cada agente das Cartas de Amarna. O tamanho dos nós está proporcional ao seu grau de centralidade, por isso Amenhotep III aparece como um círculo grande enquanto Karaindaš, por exemplo, é pequeno. Além disso, para facilitar a interpretação e visualização, designei uma cor para cada reino: roxo (Alašiya), azul (Babilônia), rosa (Mitani), amarelo (Hatti), laranja (Egito), verde (Assíria) e vermelho (Arzawa).

Gráfico 1: Gráfico de Rede (reinos)



Fonte: Produzido pela autora, usando o Gephi versão 0.9.1

Gráfico 2: Gráfico de rede (indivíduos)



Fonte: Produzido pela autora, usando o Gephi versão 0.9.1

Por meio da SNA, então, as fontes podem ser percebidas a partir de seus aspectos sólidos transformados em esquemas visuais, que nos promovem um panorama de todas as relações estabelecidas em uma única imagem. Mais do que isso, com os resultados obtidos no NodeXL e com os gráficos do Gephi, é possível perceber aspectos da documentação de Amarna para além do conteúdo textual apresentado nas correspondências. Os textos e argumentos utilizados pelos reis podem ser confrontados com dados matemáticos e, portanto, todo o Sistema diplomático pode ser repensado em termos de teoria e práxis. Uma vez que já apresentei o contexto formativo e as estruturas elementares das relações interterritoriais, no próximo capítulo será possível analisar o Sistema de Amarna como um todo, pensando na inserção dos reinos, seu funcionamento e sua aplicabilidade.

3. O PESO DAS PALAVRAS, O VALOR DAS ATITUDES

De vez em quando, as veredas desse labirinto convergem; por exemplo, o senhor chega a esta casa, mas num dos passados possíveis o senhor é meu inimigo, noutro é meu amigo.

Jorge Luis Borges

Após momentos conturbados, o Oriente Próximo viu a diplomacia voltar a se formalizar, a partir dos confrontos entre os reinos do Egito e de Mitani. A busca pela paz e a consciência, em especial dos reis mitânicos, da destruição que as guerras constantes causariam (além do fator econômico), impulsionaram a retomada da prática diplomática que os reis sírio-mesopotâmicos desenvolveram nos séculos anteriores.

Por mais que exista um acordo sobre essas relações, a diplomacia não pode ser definida de um modo “preto no branco”. É algo muito mais subjetivo, frágil e variável. Conforme apontei nos capítulos anteriores, um dos objetivos do sistema de Amarna era manter o *status quo*, garantindo a paridade dos reinos pertencentes ao Clube dos Grandes Poderes. Isso não significa, porém, que os reinos se entendiam como iguais ou que sequer reconheciam outros como tal. A Era de Amarna foi possível pela aliança estabelecida entre os maiores poderes do século XV AEC. Podemos considerar que, por exemplo, o Egito era aliado de Hatti, enquanto este era um grande inimigo de Mitani. Isso porque, o sistema era flexível, possibilitando adaptações de acordo com o ambiente em que se inseria.

Mais do que isso, o sistema havia se moldado a partir de uma cultura que não pertencia a nenhum desses três reinos, mas à da região mesopotâmica. Assim, a Babilônia poderia se incluir pela tradição, mesmo que não fosse mais o centro das relações (como era nas Eras de Ebla e Mari). Hatti, por outro lado, foi incluído pelo fator oposto: o regional, já que a centralidade estava sendo puxada mais para o leste, se aproximando da costa oeste do Mediterrâneo. O crescimento e a estabilidade que o sistema possibilitou para essas grandes potências, passou a chamar a atenção, também, da Assíria, que lutava pela sua liberdade e inclusão nesse restrito clube, garantindo sua consolidação e auxílio militar.

Nesse meio tempo, o sistema ainda sobreviveu às conspirações hititas que levaram a morte do governante mitânico e o retorno triunfal de Mitani com a ascensão do irmão do antigo rei ao trono. Tušratta foi capaz de derrotar seus inimigos e reestabelecer o contato com seus antigos aliados. Isso significa que o sistema conseguia ser mantido mesmo com a constante

inimizade entre Hatti e Mitani. Hoje, conhecemos o fim dessa história, e Tušratta é o protagonista de uma trajetória trágica, que terá a sua morte como um marco para o colapso desse reino. Mais uma vez, a diplomacia amarniana sobreviveu – agora tendo novos personagens em jogo: Mitani foi desmembrado e desapareceu pouco depois de Tušratta, mas a Assíria conseguiu finalmente ascender ao poder, tendo se aliado aos hititas para derrotar os governantes mitânios. Essa reviravolta, porém, não nos é diretamente expressa nas Cartas de Amarna, mas são mais contextualizadas nas correspondências de Boğazköy⁴²⁹, uma vez que o envolvimento dos reinos do Egito e Hatti foi completamente diferente nessa ocasião.

Essa flexibilidade do Sistema de Amarna foi crucial para que ele sobrevivesse por cerca de dois séculos – que poderiam ter sido até mais. É interessante notar que essa diplomacia só não se manteve por causa do colapso da Era do Bronze, quando aquele mundo próximo-oriental deixou de existir. Os diversos reinos sírios caíram e Hatti desapareceu com a chegada dos povos do mar. O Egito conseguiu se manter, mas a um grande custo - e agora já estava enfraquecido. Os reinos mesopotâmicos da Babilônia e da Assíria, já não eram centrais há algum tempo e, com a tradição sendo perdida, perderam, também, seu *status* (pelo menos por enquanto). Essa era a vez da Idade do Ferro e, com ela, uma nova organização mundial se estabeleceu.

A dinâmica das relações do sistema amarniano acaba por se tornar uma limitação para os estudos dedicados ao tema. No capítulo anterior, comentei sobre a importância da *Social Network Analysis* para uma análise quantitativa da documentação, com o objetivo de trabalhar a questão do equilíbrio das vozes desse sistema. Afinal, um dos seus princípios é garantir a igualdade em um mundo que, como vimos, é desigual. Entretanto, isso não supera todos os nossos problemas. Em primeiro lugar, é necessário considerar que a frequência de menções não é uma evidência concreta de sua relevância, já que a documentação é fragmentada. Não temos como saber qual é a extensão real desse conjunto e dos contatos ou qual é a porcentagem que temos disponível – e mais, não podemos prever se o material ainda não descoberto iria concordar com as fontes que temos. Em segundo lugar, é preciso considerar a repetição de reis e argumentos na hora de analisar os dados, em especial, porque os documentos são majoritariamente de via única e focada nos reis do Egito⁴³⁰. Além disso, existem menções que são hostis – isto é, equilíbrio não significa igualdade. A hostilidade é, inclusive um dos argumentos utilizados para a fortificação de laços, jogando com favoritismos e apelos

⁴²⁹ A documentação de Boğazköy faz parte desse sistema amarniano, em anos posteriores aos compreendidos na Era de Amarna. E, assim como este, aquele conjunto de cartas foi nomeado em relação à cidade em que os tablets foram encontrados, sendo Boğazköy a região da antiga capital de Hatti, Hattusa.

⁴³⁰ DRUCKMAN, Daniel; GÜNER, Serdar. **A Socio-physiological analysis of Amarna Diplomacy**. In: COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond. *Op. Cit.*, p. 175.

emocionais. É justamente por meio dessa argumentação que podemos compreender as formas de contato diplomático em um plano ideal, mas que enfrenta outra limitação já que os aparatos retóricos são usados para persuasão e não refletem a realidade dessas interações. Por fim, Druckman e Güner nos chamam à atenção para outro fator limitante: não existem conjuntos de fontes (há apenas dados esporádicos) dedicados à interação entre os reis e os mensageiros⁴³¹, perdendo-se informações essenciais, como presentes e encontros, que auxiliariam no entendimento da importância desses intermediários na relação⁴³².

Acredito ser necessário reconhecer que não será possível criar uma resposta absoluta sobre o que aconteceu na diplomacia do segundo milênio AEC, mas é igualmente verdadeiro que, o trabalho do historiador não é encontrar o passado tal qual ele foi. Buscamos uma aproximação e buscamos trazer esse conhecimento de um modo cientificamente controlado. Para os meus objetivos, desenvolvo, como uma solução, uma contextualização dos dados qualitativos do momento histórico, procurando analisar os discursos e argumentos utilizados nas cartas em contraste com o que nós já sabemos que aconteceu naquela época. Assim, é possível colocar em perspectiva o âmbito pessoal dos relacionamentos e avaliar a situação de um modo mais amplo.

Não existe trabalho completamente neutro e até mesmo os softwares são tendenciosos. Nós os programamos e supervisionamos seus resultados e, caso mudemos alguma orientação, as respostas trazidas serão diferentes, até quando utilizamos exatamente os mesmos dados. O uso das ferramentas digitais é particular para cada pesquisa e, assim como as áreas mais tradicionais da historiografia, precisa respeitar uma metodologia para a coleta dos dados, sua análise e interpretação. Desse modo, os dados quantitativos, podem se transformar em qualitativos. Nas próximas páginas, então, trarei essas análises retóricas (aqui entendidas de maneira bastante direta, enquanto o uso de argumentos persuasivos) em comparação às informações gráficas e aos eventos que aconteciam nesse mundo próximo-oriental, considerando como eles estão refletidos nessas cartas (e se estão expressos de alguma forma).

⁴³¹ Como apontei anteriormente (ver tópico 2.3. Mensageiros e Suas Jornadas no Segundo Milênio AEC), os escribas e mensageiros eram uma parte essencial das correspondências. Complementando essa ideia, a pesquisadora Jana Mynářová aponta que provavelmente os reis não conheciam a língua acadiana e, por essa razão, não ditavam os documentos tal qual escritos. Para que ditar fosse uma opção, era preciso ter conhecimentos específicos da estrutura das cartas e da escrita – o que cabia ao escriba. O mais provável é que os reis falassem, em sua língua nativa enquanto os escribas faziam anotações e depois produziram o tablete oficial para ser enviado, fazendo, também, o trabalho de tradução. MYNÁŘOVÁ, Jana. *Language of Amarna – Language of Diplomacy. Perspectives on the Amarna Letters*. Praga: Czech Institute of Egyptology, 2007, p. 92.

⁴³² DRUCKMAN, Daniel; GÜNER, Serdar. **A Socio-physiological analysis of Amarna Diplomacy**. In: COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond. *Op. Cit.*, p. 175.

3.1 ARTIFÍCIOS DA DIPLOMACIA NO FINAL DA IDADE DO BRONZE

Em meados do segundo milênio AEC, vimos reis engajados na guerra buscar pelo estabelecimento de seus impérios e, eventualmente, decidiu-se que a melhor forma de consolidar seu poder era por meio da manutenção da paz. Foi nessa época que as primeiras mensagens diplomáticas da Era de Amarna parecem ter sido trocadas. Conforme discuti no capítulo anterior, os arqui-inimigos egípcios se tornaram aliados a partir de um casamento diplomático com a filha de Artatama, o rei mitânio. Antes disso, também há registros de presentes sendo enviados pela Babilônia e por Hatti, ao Egito de Tothmés III. Foi a partir dessas sementes que o Clube dos Grandes Poderes foi fundado. Tendo isso em mente, podemos discutir os acontecimentos do Final da Idade do Bronze.

No capítulo anterior, apresentei os primeiros passos da diplomacia amarniana, quando discutimos sobre seu estabelecimento e consolidação. Agora, podemos analisar melhor o contexto e avançar, considerando que a maior parte do *corpus* documental corresponde ao período em que o Egito foi governado por Amenhotep III e Akhenaton, mas também buscando as consequências das atitudes tomadas nessa época. Durante o reinado de Amenhotep III, o Egito estava no auge da sua Era de Ouro, tendo se estabelecido, ao que parece, como o centro dessas relações e criado uma imagem de que seus recursos eram ilimitados (em especial, o ouro). Durante esse tempo, o Egito prosperou, mas quando se está no topo, o único caminho possível é para baixo. Apesar da historiografia geralmente associar o declínio das relações diplomáticas do Egito com Akhenaton, pouco se fala que foi durante o governo de Amenhotep III que apareceram os primeiros sinais de abalo dos contatos fundantes da Era de Amarna – isto é, entre Mitani e Egito.

É interessante notar que a participação de Mitani afeta a documentação de um modo bastante direto, como veremos mais adiante. Até aqui, comentei sobre as relações diplomáticas da Era de Amarna como um clube, que trabalhava em conjunto para manter o *status quo* e suas respectivas hegemonias. A realidade, porém, é um pouco menos explícita. Esse clube foi fundado por Egito e Mitani e, como apontei, teve a Babilônia e Hatti marcando sua presença nesses momentos iniciais. Esses dois últimos reinos enviaram presentes aos faraós como uma forma de dizer “estou aqui e te apoio”, mas as motivações são diferentes. A Babilônia, que já havia sido um poderoso centro de relações na Era de Mari, buscava reforçar seu poder e importância. Hatti, por outro lado, era um dos mais tradicionais inimigos de Mitani e qualquer um que se opusesse à expansão mitânica era um potencial aliado. Talvez por isso, os presentes hititas tenham sido registrados durante os confrontos egípcio-mitânicos, mas seus reis não

mantiveram o envio de cartas uma vez que Šauštatar II e Amenhotep II (ou Tothmés IV) formalizaram um acordo, consolidado com o casamento diplomático de Tothmés IV e uma filha de Šauštatar II.

A partir de então, os reinos do Egito, Mitani e Babilônia se corresponderam e trocaram presentes, estabelecendo-se, cada vez mais, como uma família estendida. Em relação à Babilônia, a carta EA1 evidencia as relações estabelecidas entre Kurigalzu I e Amenhotep III, quando Kadašman-Enlil revelou que seu pai havia enviado uma filha para casar com o faraó nos anos anteriores. Seguindo os passos de seu pai, Kadašman-Enlil mandou uma de suas filhas em matrimônio e, mais do que isso, pediu por uma princesa egípcia, questionando o posicionamento de Amenhotep III em sua recusa, já que o próprio rei babilônico já havia enviado princesas para o Egito e para outros reinos vizinhos – como apontei no capítulo anterior⁴³³.

Esse é um momento relativamente tranquilo para as relações dos Grandes Poderes (que, até o momento, incluem apenas Mitani, Egito e Babilônia) e seus territórios subjugados no Levante (que deveriam enviar relatórios de suas atividades na região). Com toda essa prosperidade, o Egito se enriqueceu e uma grande quantidade de materiais egípcios alcançaram, além do Oriente Próximo, o Mediterrâneo. A Babilônia, por sua vez, oferecia bens que vinham pelo Elam, com quem também mantinha relações familiares⁴³⁴. Em contrapartida, Mitani começava a experienciar alguns problemas: o rei Artasumara, sucessor de Šauštatar II, foi assassinado e seu irmão precisou assumir o trono ainda muito jovem, em c. 1360. Conhecemos esses eventos por meio da carta EA17, na qual Tušratta descreveu a situação ao reestabelecer as relações, que estavam em suspenso enquanto ele lidava com seus inimigos:

Quando eu sentei no trono de meu pai, e eu era jovem, então Pirḫi cometeu atos indecorosos em minhas terras e matou seu senhor. E por causa disso ele não estava permitindo-me amizade com ninguém que me amava. Mas eu, além disso, por causa das coisas indecorosas que foram feitas em minha terra, não fui negligente e como para as pessoas que mataram Artasumara, meu irmão, com tudo que lhes pertencia, eu os matei.

Uma vez que você foi amigável com meu pai, então, por causa disso eu tenho escrito e falado com você para que meu irmão saiba dessas coisas e então possa se alegrar. Meu pai te amava e você, em contrapartida, retribuía para meu pai, você o amava e meu pai, por causa (desse) amor, [d]eu para você minha irmã. E quem mais era com meu pai como você?

[Du]rante a vida, ademais, de meu irmão, quando retornou, quando a terra de Ḫatti em sua totalidade vieram como inimigas contra minhas terras; Tešub, meu senhor,

⁴³³ Ver página 106-107, com o trecho da carta EA4, linhas 4-13.

⁴³⁴ COLLINS, Paul. *Op. Cit.*, p. 54.

deu-os em minhas mãos e eu os matei. Dentre eles não houve um que voltou para as terras deles.

Agora, uma carroça⁴³⁵, dois cavalos, um homem e uma mulher do espólio das terras de Ḫatti eu mando para você⁴³⁶.

Nesse trecho, além dos esforços de Tušratta em reestabelecer seu reino e reivindicar seu trono (voltarei a isso em breve), fica clara a inimizade persistente entre mitânios e hititas. Não existe uma correspondência de Hatti enviada ao Egito nessa época, mas sabemos que esse foi um momento para os territórios no oeste da Anatólia buscarem se colocar como uma potência. Na costa nordeste do Mediterrâneo, conflitos locais aconteciam entre Attarsiya (de Ahhiya⁴³⁷) e Madduwatta (de Lukka), fazendo com que esse segundo buscasse refúgio em Hatti, sob proteção do rei Tudhaliya I. Com o apoio hitita, Madduwatta governou a região entre Arzawa e Hatti), mas, não satisfeito, ele tentou expandir seu poder para Arzawa – e falhou, precisando ser resgatado pelos hititas. Madduwatta não desistiu e buscou aumentar seu poder por meio da diplomacia, casando-se com uma princesa de Arzawa. Assim, Madduwatta se fez rei, provavelmente, deixando uma dúvida entre os hititas acerca dessa aliança. Com a ascensão desse rei em Arzawa, os hititas ficaram sem saber se Madduwatta era de fato um aliado ou se apenas lutava por suas próprias ambições, tendo-os usado por conveniência. Todo o decorrer dessa história, está descrito em um longo texto no qual os hititas (provavelmente Arnuwanda I) acusam Madduwatta de trair seu juramento. Infelizmente, esse documento é só a primeira parte da acusação e o segundo tablete nunca foi encontrado. Ainda assim, ele nos traz uma imagem vívida dos acontecimentos.

Attarissiya, o rei de Ahhiya, expulsou [você], Madduwatta, para fora de sua terra. Então, ele te assediou e continuou te perseguindo. Ele continuou em busca de uma [maldosa] morte para você Madduwatta. Ele [iria] ter te matado, mas, Madduwatta, fugiu para o pai [de Minha Majestade], e o pai de Minha Majestade o salvou da morte. Ele se livrou de Attarissiya para você. Caso contrário, Attarissiya não teria o deixado em paz, mas teria te [matado].

[...]

[Mas Madduwatta] disse o seguinte ao pai de Minha Majestade: "Você, meu [senhor], deu [a mim] a terra do Monte [Zippasla] para ocupar, [de modo que eu sou] o guarda de fronteira [e] o vigia [desta terra. E quem quer que] fale de um assunto [de hostilidade] para [mim, ou sempre que eu mesmo] ouvir falar de um assunto de hostilidade de alguma terra, [então não ocultarei essa] pessoa ou essa terra [do pai de Sua Majestade], mas de fato sempre escreverei sobre eles. Mas seja qual for a terra [que começar a guerra] contra você, [enquanto as tropas] de Vossa Majestade [fazem a guerra] - porque estou por perto, vou atacá-la imediatamente [e] irei imediatamente [ensanguentar minhas mãos]." Você fez um juramento e [colocou] esses assuntos sob juramento.

⁴³⁵ A expressão usada nas correspondências é GIŠ.GIGIR, um sumerograma. A tradução para carroça serve para facilitar o entendimento do meio de transporte feito de madeira, mas deve-se ter em mente que era uma posse preciosa.

⁴³⁶ EA17, linhas 11-38.

⁴³⁷ Acredita-se poder se tratar de um grupo micênico.

[...]

Você, Madduwatta, transgrediu [os juramentos] do pai de Minha Majestade. O pai de Minha Majestade [deu] a você a terra do Monte Zippasla para ocupar. Em seguida, ele fez você fazer um juramento e colocou o seguinte sob [juramento] para você: "Eu agora te dei a terra [do Monte] Zippasla, [então apenas a] ocupe. Você não deve ocupar outra terra ou [outro] vale de rio além [por sua própria autoridade]". E [Madduwatta] confiscou toda a terra e então a mobilizou [em massa] com suas tropas. [Ele foi em batalha contra] Kupanta-Kurunta, [mas] quando [Kupanta-Kurunta ouviu sobre isso, ele passou a atacar (?)] as tropas da terra [de Arzawa]. Em seguida, as tropas da terra de Arzawa foram contra Madduwatta e eliminou todas as tropas de Madduwatta. Madduwatta [fugiu sozinho. Quanto ao exército] - os poucos homens que [escaparam] - eles se desfizeram de tudo também.⁴³⁸

Isso nos mostra que o cenário das regiões norte do Oriente Próximo (que inclui a Anatólia e Mitani) não estava tão tranquilo como para a Babilônia e o Egito. É inevitável associar que durante a época da diplomacia de Amarna, manter o *status quo* era importante porque muitos reinos estavam constantemente ameaçados por instabilidades internas, rebeliões ou pela ascensão de outros que buscavam ganhar seu espaço como membro do Clube dos Grandes Poderes. No trecho da carta EA17, citado acima, essas questões são bastante claras: apesar de ser um dos fundadores da nova Era diplomática, Mitani precisava frequentemente reforçar seu poder. É por isso que Tušratta enviou os espólios das batalhas contra os hititas para o Egito, afim de demonstrar sua vitória, como se o assassinato do rei tivesse sido apenas um pequeno inconveniente e que o reino não tivesse se abalado.

Contudo, o reino mais afetado por esses eventos foi Hatti. A disputa com Tušratta foi apenas uma entre as que os hititas precisavam enfrentar. Como apontei acima, a Anatólia era o palco de uma série de conflitos com cidades que buscavam a hegemonia. No norte, o povo de Kaska representava uma constante ameaça para Hatti, continuamente atacando e, eventualmente, alcançando a capital Hattusa. Essa derrota obrigou a corte hitita a fugir no mesmo momento em que Arzawa atacava pelo sudoeste. Para os hititas, esse parecia o fim da sua soberania na região, mas para Arzawa o prospecto era outro. Foi nessa época que o rei de Arzawa, Tarḫundarasu, enviou suas mensagens para Amenhotep III. Na carta EA31, vemos que o rei concordou em mandar uma princesa para casar-se com o faraó, além de comentar sobre os eventos que aconteciam na Anatólia.

Veja, eu enviei para você Iršappar, meu mensageiro. Deixe-nos ver a filha quem eles trarão para Minha Majestade em casamento. Deixe-o derramar óleo sob a cabeça dela. Veja, eu enviei para você um ḫalaliya de ouro de boa qualidade.

⁴³⁸ Trecho do documento n. 27 (frente, linhas 1-5; 22-27; 42-48), em BECKMAN, Gary. *Op. Cit.*, pp. 144 – 151. Tradução da autora.

Quanto {às coisas} sobre as quais você escreveu para mim: “envie isso para mim”, eu vou enviar para você depois. (Mas, primeiro,) envie de volta prontamente seu emissário e meu emissário e deixe-os vir (para mim).

(Quando) eles retornarem para você, eles vão levar o terḫatum para a filha. Meu mensageiro e o seu mensageiro, ele veio e... Envie-me pessoas da terra de Gašga. Eu soube que tudo está terminado.

E, igualmente, a terra de Ḫattuša está paralisada.⁴³⁹

Ao que tudo indica, Arzawa estava pronto para reivindicar sua posição como reino dominante da Anatólia: Tarḫundarasu estava em contato com o mais poderoso dos membros do Clube dos Grandes Poderes, havia trocado mensagens e recebido presentes do faraó, estabelecia, também, uma ligação familiar com o Egito, ao enviar sua filha em matrimônio e, mais importante, viu Hatti perder seu prestígio. O momento de otimismo, porém, foi breve. A carta EA32 já nos mostra algumas suspeitas na conduta dos mensageiros e é a última do conjunto – ou seja, Arzawa só encaminhou duas correspondências ao Egito (pelo menos, entre os documentos que foram achados).

Essa recaída acontece porque, apesar do eminente fim, os hititas resistiram bravamente e Tudhaliya III⁴⁴⁰ conseguiu assumir o trono de Hatti com o apoio militar de um de seus filhos, Suppiluliuma. O momento ainda era de instabilidade. Inicialmente, Tudhaliya III estava focado em destruir os grupos de Kaska ao norte e estabelecer suas fronteiras. Sob o comando de Suppiluliuma, Hatti reconquistou seus domínios no sul anatólio. Arzawa, contudo, continuava independente e representava uma ameaça ao oeste⁴⁴¹.

Ao mesmo tempo, Amenhotep III e Tušratta parecem ter consolidado suas relações novamente, depois da primeira mensagem enviada pelo rei mitânio para justificar sua ausência. A antiga aliança estava reforçada com o envio de Tadu-Ḫeba ao Egito, em c. 1355 AEC, que incentivava a movimentação de uma enorme quantidade de riquezas durante o longo processo de negociação (que se estendeu entre as cartas EA19 e EA22, sendo que a princesa chegou no Egito em algum momento entre a EA24 e EA26). Sabemos que o matrimônio havia sido arranjado com Amenhotep III, mas pouco após acontecer, o faraó faleceu e Akhenaton chegou ao trono. Assim, a filha de Tušratta acabou se casando novamente, dessa vez com Akhenaton. Após a chegada de Tadu-Ḫeba ao Egito, podemos notar uma mudança no discurso do rei mitânio. Inicialmente, Tušratta adotou uma postura mais pacífica, procurando a compreensão e, provavelmente, suporte egípcio ao seu governo, que poderia estar sendo ameaçado com essa

⁴³⁹ EA31, linhas 11-27.

⁴⁴⁰ Também chamado de Tudhaliya II.

⁴⁴¹ COLLINS, Paul. *Op. Cit.*, pp. 58-59.

nova retomada do poder hitita. Existe um apelo para que essa aliança fosse forjada novamente, nos mesmos termos que eram antes da morte de Artašumara, como vemos nesse primeiro contato de Tušratta:

Uma vez que você foi amigável com meu pai, então, por causa disso eu tenho escrito e falado com você para que meu irmão saiba dessas coisas e então possa se alegrar. Meu pai te amava e você, em contrapartida, retribuía para meu pai, você o amava e meu pai, por causa (desse) amor, [d]eu para você minha irmã. E quem mais era com meu pai como você?

[...]

Que meu irmão procure amizade comigo, e que meu irmão e envie seus mensageiros para mim, para que então as saudações de meu irmão venham para mim e eu possa saber.⁴⁴²

Ao pedir para que Amenhotep III “procure amizade” com ele, Tušratta revelou que a aliança formada por seu pai e Tothmés IV havia sido pausada. A justificativa apresentada, porém, em nenhum momento deixa a fragilidade de Mitani transparecer. O rei afirma que todos os problemas já haviam sido solucionados e envia presentes luxuosos para Amenhotep III, como forma de demonstrar suas riquezas e poder – e assegurar seu lugar como uma potência. Contudo, apesar de seu esforço em confirmar sua soberania, Tušratta ainda deixa nas entrelinhas que precisa de suporte:

Desde (os tempos de) seus antepassados, eles sempre amaram meus antepassados muito. Você, além disso, fez mais e sempre mostrou ainda mais amor por meu pai. Agora, você, na medida em que nós continuamos a amar um ao outro em afeto mútuo, aumentou dez vezes mais do que por meu pai. Que os deuses permitam que todas essas coisas que nós temos amado aqui (= até agora). Que Tešub, meu senhor, e Amon, o façam receptivo para sempre como agora.

[...]

Quando eu escrevi para meu irmão, eu verdadeiramente disse: “que nós sempre amemos muito, muito um ao outro e que entre nós sempre haja amizade. E para o meu irmão eu disse: que meu irmão sempre se supere em dez vezes o que ele fez por meu pai”.⁴⁴³

Nessa carta, além de fazer essas declarações, Tušratta pedia por ouro, reforçando que o amor entre eles deveria ser dez vezes maior (como apontei no capítulo anterior, essa declaração de amor pode ser entendida como uma analogia para a quantidade presentes⁴⁴⁴). Na carta seguinte, EA20, já é possível perceber algumas inconstâncias e fragilidades da relação entre Egito e Mitani. Nela, Tušratta ainda de uma maneira bastante cuidadosa, pede por mais ouro, revelando ter sido envergonhado por Amenhotep III, mas que, apesar da decepção, não estava bravo.

⁴⁴² EA17, linhas 21-29 e 51-54.

⁴⁴³ EA19, linhas 9-16 e 30-36.

⁴⁴⁴ Ver a partir da página 96.

[E no que diz respeito ao ouro] que meu irmão enviou, eu conclamei todos os meus [convidad]os [estrangeiros]. [Meu] irmão, [o ouro que ele enviou] na presença de todos eles, agora, foram cortados em aberto [...t]odos eles, eles estavam selados e o ouro estava nã[o-trabalhado! Eles ficaram ch]eios [de raiva] e eles lamentaram dolorosamente, [dizendo,] “Tudo isso é [real]mente de ouro? Isso não está trabalhado!” [E] eles disseram. “Na terra do Egito, ouro é mais abundante que pó”. [E], meu irmão, além do mais, “ele ama você muito. Como pela humanidade, [ele] que ama, então coisas como estas, para ele, ele não da[ria]. A pessoa que desejar, isso é mais abundante do que pó na terra do Egito, mas quem daria a alguém coisas assim cuja soma é tão mes[quinha! Mas] sem contar (que ele daria)”. Eu verdadeiramente disse assim “Eu não posso dizer diante de vocês, ‘Meu [irm]ão, o rei das terras do Egito, me ama muito’”⁴⁴⁵.

O caso descrito por Tušratta nessa carta é grave. Ao abrir os presentes que recebeu do Egito em frente às delegações estrangeiras e perceber que recebeu aquela pequena quantidade de ouro, Tušratta demonstrava fraqueza. Uma coisa a se notar é que, diferentemente das diplomacias de Mari e Ebla, que buscavam ganhos pessoais, como territórios e bens; na diplomacia de Amarna os reis competiam por *status*, que lhes era conferido por meio do reconhecimento dos outros (pares ou vassalos) a partir dos tipos de trocas realizadas e de suas riquezas acumuladas e expostas⁴⁴⁶ - de modo semelhante à atribuição identitária, sob a qual debati na Introdução.

Quando (ou se) Amenhotep III tentou enganar Tušratta para mandá-lo menos ouro era como se o faraó dissesse que Mitani não merecia tantos presentes, diminuindo o prestígio do seu rei. Tušratta, por outro lado, precisava convencer as testemunhas de que aquilo foi um erro e que as relações entre Egito e Mitani eram sólidas. O *status* do Egito parece se destacar do resto, sendo a grande constante das relações interterritoriais da época. Talvez, sua posição geográfica tenha contribuído para isso, já que as dinâmicas fronteiriças não o atingiam da mesma forma como no Levante, na Anatólia e na Mesopotâmia. O fato é que o sistema de Amarna reforçava as relações de poder a partir do seu *status* em contraste com os outros reinos. Mesmo tendo sido enganado por Amenhotep III, Tušratta não podia abrir mão de boas relações com os egípcios. Por isso, manteve a postura ao pedir por mais ouro, dizendo:

Então, meu irmão, que ele me envie muito ouro que não foi trabalhado; que meu irmão exceda o lote de meu pai. Que Tešub e Amon garantam que meu irmão revele amor por mim, que meu irmão me faça glorificado na presença das minhas terras e na presença dos meus convidados estrangeiros.

Que eu realize os desejos do coração de meu irmão para sempre. E que meu irmão realize os desejos de meu próprio coração. Como a humanidade ama o deus do sol, que nós, como agora – que os deuses nos garantam -, possamos continuar a amor [em] nossos [coraç]ões.⁴⁴⁷

⁴⁴⁵ Trecho da carta EA20, linhas 46-59.

⁴⁴⁶ DRUCKMAN, Daniel; GÜNER, Serdar. *Op. Cit.*, p. 176.

⁴⁴⁷ Trecho da carta EA20, linhas 71-79.

Mitani estava tentando se recuperar das recentes instabilidades e demonstrar fraqueza poderia custar a sua “carteirinha do clube”. Para sua sorte, Hatti não estava muito melhor. Tudhaliya III havia conseguido reestabelecer seu reino, mas, com a sua morte, conflitos internos surgiram. Seu filho, Tudhaliya, foi nomeado rei, mas Suppiluliuma não concordou com essa decisão, já que ele havia sido o maior responsável pela reestruturação de Hatti. O inevitável aconteceu: Suppiluliuma matou seu irmão e assumiu o trono. Como rei, ele continuou expandindo as suas fronteiras no norte sírio e procurou por sua inclusão nesse sistema interterritorial, como forma de isolar Tušratta e ocupar seus territórios. Poucos anos depois de assumir o trono, Suppiluliuma casou-se com Tawananna, filha do rei Burnaburiaš II da Babilônia, passando a receber as riquezas da Mesopotâmia e seus contatos ao leste⁴⁴⁸.

Suppiluliuma também trocou mensagens com o Egito, mas esses primeiros contatos não foram encontrados. O que sabemos é que ele buscou respeitar a diplomacia vigente, falando em termos de fraternidade, como ele relembra na carta EA41:

Quanto aos meus emissários que eu enviei para seu pai e o pedido que seu pai pediu entre nós: “Permita-nos estabelecer relações amigáveis!” então certamente(?) eu não recuei. Qualquer coisa que seu pai disse, certamente(?) eu realmente realizei e meus pedidos que eu pedi ao seu pai, ele não reteve nada, ele realmente concedeu tudo⁴⁴⁹.

O Egito, como eu apontei acima, era uma constante das relações, por isso, estabelecer uma aliança com os faraós era importante. Este era um momento de ápice para o povo egípcio. A região se transformou com a quantidade de materiais e riquezas que chegavam com as delegações estrangeiras (de Grandes Reis e de seus subordinados sírios). Muitos desses recebidos eram destinados ao deus dinástico, Amon, cuja corte ganhava cada vez mais influência. Existia, desde o início do Reino Novo, uma tendência de solarização no Egito, que foi fortificada pela ideia de que o deus sol governava não apenas o Vale do Nilo, mas, também, o estrangeiro. Aquela antiga noção de que o estrangeiro era sinônimo do caos foi substituída pela consciência de que, agora, eles eram submissos ao controle do faraó e dos deuses. Tal tendência de solarização vai ser, em breve, radicalizada por Akhenaton, com a elevação de Aton.

Chego, assim, em um momento delicado: Suppiluliuma estava conquistando seu espaço em Hatti, promovendo expansões no norte da Síria e logo alcançaria Mitani; os reis de Arzawa não foram capazes de criar uma hegemonia na Anatólia; Burnaburiaš II mantinha uma família estendida que ia da Anatólia ao Egito e ao Elam; Tušratta lutava para manter sua posição;

⁴⁴⁸ COLLINS, Paul. *Op. Cit.*, pp. 59-60.

⁴⁴⁹ Trecho da carta EA41, linhas 7-13.

Amenhotep III continuava aumentando sua riqueza e, quando recebeu a carta EA23, estava festejando o seu terceiro (e último) jubileu⁴⁵⁰, como sabemos pela inscrição em hierático: “Ano [de gover]no 36, quarto mês, dia 1. Ele (o rei) estava na vila sul da casa de regozijo [.....]”

Essa carta, se destaca entre as outras por seu conteúdo. Nela, ao invés dos pedidos e discussões, Tušratta relatou que estava enviando a deusa Šauška para visitar o Egito. Ele revelou que essa não era a primeira vez que a deusa foi ao Egito, tendo sido enviada por seu pai, Šaušatar II, anos antes, talvez, para a celebração do primeiro jubileu de Amenhotep III. É possível que essa viagem de Šauška servisse para testemunhar o rejuvenescimento do faraó.

Por causa da inscrição em hierático, sabemos que essa carta é do ano 36 do reinado de Amenhotep III. Sabemos, também, que esse faraó faleceu no ano 38 de seu governo. Em algum momento nesses dois anos, Amenhotep III recebeu sua última carta enviada por Tušratta, a EA24. É um documento longo, muito mais extenso do que as correspondências normalmente eram. Nela, Tušratta retomou as relações entre os reinos, falou de seus inimigos hititas e de sua filha enviada para casamento e pediu por presentes (incluindo duas estátuas de ouro). A carta seguinte, EA25, é uma lista de materiais enviados ao Egito, provavelmente, acompanhando Tadu-Ḥeba como seu dote.

A morte de Amenhotep III deu espaço para seu filho, Amenhotep IV, assumir o trono e, em cinco anos, estabelecer o culto de Aton, mudar seu nome para Akhenaton e criar uma nova cidade, Akhetaten (atual Tell el-Amarna). A substituição dos deuses dinásticos, em especial Amon, por Aton foi dramática, já que diminuía o poder do clero e aumentava o poder do próprio faraó e sua família. Muitas vezes, atribui-se um declínio nas relações egípcias às mudanças propostas por Akhenaton, mas, quando olhamos de perto, encontramos os sinais do enfraquecimento dos laços entre Egito e Mitani desde a carta EA20, quando Tušratta se disse enganado por Amenhotep III. O rei babilônico Kadašman-Enlil igualmente já havia declarado insatisfações com o faraó, quando ele negou o envio de princesas egípcias para a Babilônia (EA1-3).

Existe, com a morte de Amenhotep III, uma mudança no discurso dos demais reis, isso é verdade, mas não é possível afirmar que houve um declínio na diplomacia. Apesar da turbulência local, Akhenaton manteve o controle do Levante e o comércio fluiu muito bem pelo

⁴⁵⁰ O festival *sed* (*hb-sd*), ou jubileu, era uma celebração de rejuvenescimento do poder do faraó que acontecia do 30º ano de seu governo e, depois, a cada dois ou três anos.

Mediterrâneo⁴⁵¹. Akhenaton ainda acompanhou toda a tensão no norte sírio entre os mitânios e os hititas, mesmo que de longe. O faraó permitia certa autonomia em seus territórios para que os líderes locais resolvessem os atritos na região. Voltarei a comentar sobre esses conflitos pouco mais adiante, por enquanto, foco-me nessa troca de tom adotado nas cartas, em especial de Mitani.

Até esse momento, a diplomacia de Amarna estava estabelecida com Egito, Mitani e Babilônia. Arzawa havia tentado reivindicar sua posição entre os Grandes Reis, mas falhou em manter a hegemonia. Além disso, sabemos que foi nessa época que Suppiluliuma enviou uma mensagem ao Egito, mas esse primeiro contato não está disponível. Assim, vemos que, por anos, perdurava uma instabilidade no oeste da Anatólia e no norte sírio, com uma tensão crescente nas fronteiras hititas e mitânias. Talvez por isso, Tušratta nunca tenha se sentido, de fato, seguro no trono. Ele se tornou rei após um atentado contra seu irmão e precisou perseguir os traidores de seu território ao mesmo tempo em que legitimava sua posição real. Enquanto isso, Hatti avançava em suas fronteiras. É possível que o senso de urgência crescesse continuamente para Tušratta e ele precisasse se sentir seguro com suas alianças.

Desde que Akhenaton chegou ao trono, Tušratta se mostrou mais insistente em suas requisições, focando no envio das estátuas de ouro (que ele solicitou na EA24). Frequentemente, o rei mitânio pede para que Akhenaton ouça as palavras de Tiye, sua mãe, que teria conhecimento sobre toda as relações estabelecidas entre esses dois reinos. Tušratta chegou a mandar uma carta diretamente para Tiye (EA26), pedindo para que ela interferisse, mas, ao que parece, ela preferiu o silêncio ou discordava de Tušratta. A questão das estátuas de ouro ia além do presente em si, apesar do fator econômico ser importante, mas representava a deterioração das relações. Ele precisava ter certeza que o Egito era seu aliado e que honraria com suas promessas, já que uma guerra entre Hatti e Mitani era quase certa.

Já no segundo ano de reinado de Akhenaton, Tušratta enviou uma mensagem cobrando as estátuas prometidas por Amenhotep III, que ele afirmava não ter recebido.

E estátuas de ouro sólido fundido, uma estátua de mim e outra estátua para a estátua de Tadu-Heba, minha filha, eu requisitei de seu pai, Mimmureya. E seu pai disse: “desista de estátuas apenas de ouro fundido, e eu vou te dar (estátuas) de lápis-lazúli e outro ouro, além disso, (e) muitos materiais sem limite com as estátuas eu vou te dar”. E quanto ao ouro para as estátuas, todos os meus emissários que estavam no Egito o viram com seus próprios olhos, e quanto as estátuas, foi seu pai, na presença de meus emissários, que as moldou, as trabalhou, as finalizou, as purificou. E quando a modelagem aconteceu, meus emissários viram com seus próprios olhos e quando

⁴⁵¹ É interessante comentar que um dos achados mais notáveis do naufrágio do Uluburum foi um anel egípcio, com o prenome de Nefertiti, Nefernefruten, inscrito. CLINE, Eric H. *1177 B.C. - The Year Civilization Collapsed*. Princeton: Princeton University Press, 2014, pp. 77-78.

elas {estátuas} foram terminadas e elas foram purificadas, com seus próprios olhos eles {emissários} viram
E ele {Mimmureya} mostrou muito outro ouro, sem limites, que ele estava enviando para mim. E ele disse para meus emissários, “Agora, as estátuas e, agora, muito ouro e muitos materiais sem limites eu estou enviando para meu irmão, então veja com seus próprios olhos”. Então, meus emissários viram com os seus próprios olhos.
E agora, meu irmão, as estátuas sólidas que seu pai ia enviar, você não enviou. Mas você as mandou de madeira revestida; os materiais que seu pai ia me mandar, você não enviou e você (os) reduziu bastante⁴⁵².

Na carta seguinte, é possível perceber a impaciência crescente de Tušratta, mas é na EA29 que ele se revelou. Nela, o rei retomava todas as relações anteriores estabelecidas desde o tempo de Tothmés IV. Ele assumiu um tom mais agressivo, dizendo que nunca havia existido discussões entre Egito e Mitani antes e que as relações eram verdadeiramente de amor. Contudo, sua máscara cai a partir da linha 69, quando ele retomou a questão das estátuas de ouro e afirmou que havia ficado extremamente irritado ao receber estátuas ocas, de madeira coberta com ouro, ao invés de ouro sólido. Essa longa carta é um apelo, que assume um tom tanto acusatório quanto defensivo, quase como se ele quisesse demonstrar autoridade sob Akhenaton – mas atentando-se para manter a etiqueta diplomática. Essa foi a última carta enviada por Tušratta⁴⁵³.

Em meio aos seus apelos ao Egito, Tušratta talvez buscasse alguma garantia de apoio militar de seu mais poderoso aliado diante às inseguranças locais com o avanço dos hititas. Entre os Grande Poderes, Hatti era o mais ativo militarmente e Suppiluliuma avançava rapidamente. Ainda no ano 4 ou 5 de seu governo, ele foi capaz de conquistar os territórios subordinados ao reino de Mitani, até Carchemish se tornar o único território na esfera mitânica⁴⁵⁴. Suppiluliuma, igualmente, avançou nos territórios egípcios do norte sírio, conquistando Kadesh. Entretanto, diferentemente de Mitani, a perda de um vassalo não era tão impactante para o Egito e Akhenaton não parece ter tido interesse em defender a região. A documentação administrativa de Amarna⁴⁵⁵ é rica em informação sobre o que estava acontecendo. Os territórios do Levante precisavam tomar decisões: aliar-se aos hititas ou aos mitânios, ou, ainda, aproveitar a confusão para tentar sua independência. Esse último, foi o caso de Aššur-uballit, rei da Assíria, que recentemente tinha se desvinculado do poder de Mitani e agora buscava seu espaço no Clube dos Grandes Poderes, tendo mandado duas cartas ao Egito para se impor (EA15-16), autodenominando-se membro do clube. O simples fato de enviar uma carta foi suficiente para gerar conflitos com a Babilônia, fazendo com que Burnaburiaš II o

⁴⁵² Trecho da carta EA27, linhas 19-34

⁴⁵³ Ao menos no grupo de cartas que foram descobertas.

⁴⁵⁴ COLLINS, Paul. *Op. Cit.*, p. 63.

⁴⁵⁵ Isto é: as cartas de Amarna referentes aos territórios subordinados – não analisadas nessa pesquisa.

reprimisse. Em resposta, Burnaburiaš II enviou outra carta ao Egito (EA9) declarando suas interpretações da atitude assíria.

Não demorou para a expansão hitita prevalecer norte sírio, fazendo com que Suppiluliuma alcançasse a capital mitânia e obrigasse Tušratta fugir. Ele foi assassinado em seguida. A morte de Tušratta esquentou, ainda mais, a situação. Suppiluliuma escreveu para o faraó (provavelmente Akhenaton) sobre o assassinato de um rei, que acreditamos ser Tušratta. A carta, EA43, está danificada, mas é possível identificar algumas palavras que nos ajudam a entender o contexto. Além dessa correspondência, existe, também um acordo feito entre Suppiluliuma e um homem chamado Šattiwaza, registrado em hitita e em acadiano⁴⁵⁶. Tal acordo, em especial a versão acadiana, nos apresenta mais detalhes sobre o que aconteceu com Tušratta e as consequências dessa tragédia.

Ao que tudo indica, Šattiwaza era filho de Tušratta, mas foi, também, seu assassino. Os hititas tinham uma antiga rivalidade com os mitânios e tentavam constantemente diminuir a importância desses reis, como já apontei. Ainda assim, não foi Suppiluliuma quem derrotou seu maior inimigo. Chega a soar esquisito pensar que Šattiwaza iria querer matar seu pai – afinal, ele herdaria o trono em alguns anos. Igualmente, não possuímos clareza no que diz respeito às motivações de Šattiwaza, mas parece estar relacionado com as riquezas de Mitani. Talvez, os pedidos insistentes de Tušratta por mais ouro fossem uma atitude desesperada de contornar os problemas financeiros que ele mesmo havia criado. O fato é que, por causa de seu envolvimento no complô que assassinou o então rei, Šattiwaza precisou fugir de Mitani e, por isso, buscou refúgio entre os hititas.

Suppiluliuma já havia se provado inteligente e oportunista, e viu nessa ocasião uma chance de expandir seu império para as terras ao leste. Mais do que concordar em receber Šattiwaza, ele o casou com uma de suas filhas e o apoiou nas campanhas que visavam reivindicar o trono em troca de paz nas fronteiras e do título de esposa principal para a sua filha. Assim, Suppiluliuma conseguiu manter o controle de Mitani, como um reino subjugado ao poder hitita até a que a sua total dissolução aconteceu pouco mais tarde.

Essa instabilidade política que culminou no assassinato de um rei já havia sido experienciada pelos mitânios poucos anos antes, quando o irmão de Tušratta foi morto. Naquela ocasião, as pretensões de Artatama II ao trono já haviam ficado claras (e sido apoiadas por hititas), mas, como sabemos, foi Tušratta quem ganhou essa disputa. Agora, com o novo regicídio e o exílio de Šattiwaza, a capital Wašškanni foi abandonada nas mãos de Artatama II.

⁴⁵⁶ Documentos n^{os} 6A e 6B. BECKMAN, Gary. *Op. Cit.*, pp. 37 - 50

Enquanto rei, ele tentou conter o avanço assírio – que se aproveitava da oportunidade para se desvincular de seus antigos soberanos. Em busca de estabilidade, ele devolveu portões de ouro que haviam sido saqueados do templo de Aššur anos antes. No entanto, isso não funcionou, e Aššur-uballit enviou suas tropas para Wašškanni. Suppiluliuma, vendo a situação, também enviou suas tropas – fazendo com que os assírios recuassem. Foi nesse momento que Šattiwaza foi posto no trono⁴⁵⁷.

Com essa sucessão de eventos, podemos entender que as cartas EA9-16, EA29 e EA43, estão entre as mais recentes do conjunto de Amarna. Essas últimas cartas demonstram a ascensão assíria e o contexto babilônico (EA9-16), o desespero crescente de Tušratta (EA29) e sua posterior morte (EA43). Esse *corpus* documental não cobre todos os eventos descritos, mas nos ajuda a entender o contexto e as consequências. Ainda assim, o sistema se manteve por mais alguns anos após toda essa turbulência.

O reino de Mitani ficou cada vez mais encurralado entre Hatti e a Assíria; o primeiro era um inimigo de décadas, o segundo, crescia rapidamente ao ponto de que seu poder não pode mais ser negado. Burnaburiaš II, que poucos anos antes havia enviado a carta EA9 ao Egito negando a independência da Assíria, casou com uma filha de Aššur-uballit, com quem teve um filho, Karaḫardaš. Karaḫardaš se tornou rei após a morte do pai em 1333 AEC, mas seu reinado foi breve e terminou com um assassinato. Essa morte foi vingada pelo seu avô, Aššur-uballit, que colocou Kurigalzu II no trono babilônico. A Assíria não teve a pretensão de conquistar a Babilônia, apesar de participar da política. Aššur-uballit agia como um membro da família, que buscava pela manutenção da paz e reestabelecimento da região – agora como um irmão entre os demais reis.

Por fim, mais uma mudança drástica aconteceu para o sistema. Com a morte de Akhenaton em c. 1366 AEC, a tensão no Egito se intensificava. As principais relações foram mantidas durante o governo de Tutankhamon, mas os reinos dominados pelo Egito no norte sírio, nas fronteiras com Hatti, passaram por instabilidades envolvendo traições e espionagem, por exemplo. Com a morte Tutankhamon, em c. 1324 AEC, a situação piorou: a jovem esposa do falecido rei, Ankhsenamun buscou desesperadamente por um novo marido da realeza, já que ela não teve filhos para herdar o trono. Por isso, ela enviou uma carta para Suppiluliuma⁴⁵⁸,

⁴⁵⁷ COLLINS, Paul. *Op. Cit.*, p. 65.

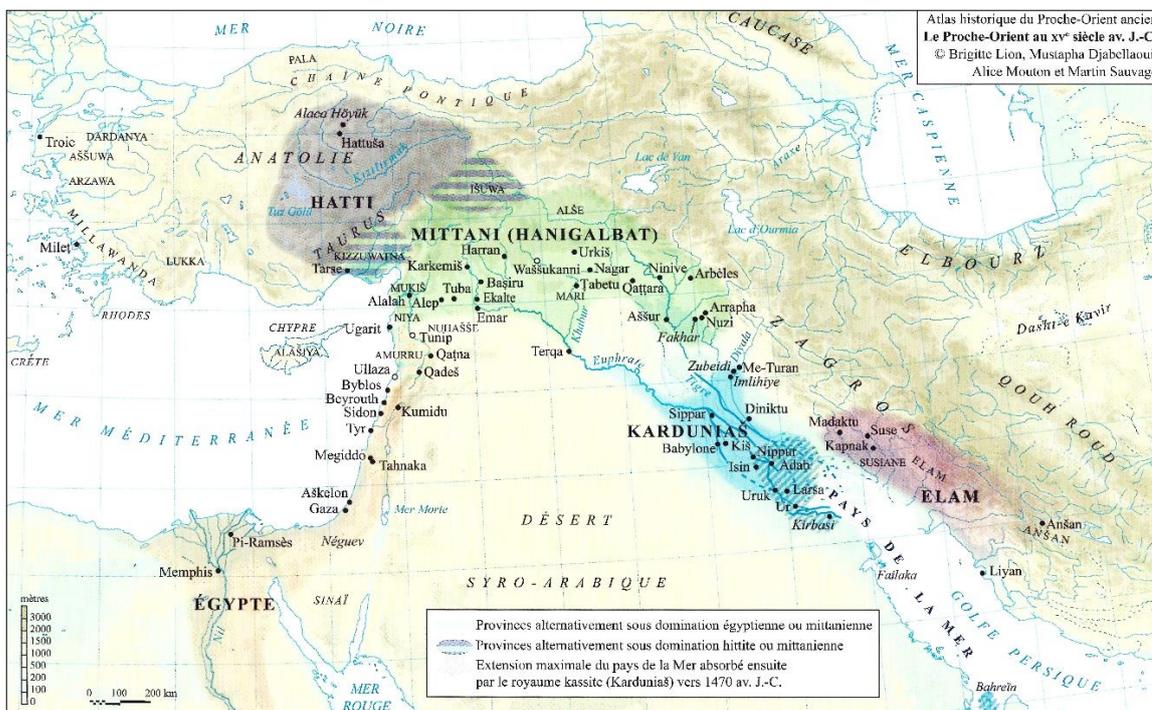
⁴⁵⁸ Conhecemos essa carta por meio de documentações posteriores, escritas por Mursili II. O livro de Trevor Bryce, possui um resumo interessante sobre esse contato e os eventos relacionados. Contudo, o pesquisador Eric Cline, aponta que, apesar do nome de Ankhsenamun ser o mais aceito (por causa do contexto), a carta poderia, alternativamente ter sido enviada por Nefertiti. Ver mais em: BRYCE, Trevor, *Op. Cit.*, pp. 187-198. e CLINE, Eric H. *Op. Cit.* 2014, p. 69-70.

dizendo “meu marido está morto! Eu não tenho filhos. Ainda, me disseram que você tem muitos filhos. Se você me der um de seus filhos, ele se tornará meu marido”⁴⁵⁹.

Suppiluliuma suspeitou ao receber essa proposta, afinal, como diz o ditado, era bom demais para ser verdade. Ele precisou ser convencido de que a proposta não era um truque antes de ceder um príncipe ao Egito. Por fim, Suppiluliuma enviou seu filho Zannanza, em matrimônio para a rainha do Egito. Entretanto, no caminho, antes de chegar ao seu destino, o príncipe hitita foi assassinado. O que aconteceu com Zannanza ainda é um mistério, mas Suppiluliuma assumiu que havia sido um complô dos egípcios.

O rei hitita acabou, inconscientemente, participando do colapso da XVIII dinastia egípcia, que governava o vale do Nilo desde a expulsão dos hicsos. Ankhnesamon não se casou com um príncipe estrangeiro, mas com um de seus súditos, Ay – que já tinha uma idade avançada, e novamente, Ankhnesamon não teve herdeiros. Assim terminou a linha tutmosíada, e o governo egípcio foi passado para as mãos de militares, com Horemheb e, em seguida, Ramsés I, que iniciaria a XIX Dinastia. Essas mudanças políticas se refletiram no ambiente e as estruturas e fronteiras do século XV AEC (mapa 9) foram redefinidas, em especial, para hititas e assírios (mapa 10). Os Grandes Reinos que haviam se estruturado pela interação entre Egito e Mitani viram o desaparecimento deste último e a ascensão assíria em seu lugar.

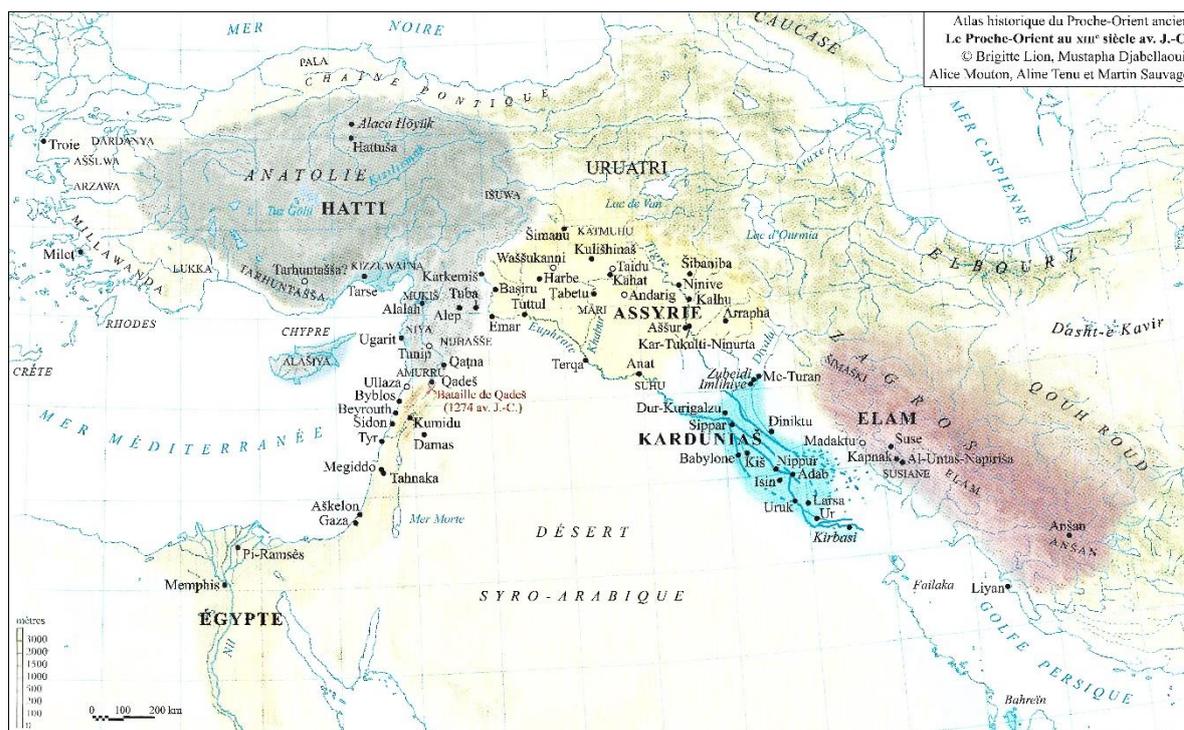
Mapa 9: Oriente Próximo no século XV AEC



Fonte: SAUVAGE, Martin (dir.). *Op. Cit.*, p. 91

⁴⁵⁹ BRYCE, Trevor. *Op. Cit.*, 2014a, p. 188. Tradução da autora.

Mapa 10: Antigo Oriente Próximo no século XIII AEC



Fonte: SAUVAGE, Martin (dir.). *Op. Cit*, p. 99

3.2. A INSTITUIÇÃO E A RETÓRICA DIPLOMÁTICA

No decorrer dessa pesquisa, em alguns momentos afirmei que o sistema diplomático amarniano buscava o equilíbrio entre os Grandes Reis e, por não existir uma jurisdição humana, o foco institucional era a manutenção *status quo*, independentemente de quem fossem os agentes no poder. Em outras palavras, a Diplomacia Amarniana, enquanto uma instituição política, é adaptável. O sistema e seus parâmetros puderam ser mantidos e continuar inabaláveis diante dessa mudança que acontecia com a substituição de Mitani pela Assíria enquanto o novo membro no Clube.

A estruturação do sistema enfatizava a equidade, mas fica claro que a prática diplomática estava envolta nos anseios e ambições de cunho pessoal. Motivações e a contextualização já foram expressas nesse trabalho⁴⁶⁰, agora podemos analisar esse balanço entre o âmbito pessoal e as regras do sistema a partir de outros vieses. Os gráficos de rede apresentados no capítulo anterior (ver tabela 3 e gráfico 1)⁴⁶¹ retratam essas relações no contexto da documentação: o Egito se destaca por ser o receptor da maioria das

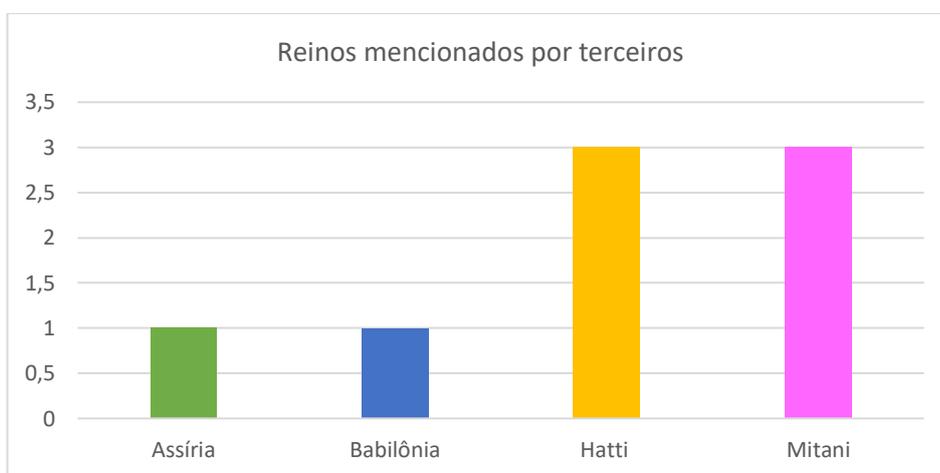
⁴⁶⁰ Ver o capítulo 2 e a introdução deste terceiro capítulo.

⁴⁶¹ Ver tópico 2.5. A Documentação: Pelo Olhar das Humanidades Digitais.

correspondências, Mitani, Hatti e Babilônia aparecem equiparados em com o segundo maior grau de centralidade, seguidos pela Assíria que, conseguiu ser incluída no clube posteriormente. Por fim, Arzawa e Alashiya são menos centrais – o que respeita a hierarquia do sistema, já que eles não estão entre as grandes potências.

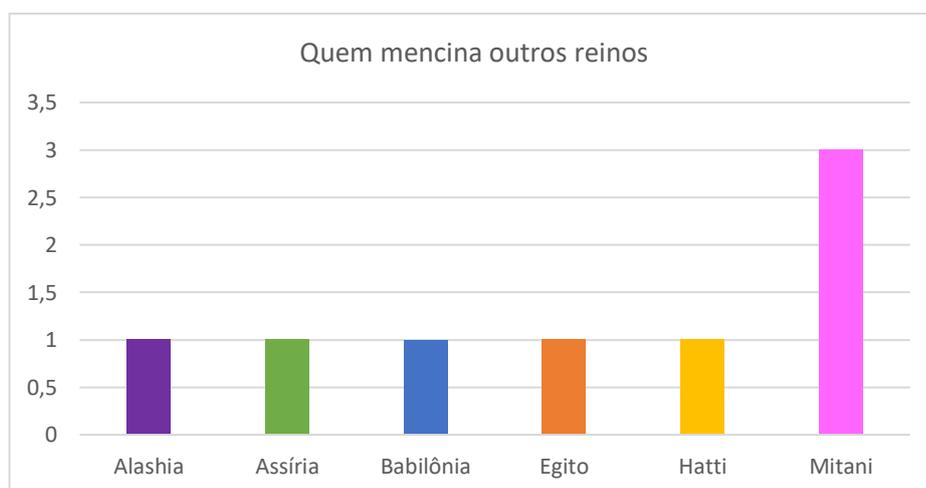
Como apontei, as medidas usadas de parâmetros para o desenvolvimento desses dados, foram os nomes mencionados em cada uma das cartas. Isso, por si só, é limitante. Por termos uma documentação fragmentada e parcial, contornar esses problemas, infelizmente, não é possível, mas para minimizá-los podemos considerar as menções feitas sobre terceiros separadamente (conforme as tabelas 6 e 7). A partir disso, é possível ter uma noção sobre como os outros reinos se entendiam para além das relações com o Egito.

Tabela 6: número de vezes que cada reino foi mencionado por terceiros



Fonte: Produzido pela autora.

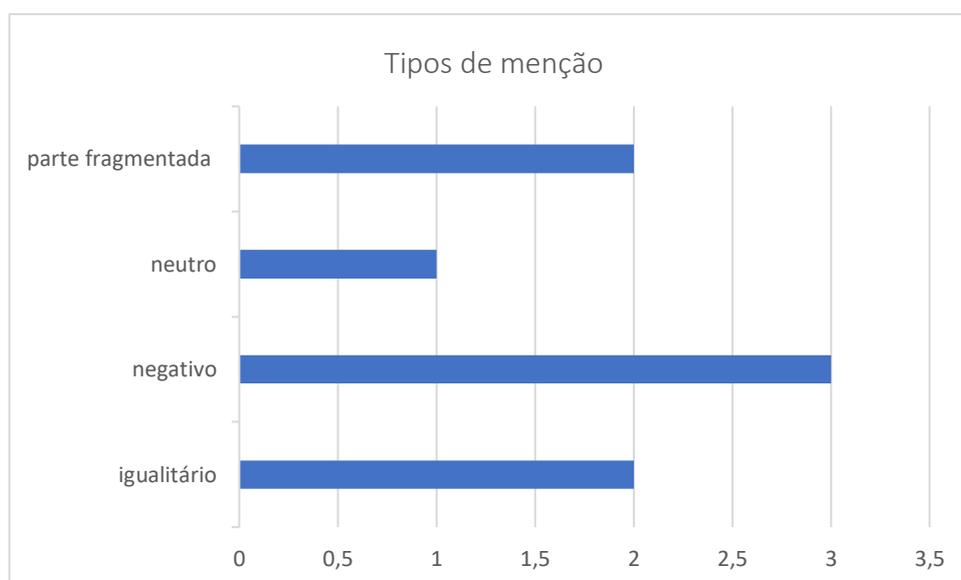
Tabela 7: número de vezes que os reinos mencionam terceiros



Fonte: Produzido pela autora.

A comparação das duas tabelas acima nos revela dois fatos principais: fazer menção a um terceiro reino não era uma coisa comum, e, quando feitas, referem-se aos Grandes Reis, ignorando os reinos independentes da Alašiya e Arzawa⁴⁶². Apenas sete entre as 42 cartas trazem essas referências (EA1, EA9, EA16-17, EA24, EA35, EA42)⁴⁶³, com Hatti e Mitani liderando no número de vezes que são mencionados. De certo modo, por mais que a documentação seja limitante, o fato de Arzawa e Alašiya não serem mencionados por outros reinos nos indica o reconhecimento do fator hierárquico envolvido do sistema de Amarna. Ainda assim, ser mencionado não implica, necessariamente, que existe essa equiparação no âmbito pessoal.

Tabela 8: número de vezes que as menções a terceiros acontecem com diferentes posicionamentos



Fonte: Produzido pela autora.

A constante busca pelo equilíbrio de poder também implica na dinâmica de tal poder. Ninguém pode ser considerado mais importante do que o outro, como Suppiluliuma já havia deixado claro na carta EA42:

E agora, sobre o seu tablete que [você me enviou], por que [você exaltou] seu nome sob o meu nome? E quem anulou as boas relações [entre nós]? Essa é uma prática correta ent[ão]?

Meu irmão, foi procurando paz [entre nós] que você escreveu? E se [foi, seu nome,] por que você o exaltou? E eu sou consid[erado então como] um corpo?⁴⁶⁴

⁴⁶² Considero aqui apenas os reinos previamente selecionados, e não incluo os dados referentes aos territórios subordinados.

⁴⁶³ Sem contar a EA43 que fala sobre a morte de um rei que assumimos ser Tušratta, mas está fragmentada demais para podermos fazer essa afirmação com certeza.

⁴⁶⁴ EA42, linhas 15-22.

A inversão na ordenação dos nomes poderia ser entendida como uma relação de poder, como aponta Jana Mynářová⁴⁶⁵. Voltarei a essa questão adiante, mas é importante ter em mente que a paridade entre os reis deveria ser respeitada. Ao comparar-se com um cadáver, Suppiluliuma demonstrava que a mensagem da carta enviada pelo Egito retirava a capacidade agencial do rei hitita, como se ele estivesse hierarquicamente abaixo do faraó.

Apesar do consenso teórico de que há igualdade, existe a constante busca por soberania, como apontei em outros momentos. Por isso, essas diferentes abordagens sobre terceiros podem ser entendidas como um aparato retórico que reforçava as ambições pessoais. As cartas EA24 e EA42 estão muito fragmentadas para que tenhamos uma posição clara sobre o que foi dito. Ainda assim, podemos assumir, pelo contexto da época que, na EA42, o rei de Hatti se referia aos mitânios de forma negativa. A carta EA24 é um pouco mais complicada de ser entendida, talvez houvesse uma menção neutra ou igualitária, mas a fragmentação é grande demais para tirarmos conclusões⁴⁶⁶.

De resto, podemos notar que os Grandes Reis tendem a comentar de modo negativo ou neutro em relação aos outros (em especial nas relações de Hatti e Mitani, que chamam uns aos outros claramente de inimigos). Uma posição igualitária é tomada quando reinos independentes querem se comparar com Grande Reis ou, até mesmo, quando a Assíria estava buscando se posicionar como membro do clube.

Na maior parte dos casos, as correspondências não falam sobre o contexto do mundo próximo-oriental de um modo geral. Elas restringem-se às informações que concernem à própria diplomacia e, mesmo quando algo é citado, fica em segundo plano. Afinal, cartas não são documentos de registro e não pretendem relatar eventos, mas possuem uma função clara de convencimento. Por isso, a escolha de palavras e a estruturação das mensagens precisavam ser pensadas de acordo com os costumes da diplomacia e com as intenções de persuasão. É nesse sentido que eu vou entender a retórica.

Não pretendo entrar em um debate conceitual sobre a retórica, uma vez que criar uma definição universal “é uma atividade limitante; tentar estabelecer um significado comum pode ter o efeito de excluir diversidades enriquecedoras”⁴⁶⁷. Na historiografia vemos que o conceito de retórica pode variar em diferentes circunstâncias, desde a antiguidade (frequentemente

⁴⁶⁵ MYNÁŘOVÁ, Jana. *Language of Amarna – Language of Diplomacy. Perspectives on the Amarna Letters*. Praga: Czech Institute of Egyptology, 2007, p. 122.

⁴⁶⁶ Ver EA21, COL IV, §34, linhas 85-110.

⁴⁶⁷ SULLIVAN, Patricia, A.; PORTER, James E. Remapping Curricular Geography. *Journal of Business and Technical Communication*, v. 7, n. 4, 1993, p. 391. Tradução da autora.

ligado a definição de Aristóteles⁴⁶⁸) até a contemporaneidade (que agora também inclui questões da Era Digital)⁴⁶⁹. Por isso, restrinjo-me a pensá-lo no sentido da argumentação usada no balanço entre as regras teóricas e a prática e o âmbito pessoal de cada rei. Ainda assim, nas próximas páginas, apresento algumas definições estabelecidas para o conceito, aproximando-as ao conjunto de fontes que trabalho.

Tradicionalmente, a retórica foi pensada por meio de termos clássicos e, trabalha-la no mundo cuneiforme (ou egípcio) possui suas particularidades, justamente por não termos uma documentação teórica no assunto, como é no caso grego – mas isso não significa que a prática não existisse no Oriente Próximo. As civilizações clássicas contribuíram para se estabelecer uma ligação entre a persuasão e a oratória, tratando a retórica como a capacidade de se comunicar em um idioma elevado⁴⁷⁰. Se transportamos essa ideia para o mundo mesopotâmico, como propõe Hallo, as escolas de escriba se caracterizam como um exercício de retórica, considerando que o letramento não era algo comum. Além disso, literatura e não-ficção se misturam criando lógicas argumentativas relacionadas ao estilo e desvinculando-a da comunicação verbal. Nesse sentido, a escrita cuneiforme é a ferramenta que estrutura as histórias, criando imagens vívidas e um ritmo definido para a narrativa. No contexto de Amarna vemos a maleabilidade das relações e estruturas. Na obra de Jana Mynářová⁴⁷¹ é realizado um estudo detalhado sobre a elaboração e diagramação das correspondências, que nos dá dicas sobre mensagens dispostas pela materialidade do objeto. No capítulo anterior abordei a estrutura das cartas, comentando sobre língua franca e organização. Agora, esses dois aspectos merecem uma nova perspectiva. O uso do acadiano como língua franca foi amplamente dispersado pelo Crescente Fértil, contudo, o que encontramos nos tablettes amarnianos é um acadiano periférico, que sofreu influências de dialetos locais e coloquialismos. Em segundo lugar, as saudações iniciais, que são mais rígidas e padronizadas, na verdade, possuem 18 formatos diferentes⁴⁷², sendo que encontramos 9 tipos entre as cartas selecionadas para essa tese. O próprio endereçamento, igualmente, segue estruturas diferentes e, como aponta Mynářová, configura uma exaltação de *status* social⁴⁷³ (mais visível em relações entre

⁴⁶⁸ Ver: ARISTOTLE. *On Rhetoric: a theory of civic discourse*. Translated with introduction, notes, and appendices by George A Kennedy. Oxford: Oxford University Press, 2007.

⁴⁶⁹ As diferentes relações da retórica ao longo do tempo são apresentadas na obra. MacDONALD, Michael J. (Ed). *The Oxford Handbook of Rhetorical Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

⁴⁷⁰ HALLO, William. **The Birth of Rhetoric**. In: LIPSON, Carol S.; BINKLEY, Robert A. *Rhetoric before and beyond the Greeks*. Albany: State University of New York Press, pp. 25-27.

⁴⁷¹ MYNÁŘOVÁ, Jana. *Op. Cit.*

⁴⁷² MYNÁŘOVÁ, Jana. *Op. Cit.*, pp. 99-114.

⁴⁷³ MYNÁŘOVÁ, Jana. *Op. Cit.*, p. 122.

soberanos e subordinados) pela ordem dos termos, entretanto, a maioria dos Grandes Reis segue o mesmo padrão de escrita.

Em relação ao conteúdo, podemos interpretar os eventos e descrições feitas em cada uma das Cartas de Amarna como uma inscrição real, que procura valorizar as conquistas do governante, sem preocupar-se em ser verdadeira em todos os detalhes. Usa-se, portanto, a lógica da barganha e argumentos emocionais (como o próprio princípio da irmandade, que criava uma metáfora familiar que os conectava em um laço de sangue que, em teoria, não poderia ser quebrado). A estrutura retórica das correspondências acompanhava o seu contexto. Em Ebla e Mari, por exemplo, os juramentos forjados entre reis poderiam ser vitalícios ou por algum tempo determinado, contudo, em Amarna envolvem-se os descendentes⁴⁷⁴. Foi uma mudança dramática, que fez com que as alianças fossem feitas por tempo indeterminado, sendo renovadas automaticamente e comprometendo os futuros reis para que honrassem acordos que eles sequer viram acontecer. Isso dá espaço para que algumas adaptações sutis sejam inseridas em acordos antigos quando um novo rei chegava ao poder. Na carta EA1, por exemplo, o Amenhotep III acusa Kadašman-Enlil: “E quando a sua citação das palavras de meu pai, deixe isso! Não fale das palavras dele!”⁴⁷⁵ - talvez, como afirma Charpin, por não ser específico sobre quais aspectos das negociações com seu pai não foram respeitados por ele⁴⁷⁶.

Na medida em que os acordos deixaram de ser pessoais para comprometer as gerações futuras, o suporte precisou sofrer alterações. Conforme apontei no capítulo anterior, existiam os tabletes grandes para gravar os juramentos. Os tratados passaram a ser, cada vez, mais como contratos inalteráveis e novos suportes foram sendo inseridos. Apesar da oralidade ser importante e os tabletes de argila serem apenas um meio de comunicação, o texto passou a ter valor em si e, para isso, precisou ser registrado em materiais mais duradouros, como metal ou pedra, como foi expresso por Ramsés II:

E Ramsés, Amado de Amon, Grande Rei, Rei [do Egito], de fato criou <isto> (a relação) [neste] [dia] por meio de um tratado sobre uma tábua de prata, com [Hattusili], Grande Rei, Rei de Hatti, seu irmão, a fim de estabelecer uma boa paz e boa fraternidade [entre eles] para sempre. Ele é [meu] irmão, e eu sou seu irmão. <Ele está em paz comigo>, e eu estou em paz com ele [para sempre. E] nós criaremos nossa

⁴⁷⁴ CHARPIN, Dominique. “*Tu es de mon sang*”. *Les alliances dans le Proche-Orient ancien*. Paris: Les Belles Lettres, 2019, s/p (capítulo 2). Disponível em: <https://books.openedition.org/lesbelleslettres/258>

⁴⁷⁵ Trecho da carta EA1, linhas 62-63.

⁴⁷⁶ CHARPIN, Dominique. *Op. Cit.*, 2019, s/p (capítulo 2). Na tradução presente na obra de Charpin (feita por William Moran), a citação de Amenhotep III é “Quant à ce que tu m’écris, (que) j’ai renié les paroles de mon père, tu ne cites pas ses paroles”, deixando mais explícito que o rei não teria citado as palavras, apenas reclamado da falta de comprometimento com o acordo anterior. A diferença na tradução que eu proponho não é arbitrária, mas concorda com as traduções (posteriores a Moran) de Mario Liverani e Anson Rainey que colocam, respectivamente, “Poiché scrivi (citando) le parole di mio padre: lascia stare, non pronunciare le sue parole!”, e “And as for your citing the words of my father, leave it! Don’t speak of his words!”.

irmandade e nossa [paz], e elas serão melhores do que a antiga irmandade e paz de [Egito com] Hatti.⁴⁷⁷

Em meados do Segundo Milênio, então, notamos uma preocupação em preservar e publicizar o conteúdo, já que o tratado era considerado um ato público⁴⁷⁸. A princípio, isso era feito por meio de cerimônias com testemunhas, mas com o tempo ganhou novas formas de acessibilidade, como inscrições em templos – mesmo que a maior parte da população não soubesse ler o conteúdo. O mesmo acordo entre Ramsés II e Hattusili III, citado acima, também está presente no templo de Karnak e no complexo funerário do faraó, o Ramesseum⁴⁷⁹.

O modo como os acordos eram feitos e os textos redigidos, assim, respondia a formatação da diplomacia e diferentes suportes apresentavam os tratados sob diferentes perspectivas. Nesse sentido, é importante considerarmos que a retórica é um método de análise e um procedimento heurístico na produção – que se torna uma estratégia de convencimento. Minha escolha em trabalhar a questão a retórica a partir da sua produção concorda com a discussão levantada por Kenneth Burke, no final da década de 1960. Segundo ele, “onde quer que haja persuasão há retórica. E onde quer que haja ‘significado’⁴⁸⁰ há ‘persuasão’”, mesmo quando se trata de elementos não verbais, por causa de seu caráter simbólico⁴⁸¹. Mencionando Cícero, Aristóteles e Isócrates, Burke ainda aponta que a definição mais básica para retórica pode ser tida como um “discurso feito para persuadir”⁴⁸². Mesmo quando o conceito passou a abranger outras ideias, como a eloquência, a relação com a prática persuasiva se manteve. Os sentidos desenvolvidos se sobrepõem, podendo relacionar retórica com a oratória; com o uso da linguagem para informar ou persuadir; com a classificação e uso de metáforas e figuras; ou com os estudos da persuasão e seus efeitos da linguagem, das estratégias para a eficácia da oratória, da relação entre linguagem e conhecimento⁴⁸³.

Por causa dessa amplitude conceitual (e concordando com Sullivan e Porter⁴⁸⁴), tentar definir a retórica se torna um trabalho extenso, complexo e limitante, assim, acredito que é mais proveitoso posicionar tal conceito no contexto da Era de Amarna, entendendo o uso retórico em

⁴⁷⁷ Trecho do documento nº 15, linhas 13-18. Trata-se de uma carta entre Ramsés II e Hattusili III, encontrada nos arquivos de Boğazköy. Disponível em: BECKMAN, Gary. *Op. Cit.*, pp. 90-95. Tradução da autora.

⁴⁷⁸ CHARPIN, Dominique. *Op. Cit.*, 2019, s/p (capítulo 3).

⁴⁷⁹ CHARPIN, Dominique. *Op. Cit.*, 2019, s/p (capítulo 3).

⁴⁸⁰ Podemos entender “significado” como “conferir sentido” a algo em determinado contexto.

⁴⁸¹ BURKE, Kenneth. *A Rhetoric of Motives*. Los Angeles: University of California Press, 1969, p. 172.

⁴⁸² BURKE, Kenneth. *Op. Cit.*, p. 49.

⁴⁸³ EYMAN, Douglas. *Digital Rhetoric: theory, method, practice*. Michigan: University of Michigan Press, 2018, p. 13.

⁴⁸⁴ Na citação acima, que aponta que definir um conceito “é uma atividade limitante; tentar estabelecer um significado comum pode ter o efeito de excluir diversidades enriquecedoras”. SULLIVAN, Patricia, A.; PORTER, James E. *Op. Cit.*, p. 391. Tradução da autora.

ações cotidianas, ainda antes do termo ser cunhado. Quando me refiro à retórica, então, não me refiro ao método de análise, mas estou considerando a prática da comunicação persuasiva e os aparatos usados para conseguir efetivar as intenções do remetente da carta, entendendo-a como uma ferramenta capaz de moldar a sociedade ao “mudar o curso de indivíduos e comunidades e estabelecer padrões para novas ações”⁴⁸⁵. É isso que vemos na documentação de Amarna; discursos criados (ainda que respeitando o padrão diplomático) que desenvolvem uma narrativa persuasiva, a fim de mudar uma realidade local.

Quando apresentei alguns elementos da estruturação das correspondências, no capítulo anterior, também comentei sobre questões de hierarquia, reciprocidade e economia de oferta⁴⁸⁶. Essas questões são cruciais para a preparação do discurso elaborado pelos Grandes Reis. Nessas cartas, usa-se a retórica como forma de alterar a realidade a partir da mediação entre pensamento e ação – não por meio de atitudes direcionadas. Essa ponderação fica clara, por exemplo, na carta EA24, quando Tušratta escreveu para Akhenaton “Verdadeiramente, nossos antepassados [os meus(?) e] os de meu irmão, estavam em relações amigáveis, [...] tudo... da(?) terra do Egito. Os hititas são *heri*(?) da [terra] hurrita [...] eles são numerosos(?). Como [...]. O hitita é(!?) inimigo do [rei] hurrita”⁴⁸⁷.

Apesar de fragmentado, o trecho nos mostra que Tušratta estava criando um discurso que valorizava o passado (também um argumento retórico, mas voltarei para isso em breve⁴⁸⁸) e relatava uma questão. Aqui, o rei mitânio não pediu ajuda, já que isso demonstraria fraqueza, ele comentou, casualmente que os hititas eram inimigos e que os egípcios eram aliados. Por causa da ideia de reciprocidade, podemos imaginar que o rei esperava que o faraó oferecesse suporte militar em nome da amizade, para manter as relações, mesmo que o auxílio fosse desnecessário – que não era o caso.

Essa lógica continua, ainda na mesma carta:

E por causa disso tudo, nós somos uma mente um com o outro, e ambos amamos um ao outro excessivamente. E nossas terras ajudam(?) uma a outra. Se apenas um inimigo de meu irmão não existisse! Mas no caso de, em algum momento, um inimigo de meu irmão invadir sua terra, (e) meu irmão escrever para mim e a terra hurrita, amaduras, armas e tudo junto que pertencer aos inimigos de meu irmão estarão a sua disposição. Contudo, por outro lado, se houver um inimigo meu – se eles apenas não existissem! – eu vou escrever para o meu irmão e meu irmão vai enviar a terra egípcia, armaduras, armas e tudo junto que pertença ao meu inimigo [.....] nosso inimigo [...]

⁴⁸⁵ BUCHANAN, Richard. Declaration by Design: Rhetoric, Argument, and Demonstration in Design Practice. *Design Issues*, v. 2, n. 1, 1985, p. 6.

⁴⁸⁶ Ver a partir da página 97.

⁴⁸⁷ Trecho da EA24, COL I, §1, linhas 8-15.

⁴⁸⁸ Ver a partir da página 151.

Grandes(?) Reis, Grandes(?) Reinos [...] inimigos [...] aquele inimigo, que [...] um inimigo nosso não está presente, e não há ninguém como nós apesar disso tudo.⁴⁸⁹

Nesse trecho, Tušratta trabalhou com a hipótese de “se algum inimigo agir contra alguém, o outro ajudará”, mas ele, novamente, não trouxe toda a realidade expressa. O único momento em que o rei mitânio afirmou ter enfrentado os seus inimigos, foi na carta EA17, quando ele enviou espólios de guerra como presente ao Egito. Isso reforça sua força e poder, mostrando que seu reino era estável e merecedor de pertencer ao restrito Clube dos Grandes Poderes. Sabemos, pelo contexto e outras documentações, que a região da fronteira entre Mitani e Hatti não foi estabilizada em nenhum momento, mas Tušratta faz a escolha consciente de não comentar sobre as constantes batalhas que aconteciam pela conquista desses reinos subordinados no norte da síria. A realidade é que uma guerra era muito mais provável de acontecer no território mitânio do que no egípcio, mas para garantir o suporte militar, o discurso foi construído de maneira hipotética.

Não podemos subestimar o papel dos mensageiros que, ao viajar, carregavam informações úteis para os seus reinos. Um bom discurso retórico saberia balancear as notícias e as ambições. Por isso, atritos não são negados, apenas omitidos – e como, até então, não haviam guerras diretas entre hititas e mitânios (restritas aos territórios fronteiriços), Tušratta poderia tentar diminuir o efeito de sua preocupação. Entretanto, o apoio ainda era buscado e existe uma insistência em lealdade política, que estipula que os inimigos de um devem ser inimigos do outro. Essa cláusula de ter os mesmos amigos e os mesmos inimigos não é nova e já estava presente nas negociações desde o terceiro milênio AEC⁴⁹⁰. Por isso, na carta EA24, citada acima, Tušratta pontuou que “O hitita é(!?) inimigo do [rei] hurrita.”⁴⁹¹. É interessante notar que existia uma tendência em citar inimigos pelo nome do reino, ao invés do nome do governante. Suppiluliuma também fez isso na EA42, quando se referiu à “Terra de Hurri”. Isso garantiria que o compromisso de auxílio continuaria mesmo com a morte do rei inimigo. Ainda assim, quando tratam de apoio militar, essas relações são bilaterais, seguindo com uma ideia de reciprocidade e garantindo seu *status*, como nota-se em outro trecho da EA24, que citei na página anterior⁴⁹².

⁴⁸⁹ Trecho da EA24, COL III, §26, linhas 108-124.

⁴⁹⁰ CHARPIN, Dominique. *Op. Cit.*, 2019, s/p (capítulo 4).

⁴⁹¹ Trecho da EA24, COL I, linhas 8-15.

⁴⁹² Trecho da EA24, COL III, §26, linhas 108-124.

Uma construção retórica não é aleatória e seu autor passa por um processo para a formulação do argumento e organização do discurso, com escolha da linguagem apropriada⁴⁹³. Além disso, Aristóteles mencionou três formas de expressão retórica: o argumento lógico (*logos*), o argumento emocional (*pathos*) e o estabelecimentos de autoridade (*ethos*). Este último sofreu uma mudança no século XVIII, quando foi associado ao autor e suas qualificações, mas no mundo antigo a autoridade estava inclusa e considerada nos costumes sociais e culturais da sociedade anfitriã⁴⁹⁴. Desse modo, as três expressões são facilmente encontradas na documentação de Amarna. O *ethos* está presente por meio do estabelecimento dessa sociedade interterritorial da Era de Amarna, com padrões específicos. Já o *logos* e o *pathos* são frequentemente utilizados em conjunto - o primeiro aparece quando tratam-se de assuntos legais ou contratuais⁴⁹⁵, o segundo apela para a emoção como estratégia de convencimento. Duas cartas que Burnaburiaš II enviou para o Egito nos servem de exemplo para essas questões, na medida em que explicam sobre um atentado que mensageiros sofreram em territórios subordinados aos egípcios:

[E] quanto a Šalmu, meu emissário, que eu enviei para [você, du]as vezes sua caravana foi rou[bada]. A [prim]eira, Biryawaza roubou e sua [se]gunda caravana, Pamaḥu [...] seu governador da terra de Kišri roub[ou]. Quando] meu irmão vai julgar esse caso? [Quando] meu emissário le[vantou-se (na corte), ass]im que Šalmu fa[le] diante de meu irmão. Seu eq[uipeamento], que eles devolvam [para ele e] suas perdas, que eles compensem.⁴⁹⁶

Nesse caso, o rei babilônico não se atém a muitos detalhes, já que era parte do costume (e, portanto, do contrato), compensar as perdas financeiras em ocasiões como essa. Contudo, na carta seguinte vemos a elaboração maior dos argumentos, agora com um apelo mais emocional:

Agora, meus mercadores quem eu mandei com Aḥu-ṭābu, foram detidos na terra de Canaã por questões de negócios. Depois que Aḥu-ṭābu foi para meu irmão, na cidade de Ḥinnatōna, na terra de Canaã, Shum-Hadda, filho de Ba'lumme, (e) Sutatna, filho de Sarātu, da cidade de 'Akkā, enviaram seus homens e eles atacaram (mataram) meus mercadores e eles levaram sua prata. Em tanta quanto pre[ssa] eu enviei para [su]a pres[ença], inter[rogo-o], deixe-o contar para [você].

[A terra de C]anaã é sua terra e [seus] reis [são seus servos. N]a sua terra, eu fui pilhado. Investigue[-os], pag[eu] o dinheiro que eles roubaram e quanto aos homens que m[ataram] meus servos, mate-os; recompense seu sangue.

Mas se você não executar esses homens, eles farão isso novamente. Eles vão atacar seja minha caravana ou seus emissários. O emissário será intercedido entre nós.

⁴⁹³ Quando tratamos da questão da oratória, ainda é preciso considerar aparatos de memorização do discurso a ser apresentado e como ele será entregue (com gestos, projeções e entonações). EYMAN, Douglas. *Op. Cit.*, p. 14.

⁴⁹⁴ EYMAN, Douglas. *Op. Cit.*, pp. 14 e 31.

⁴⁹⁵ Como já aponte, os acordos feitos eram tidos como um contrato (*rikitu*) que ligava duas Casas.

⁴⁹⁶ EA7, linhas 73-82.

Mas se eles negarem, Shum-Hadda, tendo restringido um homem meu, deteve-o com ele e quanto o outro homem, Sutatna de 'Akkā, forçando-o em serviço, ele ainda está servindo-o. Deixe esses homens irem para você, investigue e pergunte [se eles estão mo]rtos, então, que você seja informado.⁴⁹⁷

Essa mudança de tom possui um propósito, que deve ser velado. Segundo Westbrook, quando acontecem assassinatos, sempre serão pagas 3 minas de ouro como compensação financeira, mas para os casos de bens roubados, o pagamento somente acontece quando (ou se) os culpados forem capturados⁴⁹⁸. Por isso, Burnaburiaš II apela para a importância da busca e do aprisionamento dos culpados pelo ataque, sem mencionar que ele espera por compensação, é claro.

Existem pontos comuns nas estratégias de Burnaburiaš II e Tušratta, no que se trata de apelo emocional. O babilônico propõe pensar um futuro em que os próprios egípcios pudessem ser prejudicados ao longo prazo, demonstrando sua preocupação em deixar criminosos livres. O mitânio, por sua vez, discursa sobre uma situação hipotética, que talvez nunca ocorra, mas que, na verdade, não era apenas hipotética. Em ambos os casos, os reis esperam que o faraó tenha a iniciativa de enviar o que era esperado (o pagamento e o suporte militar). Isso faz sentido dentro do sistema amarniano, no qual, como aponta Mario Liverani, presentes não poderiam ser pedidos, apesar de frequentemente o serem⁴⁹⁹. Quando algo era requisitado, sempre haveria uma justificativa, às vezes, apelando para a consciência. Ao mesmo tempo, os presentes deveriam ser oferecidos, reciprocamente, mesmo que fossem recebidos de forma desinteressada. Isso significa que as construções narrativas de Burnaburiaš II e Tušratta deveriam, ao menos em teoria, ser eficazes. A persuasão pretende transformar um anseio argumentável em uma premissa.

Outro recurso bastante comum, quando analisamos o discurso dos documentos de Amarna, é o estabelecimento das relações no tempo. A primeira coisa que notamos nesse sentido é que os reis costumavam afirmar que as relações deveriam ser cada vez melhores no futuro, como afirmou Tušratta: “Quando eu escrevi para meu irmão, eu verdadeiramente disse: ‘que nós sempre amemos muito, muito um ao outro e que entre nós sempre haja amizade. E para o meu irmão eu disse: que meu irmão sempre se supere em dez vezes o que ele fez por meu pai’”⁵⁰⁰. Também vemos, com frequência, que essa relação está vinculada ao passado como no exemplo:

⁴⁹⁷ Trecho da carta EA8, linhas 13-42.

⁴⁹⁸ WESTBROOK, Raymond. *Op. Cit.*, 2000, p. 35.

⁴⁹⁹ LIVERANI, Mario. *Op. Cit.*, 2000, p. 24.

⁵⁰⁰ Trecho da carta EA19, linhas 30-33.

Agora, meu irmão, você ascendeu ao trono de seu pai, e assim como seu pai e eu desejamos saudações-presentes entre nós, então, agora, que você e eu, assim, desfrutemos boas relações entre nós e o pedido <que> eu fiz para seu pai, para meu irmão [eu vou fazer:] “que nós façamos um acordo de [casa]mento entre nós”.⁵⁰¹

Essa retomada de momentos anteriores faz sentido na lógica retórica, que se orienta pelo passado, pelo presente ou pelo futuro. Nesse discurso usa-se o tempo como argumento para questionar ou mudar o sentido das relações. De acordo com Buchanan, a tática da persuasão baseada no presente “surge de materiais do passado e sugere possibilidades para o futuro, mas está mais preocupado com as atitudes no presente”⁵⁰² – e isso é claramente visível na diplomacia amarniana.

Conforme mostrei no capítulo anterior⁵⁰³, as Cartas de Amarna possuem uma estrutura clara, iniciando com uma saudação e terminando com o envio de presentes. Desde que respeitasse as regras do sistema, o corpo do texto poderia abordar qualquer assunto e, normalmente, encontramos reclamações. Os reis relatam suas insatisfações e descontentamento com o estado atual da relação, seja por questões de reciprocidade ou de relacionamento, ainda que reforcem os laços de fraternidade. Para tanto, usam-se do princípio de que o passado era bom e que o presente precisa superar algumas dificuldades para que o futuro seja tão bom quanto as coisas eram anteriormente. Isso concorda com a argumentação de Buchanan, que afirma que essas formas de persuasão ligadas ao tempo

São demonstrações ou exposições, que surgem do passado (como nas formas e formas tradicionais ou em princípios científicos já conhecidos que fornecem as premissas para a construção) e sugerem possibilidades para o futuro (como em atividades futuras que um determinado objeto pode tornar possível), mas ainda existem principalmente no presente como declarações.⁵⁰⁴

Tal atitude de reforçar os laços do passado não era apenas comum, mas, ao que parece, era necessário. Esse tipo de argumento é sutil e quase passa despercebido – o que indica que era algo dado, que não precisa de reforço constante -, mas é importante. A Assíria, quando tentou fazer o primeiro contato com o Egito, se usou disso para criar um vínculo:

Eu enviei meu emissário para você, para vê-lo e para ver sua terra. Até agora, meus antepassados não escreveram {para você}. Hoje eu escrevi para você. [Eu] enviei para você uma carroça excelente, 2 cavalos e uma pedra-data de genuína lápis-lazúli como sua saudação-presente⁵⁰⁵.

⁵⁰¹ Trecho da carta EA41, linhas 16-22.

⁵⁰² BUCHANAN, Richard. *Op. Cit.*, p. 20. Tradução da autora.

⁵⁰³ Ver tópico 2.4. Documentação: Estruturas e Aparatos.

⁵⁰⁴ BUCHANAN, Richard. *Op. Cit.*, p. 20. Tradução da autora.

⁵⁰⁵ Trecho da carta EA15, linhas 7-15.

Criar esses laços com o passado, em especial, quando definem-se graus de parentesco, pode ser uma maneira de reforçar a ideia de familiaridade desse sistema diplomático: expressões como “meus antepassados” e “meu pai”, além, é claro, de “meu irmão”, contribuem para a ideia de que os Grandes Reis pertenciam a uma mesma Casa⁵⁰⁶. Isso significa que essas relações de tempo contribuem para estabelecer a reputação e o *status* dos reis enquanto iguais.

Comentei anteriormente sobre como a paridade era um elemento importante do Sistema de Amarna e precisava estar evidente a todo momento. Com isso, há ainda outra questão a ser considerada: se não há hierarquia, encontramos uma diplomacia anárquica. Segundo Rodolfo Ragonieri, existem três tipos de sociedades internacionais⁵⁰⁷: anarquias, hierarquias e casos especiais⁵⁰⁸. De forma breve, podemos dizer que o princípio dessas anarquias é de que não há uma autoridade suprema aceita por todos como uma autoridade legítima; hierarquias são o oposto, ou seja, existe uma autoridade entre os membros; e casos especiais podem ser considerados em relações mais complexas, com estruturas não unitárias.

O que temos expresso na documentação de Amarna depende da nossa forma de olhar para a fonte. Se considerarmos todos os 382 tabletes, fica visível uma organização enquanto *caso especial*, pois demonstra interação entre impérios e de subordinação, quando pensado como um todo – ou uma organização hierárquica, pensando nas relações conquistador/conquistado. Apesar de todo o Levante estar subjugado a outro poder, entre os Grandes Reis e os territórios independentes, não há uma hierarquia. Por isso, como trabalho apenas com as 42 cartas relacionadas a diplomacia, sem considerar as cartas administrativas de outros territórios egípcios, o que encontro é um sistema anárquico – se não considerarmos a jurisdição divina.

⁵⁰⁶ Conforme explicado no tópico 2.4. Documentação: estruturas e aparatos.

⁵⁰⁷ É importante frisar que o que Ragonieri chama de sociedade interestatal é o que eu trato como sistema interterritorial. Na primeira parte desta tese, trabalhei o conceito de sistema em contraposição à ideia de contato. Para mim, um contato interestatal pode ser entendido como as formas de interação e um sistema passa a envolver interesses e valores comuns que criam laços entre as instituições (ou Casas). Por isso, acredito que Amarna se trate do primeiro sistema diplomático enquanto tal, já que em Ebla e em Mari esses contatos tinham ambições próprias, e não coletivas. O trabalho de Rodolfo Ragonieri possui uma visão parecida a essa que defendo, contudo, o que eu chamo de contato, ele chama de sistema e o que eu chamo de sistema, ele chama de sociedade. Minha escolha em usar uma terminologia diferente aqui se dá pela forma que desenvolvi e apresentei os conceitos de contato e sistema – em especial este último –, que acredito ser mais apropriado, já que, como aponte, um sistema precisa envolver o coletivo, mas Ragonieri defende que o sistema considera outras culturas, mas não compartilha valores fundamentais. Por fim, posso considerar que uma sociedade interestatal envolve mais do que o sistema diplomático, mas toda a organização desse mundo próximo-oriental, entretanto, tal estruturação é feita com base nesse sistema. Isso significa que a Sociedade de Amarna pode ser tida como um reflexo do mundo, mas é o Sistema de Amarna que o molda.

⁵⁰⁸ RAGONIERI, Rodolfo. **The Amarna Age: an international society in the making**. In. COHEN, Raymond, WESTBROOK, Raymond. *Op. Cit.*, p. 43.

Há ainda uma outra questão relacionada a retórica que é a parte visual da narrativa. Sabemos que a eloquência é um dos significados relacionados ao conceito e que o ato de falar bem envolve gesticulação e projeção. A fala, em si, não parece ter grande importância no mundo amarniano, mas a linguagem tem. Comentei anteriormente que a ambiguidade de uma língua franca, que permite diferentes interpretações na hora da tradução, contribuía para a adaptabilidade. A língua franca era uma forma de garantir a neutralidade da linguagem, mas ela não foi respeitada em todas as cartas. Algumas das correspondências estão escritas em hurrita (EA24), assírio (EA15) e hitita (EA31-32), sendo que o governante da Alašiya pediu, expressamente, para que as cartas fossem escritas em hitita. Usar uma língua local, relacionada a um outro Grande Reino, para se comunicar com o Egito, poderia ser uma forma de estabelecer uma hierarquia entre eles, quebrando a regra da língua franca e fazendo o anfitrião ser o único lado a precisar de tradutores para entender a mensagem. Tal relação de *status* na linguagem pode ser percebida por meio de outros contextos históricos e mitológicos. Quando a cultura suméria entrou em declínio com a ascensão de Sargão, a língua e a escrita acadianas prevaleceram nas comunicações (apesar de manter alguns dos símbolos sumérios) e se expandiram pela Mesopotâmia. Além disso, na crença mesopotâmica, a escrita foi criada por um lendário rei de Uruk, chamado Enmerkar, que era protegido por Inanna. Segundo a narrativa, Enmerkar teria inventado a escrita para enviar uma carta para o rei de Aratta⁵⁰⁹ exigindo sua rendição. Isso significa que, desde sua criação, a escrita carrega uma simbologia de poder, já que o rei de Aratta recebeu o tablete, mas foi incapaz de decifrá-lo e, assim, reconheceria a soberania de Enmerkar⁵¹⁰. Com isso em mente, podemos entender que as cartas em hurrita e em assírio poderiam reforçar a soberania de Mitani e da Assíria, respectivamente, exigindo que o tratamento recebido do Egito correspondesse ao *status* que possuíam. Já o caso da Alašiya nos serve como exemplo de que as áreas hegemônicas poderiam se expandir além das fronteiras: com o domínio hitita na Anatólia e no norte do Levante, os barcos que conectavam o Chipre com o mundo-próximo oriental tinham mais contato com a cultura hitita.

Considerando o que já apresentei no decorrer dessas páginas, algumas questões se destacam para que possamos entender o modo como o Sistema Diplomático de Amarna se estabeleceu, ponderando suas tradições, suas regras e os costumes envolvidos em contraste com as práticas e ambições pessoais de cada um dos sete reinos analisados. Em primeiro lugar,

⁵⁰⁹ Aratta é um lugar imaginário, como apontei no primeiro capítulo, que seria o local de origem do lápis-lazúli.

⁵¹⁰ BACHELOT, Luc. Aventuras e desventuras da escrita. A propósito da interpretação do nascimento da escrita na Mesopotâmia. *Cadernos do Lepaarq*, v. XVII, n.33, Jan-Jun. 2020, p. 239.

acredito que tenha ficado claro que a forma como os relacionamentos deveriam acontecer e os princípios do sistema são respeitados apenas nas aparências. Ao que tudo indica, a diplomacia de Amarna não estava completamente desenvolvida⁵¹¹, mas havia se aproveitado de resquícios anteriores para criar algo novo, baseando-se em fundamentos gerais e com agentes que ainda estavam se ajustando. Por isso, os reis estavam constantemente testando os limites dos outros, em busca de descobrir até onde que ponto poderiam pressionar durante a busca por vantagens pessoais.

Algumas das próprias características do sistema estimulam relações conflituosas, como, por exemplo, a importância em se manter um contato contínuo. Por um lado, os reis não podiam negligenciar as relações e precisavam demonstrar interesse pelo bem estar de seus irmãos – isso fica expresso nas saudações, feitas em todas as cartas, e, mais especificadamente nas EA7, na qual Burnaburiaš II reclamou por não ter recebido uma mensagem do faraó enquanto esteve doente, e na EA17, em que Tušratta se justificou por não ter mandado mensagens anteriormente. Por outro lado, junto com as cartas, era preciso enviar presentes, conseqüentemente, os reis atrasavam os envios o máximo de tempo possível, para que os benefícios econômicos fossem maiores⁵¹².

Era difícil criar instituições que assegurassem a cooperação ao longo prazo, mas, ao mesmo tempo, criou-se uma interdependência a qual os reinos precisaram se adaptar. Por causa do foco no benefício econômico e no prestígio, os reis não debatiam questões relativas ao próprio sistema, nem sequer demonstram semelhanças ou interesses em determinadas ordens políticas ou econômicas comuns. Ainda assim, os reis evitavam confrontos maiores, ao seguirem o princípio da fraternidade, mas perspectivas pessoais (em um mundo que se baseia na reciprocidade) iriam entender as trocas como injustas. De mesmo modo, não existe alguma tentativa mais enfática de padronização das estruturas mundiais, exceto quando se evocam os ancestrais ou objetivos comuns⁵¹³.

O que vemos nesse mundo amarniano são tentativas de estabelecimento de práticas coletivas. Em Ebla e Mari, os benefícios pessoais e o prestígio de cada reino eram medidos pela sua expansão e seu poder militar, Amarna criou um novo padrão ao substituir guerras por um clube seletivo, exclusivo para as maiores potências hegemônicas. Ragionieri argumenta que a Era de Mari foi a primeira candidata a criar uma sociedade interestatal, mas falhou⁵¹⁴. O sucesso da

⁵¹¹ RAGIONIERI, Rodolfo. *Op. Cit.*, p. 45.

⁵¹² Já comentei sobre isso no capítulo 2, no tópico “2.4. Documentação: Estruturas e Aparatos”.

⁵¹³ DRUCKMAN, Daniel, GÜNER, Soedar. *Op. Cit.*, pp. 177-178.

⁵¹⁴ RAGIONIERI, Rodolfo. *Op. Cit.*, p. 46.

Era de Amarna talvez aconteça por introduzir, pela primeira vez, a ideia de reciprocidade nos contatos do Antigo Oriente Próximo. Com isso, mudanças significativas precisaram acontecer em relação as formas de contato anteriores: os reis precisavam aprender a viver dentro dos limites do seu poder, com a necessidade de manter a harmonia; e era necessário que as trocas tivessem valores agregados equivalentes. Nas cartas, os reis demonstram que não concordam com essas equivalências e afirmam que dão mais do que recebem, reclamando de injustiças. A insistência na reciprocidade poderia deteriorar as relações, visto que ela nunca era saciada. Esse balanço entre o respeito à reciprocidade e os valores individuais é uma linha tênue, da qual os reis se aproveitam para testar os limites de outros governantes e estabelecer seu poder – muito disso, por meio dos argumentos persuasivos e insinuações.

Por causa dessas fragilidades do sistema e da falta de uma comunicação que ajude a definir a ambiguidade de conceitos era difícil estabelecer as equivalências, como vemos por meio de três fatores principais⁵¹⁵. O primeiro se relaciona com a questão de *status*, já que os reis eram sensíveis a qualquer detalhe que pudesse reduzir sua posição nessa sociedade. São exemplos as cartas de Suppiluliuma, EA42, em que se lê: “E agora, sobre o seu tablete que [você me enviou], por que [você exaltou] seu nome sob o meu nome? E quem anulou as boas relações [entre nós]? Essa é uma prática correta ent[ão]?”⁵¹⁶; e a carta EA9, na qual Burnaburiaš II, diz: “Agora, quanto ao assírio, meu vassalo, não fui eu quem o enviou para você. Por que eles, em sua própria iniciativa, foram para seu reino? Se você me ama, eles não irão conduzir negócios seja o que for. Envie-os para mim de mãos vazias”⁵¹⁷. Esses dois casos citados nos revelam formas diferentes de entender a diminuição de *status*. Com os hititas notamos uma relação na qual, supostamente, o faraó deixou transparecer a visão de si próprio como superior⁵¹⁸. No caso da Babilônia, ver a Assíria alegar sua independência era uma forma de assumir que o seu poder hegemônico estava enfraquecido.

O segundo fator envolvido na dificuldade em se estabelecer equivalências é a relação da economia de oferta, sobre a qual debati mais extensamente no capítulo anterior. Contudo,

⁵¹⁵ DRUCKMAN, Daniel, GÜNER, Soedar. *Op. Cit.*, p. 178.

⁵¹⁶ Trecho da carta EA42, linhas 15-18.

⁵¹⁷ Trecho da carta EA9, linhas 31-35.

⁵¹⁸ Conforme já apontado, a reciprocidade talvez seja menos comum no caso do Egito, uma vez que o Egito é a única constante do sistema de Amarna, sendo, também, o espaço mais seguro (por fatores geográficos) e visto como excepcionalmente rico (pelas afirmações de que “ouro é abundante como pó” no Vale do Nilo). Mas, mais importante, na tradição mesopotâmica, reis são vistos como humanos selecionados pelos deuses para governar, enquanto no Egito, os faraós eram deuses. Os egípcios viam a divindade em seus líderes, mas, para os estrangeiros, os faraós eram apenas homens, da mesma forma que os mesopotâmicos. Era preciso buscar ajustar o discurso e a imagem de modo a cumprir com ambas visões sobre os governantes egípcios.

vale frisar que os reis julgam suas ofertas melhores do que os presentes recebidos, sendo a perspectiva predominante no processo da barganha, como no caso da carta EA27:

E agora, meu irmão, as estátuas sólidas que seu pai ia enviar, você não enviou. Mas você as mandou de madeira revestida; os materiais que seu pai ia me mandar, você não enviou e você (os) reduziu bastante.

E não há assunto sobre o qual eu conheça em que eu fui negligente com meu irmão. Em qualquer dia que eu ouvi sobre o bem-estar de meu irmão, eu fiz uma ocasião festiva⁵¹⁹.

Por fim, a terceira questão é a falta de clareza na forma de definir a reciprocidade. Constantemente, os reis evocam a importância das relações serem recíprocas, mas em nenhum momento eles descrevem qual é a forma de respeitar essa reciprocidade, podendo ser entendida como igualdade, equidade, compensação ou, até mesmo, justiça⁵²⁰. Apesar de próximos, esses conceitos possuem diferenças substanciais que modelam as atitudes a serem tomadas. Em primeiro lugar, a ideia de igualdade, pode ser definida pela forma de tratamento (se duas partes são iguais perante um observador), ou pela capacidade igualitária nas normas⁵²¹. No caso de Amarna, essa ideia se liga à distribuição de bens, sendo partes iguais entre iguais, ou proporcional ao *status* (mais poderosos recebem mais do que os subordinados). A equidade, por sua vez, se aproxima da ideia de justiça, indo além da igualdade, no sentido de possibilitar uma “adaptação da norma geral a situações específicas, pois a aplicação de uma norma genérica [...] poderia produzir injustiça”⁵²². Assim, ela é a forma de garantir bem-estar igual para todos. A justiça, como afirma Félix E. Oppenheim⁵²³, tem sua definição associada ao direito – e não, necessariamente, ao que é moralmente correto. Por isso, cabe a ela um peso individual sobre o que se considera justo ou não, mesmo diante de leis (daí pode ter vindo a necessidade diferentes estruturas de argumentos, como apontei acima). A compensação, por sua vez, pode ser entendida como as atitudes tomadas para criar uma igualdade ou equilíbrio entre as partes.

Essa liberdade de interpretação, por um lado, contribui para que o sistema possa ser adequado às diferentes ideologias locais, criando narrativas internas que favorecessem questões de âmbito pessoal dos reis. Era o caso, por exemplo, do Egito, que respeitava a terminologia fraternal e a paridade nas questões diplomáticas, mas representava os presentes recebidos como tributos. Essa maleabilidade do sistema permite as interpretações e, com isso, cada transação

⁵¹⁹ Trecho da carta EA27, linhas 32-36.

⁵²⁰ DRUCKMAN, Daniel; GÜNER, Soedar. *Op. Cit.*, p. 178.

⁵²¹ ORTEGA, Any; SILVA, Stanley Plácido da Rosa (org). *Dicionário de conceitos políticos*. São Paulo: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2020, pp. 84-85.

⁵²² BARROS, Fernando Passo Cupertino de; SOUSA, Maria Fátima de. Equidade: seus conceitos, significações e implicações para o SUS. *Saúde e Sociedade*. Online, v. 25, n. 1, 2016, p. 12.

⁵²³ BOBBIO, Norberto; MATTEUCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (orgs). *Dicionário de política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília., 1998, pp. 660 - 666.

precisava ser calculada e cada escolha influenciava as ações de todos. Aconteciam, também, por conflito de interesses sobre as preferências na distribuição do *status* e recursos. São exemplos disso, as relações de Hatti e Mitani, que não gostavam da posição que ambos tinham, e de Arzawa, que também queria que Hatti perdesse esse destaque. A Babilônia enfrentava a mesma questão com a fortificação da Assíria, ainda que pouco depois tal problema tenha se resolvido. Isso significa que o melhor resultado pessoal poderia ser o pior para os outros, já que para ganhar prestígio era preciso que alguém o perdesse. Por causa das diferenças entre a estrutura e o individual, nessa diplomacia os “irmãos” não pensam comunitariamente, mas fazem suas escolhas de ação de modo egocêntrico⁵²⁴.

Ainda assim, encontramos referências à amizade entre os reis em diversos momentos – são exemplos a EA8 de Burnaburiaš II, em que se diz: “Eu e meu irmão fizemos uma declaração mútua de amizade e isso é o que nós dissemos, dizendo: ‘Assim como nossos antepassados eram amigos mútuos, permita-nos ser amigos’”⁵²⁵; a EA17, de Tušratta, “Que meu irmão procure amizade comigo, e que meu irmão e envie seus mensageiros para mim, para que então as saudações de meu irmão venham para mim e eu possa saber.”⁵²⁶; e a EA41, de Suppiluliuma, “Quanto aos meus emissários que eu enviei para seu pai e o pedido que seu pai pediu entre nós: ‘Permita-nos estabelecer relações amigáveis!’” então certamente(?) eu não recuei.”⁵²⁷. Os relatos de amizade são mais comuns na documentação da Babilônia e de Mitani, talvez por serem os reinos com maior número de correspondências. A ideia de “amizade internacional” aparece em estudos clássicos, pensando os contatos políticos a partir de termos gregos⁵²⁸. Ao traspor algumas dessas terminologias greco-romanas para o passado próximo-oriental, podemos entender algumas das atitudes políticas percebidas nas relações amistosas. Na filosofia grega existiam três tipos de amizade: a de prazer, a de utilidade e a de virtude (ou excelência), sendo que esta última era considerada a moral ideal. Em se tratando de relações entre reinos, a amizade de excelência era a solução para os vícios de conexões, mas são raras e exigem tempo e familiaridade. Era a amizade de utilidade, então, que aparecia nesses

⁵²⁴ Em DRUCKMAN, Daniel, GÜNER, Soedar. *Op. Cit.*, pp. 179-184, debate-se que essas relações podem ser assimétricas, indo contra o princípio da reciprocidade, mas em acordo com a busca de benefícios pessoais. Entre os Grandes Reis, para manter a igualdade, as relações não estabeleciam acordos em que algum dos dois lados se sentissem menosprezados – por isso os conflitos são frequentes (e solucioná-los significaria que ambos os reis precisariam se contentar com menos). Já com os territórios do Levante, os subjugados seriam o lado mais fraco e, então, teriam menos ganhos. Druckman e Güner ainda revelam que um equilíbrio estratégico é possível, e eles demonstram isso com o caso da relação entre o Egito e a Babilônia.

⁵²⁵ Trecho da EA8, linhas 8-12.

⁵²⁶ Trecho da EA17, linhas 51-54.

⁵²⁷ Trecho da EA41, linhas 7-9

⁵²⁸ ROSHCIN, Evgeny. *Friendship among nations. History of a concept*. Manchester: Manchester University Press, 2017, pp. 28-29.

contatos⁵²⁹, na medida que a troca de cartas também movimentada presentes e facilitava o acesso aos bens e a segurança nas rotas – em especial, porque os bens trocados entre reis não poderiam ser tributados no caminho. Assim, a quantidade de presentes enviados servia como uma espécie de barômetro das relações diplomáticas⁵³⁰ e mantinha a amizade. A carta EA7, de Burnaburiaš II, nos serve com um exemplo dessa situação:

E visto que ele me disse {que} na terra de meu irmão tem tudo e meu irmão não quer nada e na minha terra tudo é encontrado e eu mesmo busco por nada, é uma bela coisa que nós recebemos do passado, das mãos dos antigos reis; nós manda[mos] saudações mútuas. Que essa seja a coisa que prevaleça entre nós. Minhas [sa]udações [eu vou enviar] para você [e você vai enviar as suas saudações para mim]⁵³¹.

Nesse trecho, o rei babilônico sugere que a amizade seria mantida por meio da continuidade das relações. Os Grande Reis, se mostram economicamente autossuficientes, como se a troca de presentes fosse apenas uma formalidade a ser mantida em nome das boas relações. Contudo, ao falar em “saudações” Burnaburiaš II deixava implícito a troca de presentes⁵³², já que, como comentei, cartas acompanhavam bens materiais e os reis sírio-mesopotâmicos tinham um apreço pelo ouro egípcio. Assim, com a troca de mensagens seria possível medir a qualidade da relação por meio da quantidade de presentes. Na mesma EA7, poucas linhas adiante, Burnaburiaš II demonstrou o modo como esses presentes serviam para manter a amizade, mas, também, poderiam perturbá-la:

Eu empreendi um projeto e eu escrevi para meu irmão. “Que meu irmão envie-me muito ouro de alta qualidade que eu possa usar em meu projeto”. E quanto ao ouro que meu irmão envia, meu irmão, não o confie a cargo de nenhum representante. Que os [olhos] de meu irmão vejam isso e que meu irmão sele isso e que ele envie isso. Quanto ao ouro que meu irmão enviou previamente, evidentemente, meu irmão não o viu. Foi um representante de meu irmão que selou isso e enviou. Quanto as 40 minas de ouro que eles trouxeram, quando eu o fun[di] no forno, [co]m certeza, [apenas x minas] saíram⁵³³.

Burnaburiaš II era sutil em suas demandas, mas era assertivo em seus pedidos. No trecho notamos que o rei estava descontente com a quantidade de ouro recebida, alegando que era menos do que o prometido. O presente insatisfatório poderia ser interpretado como uma falha na relação, mas para evitar maiores atritos, Burnaburiaš II sugeriu que a culpa não foi do faraó, mas do subordinado responsável por esse envio. Em contraste, Aššur-uballit fez o mesmo tipo de reclamação, na EA16, de modo muito mais enfático: “[Eu] sou [igu]al ao rei de Ḫanigalbat,

⁵²⁹ ROSHCIN, Evgeny. *Op. Cit.*, p. 30

⁵³⁰ CHARPIN, Dominique. *Op. Cit.*, 2019, s/p (capítulo 6).

⁵³¹ Trecho da EA7, linhas 33-41.

⁵³² Ver mais no tópico 2.4. Documentação: estruturas e aparatos.

⁵³³ Trecho da EA7, linhas 63-72.

mas você enviou [para mim x minas de ou]ro. Isso não é suficiente para a ida e retorno das carroças de meus emissários. Se sua intenção é verdadeiramente genuína, envie muito o[ur]o {e essa é sua casa, escreva para mim para que eles levam o que você precisar}”⁵³⁴.

Quanto tratamos da questão retórica envolvida para alcançar esses objetivos pessoais, precisamos considerar a percepção e as técnicas de persuasão usadas pelo rei remetente. Como aponta Ragonieri, é difícil distinguir o que é ditado pelo poder em si (o interesse objetivo) do que é condicionado por outros fatores⁵³⁵ - estes podem variar desde questões internas até ambientais (com reinos estrangeiros ou fenômenos naturais). A percepção, como demonstrei no capítulo anterior⁵³⁶, não depende apenas do governante, mas passa por intermediários. Por isso, é igualmente importante considerar que as decisões de cada rei não eram feitas de forma unitária, mas dependiam das impressões e informações que os mensageiros traziam, isto é, as visões de múltiplas perspectivas eram passadas à corte, para que ela oferecesse seus conselhos ao rei antes da resposta final. A interferência dos mensageiros fica expressa, por exemplo, na carta EA32:

Veja, no que diz respeito à questão que Kalbaya disse para mim “Nós devemos estabelecer relações de sangue entre nós”.
Eu não confio em Kalbaya. Ele disse isso, mas isso não está apresentado no tablete.
Se você realmente quer minha filha, eu não a daria a você? Eu vou dá(-la) a você.
Envie Kalbaya prontamente para mim de novo, junto com meu emissário e escreva para mim de novo (sobre) esse assunto em um tablete.⁵³⁷

Para pensarmos as técnicas da persuasão devemos ponderar que a comunicação pode ser feita de quatro formas: com insinuações (elogios que elevem a estima), concordando com as opiniões do outro, fazendo promessas de resultados positivos caso seu objetivo seja alcançado, ou com coerção (ameaças ou alertas que previnem o outro de ser bem sucedido, privando-o de benefícios). Nesse último caso, os reis poderiam não dar presentes, ignorar pedidos ou não ser recíprocos⁵³⁸. Apesar de quase não possuímos cartas enviadas pelos faraós, o Egito parece ser um exemplo dessa coerção, já que não demonstrou muito interesse nos eventos de fora de seu território. A título de ilustração, sabemos que um casamento diplomático foi promovido com Arzawa em uma provável aliança contra os hititas, mas os egípcios não auxiliaram Arzawa quando o território foi absorvido por Hatti. A situação com Mitani é similar: essa aliança foi a primeira a ser forjada e era constantemente reforçada, mas os faraós parecem ter sido passivos durante a dissolução do reino, mesmo com as constantes mensagens acerca do

⁵³⁴ Trecho da EA16, linhas 26-34.

⁵³⁵ RAGONIERI, Rodolfo. *Op. Cit.*, pp. 44-45.

⁵³⁶ Ver tópico 2.3. Mensageiros e suas jornadas no segundo milênio AEC.

⁵³⁷ Trecho da carta EA32, linhas 1-13.

⁵³⁸ DRUCKMAN, Daniel, GÜNER, Soedar. *Op. Cit.*, p. 184.

inimigo hitita⁵³⁹. Entre todas as relações, o Egito parece ter sido privilegiado. Além de se ter uma visão de superioridade em relação aos demais reis, a documentação sugere que mesmo os Grandes Reis tinham certa cautela ao contatar os faraós. Talvez, por saberem que eles se entendiam como deuses, os reis usassem essa visão como instrumento de persuasão, para agradá-los, na esperança de conseguir alcançar seus interesses pessoais – isso não significa que eles realmente vissem o Egito como um superior. Nesse caso, a Assíria é uma exceção, possivelmente por não poder se apoiar no passado como base fundante das relações e precisar do apoio com certa urgência, demonstrando para os territórios ao seu redor (Mitani e Babilônia, em especial) que era um Grande Rei. O fato é que enquanto a maioria dos reinos tentavam técnicas de recompensa, Aššur-uballit optou pela coerção:

Assim é o presente de um Grande Rei? Ouro, se sua terra, é pó. Eles o juntam. Por que o atraso com sua aprovação? Eu estou engajado na construção de um novo palácio. Envie-me muito ouro, quanto necessário para seu adorno e suas necessidades.

Quando meu pai, Ashur-nadin-aḫḫe enviou para a terra do Egito, eles o enviaram vinte talentos de ouro.

Quando o rei de Ḫanigalbat enviou para o seu pai, para a terra do Egito, eles o enviaram vinte talentos de ouro.

[Eu] sou [igu]al ao rei de Ḫanigalbat, mas você enviou [para mim x minas de ou]ro. Isso não é suficiente para a ida e retorno das carroças de meus emissários.

Se sua intenção é verdadeiramente genuína, envie muito o[ur]o {e essa é sua casa, escreva para mim para que eles levam o que você precisar}.⁵⁴⁰

As táticas utilizadas variavam de acordo com a situação, mas uma mistura de técnicas era comum, para não deixar óbvia a tentativa de manipulação. No conjunto de Amarna conseguimos identificar diferentes abordagens: a Babilônia, a Assíria e Mitani faziam reclamações constantes, mas insistiam no pressuposto de relacionamentos recíprocos e contínuos. Hatti, em contraste, expunha toda sua força, clamando por *status* ao se mostrar mais forte do que Mitani. No caso dos territórios independentes de Arzawa e Alašiya, vemos duas situações distintas. Arzawa, como apontei acima, estabeleceu uma aliança contra um inimigo comum, já que Hatti ameaçava conquistar o oeste da Anatólia e o norte da Síria (espaços de Arzawa e do Egito, respectivamente). A Alašiya revelava uma relação quase unilateral, apesar

⁵³⁹ Em um momento, na carta EA24 (COL II, §18, linhas 107-115), Tušratta comenta que recebeu soldados *ḫuradi*. O termo éugarítico e designa um militar regular. No contexto da carta, porém, entende-se que eles estavam acompanhando o *terḫatum* e as mensagens. Como apontei, no tópico 2.3. Mensageiros e suas jornadas no segundo milênio AEC, era normal que as cartas fossem acompanhadas por caravanas com militares. Sobre o termo ver CAD 6 - GELB, Ignace J; et al. *The Assyrian Dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago*. Chicago: University of Chicago, v. 6, 1995. pp. 244-245.

⁵⁴⁰ Trecho da carta EA16, linhas 13-34.

de tratarem-se como iguais, aceitavam-se concessões que beneficiam os egípcios e tratavam de assuntos econômicos e trocas materiais.

Entre essas relações, a Babilônia aparenta ter o melhor e maior repertório diplomático (provavelmente, por causa da tradição mais longa), sendo mais sutil com os aparatos retóricos e mais efetivo para equilibrar os posicionamentos entre decisões e relações. Por isso, conseguimos ver mais facilmente os conflitos existentes nos outros reinos e a Babilônia se mostra mais discreta. Ainda assim, não se demonstra alguma tentativa de solucionar os problemas de integração e pensamento coletivo para os conflitos de interesse. O desejo de resolver essas questões também depende da visão que se tem sobre o outro. Até que ponto vale a pena manter uma fraternidade com um reino que está se deteriorando? Mais especificamente, o Egito ainda teria interesse em manter a relação com Mitani diante da sua dissolução? Foi por isso que Akhenaton não deu tanta atenção para Tušratta? Respostas absolutas, infelizmente, não são fáceis de encontrar e ficam no campo da suposição.

Os dados que foram coletados e a análise realizada nessa tese, nos mostram que o sistema era capaz de agir de modo autônomo. Os reis estavam engajados em uma competição por poder e prestígio, buscando benefícios e vantagens pessoais, mas evitando conflitos maiores, como havia acontecido durante Ebla e Mari. A Era de Amarna reflete uma nova tentativa de estruturação do Antigo Oriente Próximo, que garantisse a hegemonia imperial de determinados reinos de forma mais efetiva, longínqua e segura.

A proposta inicial, que incentivou o desenvolvimento dessa pesquisa, buscava entender até que ponto as relações pessoais impactaram o Sistema de Amarna, se as regras foram respeitadas e se, de fato, existia uma paridade entre os reinos. O que encontramos foi um mundo integrado e interdependente. Vemos, também, que o grau de centralidade e as referências desses reinos, apesar de não serem exatamente iguais, expressam a existência de um balanço de poder. Isso significa que a intenção do sistema amarniano de manter a paz por meio da fraternidade funcionava. É inegável que esse foi um momento mais tranquilo e estável, com Grandes Reis sendo reconhecidos como tal por outros. Ainda assim, existe uma certa polarização por causa das intenções de âmbito pessoal dos contatos. Escolhas eram feitas para garantir o pertencimento no Clube dos Grandes Poderes, mas, por mais que os agentes mudassem (como apontei no início deste capítulo), a instituição diplomática permanecia, sobrevivendo às transformações do mundo. As dinâmicas de poder aconteciam, mas o sistema continuou inabalável até o colapso da Era do Bronze, quando o mundo precisou ser reestruturado e os antigos Grandes Reis foram substituídos por novos grupos. A organização cosmopolita e

interdependente, de grandes reinos e impérios, que predominava desde meados do segundo milênio AEC, foi gradualmente sendo substituída por cidades-estado, que marcam o início da Idade da Ferro. O sistema diplomático caiu em desuso não por consequência de suas fragilidades, mas pela falta dos agentes⁵⁴¹. O Reino de Hatti foi destruído, perdendo, também, o controle do Levante, onde filisteus, fenícios e cananeus se assentaram. A Assíria havia expandido sua hegemonia para a Babilônia, quando esta enfrentava invasões dos elamitas, mas não conseguiu se manter fortificada e colapsou no século XI AEC. Pouco mais tarde, em c. 911 AEC, eles foram capazes de se reestabelecer sob a forma do Império Neoassírio. O Egito foi o único dos Grandes Reinos que conseguiu sobreviver ao colapso, ainda que enfraquecido, adentrando no Terceiro Período Intermediário, e nunca mais teve a mesma força.

⁵⁴¹ Uma explicação mais detalhada sobre os eventos que levaram ao Colapso da Era do Bronze pode ser encontrada em CLINE, Eric. *Op. Cit.*, 2014.

CONCLUSÃO

Quando iniciei este estudo, parti da hipótese de que o sistema diplomático de Amarna buscava um balanço de poder baseado nas ideias de fraternidade e reciprocidade, mas que não se mantinha em equilíbrio quando ponderadas as relações. Ao contrário do que imaginava, pude averiguar que a paridade esteve presente em nível sistemático para além dos padrões teóricos, apesar de ainda poder ser questionada no âmbito pessoal. Para chegar a esta conclusão, organizei a tese de modo progressivo, apresentando elementos essenciais para o entendimento da Era de Amarna já presentes um milênio antes deste sistema diplomático. Assim, construí esse estudo com uma narrativa crescente, que parte de questões mais gerais (como conceitos ou eventos mais distantes) em direção aos aspectos mais específicos. Acredito que, deste modo, qualquer leitor pode ter acesso ao todo para compreender a lógica fundamental da diplomacia no contexto próximo-oriental, com uma bibliografia especializada em língua portuguesa – ainda carente em nosso país.

Durante a Introdução, debati alguns dos conceitos norteadores da minha pesquisa. Ao trabalhar a memória, busquei enfatizar que a escrita, no mundo antigo, tinha um propósito claro - ninguém escrevia apenas por escrever, mas para se gravar informações que deveriam ser lembradas, muitas vezes associadas a um nome, para que este vivesse para sempre (ou, ao menos, enquanto fosse recordado por seus grandes feitos). Apesar das correspondências não serem monumentos criados para durar pela eternidade, a relação com outros povos era representada em meios duráveis e o modo como ela aparecia era uma escolha política.

Debati, também na Introdução, alguns dos paradigmas que já haviam me guiado durante a época do mestrado, como as ideias de contato, fronteira, etnicidade e identidade. Sobre esse assunto, é interessante destacar que fronteiras bem definidas politicamente como temos nos dias atuais, não faziam parte da realidade antiga. Algumas vezes, monumentos eram erguidos em pontos específicos para marcar os limites de algum rei, mas o controle efetivo dessas áreas (em especial, as mais distantes) não era uma preocupação, desde que os tributos continuassem chegando às cortes. Nessas regiões, predominava a influência que quem estivesse mais próximo, não, necessariamente, do soberano oficial. Isto é, criava-se uma cultura que mesclava elementos dos dois lados da fronteira, incentivada pelos contatos que aconteciam. Por isso, as cartas administrativas do conjunto de Amarna nos revelam traições e influências externas em

territórios subordinados ao poder egípcio. A relação fronteiriça, porém, não era meu foco, que como disse, se centraliza na comunicação diplomática entre os reinos independentes. Esse contato, presente nas cartas EA1-44, joga luz em questões definidoras da diplomacia amarniana – que apresentei a partir da definição de sistema.

Em primeiro lugar, o Sistema de Amarna foi criado com o propósito de manter a hegemonia de poder nas mãos dos Grandes Reis, por isso, não era importante, para a instituição em si, qual dos Grandes Reis tinha controle em cada área subordinada. O sistema era pensado de modo coletivo e, portanto, garantia o equilíbrio por meio desse controle – enquanto um dos Grandes Reis estivesse com a soberania, o sistema permanecia estável. Essas questões são retomadas no decorrer da tese nos ajudando a entender que existe sim uma disparidade entre o âmbito pessoal (as motivações individuais dos reis) e o que é expresso nesse sistema, mas que isso não interfere no balanço de poder, uma vez que as interpretações sobre este último eram flexíveis o suficiente para abarcar os interesses conflitantes. Em outras palavras, o Sistema de Amarna buscava a manutenção do *status quo* entre os Grandes Reis, mas não definiu quem eram esses Grandes Reis e o modo como eles deveriam entender a igualdade e reciprocidade. Foi justamente por isso que o sistema se manteve mesmo diante de conflitos.

A questão da etnicidade e identidade, por sua vez, é mais importante para definirmos os reinos do que apenas o espaço físico. O mundo sírio-mesopotâmico era dinâmico e integrado, com diversos grupos étnicos circulando pelos territórios. Eles estabeleceram diferentes formas de contato e influenciavam uns aos outros. A Babilônia, por exemplo, era liderada por uma dinastia cassita, que manteve a cultura acadiana e amorita que já existia na cidade. Os hititas, na Anatólia, que se organizaram no Reino de Hatti, estavam, na verdade, ocupando o espaço de hatitas, um povo que viveu ali anos antes. Em Mitani, a aristocracia (possivelmente) de descendência indo-ariana governava uma população hurrita. Talvez, apenas o Egito e a Assíria tenham uma ligação com o território de modo mais direto, mas, igualmente, sofriam a influência de todos que passavam por ali. Desse modo, a etnicidade não era suficiente para definir a forma como esses grupos se entendiam enquanto tal, dependendo muito da sua própria identidade. A identidade, como sabemos, envolve paradigmas da memória e interfere na forma como os grupos interagem com o mundo. Era parte da memória coletiva, por exemplo, que hititas e hurritas eram inimigos. Essa memória era, ainda, reforçada pela forma de escrita das cartas que nomeia as inimizades pelo nome dos reinos e não dos reis específicos, garantindo que essa relação se manteria conflituosa mesmo com a derrota do atual governante.

Com esses conceitos definidos, no primeiro capítulo, foquei em trabalhar os contatos diplomáticos anteriores à Era de Amarna, uma vez que, como vimos, o Sistema diplomático foi criado em Amarna, mas se munuiu de relações e costumes anteriores para guiar sua organização. O documento mais antigo, já encontrado, que trata sobre contatos diplomáticos (uma carta trocada entre Irkab-damu e Zizi, no terceiro milênio AEC) apresenta alguns padrões que se mantiveram no decorrer dos séculos: a oralidade expressa e elementos de fraternidade, reciprocidade e troca de presentes e esposas. Nessa época, que chamei de Era de Ebla, os reis faziam juramentos vitalícios e, conseqüentemente, as relações precisavam ser reestabelecidas a cada troca de governante, já que a aliança era interrompida com o falecimento do rei. A falta de uma estrutura compartilhada para a manutenção da paz a longo prazo fez dessas alianças instrumentos militares, que culminou em um mundo dinâmico, com relações de poder constantemente modificadas.

O contato com povos exteriores sempre foi valorizado, em especial, pelo fator econômico envolvido, mas no quesito guerras, as alianças não as preveniam. Pelo contrário, as conquistas de Sargão estimularam mais conflitos e as pequenas cidades-estado deram espaço aos reinos e pretensões imperiais. A predominância da cultura suméria também foi substituída (inicialmente, pela acadiana). O Antigo Oriente Próximo era um caldeirão cultural com ambições individuais e isso resultou em uma nova configuração política. Nela, a ideia de expansão territorial organizada retirava a autonomia das cidades, instalando um plano ideológico. Por outro lado, essa reestruturação retirou a centralidade suméria, puxando-a para a Mesopotâmia mais central e criou novos conflitos em nível cultural, que, ao fim do governo de Sargão, acarretou na fortificação suméria no sul, impulsionando o Período Neossumério. Expliquei o modo como tudo aconteceu no primeiro capítulo, o fato é que a comunicação diplomática nessa época era um acordo de defesa temporário e, por isso, não funcionava como um sistema e não garantia a estabilidade.

Na transição entre o Neossumério e o Paleobabilônico, um vácuo de poder na região foi preenchido com a chegada de novos grupos étnicos, dos quais destaco os amoritas e os indo-europeus (que têm um papel fundamental na estruturação de Amarna, com a Babilônia e Mitani). Na época, a Babilônia não era um espaço político relevante, mas nas mãos amoritas, começou a se estruturar já com objetivos de se tornar central. Pouco a pouco, o mundo se reorganizou e veremos o que chamei de Era de Mari. Os centros políticos se moveram: no norte, Šamši-Adad criou um grande reino organizado em vice-reinados; na fronteira da Síria, Zimri-Lim buscou estabelecer seu poder; e na Babilônia, Hammurabi criou um novo império. Esses

três governantes fizeram uso da diplomacia e da guerra, promovendo casamentos e forjando alianças militares. Ainda assim, essa diplomacia falhou no quesito manter a paz – mais uma vez, por não possuir um objetivo comum. Os reis eram amigos apenas até o momento em que deixava de ser conveniente, os contatos não evitaram a guerra e eram, apenas, uma forma de vencê-la.

Reconhecia-se, contudo, a importância de se manter relações, como foi atestado desde a Era de Ebla, que nenhum rei governava sozinho. A comunicação se expandiu na Era de Mari, estimulando contatos além das fronteiras sírio-mesopotâmicas, alcançando os hititas, mas foi preciso que a Babilônia caísse e a região entrasse em uma “Idade das Trevas” para que isso acontecesse. Sem uma autoridade centralizadora, em um ambiente agressivo, com reis enfraquecidos, mas cheios de ambições, existia um vácuo de poder. Os hurritas se aproveitaram disso para se organizarem em um território próprio (o Reino de Mitani) e começar a se expandir pelo norte da Síria. Ao mesmo tempo, os egípcios também enfrentavam problemas parecidos, tendo lidado com a ascensão de grupos estrangeiros no poder, agora precisavam reforçar suas lideranças e o fizeram partindo para o oeste.

Pelo norte, Mitani introduziu um novo tipo de política administrativa, que garantia certa liberdade política aos territórios conquistados em troca de lealdade. Isso foi inovador para um mundo acostumado em atacar, saquear e voltar para sua capital. A ideia funcionou tão bem, que foi adotada pelos outros reinos posteriormente. Pelo sul, o Egito dominava regiões semitas e, eventualmente, colidiu com os espaços mitânicos. Essa expansão culminou, depois de alguns atritos, no estabelecimento do Sistema de Amarna – sobre o qual trabalhei no segundo capítulo. O que podemos perceber, até então, é que as Eras de Ebla e Mari introduziram elementos comunicativos que foram polidos com Amarna, mas não se caracterizavam ainda como um sistema por não possuir ferramentas que o assegurassem e, em especial, a carência de fins coletivos. Depois de séculos de tentativas e erros, os reis estabeleceram relações amistosas, não por idealismo, mas porque a paz lhes caía bem, possibilitando-lhes mais bens econômicos. Nesse sentido, já se discutia, ainda na Era de Mari, que presentes trocados deveriam ser de valor equivalente, por exemplo.

O segundo capítulo foi separado em duas partes principais, nas quais trabalhei formas de: 1) entender comportamentos humanos no contexto da documentação; e 2) pensar a fonte por meio de um novo viés, de modo a contrastar a paridade prevista no sistema com a prática das relações – para tanto, usei a metodologia da *Social Network Analysis*. Na primeira seção (que inclui os quatro primeiros tópicos), aponte que a diplomacia de Amarna surgiu a partir

das relações entre Egito e Mitani, evoluindo de uma postura agressiva para uma amizade, possivelmente, iniciada pelo lado mitânio, ainda no governo de Šauštatar, mas efetivada com Artatama e Tothmés IV – conforme demonstrado na EA29.

O Egito foi privilegiado no estabelecimento das relações, uma vez que sua posição geográfica garantia maior estabilidade do que nas fronteiras sírio-mesopotâmicas, além de expor o controle sobre as tão cobiçadas minas de ouro. Ainda assim, era vantajoso declarar paz e aliar-se com outros Grandes Reis – a princípio Mitani (com o qual precisava guerrear) e a Babilônia (que pode servir de intermediária para os bens que vinham do Elam). A religiosidade desse mundo permitiu a jurisdição divina por não entender que existiria um deus falso, aceitando as múltiplas faces das divindades. Assim, as relações se guiaram por normas ligadas à honra, como a consciência e a honestidade. Por não possuir regras políticas legais, os moldes se basearam na tradição de séculos, que apresentei no primeiro capítulo.

Para o Egito isso significou uma outra transformação, como apontou Anthony⁵⁴². Tradicionalmente, na visão egípcia, o estrangeiro representava o caos primordial, contra o qual o faraó precisava lutar e prevalecer. Com a nova realidade do Reino Novo, essa ideia foi adaptada para evocar a noção de que todas as terras estrangeiras estão sob os pés do faraó⁵⁴³ e ele, enquanto deus, deveria expandir suas terras e prosperidade de norte à sul. Essa missão divina ficava expressa nas representações internas sobre os estrangeiros, e demonstrava qual era a sua motivação de âmbito pessoal nessas relações. Para os egípcios, o rei estava moldando o mundo invisível e o tangível por meio das imagens que “esmagam estrangeiros” em nível sobrenatural, mesmo que nas correspondências tratasse os outros reis como irmãos. Como um benefício extra, servia uma ferramenta de intimidação política quando vistas pelos emissários estrangeiros.

Essa dualidade entre a forma de entender o estrangeiro e de se comunicar com ele não era exclusiva ao Egito. Contudo, como apontei acima, a flexibilidade de interpretações sobre as estruturas da diplomacia criou uma realidade em que representações ambíguas ou contraditórias eram possíveis, desde que se respeitassem alguns elementos na correspondência e na postura dos mensageiros. Ademais, intensificou-se a ideia de que a comunicação é uma característica chave para qualquer sociedade, mesmo que as interpretações sobre ela variem. Foi nesse sentido que trabalhei os casamentos diplomáticos, que compreendem aspectos de *status* e econômicos

⁵⁴² ANTHONY, Flora Brooke. The Pharaoh's Magic – Imagery and Diplomacy in Late Bronze Age. *The Ancient Near East Today*. Online, v. V, n. 8, Ago, 2017. Disponível em: <https://www.asor.org/onetoday/2017/08/pharaohs-magic>

⁵⁴³ Às vezes, quase que literalmente, como nas representações em que o faraó pisoteia inimigos ou a própria sandália de Tutankhamon que apresenta os estrangeiros.

– às vezes, resultando em atritos, mas eficientes em manter a frequência das mensagens. Essa é a mesma lógica por trás das longas negociações pelas trocas de bens, que falhava na eficiência comercial, mas melhorava os contatos. Assim, era difícil definir até se as mensagens acompanhavam presentes ou se era o contrário.

Por causa dessas ambições pessoais e pela própria natureza da documentação (referente ao território egípcio), é natural imaginar que as fontes mostrariam uma certa centralidade da diplomacia no vale do Nilo. Por outro lado, as cartas trocadas falam, constantemente, em reciprocidade e fraternidade, destacando que a comunicação entre Grandes Reis deveria ser equilibrada. Minha intenção com este estudo foi trabalhar o Antigo Oriente Próximo em nível global, pensando os contatos e a sociedade de modo integrado, ao invés de focar em elementos internos (que, resulta em uma compreensão desses povos de modo isolado). Assim, analiso as questões de paridade da diplomacia, procurando responder as seguintes perguntas: 1) Até que ponto as relações de âmbito pessoal impactaram o Sistema de Amarna?; 2) As regras foram respeitadas?; e 3) Existia paridade entre os Grandes Reinos?

Essas questões foram melhor respondidas no último tópico do segundo capítulo, quando trabalho as Humanidades Digitais, e no terceiro capítulo, quando comparo os elementos trazidos até então e proponho novas interpretações sobre o Sistema. Em um primeiro momento, então, uso a *Social Network Analysis* para chegar aos dados mais quantitativos da documentação. Foi possível perceber que entre as 42 cartas trabalhadas, estabeleceram-se 147 relações, sendo que 110 delas se repetem⁵⁴⁴, o que demonstra que os contatos tendem a ser continuados. Esse foi um elemento importante das relações, já que a comunicação deveria continuar acontecendo a longo prazo para que a diplomacia fosse efetiva. De mesmo modo, a densidade desses contatos foi de 19%⁵⁴⁵, demonstrando o quão interligado o sistema era, com relações sólidas, conectadas por intermediários (muitas vezes relacionados pelo tempo). Essa relação com os antepassados também é visível pelos autoloops, presentes dos dados coletados dos contatos entre Reinos (e não pessoas).

É interessante ponderar que, como afirmou Veldhuis⁵⁴⁶, quando trabalhamos a antiguidade por meio da SNA, dificilmente teremos um *corpus* documental tão grande quanto os que existem nos estudos da contemporaneidade e que representações digitais são propensas a apresentar erros, por causa da fragmentação das evidências. Essa é uma realidade das Cartas

⁵⁴⁴ Dados referentes à análise do nome de governantes. Quando comparado em reinos, apenas 8 não se repetem.

⁵⁴⁵ Na relação de reinos é 61%, um nível alto, mas que faz sentido na documentação.

⁵⁴⁶ VELDHUIS, Niek. Exploring Ancient Networks. *H2D/Revista De Humanidades Digitais*, v. 3, n. 1, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21814/h2d.3508>

de Amarna, ainda mais por ser restrita aos Grandes Reis. Ainda assim, é possível contornar os problemas, por meio da análise qualitativa desses documentos (como faço no terceiro capítulo). Mesmo que restrita a uma documentação limitante e enviesada, os gráficos que resultaram das análises nos mostram que existiu um balanço de poder, apesar do número de cartas correspondentes a cada reino ser tão diverso. Egito tem 34 arestas referentes a Mitani; 27, a Babilônia; 7, a Hatti; 5, a Assíria; 8, a Alašiya; e 2, a Arzawa. Ainda assim, o grau de centralidade dessas relações se equilibrava: Egito se destacou com um valor igual a 8, mas não estava atrás de Hatti, Mitani e Babilônia, cujo grau é 6, e da Assíria, com 5. O número cai mais substancialmente quando vemos o grau dos reinos independentes (2 para a Arzawa e 3 para a Alašiya), mas faz sentido dentro da realidade em que Arzawa interrompeu as relações por problemas com Hatti e a Alašiya focou-se no comércio. Os valores dos Grandes Reis também podem ser explicados: o Egito é tendencioso por ser o receptor ou remetente de todas as cartas, já a Assíria foi a última a tentar ser incluída nesse clube restrito das potências.

Essas questões ficam mais claras ainda na primeira parte do terceiro capítulo, na qual delimito o momento em que cada um dos reinos estudados interagiu com o Egito, propondo algumas motivações para tal. De modo resumido: Babilônia, foi incluída pela tradição e conexões com o leste do Zagros, logo nos primeiros momentos; Mitani, foi o reino responsável pelo desenvolvimento desse sistema, ainda no contexto inicial; Arzawa tentou se aproveitar de uma fraqueza hitita para se tornar o poder hegemônico na Anatólia; Alašiya focava em trocas comerciais, quase que de modo unilateral; Hatti, uma vez reestabelecido, buscou reforçar sua soberania diante seus inimigos no norte (Kaska), oeste (Arzawa) e sudeste (Mitani); e a Assíria tirou proveito do enfraquecimento mitânico para ser incluído na fraternidade.

Ao situar essas relações cronologicamente, na tentativa de explicar o contexto e as ambições de cada rei, busquei analisar os discursos em contraste com os dados técnicos apresentados pela SNA, frente aos desafios que cada governante enfrentava. Com isso, avaliei a diplomacia amarniana em sua estrutura. Em primeiro lugar, como afirmo, Amarna é o primeiro exemplo de um Sistema Diplomático. Tal sistematização foi possível por causa do estabelecimento de uma causa coletiva: garantir o equilíbrio em um mundo desigual. Mesmo com as menções hostis entre os territórios, existiu uma paridade, como aponto. Equilíbrio de poder não significa que todos se viam, de fato, como iguais, mas era eficaz para a estabilidade, diante de críticas, julgamentos e reis que se entendiam melhores que os demais.

Nesse sentido, as formas de entender o outro e as regras do sistema eram respeitadas apenas superficialmente, para manter as aparências, mas ainda ligadas às ambições individuais

dos governantes. Pelo sistema ser algo novo, os reis ainda estavam se ajustando e testando os limites dessas relações com base na tradição. O próprio sistema estimulava o conflito, seja pela obrigatoriedade de se manter os contatos constantemente, ou pela dificuldade em criar instituições que assegurassem a cooperação ao longo prazo. Apesar disso, contrariando as minhas próprias expectativas, o equilíbrio existiu, como atestado pelos graus de centralidade. As brigas entre irmãos foram capazes de criar uma interdependência que favorecia a paz em troca de prestígio.

Com isso, resta uma indagação a ser solucionada: por que o Sistema de Amarna funcionou? Uma resposta mais direta para isso é que essa diplomacia funcionou porque houve tentativas de estabelecer práticas coletivas e duradouras – trocando contatos por um sistema. Além disso, envolvia juramentos que não eram apenas vitalícios, mas eternos, garantindo a segurança por longos períodos. As ideias de uma guerra e da expansão territorial para assegurar o poder foram substituídas pelas noções de *status* e prestígio. Tal status era conferido pelos pares, os *outros*, por isso era importante tratarem-se como iguais, para serem reconhecidos como potências, já que a identidade não parte apenas da esfera individual (como debati ainda na Introdução). Contudo, um dos pontos principais, ao meu ver, foi a introdução da ideia da reciprocidade, que intensificou os laços e fez com que os reis aprendessem a viver dentro dos limites de seu poder para que fossem aceitos pelos outros (e garantissem sua inclusão no Clube dos Grandes Poderes). Ironicamente, a falta de clareza em definir esse conceito tão fundamental, garantiu uma liberdade de interpretações (como igualdade, equidade, compensação e justiça), o que, por sua vez, permitia uma multiplicidade discursos e construções retóricas. Essa comunicação persuasiva (elogiando, assentindo, prometendo ou coagindo), que respondia às intenções pessoais de cada rei, dentro de uma norma estabelecida, para fins individuais e coletivos, fez de Amarna um sucesso.

REFERÊNCIAS

Fontes:

BECKMAN, Gary. *Hittite Diplomatic Texts*. Atlanta: Scholars Press, 1996.

BOUZON, Emanuel. *O Código de Hammurabi*. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

DURANT, Jean-Marie. *Documents épistolaires du palais de Mari*. Paris: Les Editions du Cerf, v. 1, 1997.

HEIMPEL, Wolfgang. *Letters to the King of Mari*. Winona Lake, Indiana: Einsenbrauns, 2003.

LIVERANI, Mario. *Le lettere di el-Amarna*. Brescia: Paideia, 2 vols., 1999.

MORAN, William L. *The Amarna Letters*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1992.

RAINEY, Anson F. *The el-Amarna Correspondence*. Leiden: Brill, 2 vols., 2015.

Bibliografia:

ABO-ELEAZ, Mohy-Eldin E. Face-to-face: meetings between the kings of Egypt, Ḫatti and their vassals in the Levant during the Late Bronze Age. *Studien zur Altägyptischen Kultur*, v. 48, 2019, pp. 1-21.

ALDRED, Cyril. *Os egípcios*. Editorial Verbo: Lisboa, 1966.

ALLEN, James P. *Middle Egyptian*. An Introduction to the Language and Culture of the Hieroglyphs. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

ANTHONY, Flora Brooke. The Pharaoh's Magic – Imagery and Diplomacy in Late Bronze Age. *The Ancient Near East Today*. Online, v. V, n. 8, Ago, 2017. Disponível em: <https://www.asor.org/onetoday/2017/08/pharaohs-magic>

ARCHI, Alfonso. *Ebla Archives*. Texts, History and Society. Berlin: Gruyter, 2015.

ARCHI, Alfonso; BIGA, Maria Giovanna. A Victory over Mari and the Fall of Ebla. *Journal of Cuneiform Studies*, Vol. 55, 2003, pp. 1-2. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3515951>

ARISTOTLE. *On Rhetoric: a theory of civic discourse*. Translated with introduction, notes, and appendices by George A Kennedy. Oxford: Oxford University Press, 2007.

ASSOCIATION ASSYROPHILE DE FRANCE. *Akkadian Dictionary*. Online. Disponível em: <http://www.assyrianlanguages.org/akkadian>

BACHELOT, Luc. Aventuras e desventuras da escrita. A propósito da interpretação do nascimento da escrita na Mesopotâmia. *Cadernos do Lepaarq*, v. XVII, n.33, Jan-Jun, 2020, pp. 223-250.

BEAULIEU, Paul-Alan. *A History of Babylon, 2200 BC – AD 75*. Chichester: Wiley Blackwell, 2018.

BECKMAN, Gary. **International Law in The Second Millennium: Late Bronze Age**. In. WESTBROOK, Raymond (ed). *A History of Ancient Near Eastern Law*. Leiden: Brill, 2003, pp. 753 – 774.

BERRY, David M. (ed). *Understanding Digital Humanities*. Londres: Palgrave Macmillan, 2012.

BEZOLD, Carl. *The Tell el-Amarna tablets in the British Museum*. Londres: The British Museum; Harrison & Sons, 1892.

BRYAN, Betsy M. **The 18th Dynasty before the Amarna Period**. In. SHAW, Ian. *The Oxford History of Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

BIENKOWSKI, Piotr & MILLARD, Alan. *Dictionary of the Ancient Near East*. Londres: British Museum Press, 2000.

BIGGS, Robert D., et al. *The Assyrian Dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago*. Chicago: University of Chicago, v. 20, 2010.

BIGGS, Robert D., et al. *The Assyrian Dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago*. Chicago: University of Chicago, v. 14, 1999.

BIGGS, Robert D., et al. *The Assyrian Dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago*. Chicago: University of Chicago, v. 18, 2006.

BIGGS, Robert. *The Ebla Tablets*. An Interim Perspective. *Biblical Archaeologist*, v. 45, n. 2, 1980.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (orgs). *Dicionário de política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília., 1998.

BRINKMAN, John, et al. *The Assyrian Dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago*. Chicago: University of Chicago, v. 17, parte III, 2008.

BRINKMAN, John A. et al. *The Assyrian Dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago*. Chicago: University of Chicago, v. 17, parte II, 2004.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. Ahhiyawā. *Encyclopaedia Britannica*. Jan. 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Ahhiyawa>

BRYCE, Trevor. *Letters of the Great Kings of the Ancient Near East*. The Royal Correspondence of the Late Bronze Age. Londres: Routledge, 2014a.

BRYCE, Trevor. *Ancient Syria*. A three thousand year history. Nova York: Oxford University Press, 2014b.

BUCHANAN, Richard. Declaration by Design: Rhetoric, Argument, and Demonstration in Design Practice. *Design Issues*, v. 2, n. 1, 1985, pp 4-22.

BURKE, Kenneth. *A Rhetoric of Motives*. Los Angeles: University of California Press, 1969.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Sete Olhares Sobre a Antiguidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CALLENDER, Gae. **The Middle Kingdom Renaissance**. In: SHAW, Ian (org). *The Oxford History of Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

CAMPAGNO, Marcelo. De la pertinencia del concepto de Estado para el pensamiento de las sociedades antiguas. Reflexiones sobre las capacidades de hacer del Estado egípcio antiguo. *Pasado Abierto*, Mar del Plata, n. 1, 2015.

CHARPIN, Dominique. “*Tu es de mon sang*”. *Les alliances dans le Proche-Orient ancien*. Paris: Les Belles Lettres, 2019. Disponível em: <https://books.openedition.org/lesbelleslettres/258>

CHARPIN, Dominique. **The History of Ancient Mesopotamia: An Overview**. In: SASSON, Jack M. (ed). *Civilizations of the ancient Near East*. Nova York: Charles Scribner's Sons, v. II, 1995, pp. 807-830.

CIVIL, Miguel, *et al.* *The Assyrian Dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago*. Chicago: University of Chicago, v. 1, parte II, 2004.

CLINE, Eric H. *1177 B.C. - The Year Civilization Collapsed*. Princeton: Princeton University Press, 2014.

COELHO, Liliane C.; SANTOS, Moacir E. A escrita da história do Egito Antigo. *NEARCO*, Rio de Janeiro, ano VII, nº 1, 2014, pp. 260-284.

COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond (eds.). *Amarna Diplomacy*. The beginnings of international relations. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2000.

COHEN, Raymond. **Reflections on the New Global Diplomacy Statecraft 2500 BC to 2000 AD**. In: MELISSEN, Jan (ed). *Innovation in Diplomatic Practice*. Hampshire: Palgrave, 1999, pp. 1 – 20.

COLLINS, Paul. *From Egypt to Babylon: the International Age 1550 – 500 BC*. Cambridge: Harvard University Press, 2008.

DACOS, Marin. *Manifesto das Humanidades Digitais*. Tradução de Hervé Théry. 2012. Disponível em <https://tcp.hypotheses.org/497>

DIPLOMACIA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/diplomacia/>

DODSON, Aidan. *Amarna Sunset: Nefertiti, Tutankhamun, Ay, Horemheb, and the Egyptian Counter-Reformation*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2009.

DOSSIN, Georges. Les archives épistolaires du palais de Mari. *Syria: Revue d'art oriental et d'archéologie*, v. 19, n. 2, 1938, pp. 105 – 126. Disponível em: https://www.persee.fr/issue/syria_0039-7946_1938_num_19_2

DRUCKMAN, Daniel; GÜNER, Serdar. **A Socio-physiological analysis of Amarna Diplomacy**. In: COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond (eds). *Amarna Diplomacy*. The beginnings of international relations. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2002, pp. 174 – 190.

DÜRING, M., JATOWT, A., PREISER-KAPPELLER, J., VAN DEN BOSCH, A. (eds.). *Proceedings of the 3rd HistoInformatics Workshop*. Cracóvia, Polônia. 11/Julho/2016. Disponível em: <http://ceur-ws.org>

EIDEM, Jesper; LÆSSØE, Jørgen. *The Shemshara Archives 1: the Letters*. Copenhagen: Royal Danish Academy of Science and Letters, 2001.

ESTEVEZ, María de la Paz. **La conquista de Toledo em 1085. Génesis y desarrollo de una frontera a través de sus fuentes**. In: NEYRA, Andrea V. & RODRÍGUEZ, Gerardo (dirs.), *Qué implica ser medievalista? Prácticas y reflexiones en torno del historiador*. Mar del Plata: Universidad de Mar del Plata, Sociedad Argentina de Estudios Medievales, 2012, v.2. pp. 23-43.

EYMAN, Douglas. *Digital Rhetoric: theory, method, practice*. Michigan: University of Michigan Press, 2018.

FINKEL, Irving e TAYLOR, Jonathan. *Cuneiform*. Londres: The British Museum Press, 2015.

FLEMING, Maria Isabel D'Agostino; TEIXEIRA-BASTOS, Marcio; PORTO, Vagner Carvalheiro. A Arqueologia Clássica e as Humanidades Digitais no Brasil. *Cadernos do LEPAARQ*, v. XIV, n. 27, 2017, pp. 12-28. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/view/10544>

FOSTER, Benjamin R. *Before the Muses: an anthology of Akkadian Literature*, v. 1. Maryland: CDL Press, 1996.

FREU, Jacques. *Histoire du Mitanni*. Paris: L'Harmattan, 2003.

FRIZZO, Fábio. *Estado, Império e Exploração Econômica no Egito do Reino Novo*. 2016, 401 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, Niterói, 2016.

GALÁN, José Manuel. El passo del tempo y el recuerdo del passado em el antiguo Egipto. *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*, Online, v. LIX, nº 1, 2014, pp. 37-55. Disponível em: <http://rdtp.revistas.csic.es>.

GALÁN, José Manuel. *Cuatro Viajes en la Literatura del Antiguo Egipto*. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2000. Disponível em: http://digital.csic.es/bitstream/10261/36807/1/Cuatro_Viajes.pdf

GELB, Ignace J; et al. *The Assyrian Dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago*. Chicago: University of Chicago, v. 1, 1998.

GELB, Ignace J; *et al.* *The Assyrian Dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago*. Chicago: University of Chicago, v. 6, 1995.

GELB, Ignace J. *Hurrians and Subarians*. Chicago: The University of Chicago Press, 1973.

GESTOSO, Graciela. **Beyond Amarna: The "Hand of Nergal" and the Plague in the Levant**. In: WATSON, Wilfred; WYATT, Nicolas. *Ugarit-Forschungen* (UF48), 2017, pp. 223 – 248.

GESTOSO SINGER, Graciela. The Term “Love” in the Amarna Letters. *The Bulletin of Australian Centre for Egyptology*, v. 14, 2003.

GESTOSO SINGER, Graciela. **Fortunes and Misfortunes of Messengers and Merchants in the Amarna Letters**. In: DREWNOWSKA, Olga & SANDOWICZ, Małgorzata (ed). *Fortune and misfortune in the Ancient Near East: proceedings of the 60th. Rencontre assyriologique internationale at Warsaw 21–25 July 2014*. Indiana: Eisenbrauns, 2016, pp. 143 – 154.

GONÇALVES, Carlos. Social Network Analysis and Kinship in the Old Babylonian Diyala. Fathers and Sons in the Archive of Nūr-Šamaš. *Revista Humanidades Digitais*, v. 3, n. 1, 2021. Disponível em: <https://revistas.uminho.pt/index.php/h2d/article/view/3470/4009>

GONÇALVES, Carlos. **Social Network Analysis, Homonyms, and Aliases in the Old Babylonian Diyala: A Study of the Archive of Nūr-Šamaš**. In: GONÇALVES, Carlos; MICHEL, Cécile (eds.), *Interdisciplinary Research on the Bronze Age Diyala*. Proceedings of the Conference Held at the Paris Institute for Advanced Study, 25–26 June, 2018. Turnhout: Brepols, 2021, pp. 83-102.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *História Antiga*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

HALLO, William; JUNGER, K. *Context of Scripture*. 3 vol., Leiden: Brill, 2003.

HALLO, William. **The Birth of Rhetoric**. In: LIPSON, Carol S.; BINKLEY, Robert A. *Rhetoric before and beyond the Greeks*. Albany: State University of New York Press, pp. 25-46.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

HOLMES, Y. Lynn. The Messenger of the Amarna Letters. *Journal of the American Oriental Society (JAOS)*, v. 95, n. 3, julho – setembro, 1975, pp. 376-381. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/599349?seq=1&cid=pdf-reference#references_tab_contents

HOFFMEIER, James K., “**The Memphis and Karnak Stelae of Amenhotep II (2.3)**”. In: HALLO, William; JUNGER, K. *Context of Scripture*, v. 2. Leiden: Brill, 2003.

HORNUNG, E.; KRAUSS, R.; WARBURTON, D. (orgs.). *Ancient Egyptian chronology*. Leiden: Brill, 2006.

JENKINS, Richard. *Rethinking Ethnicity*. Arguments and Explorations. Londres: SAGE Publications Ltd, 1998.

KNUDTZON, Jögen A. *Die El-Amarna-Tafeln mit Einleitung und Erläuterungen*. Leipzig: J.C. Rinschs'sche Buchhandlung, 2 v., 1915. Disponível em: <https://archive.org/details/dieelamarnatafel01knud/page/n3/mode/2up>

LABAT, René. *Manuel d'Épigraphie Akkadiene*. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner S.A., 1994.

LAFONT, Bertrand. **Messagers et Ambassadeurs dans les archives de Mari**. In: CHARPIN, D.; JOANNÈS, F. *La circulation des biens, des personnes et des idées dans le Proche-Orient ancien*. Paris: Éditions Recherche sur les Civilisations, 1992, pp. 167-184.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Social Structure**. In: KROEBER, A. L. *Anthropology Today: An Encyclopaedic Inventory*. Chicago: Chicago University Press, 1953, pp. 524-53.

LIVERANI, Mario. *Antigo Oriente. História, Sociedade e Economia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

LIVERANI, Mario. *The Ancient Near East. History, Society and Economy*. Nova York: Routledge, 2014.

LIVERANI, Mario. **The Late Bronze Age: materials and mechanisms of trade and cultural exchange**. In: ARUZ, Joan; BENZEL, Kim; EVANS, Jean. *Beyond Babylon: Art, Trade, and Diplomacy in the Second Millennium B.C*. Nova York: Metropolitan Museum of Art, 2009, pp. 161-168.

LIVERANI, Mario. *Relaciones Internacionales en el Próximo Oriente Antiguo, 1600-1100 a.C*. Barcelona: Bellaterra Arqueologia, 2003.

LIVERANI, Mario. **The Great Powers' Club**. In: COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond (eds). *Amarna Diplomacy. The beginnings of international relations*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2002, pp. 15-27.

MacDONALD, Michael J. (Ed). *The Oxford Handbook of Rhetorical Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

MARTINO, Stefano de. **The Mittani State: The formation of the Kingdom of Mittani**. In: CANCIKKIRSCHBAUM, Eva; BRISCH, Nicole; EIDEM, Jesper (eds). *Constituent, Confederate and Conquered Space. The Emergence of the Mittani State*. Berlin: De Gruyter, 2014, pp. 61-74.

MARTINO, Stefano de. **A Tentative Chronology of the Kingdom of Mittani from its Rise to the Reign of Tušratta**. In: HUNGER, H.; PRUZSINSKY, R. (eds). *Mesopotamian Dark Age Revisited*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2004, pp. 35-42.

MATTHIAE, Paolo. *Ebla: Archaeology and History*. Nova York, Routledge, 2021

McINERNEY, Jeremy (ed.). *Ethnicity in the Ancient Mediterranean*. Malden: Wiley Blackwell, 2014.

MEIER, Samuel A. **Diplomacy and International Marriages**. In: COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond (eds). *Amarna Diplomacy*. The beginnings of international relations. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2000.

MICHALOWSKI, Piotr. **The Presence of the Past in Early Mesopotamian Writings**. In: RAAFLAUB, Kurt A (ed). *Thinking, Recording and Writing History in the Ancient World*. Chichester: Wiley Blackwell, 2014, pp. 144 – 168.

MICHALOWSKI, Piotr. **Sumerian King List**. In: CHAVALAS, Mark (ed.). *The Ancient Near East*. Blackwell's Sourcebooks in Ancient History. Oxford: Blackwell, 2006.

MORRIS, Ian; SCHEIDEL, Walter. *The Dynamics of Ancient Empires: State Power from Assyria to Byzantium*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

MYNÁŘOVÁ, Jana. *Language of Amarna – Language of Diplomacy*. Perspectives on the Amarna Letters. Praga: Czech Institute of Egyptology, 2007.

NOUGAYROL, Jean. Um Chef-D'oeuvre Inédit de la Littérature Babylonienne. *Revue d'Assyriologie et d'archéologie orientale*, v. 45, n. 4, 1951, pp. 169-183.

ORTEGA, Any; SILVA, Stanley Plácido da Rosa (org). *Dicionário de conceitos políticos*. São Paulo: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2020.

OTTE, Evelien; ROUSSEAU, Ronald. Social network analysis: a powerful strategy, also for the information sciences. *Journal of Information Science*. 28 (6), 2002.

PETRIE, William Mathew Flinders. *A History of Egypt*. Volume 2: The XVIIth and XVIIIth Dynasties. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

PETRIE, William Mathew Flinders. *Syria and Egypt. From the Tell el Amarna Letters*. Londres: Methuen & CO, 1898.

PODANY, Amanda H. *Brotherhood of Kings*. How International relations shaped the Ancient Near East. Oxford: Oxford University Press, 2010.

POZZER, Katia M. P. *Les Archives Privés de marchands à Larsa pendant la deuxième moitié du règne de Rim-Sîn*. Lille: ANRT, 2003.

POZZER, K. M. P. Escritas e escribas: o cuneiforme no antigo Oriente Próximo. *Classica*, São Paulo, v. 11, n. 11/12, 1998/1999, p. 61-80. Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/issue/archive>

PRITCHARD, James B (ed). *Ancient Near East Texts Relating to the Old Testament*. Princeton: Princeton University Press, 1992.

RAAFLAUB, Kurt A (ed). *Thinking, Recording and Writing History in the Ancient World*. Chichester: Wiley Blackwell, 2014.

RAGAVAN, Deena. Cuneiform Texts and Fragments in the Harvard Art Museum / Arthur M. Sackler Museum. *Cuneiform Digital Library Journal*, n. 1, 2010. Disponível em: https://cdli.ucla.edu/pubs/cdlj/2010/cdlj2010_001.html

RAGIONIERI, Rodolfo. **The Amarna Age: an international society in the making**. In. COHEN, Raymond, WESTBROOK, Raymond. *Amarna Diplomacy*. The beginnings of international relations. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2000, pp. 42-53.

REDE, Marcelo. Relações Internacionais, Diplomacia e Direito na Antiga Mesopotâmia. *Phoînix*. Rio de Janeiro, n. 13, 2007, pp. 167 – 177. Disponível em: http://phoînix.historia.ufrj.br/media/uploads/artigos/11_Relacoes_internacionais_diplomacia_e_direito_na_antiga_mesopotamia_Ma_kGGmUc3.pdf

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2007.

ROSHCHIN, Evgeny. *Friendship among nations. History of a concept*. Manchester: Manchester University Press, 2017.

ROUX, Georges. *Ancient Iraq*. Londres: Penguin, 1992.

RUS, Andrej. *Features of Gift Exchange in Market Economy*. 2012, 467 f. Tese (Doutorado). Univerza V Ljubljani – Fakulteta za Družbene Vede, 2010. Ljubljani, 2010.

SAHLINS, Marshall. *Stone Age Economics*. Chicago: Aldine. Atherton, Inc., 1972.

SAID, Edward W. *Orientalismo*. O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. De tablet para tablet - novas ferramentas para a pesquisa e o ensino da história das culturas cuneiformes na era digital. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 6, n. 12, maio/agosto, 2014.

SASSON, Jack M. (ed). *Civilizations of the ancient Near East*. Nova York: Charles Scribner's Sons, v. II, 1995.

SAUVAGE, Martin (dir.). *Atlas Historique du Proche-Orient Ancien*. Beirouth, Paris: Institut Français du proceh-Orient, Les Belles Lettres, 2020.

SAVIANI, Dermeval. *Sistema Nacional de Educação e Plano Nacional de Educação*. Campinas: Autores Associados, 2014.

SCOVILLE, Priscila. **Queremos nos amar como irmãos: uma análise historiográfica das cartas de Amarna e das relações entre Egito e Mitani entre c. 1390 – 1336 AEC**. (Dissertação de Mestrado). Curitiba: UFPR, 2017. Disponível em: <https://goo.gl/kzNh36>

SCOVILLE, Priscila. Os filhos do tablete: o poder dos mensageiros em cartas do Segundo Milênio AEC. *Entrelaces*, v. 1, n. 16, 2019, pp. 17 – 28. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/entrelaces/article/view/39862>

SCOVILLE, Priscila. Etnicidade Marginalizada: a Identidade Hurrita. *Hélade: Revista de História Antiga*, v. 3, n. 2, 2017, pp. 93-113. Disponível em: http://www.helade.uff.br/v3n2/helade_v3_n2_scoville.pdf

SHAW, Ian (org). *The Oxford History of Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

SHAW, Ian & NICHOLSON, Paul. *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*. Londres: British Museum Press, 1995.

SILVA, Guilherme A; GONÇALVES, William. *Dicionário de Relações Internacionais*. Barueri: Manole, 2010.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2009.

SPALINGER, Anthony J. *War in Ancient Egypt*. Oxford: Blackwell, 2005.

SULLIVAN, Patrícia, A.; PORTER, James E. Remapping Curricular Geography. *Journal of Business and Technical Communication*, v. 7, n. 4, 1993, pp. 389–422.

SUMER LEXICON SEARCH. Sumer.grazhdani.eu, 2016. Disponível em: <http://sumer.grazhdani.eu/>

THALER, Ulrich. **Aḥḥiyawa and Ḫatti: palatial perspectives**. In: ANTONIADOU, Sophia; PACE, Anthony (eds). *Mediterranean Crossroads*. Oxford: Oxbow Books, 2007, pp. 291 - 323.

UNIVERSITY OF TÜBINGEN. *Archaeologists uncover palace of the Mittani Empire in the Duhok province of the Kurdistan Region/ Iraq*. Online. 27 de junho de 2019. Disponível em: <https://uni-tuebingen.de/en/university/news-and-publications/press-releases/press-releases/article/archaeologists-uncover-palace-of-the-mittani-empire-in-the-duhok-province-of-the-kurdistan-region-i/>

URARTIAN language. Encyclopædia Britannica. 02 de novembro de 2015. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Urartian-language>

VAN DE MIEROOP, Marc. *A History of the Ancient Near East, ca. 3000 – 323 BC*. Oxford: Blackwell, 2007.

VAN SOLDT, Wilfred H. **Why did They Write? On Empires and Vassals in Syria and Palestine in the Late Bronze Age**. In: VAN EGMOND, W.S.; VAN SOLDT, W. H. (eds). *Theory and Practice of Knowledge Transfer*. Studies in School Education in the Ancient Near East and Beyond. Papers Read at a Symposium in Leiden, 17-19 December 2008. Leiden: Nederlands Instituut Voor Het Nabije Oosten, 2012.

VELDHIUS, Niek. Exploring Ancient Networks. *H2D/Revista De Humanidades Digitais*, v. 3, n. 1, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21814/h2d.3508>

VILLARD, Pierre. **Shamshi-Adad and his Sons: the rise and fall of an Upper Mesopotamian Empire**. In: SASSON, Jack M. (ed). *Civilizations of the ancient Near East*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1995, v. II, pp. 873-883.

WESTBROOK, Raymond (ed). *A History of Ancient Near Eastern Law*. Leiden: Brill, 2003.

WESTBROOK, Raymond. **International Law in the Amarna Age**. In: COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond. *Amarna Diplomacy. The Beginnings of the International Relations*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2000, pp. 28 – 41.

WINCKLER, Hugo. *The Tell el Amarna Letters*. Whitefish: Kessinger Publishing, 2011.

ZACCAGNINI, Carlo. Ideological and Procedural Paradigms in Ancient Near Eastern Long Distance Exchanges: The Case of Enmerkar and the Lord of Aratta. *Altorientalische Forschungen*, v. 20, n. 1, 1993, pp. 34-42.

TRADUÇÕES

EA1

TRADUÇÃO

- (1-6) Diga para Kadashman-Enlil, rei da terra de Karaduniash⁵⁴⁷, meu irmão! Assim { diz } Nibmu‘are‘a, o grande rei, rei da terra do Egito, seu irmão: comigo tudo está bem; que tudo esteja bem com você. Com sua casa, com suas esposas, com seus filhos, com seus alto-oficiais, com seus cavalos e com suas carroças⁵⁴⁸, (e) no coração do seu território, que tudo esteja extremamente bem.
- (7-9) Comigo tudo vai bem, com minha casa, minhas esposas, com meus filhos, com meus alto-oficiais, meus cavalos, minhas carroças (e) <minhas> tropas, está tudo muito bem e dentro do meu território está tudo bem.
- (10-17) Agora eu ouvi a mensagem que você me enviou sobre isso, dizendo: “você solicita minha filha para { ser } sua esposa e minha irmã, quem meu pai deu a você, está aí com você, mas ninguém a viu agora, se ela está viva ou se ela está morta”. (Isso) é o que você me mandou em seu tablete; essas são suas palavras. Quando você enviou seu dignitário que conhece sua irmã, que pode conversar com ela e a identificar e deixá-lo conversar com ela?
- (18-21) Os homens que você enviou são insignificantes. Um era o [...] de Saqara, o outro era um pastor de asnos da terra de [...]. Não havia um entre eles que [a conheça], que era próximo de seu pai e que [pode a identificar].
- (21-25) Além disso, quanto aos enviados que re[tornaram pa]ra você e [disse]ram { que } ela [não] é sua irmã, [não havia ninguém e]ntre is d[ois que a conhecia e poderia dizer para você, a]lém [disso, ela está bem] e viva. Foi dado [algo] e[m sua] mão para ele entre[gar] para sua mãe?
- (26-36) E quanto a sua mensagem, dizendo “você disse para meus emissários enquanto suas esposas eram reunidas em pé em sua presença, dizendo ‘Contemplem sua senhora

⁵⁴⁷ Babilônia.

⁵⁴⁸ Frequentemente carroças são mencionadas na documentação amarniana. A expressão usada nas correspondências é GIŠ.GIGIR, um sumerograma. A tradução para carroça serve para facilitar o entendimento do meio de transporte feito de madeira, mas deve-se ter em mente que era uma posse preciosa.

que está em pé em sua presença’, {mas} meus emissários não a reconheceram; era minha irmã {quem estava em seu lado}?” E agora você escreveu, dizendo “Meus emissários não a reconheceram” e você diz “então quem a identificou?”. Por que você não enviou o seu dignitário que lhe dirá a verdade, a bem-estar de sua irmã, quem está aqui? Então, você pode confiar naquele que entrar para ver a casa dela e a relação dela com o rei.

- (36-46) E quando você escreve dizendo “Talvez fosse a filha de alguma pessoa humilde, ou uma das kaskeans ou uma filha da terra de Khanigalbat⁵⁴⁹, ou talvez da terra de Ugarit, que meus emissários viram. Quem pode confiar a neles como ela é? Este {homem} não abriu a boca dela. Não pode-se confiar neles em nada”. Essas são suas palavras. E se su[a irmã está] morta então por que eu esconderia a mor[te dela e por que] nós presentearíamos out[ro?... Certamente o grande deus (?)] Amon [sabe {que} sua] ir[mã está viva!].
- (47-49) [Eu aponte]i sua ir[mã para a rai[nha mãe co]mo a senhora de uma casa [... uma] noiva de [...]
- (50-53) [...] sobre todas as [minhas] esposas [...] que os reis da terra do Egit[o...] na terra do E[git]o. E como você escreveu dizendo “quanto as minhas filhas que estão casadas com reis que são meus vizinhos,
- (54-61) Se meus emissários [vão] lá, eles conversam com ela[s e elas envi]am para mim um presente. Aquele que está [...]”. Essas são as suas palavras. Talvez os reis que são [seus vi]zinhos sejam ricos e poderosos; suas filhas adquiram algo com eles e elas enviam para você, mas o que elas tem, sua irmã que está comigo? Mas assim que ela adquirir alguma coisa, então ela enviará para você. É apropriado que você dê suas filhas para adquirir um vestuário de seus vizinhos?
- (62-77) E quando a sua citação das palavras de meu pai, deixe isso! Não fale das palavras dele! Além disso, “estabelecer uma irmandade amistosa entre nós”. Isso é o que você escreveu; essas são suas palavras. Agora, nós somos irmãos, eu e você, nós dois, mas eu fiquei bravo em relação aos seus emissários porque eles falaram com você, dizendo, “nada é dado para nós que vamos ao Egito”. Aqueles que vem até mim, algum dos dois foi [sem] levar prata, ouro, óleo, vestimentas, tudo bom [mais do que de] outro país, mas ele fala mentiras para quem o enviou? A primeira vez que os emissários foram até seu p[a]i e suas bocas estavam dizendo mentiras. A segunda

⁵⁴⁹ Mitani.

vez que eles foram adiante [e] eles estão falando mentiras para você. Então, eu mesmo disse, “se [eu d]er a eles algo ou se eu não der a eles, eles dirão mentiras da mesma forma”, então eu decidi sobre eles, eu não [os] de[i] mais.

- (78-88) E você me escreveu, dizendo “você disse para meus emissários, ‘[seu] mestre não tem tropas? A menina que ele me deu não é bonita!’. Essas são as suas palavras. Não é! Seus emissários estão dizendo mentiras nesse assunto! Se há guerreiros ou não, é sabido por mim. Por que é necessário perguntar para ele se você tem tropas ou se você tem cavalos? Não! Não escute aos seus dois emissários que você enviou aqui e cujas bocas mentem! Talvez eles tenham medo de você, então eles mentem para fugir da sua punição?
- (88-95) Como você disse, dizendo, “ele posicionou minhas carroças entre as carroças dos governantes das cidades, você não as revisou separadamente! Você os humilhou diante da multidão {em que você está}. Você não os revisou separadamente”. Verdadeiramente, as carroças estão aqui; verdadeiramente, os cavalos de meu país estão aqui! Todos os cavalos das carroças deveriam fornecidos!
- (96-98) Quando você enviou para minha mão um vaso para ungir a cabeça da menina, você me enviou um presente de óleo puro.

EA2

TRADUÇÃO

Frente

(1-5) Para Nimuwareia, rei da terra do Egito, [meu] irmão, [fale!] Assim (diz) Kadashna[n-En]lil, rei da terra de Kara[duniyash]: Para mim e para minha terra, tudo está muito [bem]. Para você, suas esposa[s], para seus filhos, para [seus alto oficiais,] seus cavalos, [suas carroças] e seu território inteiro que tudo esteja muito be[m].

(6-11) Na medida em que meu irmão me escreveu s[obre casamento], dizendo “[eu dese]jo [sua filha]”, por que você não deveria casar (com ela)? [...] Minhas filhas estão disponíveis, [mas seus maridos devem ser um rei o]u de descendência real. [Esses são os únicos que eu aceito para terem minhas filhas. Nenhum rei] as dá [para quem não tem descendência real].

(12-13) [Suas filhas estão disponíveis. Por que você não d]eu (uma) para mim? [.....]

Verso

(1-9) [...] bons cavalos [...] 20 [...] de madeira [...] de ouro. 120 *siclos* [...] eu envie] para você como [sua] saudação[-presente]. 60 *siclos* de lápis la[zuli eu envie] como saudações-presente de] minha irmã [... por]que el[a] é sua esposa [eu envie]

EA3

TRADUÇÃO

- (1-6) [Fa]le [para Nibm]u‘are‘a, rei da terra do Egito [o meu] [irmão]; [assim {diz} Kad]ashman-Enlil, rei da terra de Karaduniash, seu irmão. [Está tudo b]em [comigo]. Com você, sua casa, suas esposas, [com se]us [filhos,] sua terra, suas carroças, seus cavalos, seus [alto oficia]is, que tudo esteja bem.
- (7-12) Sobre a jovem mulher, minha mulher, sobre quem você escreveu sobre um relacionamento de casamento, a menina cresceu, ela é núbil. Envie e deixe-os (a) levar. No passado, meu pai costumava enviar um mensageiro e você não iria o deter {por} muitos dias. Você costumava o enviar rapidamente e você costumava enviar um amável presente para meu pai.
- (13-17) Agora, quando eu enviei um mensageiro para você, seis anos você o deteve, mas em seis anos você enviou trinta *minas* de ouro que pareciam prata como meu presente. Eles derreteram aquele ouro na presença de Kasî, seu mensageiro, e ele testemunhou (isso).
- (18-22) Quando você celebrou um grande festival, você não enviou seu mensageiro, dizendo: “Venha[, coma] e beba e um presente do festival [você] nã[o enviou]”. Essas trinta *minas* de ouro que voc[ê] enviou, não são igua]is ao [pr]esente que eu o enviei em um úni[co] ano.
- (23-28) Eu construí uma [no]va [casa]. De[ntro de minha casa] eu construí uma [g]rande [porta]. Seus [men]sageiros viram [a nova casa e agora] eu estou fazendo a entrada da casa. [Então você,] venha aqui, [coma] comigo e beba!
- (29-31) [Eu não estou fazendo o] que você fez, [vinte e cinco homens e] vinte e cinco mulheres, um total de cinquenta pe[ssoas, para seu presente] eu enviei [para você].
- (32-34) [... d]e dez carroças, de madeira, [e dez equipes de ca]valos para seu presente eu enviei.

EA4

TRADUÇÃO

- (1-3) [...] comigo, os embai[xadores ...] quando [... os] oficiais [sên]iores quem ele envia para mim [.....]
- (4-9) [Ademai]s você, meu irmão, quando [escreveu para mim] sobre não en[tregar] (uma filha) quando eu es[crevi para você] por uma filha para casamento, dizendo: “desde os tempos antigos, uma filha do rei do Egito nunca foi entregue a ninguém”, por que [uma] nunca [foi entregue]? Você é um rei, você pode [fazer] o que quiser. Se você fosse dar (uma filha) quem p[oderia dizer] qualquer coisa?
- (10-13) Quando eles disseram-me essa mensagem, eu escrevi pa[ra o meu irmão] assim, dizendo: “há filhas adultas [de alguém], mulheres bonitas. Envie uma como se ela fosse [su]a [filha]. Quem irá dizer “ela não é a filha do rei?”
- (14-19) Você, por causa da (política de) não enviar, não enviou. Você não buscou fraternidade e amizade? E você escreveu para mim sobre casamento para que nós possamos tornar-nos mais próximos. E eu, por causa disso, por fraternidade e amizade, escreveu para você sobre casamento, para que nós possamos tornar-nos mais próximos. Quanto ao meu irmão, por que ele não enviou sequer uma mulher?
- (20-22) Talvez, (já que) você não enviou uma mulher, eu, por essa razão, poderia reter uma mulher de você? Minhas filhas não estão disponíveis que eu deveria re[cusar ela a você]?
- (23-25) Talvez, também, quando eu [escrevi para você] sobre casamento [e] quando eu escrevi sobre animais, [você falou com] seus [ofic]iais [sên]iores que r[apidamente eles possam]
- (26-31) [.....]
- (32-35) [...] eles falaram co[m] seus oficiais [sên]iores [...] Agora, quanto a minha filha que eu estou [enviando para você], você pode não acei[ta]r sua descendência, [mas] en[vie] quaisquer animais eu requisitar de você.
- (36-40) E quanto ao ouro sobre o qual eu escrevi para você, [se]u melhor ouro, muito, antes de seu emissário [vir a mim], agora, rapidamente, durante a estação da

colheita, envie para mim, ou no mês de Tammuz ou no mês de Ab! Para que o trabalho que eu comecei, eu possa execu[ta]r.

(41-46) Se, durante a colheita, no mês de Tammuz ou no mês de Ab, você me enviou o ouro que eu escrevi para você, eu vou dar minha filha para você. Então você, como um favor, me envie seu [melhor] ouro! Mas se no mês de Tammuz ou no mês de Ab você não me enviar o ouro, então, eu não finalizar o trabalho que eu comecei, então, por que você deveria enviar-me como um favor?

(47-50) Depois que eu terminar o trabalho que eu comecei, por que eu precisaria de ouro? Então, envie para mim 3000 talentos de ouro, eu não aceitaria isso! Eu enviaria de volta para você e eu não lhe da[ria] minha filha em casamento.

EA5

TRADUÇÃO

- (1-12) [Assim {diz} Nibmu'ar]ey[a, Grande Rei, rei da terra do Egito, para] Ka[dašman-Enlil, Grande Rei, rei da terra de Karadu]Niya[š, meu irmão, diga: para mi]m tudo está be<m>. C[om você que tudo esteja bem. Com s]eu [palácio, suas] espos[as, seus filhos, se]us [oficiais sêniores], su[a infantaria, su]as [casas], suas ca[rroças] e den[tro de suas terras, que esteja {tudo} b]em. [Comigo está {tudo}] bem, com meu palácio, [minhas] esp[osas, meus filhos,] meus oficiais [sê]niores, minha va[sta] infantaria, [m]eus [cavalos], minhas carroças, e den[tro da mi]nha [terra], está {tudo} muito, muito bem.
- (13-17) [Agora], eu ouvi, dizendo: Você está construindo um n[ovo] palácio. Agora, eu enviei para você posses e mobílias para sua casa e agora eu estou preparando posses abundantes em antecipação de seu emissário que está trazendo sua filha e quando meu emissário retornar, eu vou (os) enviar para você
- (18-33) Agora, eu envio para você uma saudação-presente para a nova casa, em responsabilidade de Šutti:
- [1] cama de ébano, adornada com elefante de marfim e ouro
3 camas de ébano, adornadas com ouro
1 descanso de cabeça de ébano, adornada com ouro
1 cadeira gran[de de] ébano, adornada com ouro
5 cadeiras de é[ba]no, adornado com ouro
4 cadeiras de é[ba]no, adornado com ouro
Essas coisas, todo o ou[r]o, seu peso: 7 minas, 9 *siclos* de ouro. O peso de prata: [x mi]nas, 8 ½ *siclos* de prata.
10 descansos de pés de ébano [...], 1 MURUB de ébano, adornado com ouro, [x] descansos de pés de ébano, adornados com ouro. [Es]s[as são d]o tablete d[e] ouro; [total: x] minas, 10 *siclos* e 7 *siclos* de ouro.

EA6

TRADUÇÃO

- (1-7) Di[ga pa]ra Nimu'area, r[ei do Egito], meu irmão: Assim {diz} Burraburiaš, rei da [Babilônia], seu irmão. Está {tudo} bem comigo. Com você, com seus cavalos, com suas esposas, [suas] crianças, sua terra, seus oficiais sêniores, [seus] cava[los], suas carroças, que vá {tudo} bem.
- (8-12) Como antigamente, você e m[eu] pai estavam mutualmente em bons termos, agora [que] eu e você [estejamos mutualmente em bons termos]. Entre nós que nenhuma outra palavra seja di[ta]
- (13-16) O que você deseja de meu reino, escr[eva para mim] para que eles possam levar para você. E o que eu desejar de seu reino, deixe-me escrever para [eles] tragam [para mim].
- (17-19) [.....] ele(?) irá confiar a você, escreva para mim que [eles] possam [trazer para você]
- (20-22) E como [sua] saudação-presente [.....] e um [.....] eu en[viei] para você

EA7

TRADUÇÃO

- (1-3) [Diga para Napḥu]rureia, o grande rei, o rei da terra do Eg[ito, meu irmão;] assim { diz } Burraburiaš, [o grande rei, re]i da terra de Karaduniaš, [seu] ir[mão]
- (4-5) Está { tudo } muito [bem comi]go, com meus cavalos e [minhas] ca[rroças, com] meus oficiais [s]êniores e minha terra.
- (6-7) Q[ue { tudo } esteja] excessivamente [bem] com meu irmão e sua Casa, com seus cavalos e [suas] c[arroças], com seus oficiais sêniores e sua terra.
- (8-13) Desde o dia que o emissário de meu irmão ch[egou a mim], meu corpo esteve mal e seu emissário em nenhuma [ocasião em] minha presença comeu comida ou bebeu álcool. [Quan]do você perguntar ao seu emissário, ele irá o dizer. Em respeito { de } [minha] re[cuperação], eu não estou [ainda] completamente re[staurado em saúde].
- (14-25) [E] quando meu [c]orpo estava mal e meu irmão [não expressou preocupação] por [mim], eu (próprio) estive cheio de raiva, dizendo “Que eu estou doente, meu irmão não ou[viu]? Por que ele não mostrou preo[cupação] por mim? Seu emissário, por que ele não enviou para v[er a minha situação]?” O emissário de meu irmão disse isso para mim, di[zen]do: “Este não é um território próximo que seu irmão ouviria e ele mandaria saudações para você. A terra é muito distante. Para seu irmão, quem iria o dizer que ele deveria mandar uma saudação urgente para você? Se seu irmão tivesse ouvido que você está doente, ele não enviaria seu emissário para você?”
- (26-30) Então eu disse para ele, dizendo, “Meu irmão, o grande rei, tem uma terra distante ou próxima?”. Ele disse para mim assim, dizendo “pergunte ao seu emissário. Pois a terra é muito distante e seu irmão não ouviu sobre você, (assim) ele não mandou preocupação sobre seu [bem]-estar”.
- (31-41) Agora, uma vez que eu perguntei { para } seu emissário e ele me disse que é uma longa jornada, eu não estava bravo com meu irmão. Eu mantive silêncio. E visto que ele me disse { que } na terra de meu irmão tem tudo e meu irmão não quer nada e na minha terra tudo é encontrado e eu mesmo busco por nada, é uma bela coisa que nós recebemos do passado, das mãos dos antigos reis; nós manda[mos] saudações mútuas. Que essa seja a coisa que prevaleça entre nós. Minhas

- [sa]udações [eu vou enviar] para você [e você vai enviar as suas saudações para mim]
- (42-46) [.....]
- (47-48) Que [...] que foi dado [...] mi[nhas] saudações [...] ele vai fa[lar] suas saudações.
- (49-52) Você, ago[ra, em su]a [frente] (o) escolta, você dete[ve] meu emissário dois [anos]. Quanto ao seu emissário, eu (o) informei e (o) enviei [para você]. Garanta que meu emissário sairá rapidamente e deixe-o v[ir aqui]
- (53-58) E já que eles disseram “a viagem é diff[icil], água é escassa e o clima é quen[te]”. Eu não enviei para [você] uma grande saudação-presente. Quatro minas de lápis-lazúli eu enviei para meu irmão como uma pequena saudação-presente e cinco times de cavalos eu enviei para meu irmão.
- (59-62) Quando o clima melhorar, meu próximo emissário vai adiante, eu vou fazê-lo levar uma grande saudação-presente. E o que quer que meu irmão precise, que meu irmão escreva para mim para que eles tirem de seu depósito.
- (63-67) Eu empreendi um projeto e eu escrevi para meu irmão. Que meu irmão envie-me muito ouro de alta qualidade que eu possa usar em meu projeto. E quanto ao ouro que meu irmão envia, meu irmão, não o confie a cargo de nenhum representante.
- (68-72) Que os [olhos] de meu irmão vejam isso e que meu irmão sele isso e que ele envie isso. Quanto ao ouro que meu irmão enviou previamente, evidentemente, meu irmão não o viu. Foi um representante de meu irmão que selou isso e enviou. Quanto as 40 minas de ouro que eles trouxeram, quando eu o fun[di] no forno, [co]m certeza, [apenas x minas] saíram.
- (73-82) [E] quanto a Şalmu, meu emissário, que eu enviei para [você, du]as vezes sua caravana foi rou[bada]. A [prim]eira, Biryawaza roubou e sua [se]gunda caravana, Pamaḥu [...] seu governador da terra de Kişri roub[ou. Quando] meu irmão vai julgar esse caso? [Quando] meu emissário le[vantou-se (na corte), ass]im que Şalmu fa[le] diante de meu irmão. Seu eq[ui]pamento, que eles devolvam [para ele e] suas perdas, que eles compensem.

EA8

TRADUÇÃO

- (1-7) Di[ga para] Napḥu'rure[ia], rei da terra do Egito, meu irmão. Assim (diz), Burraburiyaš, rei da terra de Kara[duniaš]: Meu irmão, {tudo} está bem comigo. Com você, com sua terra, com sua Casa, com suas esposas, [seus] filhos, seus oficiais sêniores, seus cavalos, suas carroças, que tudo esteja bem.
- (8-12) Eu e meu irmão fizemos uma declaração mútua de amizade e isso é o que nós dissemos, dizendo: “Assim como nossos antepassados eram amigos mútuos, permita-nos ser amigos”.
- (13-24) Agora, meus mercadores quem eu mandei com Aḥu-ṭābu, foram detidos na terra de Canaã por questões de negócios. Depois que Aḥu-ṭābu foi para meu irmão, na cidade de Ḥinnatōna, na terra de Canaã, Shum-Hadda, filho de Ba'lumme, (e) Sutatna, filho de Sarātu, da cidade de 'Akkā, enviaram seus homens e eles atacaram (mataram) meus mercadores e eles levaram sua prata. Em tanta quanto pre[ssa] eu envie para [su]a pres[ença], inter[roque-o], deixe-o contar para [você]
- (25-29) [A terra de C]anaã é sua terra e [seus] reis [são seus servos. N]a sua terra, eu fui pilhado. Investigue[-os], pag[eu] o dinheiro que eles roubaram e quanto aos homens que m[ataram] meus servos, mate-os; recompense seu sangue.
- (30-33) Mas se você não executar esses homens, eles farão isso novamente. Eles vão atacar seja minha caravana ou seus emissários. O emissário será intercedido entre nós.
- (34-42) Mas se eles negarem, Shum-Hadda, tendo restringido um homem meu, deteve-o com ele e quanto o outro homem, Sutatna de 'Akkā, forçando-o em serviço, ele ainda está servindo-o. Deixe esses homens irem para você, investigue e pergunte [se eles estão mo]rtos, então, que você seja informado.
- (43) [Para uma sauda]ção-presente, eu envio para você uma mina de lápis-lazúli.
- (44-47) Ag[ili]ze meu [embaix]ador, para que eu possa ser informado da [deci]são de meu irmão. Quanto ao meu [embaix]ador, não [o] rete[nha], que ele parta com [pre]ssa.

EA9

TRADUÇÃO

- (1-2) Para Nibḥurrereya, rei da terra do E[gito, m]eu [irmão], diga:
- (3-6) Assim {diz} Burraburiyaš, rei da terra de Kard[un]iaš, seu irmão: Para mim tudo está bem. Para você, sua casa, suas esposas, seus filhos, sua terra, seus oficiais sêniores, seus cavalos, suas carroças, que {tudo} esteja muito bem.
- (7-10) Dos tempos de meus antepassados e seus antepassados, mutualmente falaram em amizade, eles enviaram amáveis saudações-presente um para o outro e eles não retiv[eram] nenhum amável pedido.
- (11-14) Agora, meu irmão, me enviou duas minas de ouro como uma saudação-presente. Agora, <s>e ouro é abundante, envie-me tanto quanto seus antepassados. Mas se é escasso, envie-me metade do que seus antepassados (enviaram). Por que você me envia apenas duas minas de ouro?
- (15-18) Agora, meu trabalho na casa do seus é extenso e eu estou seriamente engajado em levar isso adiante. Envie-me muito ouro. E quanto a você, o que quer que você deseje de meu reino, escreva para mim e deixe-os trazerem para você.
- (19-24) Nos (tempo de) Kurigalzu, meu pai, todos os cananeus escreveram para ele, dizendo “Ve[nh]a para a fronteira da terra, deixe-nos revoltarmos e deixe-nos ser aliados [co]m você”. Meu pai escrevi isso para eles, dizendo:
- (25-30) “Desista de ser aliado comigo! Se você se aliena do rei do Egito, meu irmão, e se aliar com um outro, eu não vou ir e eu não vou pilhar você? Como pode haver uma aliança comigo?” Meu pai, por causa de seu pai, não os atendeu.
- (31-35) Agora, quanto ao assírio, meu vassalo, não fui eu quem o enviou para você. Por que eles, em sua própria iniciativa, foram para seu reino? Se você me ama, eles não irão conduzir negócios seja o que for. Envie-os para mim de mãos vazias.
- (36-38) Como sua saudação-presente, eu enviei três minas de genuína lápis-lazúli e cinco grupos de cavalos para cinco carroças de madeira.

EA10

TRADUÇÃO

- (1-7) [Para Nap]hurar[ey]a, o rei da terra do [Egito, diga: A]ssim {disse}, Burraburiyaš, rei da terra de Karad[uniyaš]. Comigo tudo está bem. Com você, com sua casa, com suas esposas, co[m seus filhos], com seus oficiais sêniores, com sua infantaria, com suas carroças, com seus cavalos e com sua terra, que tudo esteja muito bem.
- (8-24) Desde o tempo de Karaindaš, desde que os emissários de seus antepassados estavam vindo para meus antepassados até agora, eles foram amigos. Agora, quanto a mim e a você, nós somos amigos. Três vezes, seus emissários vieram para cá, mas você não me enviou nenhuma saudação-presente realmente boa e eu também não te enviei nenhuma saudação-presente muito boa. Quanto a mim, não há nada faltando e quanto a você, não há nada que te falte. Quanto ao emissário que você enviou, as vinte minas de ouro que foram enviadas, não estavam completas. E quando eles as puseram no forno, nem cinco minas saíram. [O ouro] que saiu tinha aparência de cinzas quando ele tornou-se escuro (esfriou). [Quanto ao ouro, qu]ando eles sequer verificaram isso? [Mas agora, quando a nó]s(?), nós somos amigos, mu[tualmente eles] não fizeram?
- (25-28) [.....]
- (29-35) [.....] de um boi selvagem para a terra do E[gito, que eles] os avermelharam. Quando seu emissário vier, que ele (os) traga. E há carpinteiros capazes aí onde você está aí. Então, deixe-os fazer animais sejam terrestres ou aquáticos, como na vida real. Que seu couro seja exatamente como a de um animal vivo. Que seu emissário (os) traga aqui.
- (36-42) E se tiver alguns antigos já feitos, quando Sindišugab, meu emissário, alcançar você, dê-o carroças apropriadas com toda a pressa, e que ele venha para mim. E deixe-os fazerem novos para o futuro e quando meu emissário e seu emissário vieram para cá, que eles os tragam juntos.
- (43-49) Para nossa saudação-presente, eu enviei duas minas de lápis-lazúli. E quando eu ouvi acerca de sua filha Mayati, um colar de grilos de lápis-lazúli, 1048 em número, eu enviei como sua saudação-presente. E quando seu emissário [vi]er

com Sindišugab, eu vou fazer [uma sauda]ção-presente para ela e ele var tra[zer para ela?]

EA11

TRADUÇÃO

Frente

- (1-4) [Diga] para Naphurure'a, rei da terra do Egito, [meu] irmão; a mens[agem de Bur]raburiash, rei de Karaduni[ash]: Es[tá {tudo} be]m co[migo]. Com você, suas esposas, [sua] Casa, [seus filhos], c[om] seus [cavalos], sua carroça, que tudo esteja muito [bem]
- (5-8) [Depois da esposa de] seu [pai] estive de luto, eu envi[ei para você] Hū'a, [meu] emiss[ário] e [Miḥuni, o trad]utor. [Eu esc]revi [como segue], dizendo “A princesa real que [...] eles [troux]eram para seu pai. Deixe[-os trazer] uma outra [para você]”.
- (9-15) [E você] enviou [Ḥaamašši, seu emissário [... e Miḥuni, o trad]utor, [dizendo] “e[ssa esposa] em luto [de] meu [pai ...], essa [es]posa que [...] que [mul]her [...] morreu [n] praga” [Assim, eu es]crevi, dizendo “[Que eles tragam] ess[a] mulher [para você]”
- (16-22) [quanto a Ḥaamašši], seu [em]issário, e Miḥuni, o t[radut]or, [quando eu os mostrei [minha filha], eles [der]ubaram ó[leo] na cabeç[a da minha] filha. Mas como aquele que está le[vando-a] para você, [q]uem irá [a] levar para você? Com Ḥaya, há apenas cinco carroças. Com cinco carroças eles vão a levar para você? Mas agora, eu deveria enviá-la para você [de m]inha [casa], os reis vizinhos [vão dizer, diz]endo “a filha do Grande Rei, eles carregaram para o Egito com (apenas) cinco carroças!”
- (23-28) [Quando meu pai le]vou [sua filha] e enviou para seu pai, seu [emissário foi] três mil tropas com ele [...] meu pai [... ele vai en]viar [...] envie para mim [...]

Verso

- (1-5) [...] deles [...] para ele [...] que] eles façam [...] que eles tragam [para mim ... que] eles façam [parecer] vivo [...] que eles tragam para mim.
- (6-12) Se [h]ouver uma cota cheia de antigos, faça-os trazer para mim im[ediatamen]te. Se não houver antigos, que eles façam novos e enviem Ṣalmu, o mercador. Se Ṣalmu, o mercador, já tiver partido, deixe seu emissário que está vindo trazê-(los) para mim. Deixe-os fazer e colorir árvores de marfim. Plantas

do interior que combinam, deixe-os fazer de marfim e que eles (as) coloram e que eles as tragam para mim.

(13-18) Quanto a Haya, seu oficial sênior, que você enviou, as carroças e tropas que estão com ele são muito poucas. Envie aqui muitas [carroças] e tropas e [deixe] Haya [tra]zer a princesa re[al] para você. Não envie outro oficial sênior. Que ele não atrase a minha princesa real em cuja [cab]eça o óleo [foi derram]ado. Envie para mim e [deixe]-os [le]vá-la rapidamente. [S]e dentro desse ano você não estiver enviando carroças e tropas, deixe um [emissá]rio vir em frente com pressa para que ele possa me informar.

(19-23) [Quando] seu [p]ai enviou muito ouro para Kurigalzu, que era mais do que a [saudação-presente] de Kurigalzu? No palácio de [meu pai, o que estava] faltando? Uma vez que os reis vizinhos poderiam ouvir, dizendo: “o ou[ro é] abundante. Entre] os reis há fraternidade, amizade e [boas] relações. [É ele] que é rico em pedras preciosas, rico em prata, rico em [ouro]”

(24-34) Dez nódulos de genuína lápis-lazúli eu enviei como sua saudação-presente. E para a “senhora da casa” [eu enviei] vinte “grilos” de genuína lápis-lazúli. Porque foi Mayatu que não fez nada por mim pelo qual [eu restaurei a s]aúde e ela não demonstrou preocupação por mim, com a máxima pres[sa], deixe-os trazer para mim muito ouro que é apenas seu. Que eles tragam [muito ouro]. Ao final [desse mesmo] ano, eu quero completar meu trabalho com pressa. E que [meu irmão] não diga, dizendo “seu emissário levou uma extensiva [e bela] saudação-presente”. Que meu irmão [.....] quando eu enviei para você. [Env]ie-me [muito ouro. Eu vou enviar uma] extensiva [sauda]ção-presente.

EA12

TRADUÇÃO

- (1-6) Diga para meu senhor; assim {diz} a princesa: para você, suas ca[rro]ças, os [ho]mens e sua casa, que esteja bem
- (7-12) Que os deuses de Burraburiash vão com você. Vá seguramente e em paz vá adiante, ver sua casa.
- (13-22) Na pre[sença de meu senhor] assi[m], eu [prostro-me] dizendo “Já que G[...], meu emissário trouxe tecido colorido para suas cidades e sua casa, que esteja em. Não murmure seu coração e imponha escuridão em mim”.
- (23-26) Seu servo, Kidin-Adad, está alocado comigo(?), como o substituto de meu senhor, eu verdadeiramente iria.

EA13

TRADUÇÃO

Frente

(1-33) [..... p]edra-data de cornalina, contas *ziminzu* [e] entre our[o], pedras [...] de genuína pedra *pappardilu*, pedras [...] de pedra ôni[x](?) [.....] um frasco de [genuí]na [láp[is]-lazú]li [.....] e entre [ouro] contas *ziminzu* pequenas de láp[is]-lazúli e ôni[x](?) [.....]vidro [*tar*]abbanu colorido e [ouro alfinete de] vestido de pedras em forma de lentilha, láp[is]-lazúli e ôni[x](?) [...] vidro [*tar*]abbanu colorido [.....] láp[is]-lazúli, ônix(?) e ou[ro] pedra *kakkusu*, láp[is]-lazúli e ôni[x](?) [...] vidro [*tar*]abbanu colorido e o[uro] folha de [ouro], láp[is]-lazúli e ôni[x](?) [...] vidro [*tar*]abbanu colorido e o[uro] folha de [ouro], genuína láp[is]-lazúli e genuína [ônix(?) ...] alfinetes(?) [de vestido], láp[is]-lazúli e genuína ô[nix(?) ...] vidro [*tar*]abbanu colorido e ouro no meio d[isso], genuína obsidiana [...] genuína láp[is]-lazúli, colocado e entre ouro [..... our]o grande [.....] pequeno [.....] incrustado [.....] incrustado [.....] ouro [.....] grande [..... broc]hes de marfim um dos quais é broche de ébano [.....] ouro [..... x] incrustado de ouro [.....] e alabastro [..... in]crus[tado]

Verso

(1-29) [.... cama] *kamm[uššaku ...]* bordas [laterais] cama [*kamm*]uššaku [...] prata [.....] bordas later[ais com] pés[-garra] cubos(?) cama *kamm[ušš]aku* [.....] suportes e dez [pés-gar]ra de prata [.....] ouro [..... em] seu copo, ouro [... bacias lavatório para as mãos, em] seus copos, prata [bacias lavatório para p]és, prata [...] vasos de [li]bação, prata [.....] prata [.....] prata [.....] bronze [.....] bronze [..... brase]iro, bronze [...ba]ús, suas lamparinas, bronze [..... j]arro, bronze [..... g]arrafa, bronze [..... g]arrafa, bronze [..... chal]eira, cobre [..... t]udo [.....] vaso [š]ālinnu, bronze [.....] caso *angurinnu*, bronze [bac]ia lavatório para as mãos, em seus copos, br[onze ...] bacias lavatório para os pés [..... bronze] láp[is]-lazúli [.....] láp[is]-lazúli, incrustado, our[o [... espe]lho de quartzo, incrustado, ouro [... espe]lho de láp[is]-lazúli, incrustado, ouro

EA14

TRADUÇÃO

COL. I.

- (1-4) [Esses itens, Naphuru]re'a, Grande Rei, [rei do Egito, e]nvia [para seu irmão, Burra]buriash, [Grande Rei, rei de Karaduniash, quando ele (Burraburiash) deu sua filha a] ele.
- (5-7) [.....]
- (8-21) [.....] pendurado [co]m [..... incrus]trado em ouro [..... de o]uro, incrustado {com} pedras {em forma de} lentilha [..... co]lar de ouro, (chamado) *mašuya* [.....] pedras sortidas, (chamado) *wizza* [..... co]lar de ouro incrustado com pedras sortidas [..... d]e ouro [..... d]e ouro [.....] de ouro, incrustado [.....] seus [.....] de ouro incrustado
- (22-31) [.....]
- (32-38) [x vasos *kukkubu* de ouro] cheio com [óleo do]ce, (chamado) *namša* [.....] de ouro, incrustado, (chamado) *kubu*. [..... de ou]ro, incrustado, (chamado) [*h*]at[*app*]i [..... de ouro] incrustado. [...] de ouro incrustado (chamado) *anaḥu* [...] de cobre [...] para a mão, de ouro, chamado *šuzuta*.
- (39-49) [... de o]uro incrustado, com prata e ouro no meio [.....] de ouro e um vaso pequeno *kukku[bu* um b]alde de ouro [..... alfine]tes [.....] grande, (chamado) *našši* [.....] de ouro [... de our]o e um pequeno [..... d]e ouro, (chamado) *raḥda* [.....] e de [prata, pa]ra banho [... de] ouro [e pr]ata, incrustado com ouro (chamado) *da[š]i*. [x taças de pra]ta (e) o[uro ...], seus [...] incrustado (chamado) *ḥaragabaš*
- (50-51) [.....]
- (52-76) [..... de] prata, ou[ro d]a terra de Cana[ã] 2 figuras femininas [.....] incrustado do recipiente. 15 recipientes de óleo [de ouro], incrustado. 1 “pepino” [que é] um recipiente de óleo, de ouro, incrustado. 1 recipiente *ḥubunnu* [...] de ouro (com) uma figura feminina [.....] prata, em pé. 1 [recipiente] *ḥubun[nu* d]e ouro. 1 pequeno] recipiente (de aromáticos) de ouro (com) 1 íbe[x] agachado em seu centro. 8 [gra]ndes taças de ouro, (chamadas) *ḥaragabaš* [e] uma pequena (como isso). [x ...] de ouro e um pequen (como

isso). [x] baldes de ouro e um pequeno (como eles). [x] de prata e ouro, inteiramente (?), seu nome *namša* [x] de ouro, que é cravejado (com) cobre no centro, seu nome *zimiū*. [1] pequeno recipiente *kukkubu*, para ba[nho] de ouro. [1] pequeno jarro *tallu*, de ouro. [1 reci]piente para tinta para os olhos, em ouro incrustado, *duba’uḫi* é seu nome. [x] grandes anéis de dedo de ouro. [x] anéis de dedo, chapeado em ouro. [x] pulseiras de mão de ouro com incrustado, *puati* é seu nome. 19 anéis de ouro para o dedo. 3 (pares) {de} sandálias de ouro.

(77-80) 10 pulseiras de mão muito largas, que estão penduradas com pedras, *maḥda* é seu nome. 3 pares de tornozeleiras de ouro, penduradas com pedras. [x] navalhas de ouro. [x] navalhas de bronze, seus cabos de prata (e) ouro.

COL. II.

(1-6) 13 tigelas de ouro, *šillahata* é seu nome. 9 placas de colar de ouro e pedra NA.GU.MI. 7 tubos, cheios de tinta para os olhos, de ouro, e três tubos, chapeados de ouro. 1 caixa de ouro de cosméticos *šippar(r)ātu*. 1 tubo para tinta para os olhos, com ornamentos *kibbu*, de ouro polido (chamado) *kitini*.

(7-21) 6 facas de ouro, suas “cabeças” são romãs. 1 recipiente pequeno (de aromáticos) de ouro e uma rolha de lápis-lazúli em seu meio. 4 espátulas de ouro. 1 estatueta grande do rei, que é revestida com ouro e seus pés revestidos com prata. 1 figura feminina, revestida com ouro, da esposa do rei. 1 figura feminina, revestida com ouro, da filha do rei. 2 carroças de madeira *šuššugu*, revestidas com ouro. 2 carroças de madeira *šuššugu*, revestidas com ouro. 1 barco de cedro, revestido com ouro, junto com todo o seu equipamento e 6 barcos pequenos que se reboca. 1 cama revestida com ouro, figuras femininas para seus pés. 1 cama revestida com ouro, 1 descanso de cabeça revestido em ouro. 5 tronos, revestidos com ouro.

(22-30) 1 trono revestido com ouro e *šahpu*. 2 cadeiras revestidas com ouro. 1 cadeira [..... com ouro reves]tido, de Canaã. [x pulseiras de mão,] de pedra “sol”, seu nome {é} *puati*. [x pulseiras de mão,] seus [...] de ouro, ”, seu nome {é} *puati* [.....] revestido com ouro [.....]

(31-51) [x] revestido com ouro, trabalho delicado [..... e o] tot[al de todo o ouro]: 1200 mi[nas x] *siclos* de ouro. 1 va[so] de medida [grande de prata]. 3 bacias lavatório [grandes] de p[rata]. 1 vaso *maprû* grande [de] prata. 1 pote grande,

d[e prata], seus [cab]os d[e...]. 10 taças de [prata]. 1 pote gran[de] de prata. 1 recipiente *kukkubu* de m[il] de prata [j]unto com sua capa. 3 vasos de medida de prata, *bummer* é seu nome. 1 *ḥaragabaš* d[e pra]ta. 1 balde de prata. 1 peneira de prata. 1 vaso *tallu* pequeno de prata, para um braseiro. 1 romã de prata. 1 macaco fêmea, com sua filha em seu [co]lo, de prata. 1 pote alto, para um braseiro, de prata; *dinīta* é seu nome. 23 recipientes *kukubu*, de prata, cheio com óleo doce, *namša* é seu nome. 6 recipientes *ḥubunnu* [e] 1 recipiente *ḥubunnu* grande, também de prata.

(52-67) 1 baú(?) vertical, de prata, incrustado. 1 espátula de prata para os olhos, *wadḥa* é seu nome. 12 tigelas de prata, *ši[l]laḥta* <é seu nome>. 29 espátulas de prata, cabos de madeira e ébano, cujo um curva o cabelo. 1 caixa de prata pura. 3 (pares) de sandálias de prata. [1] recipiente *kukkubu* de prata, seu bico {é} de ouro. [1 caixa de] cosméticos [*š*]ippar(r)*ātu*, revestido com prata (e) ouro [x espátu]las para um barbeiro, de prata. [.....] de prata e ouro. 3 c[amas de prata(?) pura]. 1 enco[sto] de cabeça de prata pura. 1 [trono], revestido [com prata(?) e ouro(?)]. 1 es[pe]lh[o de prata], cravejado com [pe]dras(?). 1 es[pe]lh[o] de prata (e) o[ur]o. 18 pe[dras ...], suas [b]ocas de ouro.

(68-88) e [.....] 1 pequeno rec[ipiente(?)] (de aromáticos) de prata] e uma r[olha no cen]tro, de p[rata(?)]. O to[ta]l de toda a prata. 292 [minas] e 3 *siclos* [de prata]. O tota[l] de toda a prata e o[uro]. 1500 (+x) minas e 46 ½ *siclos*. 20 es[pe]lhos de bronze. To[tal]: 32 espelhos. 80 es[pe]lhos de bronze]. 90 es[pe]lhos ... d]e bronze. 5 [vasos] *ku[kkubu]*. 200 anéis de prata, seu nome *našša*. 5 [.....] d]e bronze. 3 [.....] de bronze, seu nome *ḥunima*. 5 muito longos [.....] d]e bronze. 3 p[otes] altos [gr]andes, d[e bronze, par]a um braseiro. 2 p[otes] altos [d]e bronze. 3 pequenos [.....] para banho de bronze. 2 [.....] para um braseiro de bronze, *kuldu* é seu nome. 20 [...] de bronze p[ara ...]

COL. III.

(1-10) 2 [.....] 6 p[otes(?)] d]e bronze [.....] 12 [.....] boca, cavalos. 16 n[av]al[has ... de bron]ze, seus [cab]os de prata. 5 naval[has, d]e bron[ze]. 41 espátulas para um barbe[iro] de bron[ze]. 51 espátulas de bronze, seus [ca]bos de ébano. T[otal] de [ob]jetos de [bron]ze, juntos: 300 (+ x) objetos, o peso de bronze: 8[60 m]inas, 20 *si[cl]os*.

- (11-13) 1 pedaço de tecido de linho [bom] para duas vestimentas festivas, (qualidade de) bisso. 20 pedaços de tecido de linho [b]om, (qualidade de) bisso. 20 pedaços [p]eque[nas] de tecido de linho [bom], (qualidade de) bisso.
- (14-46) 40 pedaços de tecido de linho [bom, (qualidade de) bisso]. 35 ma[nt]as finas (qualidade de) bis[sos]. 3 pedaços de tecido de linho (qualidade de) *idru*, em tamanho (igual a) 6 pedaços de [tecido] de li[nho bom]. 1 pedaço de tecido de linho (qualidade de) *idru*, em tamanho (igual a) 2 pedaços de [tecido] de li[nho bom]. 15 mantas finas, (qualidade de) *idru* [.....] 100 pedaços grandes de tecido de <linho> bom, (para) xale(s). 150 pedaços de tecido de li[nh]o bom (qualidade de) [*adaḥa*]. 100 pedaços pequenos de tecido de linho bom (qualidade de) [*adaḥa*]. 250 mantas finas (qualidade de) <*adaḥa*>. 250 cintas finas (qualidade de) <*adaḥa*>. 121 capas [t]unzu. 5 capas [tu]nzu, para a cama do rei. [1] tecido de linho para a frente do corpo, decorado nas bordas. [x] mantos vermelho-tabarru, não vermelho-ami. 6 pedaços de tecido de linho bom, vermelho-tabarru. 6 ½ tecidos *ullu* de linho, para seu comprimento, tiras {?}, vermelho-tabarru, (qualidade de) *paqa*. O total de todo o tecido de linho> 1092 e 6 ½ pedaços lu. 1 jarro *ḥuttu* de pedra, cheio de óleo doce, (chamado) *azida*. 19 jarros de pedra, cheio de óleo doce, *kubu* é seu nome. 20 jarros de pedra (chamados) *akunu*, que estão cheios de óleo doce, *namša* é seu nome. 1 cabaça de pedra cheia de óleo doce. 6 vasos de pedra muito grandes, cheios de óleo doce. [x] recipientes *kukkubu* de pedra, cheios de óleo doce, *maṣiqta* é seu nome. [x] jarros de pedra, cheios de óleo doce, *kuba* é seu nome. [x] recipientes *kukkubu* de pedra, cheios de óleo doce, *kuba-pawanaḥ* é seu nome. [x] recipientes *kukkubu* de pedra, cheios de óleo doce, *kuiḥku* é seu nome. [x] jarros cheios de óleo doce. [O t]otal de vasos de pedra, cheios de óleo doce: [x] mil e 7 vasos.
- (47-77) [x] caixas vaz[ias], de pedra [.....] [1] recipientes *kukkubu* de pedra, *namša* é seu nome, [e] um pequeno assim c[omo e]le. [x] asnos de pedra [e] um peq[ueno] assim como ele. [x] *galtu* de pedra [...] é seu nome. [e x pe]quenos as[sim co]mo eles. 35 *ḥaragabaš* de pedra. [1 gra]nde , de pedra, seu nome [... e x pequen]os de pedra, vasos *puwuḥa* e 2 [... x com] seus suportes e seu nome *sabnakû*. [x] é o nome *kuiḥku* [xd]e pedra [x] seu nome [...] e 1 peque[no]. 21 figuras femininos de pedra [.....] 1 aleijado de pedra com um jarro em sua mão.

1 recipiente *kukkubu* de pedra, *šuibta* é seu nome. 3 jarros de pedra, 2 taças grandes de pedra *hina*. 3 bacias de pedra. 1 peneira de pedra. 1 suporte alto de pedra. 2 jarros *agannu* de pedra. 38 vasos *išqillatu* de pedra. 1 recipiente para óleo, *wadḥa* é seu nome. 3 recipientes *kukkubu* de pedra, *namša* é seu nome. 2 descansos de cabeça de pedra. 1 descanso de cabeça de pedra *dušu*. 1 tigela de pedra branca, seu nome {é} *šilliḥta*. 9 recipientes para óleo de pedra branca, seu nome {é} *wadḥa*. O total de vasos de pedra vazios: 160 e 3. 117 pedras de amolar, para um barbeiro. 9 caixas de ébano e marfim, trabalho delicado. 2 caixas de ébano e marfim, trabalho delicado, chamado *sa*

COL. IV.

- (1-4) [...] de ébano e marfim, trabalho delicado. 6 (pares de) patas de animais de marfim colorido(?). 9 plantas de marfim colorido(?) para ser trabalhado. 10 plantas de vários tipos de marfim colorido(?)
- (5-23) 29 recipientes cabeças de óleo, de marfim colorido(?). 44 recipientes de óleo, decorados com maçãs, romãs, datas (e) *kurumānu* de marfim colorido(?). 375 recipientes de óleo de marfim colorido(?) [...] (chamado) [s]â, 19 pentes de marfim colorido(?). 19 alfinetes de marfim colorido(?). 13 caixas de marfim colorido, (chamadas) *upta*. 3 descansos de cabeça de marfim colorido(?). 3 recipientes *kukkubu* de marfim colorido(?), *kuba* é seu nome. 3 bois, recipientes de óleo, de marfim colorido(?). 3 íbexes, recipientes de óleo, de marfim colorido(?). 1 recipiente pequeno (de aromáticos), de marfim colorido(?) e [...] em seu centro e 1 boi no topo. [x tige]las de marfim colorido(?) [x] de marfim colorido(?). [x caixas de] ébano (chamada) *maḥan*. [x marfim, bom, trabalho delicado] todos os tipos de pedra. [vários] em seu meio. [x] *kûbu* [{é} seu nome]
- (24-31) [.....]
- (32-34) [x] s[eu nome] [x x caixas de ébano, seu nome *maḥan*].
- (35-57) [.....]
- (58-62) [.....] canudo [..... col]orido [.....] colorido [.....] cabra selvagem.

EA15

TRADUÇÃO

- (1-6) Para o rei da terra do E[gito]: Assim { diz } Ashur-uballi[t. rei da terra do (deus) A]ššur. Para você, para sua casa, para sua terra, para suas carroças e suas tropas, que tudo esteja bem.
- (7-15) Eu enviei meu emissário para você, para vê-lo e para ver sua terra. Até agora, meus antepassados não escreveram { para você }. Hoje eu escrevi para você. [Eu] enviei para você uma carroça excelente, 2 cavalos e uma pedra-data de genuína lápis-lazúli como sua saudação-presente.
- (16-22) [N]ão atrase o emissário quem eu enviei para você, para uma visita. Que ele veja e parta. Que ele veja seu comportamento (natural) e o comportamento (natural) de sua terra, e que ele parta.

EA16

TRADUÇÃO

- (1-4) Di[ga] para Naphuriya, [o Grande Rei,] rei da terra do Egito, meu irmão. Assim (diz) Ashur-uballit, rei da terra da Assíria, o Grande Rei, seu irmão:
- (5) Que {tudo} esteja bem com você, com sua Casa e com sua terra
- (6-8) Quando eu vi seu [em]baixador, eu regozizei muito. Que seus emissários habitem em minha presença com grande solicitude
- (9-12) Uma bela carroça para realeza, equipada para mim, e dois cavalos brancos, equipados para mim, uma carroça não equipada e um selo cilíndrico de lápis-lazúli real, eu enviei a você como sua saudação-presente
- (13-18) Assim é o presente de um Grande Rei? Ouro, se sua terra, é pó. Eles o juntam. Por que o atraso com sua aprovação? Eu estou engajado na construção de um novo palácio. Envie-me muito ouro, quanto necessário para seu adorno e suas necessidades.
- (19-21) Quando meu pai, Ashur-nadin-aḫḫe enviou para a terra do Egito, eles o enviaram vinte talentos de ouro.
- (22-25) Quando o rei de Ḫanigalbat⁵⁵⁰ enviou para o seu pai, para a terra do Egito, eles o enviaram vinte talentos de ouro.
- (26-31) [Eu] sou [igu]al ao rei de Ḫanigalbat, mas você enviou [para mim *x* minas de ou]ro. Isso não é suficiente para a ida e retorno das carroças de meus emissários.
- (32-34) Se sua intenção é verdadeiramente genuína, envie muito o[ur]o {e essa é sua casa, escreva para mim para que eles levam o que você precisar}
- (35-36) Como nós somos reinos distantes, que nossos emissários, assim, continuem a ir e vir.
- (37-42) Que seus emissários atrasaram para retornar a você, os Sutû, que eram os guias deles, morreu. Até eu poder (os) enviar e eles puderem ter (novos) guias Sutû, eu os atrasei. Que meus emissários não se atrasem em vir.
- (43-55) Quanto aos [em]baixadores, por que eles continuamente ficam em pé lá fora para que eles morram lá fora? Se eles ficaram de pé for lucrativo para o rei,

⁵⁵⁰ i.e. Mitani.

então, deixe-os em pé lá fora. Lá fora, deixe-os morrer! Lucro para o rei ou
nã[o], por que eles deveriam morrer [lá f]ora? Quanto aos emissários que nós
[continuamente] env[íamos], eles duplamente deveriam manter os emissários
vivos. [Lá] fo[ra] eles estão (os) matando.

EA17

TRADUÇÃO
VERSÃO REVISADA

- (1-10) Para Nibmu‘areya, r[ei da terra do Egito], meu irmão, diga: Assim (diz) Tuišeratta, rei da terra de [Mi]tani, seu irmão. {Tudo} está bem comigo. Que esteja bem com Kelu-Ḫeba, minha irmã. Com sua casa, com suas esposas, com seus filhos, com seus oficiais sêniores, com a sua infantaria, com seus cavalos, com suas carroças, e dentro de suas terras, que tudo esteja muito bem.
- (11-20) Quando eu sentei no trono de meu pai, e eu era jovem, então Pirḫi cometeu atos indecorosos em minhas terras e matou seu senhor. E por causa disso ele não estava permitindo-me amizade com ninguém que me amava. Mas eu, além disso, por causa das coisas indecorosas que foram feitas em minha terra, não fui negligente e como para as pessoas que mataram Artaššumara, meu irmão, com tudo que lhes pertencia, eu os matei.
- (21-29) Uma vez que você foi amigável com meu pai, então, por causa disso eu tenho escrito e falado com você para que meu irmão saiba dessas coisas e então possa se alegrar. Meu pai te amava e você, em contrapartida, retribuía para meu pai, você o amava e meu pai, por causa (desse) amor, [d]eu para você minha irmã. E quem mais era com meu pai como você?
- (30-35) [Du]rante a vida, ademais, de meu irmão, quando retornou, quando a terra de Ḫatti em sua totalidade vieram como inimigas contra minhas terras; Tešub, meu senhor, deu-os em minhas mãos e eu os matei. Dentre eles não houve um que voltou para as terras deles.
- (36-38) Agora, uma carroça, dois cavalos, um homem e uma mulher do espólio das terras de Ḫatti eu mando para você.
- (39-40) Para a saudação-presente de meu irmão cinco carroças, (e) cinco pares de cavalo, eu envio para você.
- (41-45) E para os presentes de Kelu-Ḫeba, minha irmã, um conjunto de alfinetes de ouro, um conjunto de brincos de ouro, um anel *mašḫu* de ouro, e um recipiente de pedra que está cheio de óleo doce, eu envio para ela.

- (46-50) Agora, quanto Kelia, meu ministro-chefe, e Tunip-iwri, eu os mando. Que meu irmão deixo-os ir rapidamente para que eles tragam um reporte para mim então que eu ouça sobre o bem-estar de meu irmão e alegre-me.
- (51-54) Que meu irmão procure amizade comigo, e que meu irmão e envie seus mensageiros para mim, para que então as saudações de meu irmão venham para mim e eu possa saber.

EA18

TRADUÇÃO

Frente

(1-6) [Para] fale [mensagem de se]u [irmão. {Tudo} está bem comigo, com
vocêq]ue esteja bem [.....] seus oficiais sêniores [..... que esteja] bem

(07-10) [.....] A[rtash]u[mar]a [.....] da t[erra de H]a[ni]gal[ba]t [....] e(?) [..... c]om
você [.....]

Verso

(1-04) e em sua névoa [.....] e em sua névoa uma [...] pedra [....] pedra *hiliba*
incrustada [.....] um único conjunto de utensílios *aškirušh[u].....*

(5-7) [Agor]a Puḥi [..... para o b]em estar [d]e [m]eu [irmão] eu [o] envie [e] que
[meu irmão] o envie [rapidamente. A saudação-presen]te [de meu irmão eu]
vou enviar.

EA19

TRADUÇÃO
VERSÃO REVISADA

- (1-8) [P]ara Nimmureya, o Grande Rei, rei das terras do Egito, [meu] irmão, meu [g]enro, quem me ama e quem eu a[mo], diga: Mensagem de Tušratta, o Grande Rei, seu sogro quem te ama, rei da terra de Mitani, seu irmão: Tudo está bem comigo; que esteja bem com você, com sua casa, com minha irmã e com o resto de suas esposas, com seus filhos, com suas carroças, com seus cavalos, com seu grande exército, com sua terra e com o que quer mais que lhe pertença, que tudo vá muito, muito bem.
- (9-16) Desde (os tempos de) seus antepassados, eles sempre amaram meus antepassados muito. Você, além disso, fez mais e sempre mostrou ainda mais amor por meu pai. Agora, você, na medida em que nós continuamos a amar um ao outro em afeto mútuo, aumentou dez vezes mais do que por meu pai. Que os deuses permitam que todas essas coisas que nós temos amado aqui (= até agora). Que Tešub, meu senhor, e Amon, o façam receptivo para sempre como agora.
- (17-24) Quando meu irmão mandou Mane, seu emissário, dizendo: “Por favor, meu irmão, envie-me uma filha para esposa, para ser a senhora das terras do Egito”, eu não causei aflição ao coração de meu irmão, mas disse, “com prazer! Sim!”. E como foi pedido por meu irmão, eu a mostrei para Mane e ele a viu. Como ele a viu e a elogiou enormemente, eu vou levá-la em segurança para a terra de meu irmão.
Que Šauška e Amon a façam à imagem do desejo de meu irmão.
- (25-29) Keliya, meu emissário, trouxe-me as palavras de meu irmão. Quando eu (as) ouvi, e elas eram muito agradáveis, então eu alegrei-me extremamente, e disse verdadeiramente “Isso é com certeza! Isso que há entre nós, é mútuo, nós amamos um ao outro. Agora, com tais palavras, permita-nos amarmos um ao outro para sempre”.
- (30-33) Quando eu escrevi para meu irmão, eu verdadeiramente disse: “que nós sempre amemos muito, muito um ao outro e que entre nós sempre haja amizade. E para

o meu irmão eu disse: que meu irmão sempre se supere em dez vezes o que ele fez por meu pai”.

(34-38) E eu pedi de meu irmão, muito ouro, dizendo: “Que ele exceda para mim o que foi feito por meu pai; que meu irmão me envie. E como para meu pai você enviou muito ouro para ele: vasos dourados grandes, jarros dourados grandes, você enviou para ele. Tijolos de ouro, no mesmo tamanho dos de cobre, você en[viou para ele]”.

(39-42) Quando eu enviei Kelia para meu irmão e eu pedi ouro, eu verdadeiramente disse: “Que meu irmão exceda para mim [dez vezes] o que ele fez por meu pai e que ele me envie muito ouro que não foi trabalhado”.

(43-48) Que meu irmão envie para [mim] muito mais do que para meu pai e assim eu disse para meu irmão, dizendo: “Eu estou construindo o mausolé[u] de meu avô”. Dizendo, verdadeiramente eu disse: “De acordo com a resposta positiva certa (um oráculo), eu estou fazendo os apetrechos”.

E assim, além disso, eu disse: “Quanto ao ouro que meu irmão está enviando, é para o *terhātum* que ele deveria mandar”.

(49-53) Agora, meu irmão enviou o ouro. Eu disse: “seja isso pouco ou não, não pouco, mas muito, mas isso já foi trabalhado”. Mas se, no entanto, ele foi trabalhado, então, quanto a isso, eu alegro-me bastante e o que quer que meu irmão me envie, eu estou muito feliz sobre isso!

(54-58) Agora eu tenho escrito para meu irmão para que meu irmão aumente sua afeição muito mais do que para meu pai. Agora eu pedi ouro para meu irmão e quanto ao ouro que eu pedi para meu irmão, ele será expandido para atender a dois requisitos; a primeira (parte) é para o mausoléu e, em segundo lugar, ele é para o *terhātum*

(59-70) Então, meu irmão, muito ouro que não tenha sido trabalhado, que meu irmão envie para mim; e que meu irmão me envie mais ouro do que para meu pai. E na terra de meu irmão ouro é abundante como pó. Que os deuses garantam que assim como agora ouro é abundante na terra de meu irmão, que ele aumente o ouro dez vezes mais do que é agora. E que o ouro que eu peço não aflija o coração de meu irmão. E que meu irmão não aflija o meu coração. Então, que meu irmão me envie muito ouro que não foi trabalhado. E o que quer que meu irmão precise para sua casa, que ele me escreva e permita que ele tenha e eu vou

verdadeiramente dar dez vezes o que meu irmão pediu. Essa terra é a terra de meu irmão e esta casa é a casa de meu irmão.

(71-79) Agora meu emissário, Keliya, eu o enviei para meu irmão e que meu irmão não o detenha, que ele libere-o rapidamente para que então ele possa ir. Quanto antes eu souber do bem-estar de meu irmão, eu alegrar-me-ei bastante. Para sempre que eu continue ouvindo que tudo está bem com meu irmão. E por essas palavras que nós vamos continuamente escrever, que Tešub, meu senhor, e Amon, garantam-nas e que elas atinjam seus objetivos e que elas estejam, enquanto elas existiram, como elas estão agora. Assim como agora nós continuamente amamos (um ao outro), então como agora que nós amemos (um ao outro) para sempre!

(80-85) Agora quanto à saudação-presente de meu irmão, eu tenho enviado: 1 grande copo de ouro, com a alça embutida com genuína lápis-lazúli, 1 colar *maninnu* pesado com 20 pedras de genuínas lápis-lazúli e 19 de ouro, cuja peça central é de genuína lápis-lazúli ajustada em ouro; 1 colar pesado *maninnu* com 42 genuínas pedras *hulalu*, 40 triângulos púbicos de Šauška⁵⁵¹, em cuja peça central é em genuína pedras *hulalu* ajustadas em ouro; 10 pares de cavalo, 10 carroças de madeira com seus equipamentos e 30 mulheres (e) homens, como presentes para meu irmão.

⁵⁵¹ Nesse contexto, o termo *suhši*, refere-se a um tipo de vaso de ouro para a deusa.

EA20

TRADUÇÃO
VERSÃO REVISADA

- (1-7) Diga [para Nim]muare'ia, rei da terra do [Egito], meu genro [quem eu a]mo, quem [me] ama. [A mensagem de T]ušratta, rei da terra de Mit[ani], seu sogro [que ama] você, seu irmão. Está {tudo} bem [com]igo. Com você [que esteja b]em, com sua Casa, com [suas] esposas, com seus [fi]lhos, com seus oficiais sêniores, [com] suas carroças, com seus cavalos, com seus guerreiros, [co]m sua terra e suas possessões, que tudo esteja muito, muito bem.
- (8-13) Mane, o emissário de meu irmão, veio em amizade para pegar a esposa de meu irmão, a senhora da terra do Egito, e eu li e reli o tablete que ele trouxe [e] eu ouvi suas [pa]lavras e elas eram muito doces; as palavras de meu irmão como se eu tivesse visto meu irmão em pessoa. E eu alegrei-me naquele dia muito. E eu fiz aquele dia e noite uma celebração.
- (14-17) Eu vou carregar todas as palavras de meu irmão que Mane trouxe para mim. Nes[te] ano, agora, eu vou entregar a esposa de meu irmão, a senhora do Egito, e eles a levarão para meu irmão. Neste dia, Ḥanigbat e Egito serão como [um homem].
- (18-22) E por causa disso, Mane irá se atrasar um pouco. Meu irmão, Keliya e Mane [eu vou] liberar prontamente e eu não vou sobrecarrega-los, [a]ssim, meu irmão, com a tarefa de finalizar o trabalho. Eu não realizei o trabalho para [fazê-lo] dez vezes (mais) para a esposa de meu irmão, mas agora eu vou fazer o trabalho.
- (23-27) Em seis meses, Keliya, meu emissário, e Mane, o emissário de meu irmão, eu vou liberar. A esposa de meu irmão eu vou ent[regar] e eles irão a levar para meu irmão. Que <Ša>uška, minha senhora, a senho[ra {de todas as} terras e] de [me]u [irmão], e Amon, o deus de meu irmão, faça [ela] corresponder ao [desejo de meu irmão].
- (28-32) Eles levarão [a esposa del]e para meu irmão, e que meu irmão, quando [eles a apresentarem] então [ele irá] a ver; ela se tornou muito madura, e ele [irá a desejar]. [Ela] é formada de acordo com o desejo de meu irmão. E, [além disso],

as [saudações-presen]te que eu estou dando, meu irmão [verá], [são melhores] do que se pode contar

(33-38) [Agora] H̄aramašši, [qu]em meu irmão em pessoa [enviou] para [mim, eu envio], e eu confiei um tablete a ele. [Que ele le]ia a men[sagem para meu irmão] e que escute-se as palavras dele. [E agora H̄ara]mašši eu envio para meu irmão [para ... E,] meu [ir]mão não tratou be[m] suas tropas [...]

(39-41) [...] para meu irmão [...]

(42-45) [...] q[uando...] para Man[e, o emissário de meu irmão...] todos eles [...m]orreram diante de mim [.....].

(46-59) [E no que diz respeito ao ouro] que meu irmão enviou, eu conclamei todos os meus [convidad]os [estrangeiros]. [Meu] irmão, [o ouro que ele enviou] na presença de todos eles, agora, foram cortados em aberto [...t]odos eles, eles estavam selados e o ouro estava nã[o-trabalhado! Eles ficaram ch]eios [de raiva] e eles lamentaram dolorosamente, [dizendo,] “Tudo isso é [real]mente de ouro? Isso não está trabalhado!” [E] eles disseram. “Na terra do Egito, ouro é mais abundante que pó”. [E], meu irmão, além do mais, “ele ama você muito. Como pela humanidade, [ele] que ama, então coisas como estas, para ele, ele não da[ria]. A pessoa que desejar, isso é mais abundante do que pó na terra do Egito, mas quem daria a alguém coisas assim cuja soma é tão mes[quinha! Mas] sem contar (que ele daria)”. Eu verdadeiramente disse assim “Eu não posso dizer diante de vocês, ‘Meu [irm]ão, o rei das terras do Egito, me ama muito’”.

(60-63) Mas, meu irmão levará ao coração que meu coração ficou um pouco aflito. E ele só pode ser amolecido. Nunca mais que Teshub permita-me que eu deva me enfurecer assim com meu irmão. Assim, eu tenho falado com meu irmão para que ele saiba.

(64-70) Mane, o emissário meu irmão, e as tropas de meu irmão que o acompanharam. Eu honrei todos eles e eu os tratei com grande distinção. Agora Mane está indo e meu irmão pode interrogá-lo extensivamente sobre como eu o honrei grandemente. Ele vai contar para meu irmão e meu irmão pode ouvir a eles de acordo com o que eu fiz com eles. Como se carecesse a Mane qualquer coisa ele não iria morrer. Ele ainda é ele mesmo e ele não está ficando doente.

(71-79) Então, meu irmão, que ele me envie muito ouro que não foi trabalhado; que meu irmão exceda o lote de meu pai. Que Tešub e Amon garantam que meu irmão

revele amor por mim, que meu irmão me faça glorificado na presença das minhas terras e na presença dos meus convidados estrangeiros.

Que eu realize os desejos do coração de meu irmão para sempre. E que meu irmão realize os desejos de meu próprio coração. Como a humanidade ama o deus do sol, que nós, como agora – que os deuses nos garantam -, possamos continuar a amar [em] nossos [coraç]ões.

(80-84) [E ago]ra, como saudação-presente para eu irmão eu envio: uma fechadura de corda [o... que é de...] e sua base é de pedra *hiliba* cravada em ouro; [... que] tem em sua alça [...]; [...] com pérolas de genuína pedra *hiliba* cravadas em ouro, que é para a mão [...] ... eles irão.

EA21

TRADUÇÃO
VERSÃO REVISADA

- (1-12) Diga para Nimmure‘a, o grande rei, o rei da terra do Egito, meu irmão, meu genro, quem eu amo e que me ama; assim (disse) Tušratta, o grande rei, o rei da terra de Mitani, seu irmão, seu sogro e alguém que te ama: está tudo bem comigo. Com meu irmão e com meu genro que esteja tudo bem. Com sua Casa e suas espo[sas], com seus filhos, com seus homens, com suas carroças, com seus cavalos, com sua terra e com suas possessões que tudo esteja muito bem.
- (13-23) Minha filha como a esposa de meu irmão quem eu amo, eu a dei. Que Šimigi e Šauška a acompanhem. Que eles façam a imagem dela do coração de meu irmão. E, que meu irmão alegre-se ne[st]e dia. Que Šimigi e Šau[ška] deem [para] meu irmão uma gra[nde] bênção e maravilh[oso] deleite. Que eles o abençoem, e que meu irmão vi[va] para sempre.
- (24-32) Mane, o emissário d[e meu irmão], e Ḫane, o interpre[te] de meu irmão eu ex[altei] como deuses. Eu dei [para eles] {muitos presentes}. Eu tratei os dois muito bem porque o reporte deles era excelente. Eu nunca, em nenhum momento, vi homens ambos tão bem formados. Que os meus deuses e os deuses de meu irmão os protejam.
- (33-41) Agora, uma *naḫra* polida para fazer espelho<s> para meu irmão eu mandei para ele, e um colar *maninnu* de pura lápis-lazúli, pura lápis-lazúli e de ouro, eu mandei e que ele permaneça no pescoço de meu irmão por cem mil anos!

EA22

TRADUÇÃO

COL. I.

- (1) 4 cavalos lindos que correm (rapidamente)
- (2-3) 1 carroça, sua *ṭulemu's*, suas correias, sua cobertura, tudo de ouro. São 320 *siclos* de ouro que foram usados nela.
- (4-6) 1 chicote de *pišaiš*, revestido com ouro, seu *parattitinu* de genuína pedra *ḥulalu*; 1 selo de genuína pedra *ḥulalu* está preso nele; 5 *siclos* de ouro foram usados nele
- (7-8) 2 *ša burḥi*, revestido com ouro. 6 *siclos* de ouro (e) 4 *siclos* de prata foram usados neles
- (9-11) 2 *uḥatati* (couro), revestido com ouro e prata; seu centro é feito de lápis-lazúli. 10 *siclos* de ouro (e) 20 *siclos* de prata foram usados neles
- (12-14) 2 colares *maninnu*, para cavalos; {de} genuína pedra *ḥulalu*, fixadas em ouro; 88 (pedras) por corda. São 44 *siclos* que foram usados neles
- (15-20) 1 conjunto de freios para mulas(?) de marfim *gilamu*; seus espinho {são} de ou[ro.....] e [..... d]e alabastro [.....] seus *kuštappanni* [.....] de marfim *gilamu*; e seus [...] de ouro com um tingimento avermelhado.
- (21-22) 2 *nattullu* de couro que são variados como uma pomba selvagem
- (23) 1 conjunto de cabos de bronze
- (24-30) 1 (conjunto de) rédeas, sua base e tiras {são} revestidas com ouro, o *tašili* {é} de ouro com tingimento vermelho, sua parte superior inteiras é uma figura de ouro [.....] a abertura [...] sua superfície [.....] É cravejado com ornamentos *dardarah* de ouro; e a “casa” [...] é cravejada com ornamentos *dardarah*, também com ouro. 60 *siclos* (de ouro) foram usados nisso
- (31) [x] boas flechas afiadas
- (32-35) [1] adaga, a lâmina dela é de f[e]rro, seu punho {é} de ouro com desenhos, seu cabo{é} de ébano com figuras de bezerras, revestida com ouro, seu [punh]o é de pedra[...]; seu [.....] revestido com ouro, com desenhos. 6 *siclos* de ou[ro] foram usados nela

- (36-37) [1] arco do tipo *apisamiuš* [...], revestido com ouro. São 4 *siclos* de ouro que foram usados nele
- (38) 1 maça de ferro revestida em ouro. 15 *siclos* de ouro foram usados nela.
- (39-40) 1 faca *zallewe* de bronze, seu [pun]ho {é} revestido com ouro. 3 *siclos* de ouro foram usados nela
- (41) 1 bastão de arremesso *addu* de *pišaiš*, revestido com ouro. 2 *siclos* de ouro foram usados nele
- (42-43) 1 arco *tilpānu* de *zamiri*, 4 vezes revestido com ouro. 6 *siclos* de ouro foram usados nele.
- (44) 2 camisetas multicoloridas
- (45) 1 conjunto de bridões de prata; [5]0 *siclos* em peso
- (46) 1 par de luvas que estão adornadas com lã vermelha
- (47) 1 escudo [...] de prata, 10 *siclos* em peso
- (48-54) 1 cabresto de couro, “pedra lascada” de genuína pedra *hulalu*; sua incrustação de genuína lápis-lazúli, o *tašli* (com) incrustação de genuína [lápis-lazúli]. Sua peça central está colocada com pedra *hiliba* e (essa) pela central d[e pedra *hili*]b[a] está fixada em genuína lápis-lazúli. 2 genuínas pedras *hulalu*, fixadas [em ou]ro, que estão presas em suas faixas. 1 selo de genuína lápis-lazúli fixado em ouro. 1 pedra *hulalu*, o contrapeso, que está preso no seu posterior. 10 *siclos* de ouro foram usados nele.
- (55-57) 1 fraco em forma de cavalo, de metal *amutu*, com águias de ouro como incrustação e (também) sua incrustação de genuína lápis-lazúli. 300 *siclos* em peso.
- (58-59) 1 espanta moscas de ouro junto com seu pano de linho. 3 *siclos* em peso.
- (60) [1] contrapeso, 10 *siclos* em peso
- (61) [1] pene]ira de ouro. 20 *siclos* em peso
- (62-66) [1 ...] de pedra, seu topo {é} de pedra *muš[šaru ...]* seu punho {é} revestido com ouro. 2 vezes [...] seu [.....] de pedra *pendu* [.....] de ouro [.....] [x] *siclos* de ouro foram [usados] nisso

COL. II

- (1-2) 1 pul[seira de m]ão de f[err]o, [revestida com our]o, seus pássaros *mesukku* (têm) uma incrustação de genuína lápis-lazúli. 6 *siclos* de ouro foram usados nela.

- (3-4) 1 pulseira de mão de ferro, revestida com ouro seus pássaros *mesukku* (têm) uma incrustação de genuína lápis-lazúli. 5 *siclos* de ouro foram usados nela.
- (5) 1 tornozeleira de ouro, incrustada. 5 *siclos* de ouro foram usados nela.
- (6-8) 1 colar *maninnu*, aparado de 35 genuínas pedras lápis-lazúli. 35 genuínas pedras *hiliba*; no centro {tem} uma genuína pedra *hulalu*, fixada em ouro com um tingimento avermelhado
- (9-10) 1 conjunto, para a mão⁵⁵², contas de genuína lápis-lazúli. 6 por corda, fixadas em ouro. 6 *siclos* de ouro foram usados nisso.
- (11) 1 conjunto de *karatnannu* de ouro, 2 *siclos* em peso.
- (12-13) 1 adereço de cabeça de ouro, torcido como um torque. 14 *siclos* em peso.
- (14-15) 1 conjunto de *arapšanna*. 6 *iduzzarra* de ouro com um tingimento avermelhado. 12 *siclos* em peso
- (16-19) 1 adaga, a lâmina dela {é} de ferro, o punho tem uma incrustação de pe[dra], revestida com ouro, seu cabo{é} de pedra [...], seu [...] fixado em ouro; seu *maṭru* (com) acabamento variado de lã roxa-azulada. 2 vezes revestida com ouro. 14 *siclos* foram usados nela.
- (20-22) 1 *zallulu*, seu *rettu* {é} revestido com pedras *hiliba* e genuína lápis-lazúli. O cabo {é} a figura de uma mulher de alabastro; a incrustação {é} de genuína lápis-lazúli. 6 *siclos* de ouro foram usados nisso.
- (23-26) 1 par de sapatos de cor *dušu* (couro) e cravejado com ornamentos *dardaraḥ* de ouro, seus botões {são} de pedra *hiliba* com ornamentos *kar[atn]annalla* de genuína lápis-lazúli colocadas aqui e [ali]. 13 *siclos* de ouro foram usados neles. 1 par de calças d[e lã desgrenhada]
- (27-28) 1 par de sapatos *betatu* bem providos com ornamentos *dardaraḥ* de ouro. 6 *siclos* de ouro foram usados neles.
- (29-32) 1 par de sapatos de lã roxa-azulada, seus [...] e seus [...] de ouro, seus botões de pedra *hiliba*; o centro, uma incrustação de genuína lápis-lazúli. 4 *siclos* de ouro foram usados neles. 1 par de calças de [lã] desgrenhada
- (33-34) 1 par de sapatos de linho colorido, que tem *iduzzarri*. 1 par de calças de lã desgrenhada.
- (35) 1 par de sapatos de linho colorido. 1 par de calças de lã desgrenhada.
- (36) 1 vestimenta de lã roxa-azulada. 1 par de camisetas estilo hurríta urbano

⁵⁵² De acordo com Rainey e Moran, “para a mão” significa “solto”.

- (37-38) 1 camiseta urbana, estilo *tukriš*. 1 par de f[aix]as de lã vermelha, adornadas
- (39-40) 1 vestimenta de linho, tipo *aššiani*. 1 par de camisetas estilo hur<rita> de linho.
1 camiseta urbana de linho. 1 manto de linho
- (41-42) 1 vestimenta *hašuru*. 1 par de camisetas estilo hurrita de linho. 1 par de
camisetas urbanas. 1 manto e 1 chapéu de lã roxa-azulada.
- (43-44) 1 espanta moscas, seu *rettu* (tem) uma incru[stação] de genuína lápis-lazúli [...]
pedra *hiliba* [Seu] punho [{é} revestido com ou]ro
- (45-47) 3 vezes; sua incrustação de genuína de lápis-lazúli, sua base de [genuína l]ápis-
lazúli. Suas serpentinas de tecido (seguras por) corda [...] 25 *siclos* de ouro
foram usados nele
- (48-50) 1 espátula *mumerritu* de [...] e seu cravejado [com ornamentos *dardarah*] de
ouro, seu punho{é} de ébano [...] 6 *siclos* de ouro for[am usados] nela
- (51) 1 bacia lavatório de prata. 140 *siclos* de prata em peso.
- (52) 1 pedra[...] (com) marfim *gilamu*. 70 *siclos* em peso.
- (53) 1 tubo de prata (com) marfim *gilamu*, 77 ½ *siclos* em peso
- (54-56) 2 arcos [...] seus ornamentos astrágalo revestidos com ouro, e em um deles está
o reve[sti]mento duplo; 10 *siclos* de ouro foram usados neles.
- (57-58) 10 lanças de bronze cm revestimento duplo de ouro. 6 *siclos* de ouro foram
usados nelas.
- (59-60) 1 machado *makkasu* de bronze, seu cabo {foi} duas vezes revestido com ouro.
3 *siclos* de prata foram usados neles.
- (61) 10 pentes grandes de (várias) pedras
- (62-64) 1 frasco de pedra, 1 recipiente de capacete de alabastro (com) uma incrustação
de genuína lápis-lazúli, seu aro {é} revestido com ouro. 3 *siclos* de ouro foram
usados nele.
- (65-66) 1 recipiente de capacete de malaquita, revestida com ouro. 4 [*siclos*] de ouro
foram usados nele.
- (67-68) [1 ...] de pedra *marhallu*. 1 tigela *kuninnu* de pedra *marhallu* [...] de pedra
hulalu. 1 contrapeso de pedra.
- (69-71) [*x* ...] de ébano, seu centro e [seus] degraus [{são} revestidos com ouro, acim]a
e abaixo [...] e marfim [fixado em] ou[ro ...]

COL. III.

- (1) [.....]

- (2-4) [x] seus degraus [{são} revestidos com] ouro [acima e] abaixo revestidos com prata, 60 *siclos* de ouro, {e} 40 *siclos* de prata foram usados neles
- (5-6) 1 placa com discos alados e monstro(s) do dilúvio, de ébano revestida com ouro. 30 *siclos* de ouro foram usados nela.
- (7-9) 1 adaga, a lâmina {é} de ferro, seu punho {é} de ouro com desenhos; seu punho de [...]; uma incrustação de genuína lápis-lazúli, seu cabo de pedra *hiliba*. 5 *siclos* de ouro foram usados nela.
- (10) 1 conjunto de sal (recipientes em forma) de bezeros e leões, de pedra *hiliba*
- (11) 1 ba<ndej>a, revestida com prata. 60 *siclos* de prata {foram} usada nela
- (12) 1 gamela pequena revestida com prata. 40 *siclos* de prata foram usados nela
- (13-15) 1 tigela de ouro, 10 *siclos* [em] peso. 10 tigelas de ouro; 1 tigela de prata, 10 *siclos* em peso. 1 gamela pequena de prata, 10 *siclos* em peso.
- (16-17) 1 pá de pão, seu *rettu* de pedra [...], seu punho, revestido com ouro, seu cabo, um pássaro *mesukku* de pedra [...]. 2 *siclos* de ouro foram usados nela.
- (18) 1 pá de pão de ouro. 5 *siclos* em peso. 1 pá de pão de prata [*x si*]*clos* em peso
- (19-20) 1 pá de pão de ébano. 1 pá de pão de marfim. 1 pá de pão madeira. 1 *awatamulušhe* de marfim
- (21) 1 braseiro de prata. 66 *siclos* em peso
- (22-23) 1 baú sem uma cobertura, de ébano, com discos alados, revestido com ouro e prata. São 2 *siclos* de ouro {e} 49 *siclos* de prata {que} foram usados nele.
- (24-25) 10 vestimentas brilhantes. 10 pares de camisetas estilo hurrita. 10 pares de camisetas urbanas. 10 mantos. 10 pares de botas
- (26) 19 pares de calças. 10 pares de sapatos *betatu*
- (27) 1 tanga de tecido colorido. 1 *šusuppu* de linho, adornado com tecido colorido.
- (28) 1 *šusuppu* de linho, adornado com tecido colorido
- (29-35) 1 recipiente de perfume, de pedra, com óleo de essência de mirra. 1 recipiente de perfume, de pedra, com óleo puro. 1 recipiente de perfume, de pedra, com óleo *iaruttu*. 1 recipiente de perfume, de pedra, com óleo de mirra. 1 recipiente de perfume, de pedra, com óleo *kanatku*. 1 recipiente de perfume, de pedra, com óleo *su'adi*. 1 recipiente de perfume, de pedra, com óleo de estoraque. recipiente de perfume, de pedra, com óleo *peršanti*. 1 recipiente de perfume, de pedra [...]
1 recipiente de perfume, de pedra, com uma mistura (de vários óleos).
- (36) 10 potes kirru, cheios de óleo doce

- (37-40) 1 conjunto de couraça de bronze, 1 capacete de bronze [p]ara um homem. 1 conjunto de couraça de couro, 1 capacete [de br]onze para soldados *sarku*. 1 conjunto de couraça de couro, para cavalos, ajustado com an[éi]s de bronze.
- (41) 2 capacetes de bronze p[ara ca]valos
- (42-43) 1 escudo, seu *urukmannu* {é} revestido com prata. 10 *siclos* de prata foram usados nele.
- (44) 9 escudos, seus *urukmannu* {são} de bronze
- (45-46) 100 arcos do tipo *apisamuš* de ou[ro]
- (47) 1000 flechas afiadas. 2000 flechas [...]
- (48) 3000 flechas [...]
- (49) 10 dardos com pontas de fer[ro]
- (50) 10 dardos com pontas de [bro]nze
- (51) 20 flechas [..... dar]dos [...]
- (52) 20 flechas com “espi[nhos”...]
- (53) 20 flechas [tipo] *šuku[du]*
- (54) 20 flechas (para serem lançadas) flamejantes. 20 flechas [.....]
- (55) 10 maçãs de [...]
- (56) 10 facas *zallewe* de b[ronze]
- (57-59) 10 *ubānu*⁵⁵³ ligados, de br[onze, e 1 arc]o 2 vezes revestido com prata. 2 *siclos* de prata foram usados neles
- (60-61) 10 lanças [.....]
- COL. IV.
- (1) [...] de [.....]
- (2-3) [x ...] pequenos d[e.....]
- (4-5) [... par]a um homem, seu *erattinnu* {é} de ouro [.....] 8 *siclos* em peso.
- (6) 1 colher de madeira *elammakku*. 1 *sumbiru* de jaspe.
- (7-8) 1 conjunto de *tellanu* de alabastro. 5 cachorros de ouro. 5 *siclos* em peso.
- (9) 5 cachorros de prata. 5 *siclos* em peso
- (10) 6 *sarra* de alabastro
- (11) 1 (tecido) com cordões em cima e embaixo
- (12) 3 cobertores grandes
- (13) 1 colcha longa, para camas

⁵⁵³ Ver CAD 20, pp. 3-9 – em especial *ubānu* 1c. O termo se refere a objetos com formato de dedos, no caso da carta, de touro. Rainey e Moran, traduzem como “bull-toes”.

- (14) 1 colcha curta, cujos adornados são muito coloridos, para uma cama
- (15) 1 coberta para a cabeça. 1 coberta para o pé
- (16) 1 capacete de bronze como um braseiro. 1 conjunto de [...] de madeira
- (17) 1 ânfora, junto com sua cobertura, de bronze
- (18) 1 chaleira de bronze. 1 concha de água de bronze
- (19) 10 jarros de bronze, 10 suportes de bronze
- (20) 1 braseiro de bronze. 10 *wutru* de bronze
- (21) 10 lanças de bronze. 10 arcos de bronze
- (22) 10 bacias lavatório de bronze. 10 braseiros de bronze
- (23) 2 pinos de bronze. 30 *sakku* de bronze
- (24) 10 chaleiras de bronze. 10 conjuntos de *angurinnu* de bronze
- (25) [x ...] de bronze. 10 *appanenu* de bronze
- (26) [x ...] de bronze. 5 regadores de bronze
- (27) 1 bacia de bronze, 1 *pulluštu* de bronze
- (28) [x] vasos [...] de bronze, junto com um braseiro de bronze.
- (29) [x] vasos [...] de bronze. 1 turíbulo de bronze
- (30) [x] vasos [...] de bronze. 1 suporte para um pote, de bronze
- (31) [x] vasos [...] de bronze. 1 baú de bronze
- (32) 10 [...] de bronze. 6 *gungubu* revestidos com bronze
- (33) Para 10 equipes: [...] coberturas de uma carruagem
- (34) 4 gamelas pequenas de madeira *elammakku*. 1 gamela pequena de madeira
- (35) 5 colheres. 500 *gunte memetu* grandes
- (36) 500 *gunte memetu* pequenos do [de]pósito
- (37) 10 postes de carruagem. 10 estruturas de carruagem
- (38) [x] jugos [para uma ca]rruagem [...] a plataforma de carruagem
- (39) Com suas [...] 12 jugos [para] uma carruagem
- (40) 10 equipes [...] para uma carruagem
- (41) 10 equipes [.....] de madeira *kiškannu*
- (42) 400 [.....]
- (43-49) São todos esses presentes de casamento, de todos os tipos, que Tušratta, o rei de Mitani, deu para Nimmureya, o rei do Egito, seu irmão e seu genro. Ele os deu ao mesmo tempo em que ele deu Tadu-kheba, sua filha, para o Egito e para Nimmureya para matrimônio.

EA23

TRADUÇÃO
VERSÃO REVISADA

- (1-3) Diga [pa]ra Nimmureya, rei da terra do Egito, meu irmão, meu genro, quem eu amo e que me ama;
- (4-12) Assim (diz) Tušratta, rei de Mitani, que te ama, seu sogro: Para mim tudo está bem, para você que esteja bem. Para sua casa, para Tadu-Ḫeba, minha filha, para sua esposa quem você ama, que esteja tudo bem. Para suas esposas, para seus filhos, para seus oficiais sêniores, para suas carroças, para seus cavalos, para suas tropas, para suas terras e quaisquer coisas que lhe pertençam, que esteja tudo muito, muito bem.
- (13-17) Assim (disse) Šauška da cidade de Nineveh, senhora de todas as terras: “Para a terra do Egito, para as terras que eu amo, eu verdadeiramente iria e então eu verdadeiramente voltaria”. Agora eu (a) mandei, ela já saiu
- (18-25) Agora, foi no tempo de meu pai que Šaušaka, a senhora foi para aquela terra, e assim como formalmente residiu lá e eles a honraram, então agora, quanto ao meu irmão, que ele a honre dez vezes mais do que antes. Quanto ao meu irmão, que ele a honre; com alegria que ele a libere e que ela retorne.
- (26-30) Que Šauška, a senhora do céu, nos proteja, meu irmão e eu, por centenas de milhares de anos; e que nossa senhora nos garanta, para nós dois, grande alegria e que nós hajamos como amigos.
- (31-32) É Šauška minha divindade e não a divindade de meu irmão?

Três linhas, em hierático, em tinta preta: Ano [de gover]no 36, quarto mês, dia 1. Ele (o rei) estava na vila sul da casa de regozijo [.....]

EA24

TRADUÇÃO
VERSÃO REVISADA

Frente

COL. I.

§1

(1-7)

[Diga para Nim]murey[a, o grande rei do Egito, meu irmão, meu genro], q[uem eu amo (e) que me ama: Assim (diz) Tu]šra[tt]a, o r[ei da terra de Mitani, seu sogro, que ama você, seu irmão]. Tudo está bem comigo. [Que tudo] vá b[em com você]. Para m[eu g]enro, suas esposas, [seus filhos, seus] oficiais sêniores, seus [cav]alos, suas carroças, su[as tropas], sua terra e suas [pos]sessões, que tudo vá muito bem.

§2

(8-15)

Verdadeiramente, nossos antepassados [os meus(?) e] os de meu irmão, estavam em relações amigáveis, [...] tudo... da(?) terra do Egito. Os hititas são *heri*(?) da [terra] hurrita [...] eles são numerosos(?). Como [...]. O *hitita* é(!?) inimigo do [rei] *hurrita*.

§3

(16-20)

[...] Assim isso é. [...] não é como um inimigo. [...] meu irmão deu(?) [...] E nós queremos ser bons um ao outro] (e) amar um ao outro

(21-27)

A [terra] *hurrita* e [a] terra [egípcia] [...] Teshob e Amon(?)[...] e [...] nós/nosso [...] muito, muito

§4

(41-46)

[.....] eles [não?] existem [.....] Eu estou fazendo e eu vou [...] isso [.....] Quatro [.....] e ele deu [.....]

§5

(47-58)

[...] de novo, a filha de meu pai Shuttarna [...], em contraste, ele fez [dez vezes] para meu avô [...] dois [...] meu irmão [...] Quando ele me enviou (com as palavras:) “Tado-Heba, sua filha, dê-me como esposa”. [...] Eu não disse “Não!” para Aššutemi, e [...] para Mane, seu emissário [.....] dos [...] meu irmão, que [...] graciosamente [...] se(?) [...].... eu/mim tudo [mui]to, muito [...] tudo que [...] eu fiz graciosamente.

§6

(59-64)

[...] Mane, seu emissário, [...] e você enviou um presente em forma de um bom óleo para a cabeça dela [...] e você ungiu a cabeça dela com óleo; a [esposa] de meu irmão é(?) a Senhora da terra do Egito, e [...] tudo [...] ele levou [...].

§7

(65-73)

[...] agora meu irmão enviou. E o *terḥatum* [...] e minha {terra} inteira [...] meu irmão [...] muito, muito [...] e eu fiz tudo totalmente [...] muito, muito gracioso com meu/minha [...] (e) com aqueles que eu amo. Mane, seu emissário, viu todas as coisas que eu fiz.

§8

(74-82)

Como agora meu irmão me ama, como agora eu amo meu irmão, então, que Teššop, Šauška, Amanu, Šimige, Eâ-šarri e todos os deuses nos amem em seus corações muito, muito para que [nós] por muitos anos regozijemos. E as coisas que nós desejamos para nós, que nós graciosamente façamos generosamente, um para o outro, entre nós.

§9

(83-109)

E Keliya, meu emissário, falou as seguintes palavras, e ele falou como segue: “Seu irmão, Nimmureya, o senhor do Egito fez um presente *abli* e para Ionu(?), a cidade de Šimīge, ele o enviou. E para Šimīge, seu deus, seu pai, ele (o) conduziu. E ele realizou todos os presentes de seus antepassados”. E a terra de seu irmão ficou maravilhada com todos os objetos(?) de saque. Então o presente foi enviado e seu irmão em pessoa ficou satisfeito(?) em ver os presentes. E Keliya observou o seu departe e disse como segue: “Ele tem por volta de dez mil *hari* [...] Assim ele fez isso para que chegasse na cidade de Šimīge, e eu [...] muito”. Assim ele escreveu (lit. falou) seu ato. Quanto as (coisas que) ele está fazendo para si na terra de meu irmão como *eroški*, isto é, o *eroški* que meu irmão fez a respeito de seus presentes, que Šimīge, Amon e Eâ-šarri envie gloriosamente, em [...] e em vida. As coisas que meu irmão fez como presentes para Šimīge, seu senhor, seu pai, que Šimīge dê ao meu irmão e tudo que meu irmão desejar de coração, ele vai enfrentar. Que assim seja (lit. assim é).

§10

(110-114)

Então, que meu irmão não se aflija sobre isso. Os envios de meu irmão que eu [.....] e [...], estes eu(?) de forma alguma(?) atrasei(?), e que meu irmão os ouça, [...] Keliya, meu emissário, e Mane, seu emissário, eu permiti que partissem e eles estão indo para meu irmão

COL. II.

(1-11)

[...] e meu irmão [...] eles [...] e muito rapidamente que eles retornem. Quanto ao que eu (ainda) não fiz para a esposa de meu irmão, quando eu ouvi Keliya e Mane (pessoalmente), quando eles partiram, eu [...] e [...] para o dote da esposa de meu irmão eu estou [...] e eu vou estar muito, muito ocupado(?) de mesmo modo como o coração de meu irmão e [...] nós poderemos [...] de nosso [...]

§11

(12-24)

E eu queria dizer mais uma coisa ao meu irmão e que meu irmão aceite. Assim (agora) Mane, o emissário de meu irmão está vindo. Quando o dote for trazido(?) – o *terhatum* que meu irmão enviou [como] meu presente – quando Mane [o entregar], eu vou reunir todas as minhas terras. E meus convidados estrangeiros, quantos eles são, estavam lá. E eu disse para Mane: “Todos [...] que meu irmão enviou, todos os recipientes(?) de tabletas que meu irmão enviou, eles estavam sem danos(?). [o selo/recipientes selados(?)] deveriam estar todos quebrados, eles deveriam ser catalogados(?), os presentes deveriam ser espalhados”

§12

(25-33)

E ele fez muito sobre o que foi mencionado [.....] e eu disse: “Minha terra vai [.....] mim, meus honrados convidados (estrangeiros) estavam [...] mim. Se todos es[ses(?).] Recipientes de tabletas(?) e todos os vasos(?) [...] eu todos [...] para minha terra (e) para meus honrados convidados (estrangeiros) [.....] Como el[es] [.....] mu[ito]

§13

(34-56)

[.....] Eu [.....] (linhas 35-37 estão muito danificadas e 38-47 completamente destruídas) [.....] m[eu] irmão [.....] eu. Se eu excessivamente muito [...] meu irmão vai informar-me imediatamente(?) que eu/meu [...] e quanto as coisas(?) terríveis, que os deuses não permitam, [eu...] ofendi [...]. Se ele dever vir com isso meu irmão deveria mandar um carregamento de ouro como meu presente,

por isso eu deveria alegra-me de coração, excessivamente, totalmente. E assim eu agora disse-as (essas palavras) para meu irmão (e) que (ele as) saiba.

§14

(57-64)

Agora, entretanto, que meu irmão envie Mane, seu emissário. Se ele puder trazer aqui vasos(?), quatro de ébano, dois de marfim, [...] de ouro, em todo[...], como eu regozijei excessivamente pelo grande dote [.....] o que meu irmão irá enviar, atentando-me eu vou [regozijar](?) excessivamente.

§15

(65-83)

E as coisas que Teššub e Amon fizeram por nós, deveriam [.....] Assim como [.....] amamos um ao outro, então nós entre nós, e entre nós somos um. A terra hurrita e a terra egípcia estão entre eles como uma única terra e apoiam uma a outra. Eu sou como o se[nhor] da terra egípcia e meu irmão é como o se[nhor] da terra hurrita. Então todas essas terras, tão bem como nós, seus senhores, se as grandes coisas como [.....] em nossa igualdade de *status*, nossas divindades trouxeram, nós não enviamos [.....] de nossas divindades, Teššub e Amon? Ninguém cultivou um contato de afeição em respeito aos nossos antepassados (e) eu. Outra coisa é: e todas as coisas que [.....], por nós [...] verdadeiro![...] terra [...] Por nós que eles [.....]

(84-85)

Todas [...] outras terras, que meu irmão [...] visando suas(?) únicas palavras, eu vou cultivar com meu irmão um contado de afeição. Então que seja (lit. então sou eu).

§16

(86-94)

Que meu irmão envie Mane. Quando ele estava presente, eu dei uma recepção(?) de forma adequada e as outras terras (e) todos os emissários estavam presentes, e ele falou(?), (e) todos os outros reinos (e) meus vassalos estavam presentes. Quando eu [...] minha cabeça [...] quando Mane não está lá [...] todas as outras (coisas), que eu faço. Então que meu irmão nutra uma associação cordial [...] e todos os reinos [...]

§17

(95-98)

Mane, {seu} emissário, está muito bem: não existe nenhum outro [ho]mem como (ele) em todas as terras, então que meu irmão o envie de volta mais uma vez para minha terra [.....] que eu já vi.

(99-106) [.....] o que ele fez em minha terra, não existe; meu próprio irmão fez um grande negócio para Mane. De [.....] não existe. A palavra que Mane levará para meu irmão é gra[ciosa] e verdadeira. E meu irmão deve {...}, ele não é mau, ele não muda nada para meu irmão d[e] sua p[alavra], ele não muda uma palavra para mim. Ele fala (e) eu ouço [s]uas [palavr]as(?). Ele não troca falsidade por verdade e falsidade ele não repete como verdade

§18

(107-115) Agora, porém, m[eu] irmão [env]iou e (seguramente) [meu ir]mão enviou Mane, e soldados *huradi* meu irmão enviou para mim junto com [Man]e . O *terh[atum]* qu[e me]u irmão [enviou](?) aqui. {...} [e] meu irmão [...] para Mane, [{os emissários de] m[eu] ir[mão] [.....] excessivamente [...] eu não fiz [.....{trecho bastante fragmentado}]

§19

(116-125) Isso que [...] meus irmãos, que vieram com Mane, eu honrei grandemente, eu entretive [...] A tropa de meu irmão [...] eu os engordei de boa forma, assim eu os entretive. Assim, é verdade, isso pode [.....] como eu entretive a tropa de meu irmão, como eu (os) engordei.

Verso

COL. III.

(1-10)

E meu irmão quis uma esposa, uma pr[incesa do] Egít[o] e eu a entreguei, e ela foi [para meu] irm[ão]. {...} Tudo foi medido(?), todos deveriam ver isso tudo! Isso é(?) tudo uma grande alegria, e [...] em verdade! Assim como (interessa) à terra hurrita em todos os sentidos, então, também o que (pertence) a terra egípcia, através, foi a esposa de meu irmão mostrada para meu irmão, em relação a tudo isso [.....] não é cego. Verdadeiramente, [.....] verdadeiramente.

§20

(11-20)

E agora eu dei uma esposa para o meu irmão e ela foi para meu irmão. Quando ela chegar, meu irmão a verá, que ela foi dada(?). E ela vai ao meu irmão, ela corresponde ao desejo de meu irmão, como ela foi dada(?). E de novo meu irmão verá o dote, que ele foi dado(?). E nós [...] de nosso [...] (As coisas) que eu mandei para meu irmão, eu enviei, e meu irmão as verá, elas vão ao meu irmão e elas [.....]

§21

(21-34)

E agora, quando a esposa de meu irmão chegar, quando ela vai ser mostrada ao meu irmão, que ela esteja vestida como minha carne(?) de minha (carne), e, como minha carne, que ela seja mostrada. E que meu irmão reúna todo {seu} reino e todas as outras terras e os convidados de honra (e) todos os emissários devem estar presentes. E que eles mostrem seu dote para o meu irmão, e que eles espalhem tudo sob os olhos de meu irmão. Quando isso estiver espalhado diante dos olhos de meu irmão, que eles [...] em um lugar. E que meu irmão pegue todos os nobres convidados e todos os envios e todas as outras terras e os guerreiros de carroça que meu irmão desejar, e que meu irmão entre e que ele espalhe o dote e que eles se adequem (aos desejos dele).

§22

(35-43)

Agora, a filha de meu pai, minha irmã, está em pessoa aí, e o tablete de seu dote está disponível; e a filha de meu avô, a irmã de meu pai, está em pessoa aí. Que meu irmão tenha os tabletas de ambas e que ele ouça as suas palavras. E o tablete do dote que eu dei, que ele também seja entregue a ele e que meu irmão o escute (e entenda) que o dote é extenso, que isso é esplêndido, que isso é condizente com meu irmão.

§23

(44-48)

Se, por outro lado, os tabletas do dote de minha irmã e da irmã de meu pai não estiverem disponíveis, meu irmão [...] ele mesmo não(?) e não há alguém que não saiba isso, e meu irmão sabe que nenhum (tablete) existe, em respeito aos reis, e ele não está informado.

§24

(49-50)

Para meu irmão eu vou dizer apenas (uma coisa) e que meu irmão ouça isso. Eu dei para meu irmão muito mais do que meus antepassados,

(51-65)

de uma forma amável [...] e eu com uma única (remessa) fiz dez vezes mais. Novamente, as (coisas) que meu avô (e) meu pai enviaram para o seu pai e para você como presente, agora, eles foram generosos(?), mas eles estavam de acordo com seu valor(?), mas não era igual ao [valor] da minha (embarcação). E agora meu irmão verá (as coisas), ele mesmo, que eu despachei. Assim, eu vou enviar para meu irmão (presentes) com certeza! Então eu vou tratar o meu irmão fielmente. Assim, eu vou mostrar amor recíproca, com certeza!

§25

(66-70)

E quanto aos cavalos(?), meu irmão não os banhou a ouro do modo que meus antepassados faziam. O ouro de [...] que seu pai enviou para meu avô como *terḥatum*, o (ouro) que você mandou para meu pai como o *terḥatum* era muito maior do que o de seu pai. E meu irmão não fez o mesmo para mim.

(71-91)

como aquilo que ele enviou para meu pai como o *terḥatum*. E que meu irmão me faça glorioso aos olhos dos reis, meus colegas (e) das outras terras. Com ouro em grande quantidade, que meu irmão veja que eu estou munido e que eles me contemplem. E que meu irmão, além disso(?), olhe por minhas relações exteriores uma vez e que ele não aflija meu coração. E que meu irmão dê, do modo desejado, [em acordo c]om meu coração, [aquilo que] (corresponde aos meus desejos). E que meu irmão garanta(?) para mim muito mais do que meus antepassados, e que meu irmão (me) faça muito esplêndido nos olhos (lit. singular) de minhas terras, e que meu irmão não aflija meu coração! A propósito, uma vez eu desejei uma imagem de ouro fundido de minha filha.

(92-107)

Eu sei que meu irmão me ama excessivamente, mas eu também sei, pelo meu irmão, ouro, se é isso [...] na terra dele, é abundante; aos olhos de meu irmão isso não é caro, então, que meu irmão não o retenha, que ele não aflija meu coração, e que na quantidade disponível [...] que meu irmão me dê de acordo (com meus desejos). Quanto a um outro(?), que meu irmão me dê uma imagem em marfim. Como eu vou falar com minha divindade, Šauška de Niniveh. “Uma imagem de ouro deveria para mim como minha [...] estar disponível!”. Então, que esteja (lit. então está). Diante da Terra e diante do Céu as palavras estão ditas(?), como elas foram faladas, então que seja (lit. então é)! “Essa imagem fundida é Taduḥeba, a filha de Tushratta, o senhor de Mitani, que ele deu como esposa para Immoriya, o senhor do Egito. E Immuriya fez uma imagem fundida de ouro e enviou amavelmente para Tushratta.”

§26

(108-109)

E por causa disso tudo, nós somos uma mente um com o outro, e ambos amamos um ao outro excessivamente. E nossas terras

(110-124)

ajudam(?) uma a outra. Se apenas um inimigo de meu irmão não existisse! Mas no caso de, em algum momento, um inimigo de meu irmão invadir sua terra, (e) meu irmão escrever para mim e a terra hurríta, amaduras, armas e tudo junto

que pertencer aos inimigos de meu irmão estarão a sua disposição. Contudo, por outro lado, se houver um inimigo meu – se eles apenas não existissem! – eu vou escrever para o meu irmão e meu irmão vai enviar a terra egípcia, armaduras, armas e tudo junto que pertença ao meu inimigo [.....] nosso inimigo [...] Grandes(?) Reis, Grandes(?) Reinos [...] inimigos [.....] aquele inimigo, que [...] um inimigo nosso não está presente, e não há ninguém como nós apesar disso tudo.

COL. IV.

§27

(1-5)

E eu quero dizer mais uma coisa ao meu irmão: Na presença de meu irmão palavras más são numerosas; aquele, que fala (para ele), não está (entretanto) imediatamente disponível, essas palavras más não vêm diante dos olhos de alguém grande. (Agora, no entanto,) uma palavra má foi dita(?), um fofoqueiro(?), com má educação, falou para meu irmão em <em relação a> minha pessoa, ele me denunciou

(6-29)

e eu, por outro lado, ouvi que meu irmão fez um/uma [...] coisa e um grande [...] meu irmão [...] e para (ou entre) as pess[oas] de Awari ele proveu e ele [...] Eu ouvi sobre isso e eu regozizei. Se meu irmão não tivesse agido de tal forma eu teria ficado muito triste. E de novo não um fofoqueiro(?) falou: Parattuiranna disse isso: Meu irmão é fraternal. A palavra relevante é imediata, a palavra relevante está [...] modo de falar, e que meu irmão [...] isso em sua mão, a respeito do Grande [...] eles por exemplo [...] aquele não falou uma palavra má para meu irmão. Quanto a uma palavra má que alguém, por exemplo, disse para meu irmão em relação a mim (ou) em relação a minha terra, essa palavra não deve ser ouvida se Mane ou Keliya não a disser. Quanto a (palavra), entretanto, que Mane e Keliya dizem em relação a mim (ou) em relação as minhas terras, isso é verdade e correto, então que meu irmão as escute! Quanto ao que também alguém pode expressar para mim em relação ao meu irmão (ou) em relação as suas terras, eu não vou ouvir. Se Keliya e Mane falarem em relação ao meu irmão (ou) em relação a suas terras, isso (a palavra) é verdade e correto e eu vou a ouvir!

§28

(30-39)

E agora todas as coisas que meu irmão nomeou (e) quer. Isso eu fiz dez vezes mais. E com nenhuma palavra eu afligi o coração de meu irmão. A esposa de meu irmão eu dei, que combina com o desejo de meu irmão. Agora, eu mandei Mane novamente, o emissário mais magnífico de meu irmão. Agora, também, (eu despachei) Keliya e Ar-Teššob e Asali – Keliya é um oficial sênior e Asali é meu escriba de tablete – [...] para meu irmão e meu irmão os verá.

§29

(40-44)

E que meu irmão não detenha meus emissários, que ele não [(os) ...] e que meu irmão não [(me){?} ...] E que meu irmão os libere rapidamente e uma palavra [...] eu. Sobre o bem-estar (e a) boa situação de meu irmão, que eu escute e eu vou regozijar grandemente sobre o bem-estar de meu irmão.

§30

(45-50)

Meu irmão talvez diga: “Você em pessoa também deteve meus emissários!”. Não, eu não os detive. Eu estive ocupado(?) com o dote da esposa de meu irmão e meu irmão em pessoa irá ver o dote da esposa de meu irmão, que eu dei [...] (ele está) chegando, com isso, ele será espalhado sob os olhos de meu irmão

§31

(51-57)

Que meu irmão liberte meus emissários o quanto antes para, então, eles poderem partir. E meu irmão mande Mane para que ele possa viajar com meu emissário. Que meu irmão não envie outro emissário, que ele mande apenas Mane. Se meu irmão não enviar Mane e mandar um outro, eu não o quero, e meu irmão deve saber isso! Não, que meu irmão apenas envie Mane!

§32

(58-60)

E quanto a esposa de meu irmão, que eu dei, essa (mulher) é pura. E que meu irmão saiba disso. Se [...] ela [...] foi{?}, ela(?) deveria falar. O que é relevante [...]

(61-68)

E ela também é gêmea(?), como minha [...] minha [...] ambas [...] minha mãe tem [...] eles/elas e eu tenho [...] eles. E a gêmea(?) [...] três dele [...] então isso minhas divindades sabem e, então, as divindades de meu irmão sabem, que em um bom modo Tadu-ḥeba é [...] que ela é [...] para ela.

§33

(69-74)

Ainda outro assunto de [...] está em mãos [...] de novo. Aquele de [...] todo [...] novamente [...] esposa [...] que [...] todo/tudo [...]

§34

(75-84) [A] esposa de meu [irmã]o [...] Para meu irmão [...] Para meu irmão outro [...] Isso é [...] ele pediu [...] outro [...] {destruído entre 82-84}

(85-110) [...] Mane [...] ele... ouviu. Tadoḥe[ba] tem no modo, que eu a dei (?) [...] Diante dos olhos dele ela se abriu [...] Eu ouvi isso [...] Sua filha [...] talvez. Para as(?) terra(s) [...] eu dei. Nos babilônicos [...] e eles se aliaram em desejo mútuo [...] os egípcios [...] com meus antecessores [...] meus antecessores [...] seu [...] que ele [...] vai [...] que ele [...] vai, agora meu [...] não ouvi{ou ouviu} isso. [...] Isso ele diz [...] esse [...] não são [...] para os egípcios {.....} e eu [...] sobre [...] meu irmão em forma alguma(?) {muito danificado} [...] Essa é a coisa que [foi demandada] e que meu irmão saiba. Da mesma forma [...] como um informante fala em alguma outra forma, que meu irmão não ouça isso (as palavras)!

(111-128) Em meu coração eu desejo estar nos melhores termos com meu irmão e amar um ao outro. E que meu irmão tenha fé perfeitamente. E nós desejamos ser amigáveis (um ao outro, e) nós deveríamos amar um ao outro e em nossos corações [...], além disso minha terra [...] nos [...] em nosso [...] Quanto a/ao....(e) de seu deus nossa vida (e) nossa glória será desejada, que os deuses deixem nós dois – Teššob e Amon, nossos senhores, nossos pais – (que) nós vivamos. Que seja! (lit. que é). Que nós [...] e que nós [...] Então [...] nós, e entre nós que haja irmandade {e ligação próxima de} amar um ao outro. Como o homem ama o deus do sol quando o vê, assim nós queremos, entre nós, amar um ao outro, e que entre nós que nós desejemos a glória um do outro. Todas as terras que existem, que o sol une, todas as [quais] eles podem nos servir [...] que eles [...Amb]os Tušratta, o rei hurrita, [e tamb]ém Immuriya, o rei egípcio, se eles [...]

(129-130) Entre eles [...] enquanto eles forem [...] amar um ao outro excessivamente.

EA25

TRADUÇÃO

COL. I.

- (1-5) [.....]
- (6-7) [.....] pura lápis-lazúli, 33 [.....] pura lápis-lazúli, 20(?) [.....]
- (8) [.....] pura lápis-lazúli [.....]
- (9-11) [.....] e [seus] co[nes] [.....]
- (12-13) [.....] seus [co]nes de pura lápis-lazúli [.....] incrustado
- (14-15) [.....] seus [co]nes, seus extras [.....] incrustado
- (16) 1 par [de brincos de ouro], os [cones] deles de genuína lápis-lazúli, seus ornamentos *guggubu* de genuína pedra *hulalu*
- (17) 1 par de br[incos de o]uro, cones de genuína pedra *hulalu* e seus ornamentos *guggubu* de genuína lápis-lazúli
- (18-19) 1 par de brincos de ouro, seus c[on]es de genuína lápis-lazúli, 4 em cada; seus ornamentos *guggubu* de genuína pedra *hulalu*
- (20-21) 1 par de brincos de ouro, seus c[o]nes de genuína lápis-lazúli, 4 em cada; seus ornamentos *guggubu* de genuína pedra *hulalu*
- (22) 1 par de alfinetes (com) incrustação; sua incrustação de genuína lápis-lazúli, seu topo de genuína pedra *hiliba*
- (23) 1 par de alfinetes (com) incrustação; sua incrustação de genuína lápis-lazúli, seu topo de genuína pedra *hulalu*
- (24) 1 par de alfinetes (com) incrustação; sua incrustação de genuína lápis-lazúli, seu topo de genuína pedra *hulalu*
- (25) 1 par de alfinetes (com) incrustação; sua incrustação de genuína lápis-lazúli, seu topo de genuína pedra *hulalu*
- (26) 1 par de alfinetes (com) incrustação; sua incrustação de genuína lápis-lazúli, seu topo de genuína pedra *hiliba*
- (27) 1 par de alfinetes de ouro com um tingimento avermelhado (e) de *pe'āzi*, seu topo de genuína pedra *hiliba*
- (28) 1 par de alfinetes de genuína pedra *hulalu*, seu topo de genuína pedra *hulalu*
- (29) 1 par de alfinetes de genuína pedra *hulalu*, seu topo de pedra *hiliba*

- (30) [1 pa]r de alfinetes de genuína [...], seu topo de pedra *hiliba*
- (31) 1 par de alfinetes de ouro sólido, seu topo de genuína lápis-lazúli
- (32) [1 pa]r de alfinetes de ouro sólido, seu topo de genuína pedra *hulalu*
- (33-34) 1 “entrelaçado”: 6 contas de genuínas lápis-lazúli, 7 contas de *hiliba*, 14 gemas *bikru* de ouro, 72 cordas de genuína lápis-lazúli. 40 cordas de ouro
- (35-36) 1 “entrelaçado”: 9 contas de genuínas lápis-lazúli, 10 contas de *hiliba*, 20 gemas *bikru* de ouro, [x] cordas de lápis-lazúli, 38 cordas de ouro
- (37) [1 “entrel]açado” de ouro: 1 pedra *hiliba*, 4 contas de genuína lápis-lazúli, 4 [...] de ouro.
- (38) [1] colar [*mani*]nnu de contas em forma de selo cilíndrico em lápis-lazúli, 13, por corda, fixadas em ouro.
- (39) [1] colar [*mani*]nnu de contas em forma de selo cilíndrico, 13 contas em forma de selo cilíndrico de genuína lápis-lazúli, fixadas em ouro; 2 contas em forma de selo cilíndrico de genuína pedra *hulalu*, fixadas em ouro
- (40) [1] colar [*mani*]nnu com um contrapeso: 28 contas de genuína lápis-lazúli, 28 contas de *hiliba*, a peça central de genuína pedra *hulalu*, fixada em ouro
- (41) [1] colar [*mani*]nnu, aparado {ornamentos}: 16(?) contas de genuína lápis-lazúli, 25 de ouro; a peça central {é} uma genuína pedra lápis-lazúli, fixada em ouro.
- (43) [1] colar *maninnu* aparado: 37 contas de genuína lápis-lazúli, 39 (peças de) folha de ouro; a peça central {é} uma genuína pedra *hulalu*, fixada em ouro
- (44) 1 colar *maninnu*, aparado: 38 contas de genuína lápis-lazúli, 38 (peças de) folha de ouro; a peça central {é} uma genuína pedra *hulalu*, fixada em ouro
- (45) 1 colar *maninnu*, aparado: 26 contas de genuína lápis-lazúli, 28 contas de *hiliba*; a peça central {é} uma genuína pedra lápis-lazúli, fixada em ouro
- (46) 1 colar *maninnu*, aparado: 38 [pedra]s [de genuína lápis-lazúli], 38 (peças de) [folha] de ouro; a peça central {é} uma genuína pedra *hulalu*, fixada em ouro
- (47) 1 colar *maninnu*, aparado: 43 contas [de genuína lápis-lazúli, x] contas de *hiliba*; [a peça central] {é} uma genuína pedra SAG.KAL, fixada em ouro
- (48) 1 colar *maninnu*, aparado: 32 [contas de genuína lápis-lazúli, x] contas de [*hil*]iba; a peça central {é} uma genuína pedra *hulalu*, fixada em ouro
- (49) [1] colar *maninnu*, aparado: 32 contas de genuína lápis-lazúli, 28 contas de *hi*[liba]; a peça central {é} uma [pedra *hulalu*], fixada em ouro

- (50) 1 colar *maninnu*, aparado: 34 contas de genuína *hulalu*, 35 [contas ...]; a [peça] central {é} uma genuína pedra *hulalu*, fixada em ouro
- (51) 1 colar *maninnu*, aparado: 17 contas de genuína lápis-lazúli, 16 contas de SAG.KAL, 35 (contas) de ouro; a peça central {é} uma pedra SAG.KAL, fixada em ouro
- (52-53) 1 colar *maninnu*, aparado: 23 contas de genuína lápis-lazúli, 25 contas de cornalina(?), 48 peças de folha de ouro; a peça central {é} uma genuína pedra lápis-lazúli fixada em ouro
- (54) 1 colar *maninnu*, aparado: 34 contas de obsidiana, 33 (peças de) {ouro}, a peça central {é} uma genuína pedra lápis-lazúli fixada em ouro
- (55-56) 1 colar *maninnu* (com) contrapeso: 14 contas de genuína lápis-lazúli, 25 contas de *hulalu*, 17 contas de {*hiliba*}, [a peça central] {é} uma genuína pedra lápis-lazúli fixada em ouro
- (57-58) [1] colar [*mani*]nnu (com) contrapeso: 14 contas de genuína lápis-lazúli, 16 contas de genuína *hulalu*, 30 (peças de) [folha de] ouro; [a peça central {é} uma ...] fixada em ouro
- (59-60) [1 colar *maninnu* ... x] contas de genuína *hulalu*, 24 (peças de) folha de ouro; [a peça central {é} uma pedra ...] fixada em ouro
- (61) [1 colar *maninnu* ... x] contas de genuína *hulalu*, 26 *kamaru* de ouro; a peça central {é} uma genuína pedra lápis-lazúli fixada em ouro
- (62) [1 colar *maninnu*] 24 *kamaru* de ouro, a peça central {é} uma genuína pedra lápis-lazúli fixada em ouro
- (63-64) [...] contas de genuína lápis-lazúli; 24 contas de genuína *hulalu*, [... a peça central {é}] uma genuína pedra lápis-lazúli fixada em ouro
- (65-66) [...] contas SAG.KAL, 16 contas de cornalina [... a peça central de ge]nuína [pedra ...] fixada em ouro
- (67-68) [..... fixada em o]ur[o]
- (69) [... “grilo]s” de [genuína] l[ápis-lazúli]; 10 “grilos” de pedra *hiliba*
- (70) [.....]
- (71-72) [... juntamente com] suas [ca]pas, de ouro; seus topos [...] de genuína lápis-lazúli [...] estão amarrados [em] fio de ouro
- COL. II.
- (1-2) [x] vasos [*a*]škirušhu, junto com suas capas [...] gazela [...]

- (3-4) [x] *utuppu*: 60 contas de genuína lápis-lazúli, 63 contas de genuína *hulalu*, 8 [contas de] *hu[lalu ...]*
 [x+] 5 vermes de ouro, 10 romãs de cornalina, 5 romãs de pedra SA[G.KAL]
- (5-6) [x] *wušru* de pedras *herizzi*: 122 contas de genuína lápis-lazúli, [x+]6 contas de *hulalu*, 180 vermes de genuína pedra *hulalu*, uma fina (faixa) revestida com ouro, 3 contas em forma de cilindro de genuína pedra *hulalu*, fixada em ouro.
- (7-8) [x] crescentes de lua nova de genuína pedra *hulalu*, 13 por corta, de ouro tingidas com vermelho [fixad]a(?); 14 contas em forma de cilindro de genuína pedra *hulalu*, fixada em ouro.
- (9-10) [x] grande [...] de ouro tingido com vermelho, 11 por corda, gravado [em] genuína [lápis-lazú]li, 12 gemas de *bikru* e uma pedra em forma de selo cilíndrico de genuína pedra *hulalu*
- (11-12) [x...] 1 crescente de lua nova de [genuína] pedra *hulalu*, fixada em ouro; 2 crescentes de lua nova de genuína lápis-lazúli, fixadas em ouro;
 [x.....] 3 contas de genuína *hulalu* (para um) contra[peso]; 4 con[ta]s <fixadas> em ouro.
- (13-14) 1 conjunto de grandes joias [*a*]garḥu de genuína lápis-lazúli, genuína pedra *hulalu*, genuína obsidiana, pedra *mu[ššaru]*; a peça central {é} uma genuína pedra lápis-lazúli fixada em ouro, seus *ullru* de pedra *hiliba*, não fixadas.
- (15-17) 3 conjuntos de pequenas joias *agarḥu* de genuína lápis-lazúli, genuína pedra *hulalu*, [.....] genuína obsidiana, serpentina; suas peças centrais {são} uma genuína pedra *hulalu*, fixada em ouro. 1 *ulluru* de pedra *hiliba*, não fixada; 4 gemas de *bikru* de ouro.
- (18) 2 olhos de serpentina de genuína pedra *hulalu*, fixos em ouros, para a mão⁵⁵⁴.
- (19) 3 olhos de serpentina fixados em ouro, para a mão.
- (20) 219 “grilos” de genuína lápis-lazúli, não fixados, para a mão.
- (21-23) 3 anéis de genuína pedra *hulalu*; 2 anéis de genuína lápis-lazúli; 2 anéis de pedra *hiliba*; 1 anel de malaquita; 2 anéis (com) incrustação; 2 anéis de fer[ro]; 5 anéis de ouro sólido.
- (24-25) 14 pulseiras de mão de ouro sólido, 2 tornozeleiras de ouro sólido, 390 *siclos* em peso.

⁵⁵⁴ De acordo com Rainey e Moran, “para a mão” significa “solto”.

- (26-27) 2 pulseiras de mão de ouro, uma presa na outra (com) pássaros *mesukku*; os pássaros *mesukku* tem uma incrustação de genuína lápis-lazúli, 30 *siclos* em peso.
- (28) 10 pulseiras finas de ferro, revestidas com ouro; 30 *siclos* de ouro [foram] usados nelas
- (29-31) 1 pequeno cordão, para uma pedra em forma de selo cilíndrico, 1 pedra em forma de selo cilíndrico de genuína pedra lápis-lazúli fixada em ouro. 1 pedra [...] fixada em ouro. 1 pedra em forma de selo cilíndrico de *pendu* fixada em ouro. 2 genuínas pedras lápis-lazúli, contrapesos fixados em ouro. 2 pedras *hulalu* (para servir como) contrapeso, <fixadas> em ouro. 4 [...] fi[xadas em] ouro.
- (32-33) 1 alfinete de genuína pedra *hulalu*, seu topo de genuína lápis-lazúli, fixada em ouro. 1 alfinete de genuína pedra *hulalu*, seu topo de pedra *hiliba* fixada em ouro. 3 *siclos* de ouro foram u[sados] neles
- (34-35) 1 animal *harušhu*, de genuína pedra *hulalu*, seu topo de pedra *hiliba*, fixado em ouro. 1 animal *harušhu* [de pedra...], revestido com ouro. 1 animal *harušhu*, revestido com marfim e ouro. 3 *siclos* de ouro foram [usados] neles.
- (36-40) 1 [cach]o de uvas de ouro. 1 *parakkatanu* de ouro. 1 *uzzapnannu* [de ouro]. 6 [.....] de ouro. 1 *huzunu* de ouro. 3 [... de ouro]. 1 *harušhu* de ouro. 7 pequenas romãs de ouro. 6 “entrelaçados” de ouro. 11 vermes de ouro, 13 *siclos* em peso. Essa joia é para ser ane[x]ada.
- (41-42) 10 pares de botas e *guduppiāni* de our[o...], seus b[ot]ões são de pedra *hiliba*. 100 *siclos* de ouro fo[ram usados] n[eles]
- (43-44) 1 colher de cosméticos, sua {parte côncava} de pedra [...], o cabo {é} uma figura de alabastro [...]
- (45-46) 1 colher de cosméticos, sua {parte côncava} de alabastro, seu cabo {é} um [... revestido com o]ur[o]; 2 genuínas pedras lápis-lazúli [estão colocadas] no centro.
- (47-48) 1 colher de cosméticos, sua {parte côncava} de pedra *abašmu*, seu cabo {é} uma a[ndori]nha revestida com ouro; 1 genuína pedra lápis-lazúli [está colocada] no centro.

- (49-50) 1 colher de cosméticos, sua {parte côncava} de pedra *marhallu*, seu cabo [{é} uma pan]tera [revestida com] ouro. Com insetos alternando de lápis-lazúli e alabastro.
- (51) 1 colher de cos<m>éticos, sua {parte <côncava>} revestida com ouro; seu cabo {é} um monstro do dilúvio
- (52) 30 *siclos* de prata <for>am revest[idos] nelas.
- (53) 1 bac[ia lavató]rio de ouro, 123 *siclos* em peso. 1 bacia lavatório de prata, 8-*siclos* em peso.
- (54-55) 1 bebedo<uro> de ouro, 30 *siclos* em peso. 1 recipiente alcalino de [ou]ro, 14 *siclos* em peso. 1 recipiente alcalino de prata, 20 *siclos* em peso.
- (56-57) 1 espelho de prata; 40 *siclos* em peso, seu cabo {é} uma figura de uma mulher, de marfim. 1 $\frac{3}{4}$ *siclos* de ouro foram revestidos neles
- (58-59) 1 espelho de prata, 40 *siclos* em peso, seu cabo {é} uma figura de uma mulher, de ébano. 1 $\frac{3}{4}$ *siclos* de ouro foram revestidos neles
- (60-61) 1 vasilha *kuninnu* de pedra, seu interior e sua base foram revestidos com ouro; 20 *siclos* de ouro está nela, banhada. 1 genuína pedra lápis-lazúli está nela
- (62) 1 vasilha *kuninnu* de ouro; 20 *siclos* em peso. 1 pente de vidro fund[ido]
- (63) 1 coração de ouro, o incrustado {é} genuína lápis-lazúli, 30 *siclos* em peso.
- (64) 30 corações de ouro, (com) incrustação; 900 *siclos* e[m peso]
- (65) 20 pentes de prata [.....]
- (66) 10 pentes de prata 10 [.....]
- (67) 10 pentes de prata [.....]
- (68) 10 pentes de prata [.....]
- (69) 10 pentes de prata [.....]
- (70) [10 pe]ntes de prata [.....]
- (71) 10 pentes de prata [.....]
- (72) 10 pentes de prata [.....]
- (73) 10 pentes de prata [.....]
- COL. III
- (1-11) [.....]
- (12) 1 [... de pr]ata, 2000 [.....]
- (13) [x] de prata, 1 conjunto de [.....]
- (14) [x] de prata, 300 *siclos* [.....]

- (15) 1 conjunto de *angurbinnu* de prata. 1 [.....]
- (16-17) 1 conjunto de espelhos, junto com suas capas [...] pedra [*hu*]*lalu* [...] amarrado.
10 *siclos* de ouro, 30 *si[clos* de prata ala]bastro
- (18-19) 25 conjuntos de espelhos, junto com [suas] ca[apas] 42 $\frac{3}{4}$ *siclos* de our[o
foram usados nel]es
- (20-21) 26 conjuntos de espe<lhos>, junto com [suas] c[apas ... éb]ano [...] 42 $\frac{3}{4}$ [*siclos*
de prata foram usados ne]les
- (22-23) [x] conjuntos de espe[lhos, junto com suas capas, das qua]is 1 en[ter elas]
pedra {...}
- (24-25) [x] revestido com ouro. 30 [.....]
- (26) [x d]o reino [.....]
- (27-28) 25 conjuntos de [vasos] *aškuruš[hu* com suas capas] 25 *siclos* de ouro [.....]
- (29) 25 conjuntos de [vasos] *aškuru[šhu* com suas capas]
- (30-31) [x foram usados n]eles [.....]
- (32) [x conjuntos de] vasos [*aškuruš[hu* junto com [suas] <c>ap[as]
- (33-34) 1 conjunto de [...] suas [...] de chifre de carneiro [... ama]rradas em um f[io de
ouro] 16 *siclos* de ouro [foram usados neles]
- (35) 25 [grandes] ritões de chifre⁵⁵⁵ de vaca selvagem, de marfim, revestidos com
ouro. 12 *siclos* de [ouro foram usados neles]
- (36) [x grandes ritões de chifre de vaca selvagem, de marfim ...] revestidos [com
ouro]. 12 *siclos* de [ouro foram usados n]el[es]
- (37-38) [x grandes ritões de chifre de vaca selvagem, de marfim] revestidos [com our]o.
1 [.....] 4 [... foram usados n]el[es].
- (39-40) 5 [grandes ritões de chifre de vaca selvagem, de marfim] revestidos [com ou]ro.
18 [*siclos*] de ouro [foram usados neles], entre [os quais] 1 [deles]
- (41) 5 pequenos ritões de chifre de vaca selvagem, de marfim [...] seus [topos]
revestidos com ouro. 16 *siclos* [de ouro revestido]
- (42) 1 ritão de chifre de auroque, revestido com ouro 3 vezes; incrustado [...] seu
[ca]bo de pedra [...]
- (43) 1 ritão de chifre de auroque, revestido com ouro 2 vezes; incrustado de
[genuína] lápis[-lazúli], seu cabo de pedra [...]
- (44) 1 ritão de chifre de boi da montanha, revestido com ouro, e [sua] base [...]

⁵⁵⁵ Do acadiano *qarnu*, que difere do simples ritão (*bibru*).

- (45) 1 ritão de chifre de auroque, revestido com ouro 3 vezes, incrustado, e [seu] ca[bo] {é} de ala[bas]tro.
- (46) 1 ritão de chifre de *lulutu*, revestido com ouro, seu *rettu* {é} de ébano. [É {decorado}] alternadamente com genuína lápis-lazúli (e) [.....]
- (47) 1 ritão de chifre de *lulutu*, revestido com ouro, seu cabo {é} de marfim [É], aqui e ali {decorado} com genuína lápis-lazúli (e) pedra [...]
- (48) 90 *siclos* de ouro foram usados neles
- (49-50) 20 ritões de chifre de *ayigalluḥu*, revestido com ouro, seu cabo {é} de marfim de chifre de vaca selvagem, em um dos quais seu cabo é {de} ébano. 35 *siclos* de ouro [foram usados] neles
- (51) 15 ritões gigantes de chifre de auroque, revestido com ouro, seus cabos {são} de marfim. 42 *siclos* de ouro [foram usados] n[eles]
- (52-54) 1 espanta-moscas, revestido com ouro, seu cabo e seu trabalho [...] seu [*p*]arattatinu {é} de pedra *ḥiliba*, amarrado em uma corda de ouro. E sua corda amarrada com contas {de} genuínas *ḥulalu*, contas {de} genuína lápis-lazúli, contas de cornalina, 30 *siclos* de ouro [foram usados] ne[las]
- (55-58) 2 conjuntos de ornamentos *kapissuḥḥu*, de ouro. 2 pares de brinc[os] de ouro, seus cones de pedra *ḥiliba*, seus *gugubu* de pedra *ḥulalu*. 2 conjuntos de alfinetes de ouro, seus topos de lápis-lazúli. 2 entrelaçados [de...] e pedra *ḥili[ba]* [d]e *šanzāti* 9 colares *maninnu* de lápis-lazúli com um botão de ouro.
- (59-62) 2 pares de brincos de ouro, seus cones de pedra *ḥiliba*, seus *gugubu* de pedra *ḥula[lu...]* [{2 alfinetes}] de ouro, seus topos de pedra *ḥulalu*. 2 conjuntos de entrelaçados de lápis-lazúli e pedra *ḥiliba*. Estes de [*x* colares *maninnu*], de lápis-lazúli, com um botão de ouro. 12 pulseiras de mão de ouro. 8 tornozeleiras de ouro. {[Essas] jo[ias] são} para as duas principais *tārītu*⁵⁵⁶. São 208 *siclos* de ouro que [foram usados] ne[las]
- (63) 10 pulseiras de mão de ouro, 10 tornozeleiras de ouro para 10 garotos servos. 74 *siclos* em peso
- (64-67) 4[0]0 tornozeleiras de prata para mulheres. 100 conjuntos de alfinetes de prata, seus topos [...], dote feminino⁵⁵⁷. 1440 *siclos* de prata [foram usadas] nel[as].

⁵⁵⁶ Espécie de enfermeira ou governanta que acompanha uma jovem mulher no claustro. Ver MORAN, William. *The Amarna Letters*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1992, p. 82, nota 28.

⁵⁵⁷ Na linha 65, lê-se MUNUS.MEŠ *mu-lu-ú-gi*, sendo que MUNUS é o logograma para mulher (MEŠ é uma marca de plural); e o *mulūgu* é acadiano para um tipo de dote. Para mais ver: MORAN, William. *Op. Cit.*, p. 82, nota 30.

- 30 pares de brincos de ouro, seus cones de lápis-lazúli para 30 mulheres[-dote]. 160 *siclos* de ouro foram usados neles. 30 braceletes de ou[ro para 3]0 [homen]s. 40 *si[clos* de ouro foram usados neles]
- (68) [1 placa] com figuras *kaziru* de ouro e prata. 10 *siclos* de ou[ro e prata] foram usadas nelas
- (69) [1 plac]a com figuras *kaziru* de ouro e prata. 36 *siclos* de prata foram usa[das] nelas
- (70-72) [x vasos de libação de our]o, 8 *siclos* em peso. 26 vasos de libação de prata, 10 *siclos* em peso. [x vasos de libação de ouro], 10 vasos de libação de lápis-lazúli. 16 vasos de libação de alabastro. [x vasos de libação de...] 11 vasos de libação de [...] pedra [...] 33 vasos de libação de chifre.
- (73-75) [1 placa com figuras d]e animais *apsasu*, [rev]estida com our[o]. 100 *siclos* de ouro foram usados nela [...] 15 (*siclos*) foram usadas n[ela] [...] de roxo-azulado.
- (76-78) [.....] e s[uas] taças [.....] de ouro. 47 [.....]
- COL. IV.
- (1-3) [x] de pedra *dušu*, revestida com [pra]ta. [x ... de ped]ra [*dušu*,] revestida com ouro e prata. 15 *siclos* de ouro, 38 *siclos* de prata [em peso]. [x] 1 vestuário *šbtu* de lã roxa azulada.
- (4-5) 1 [placa com figura]s de monstros do dilúvio, revestida com ouro e prata. [x *siclos* de ouro, x *siclos* de prata] fo[ram usadas n]ela
- (6) [x ...] jarros *tallu*, revestidos com ouro. 15 *siclos* de ouro foram usados neles
- (7) [.....] *siclos* de ouro [.....]
- (8) [.....]
- (9) [.....] 6(?) *siclos* de prata [.....]
- (10-11) [x *siclos* de em] peso. [x *siclos* de ...] foram usados [neles]
- (12-13) [x] está colocado{?}. Sua frente [x.....x *siclos* de ...] foram usados neles
- (14-16) [x placa(s) com figuras d]e veado. [x placa(s) com figuras d]e leões. [x *siclos* de.....] foram usados [nelas]
- (17) [x...] revestidos com ouro. 2 *siclos* [de ouro] fo[ram usados n]eles
- (18-20) [x] sua borda lateral [.....]
- (21-22) [1 ... de] lápis-lazúli, sua borda lateral [de] de lápis-lazúli, revestido com ouro e prata, 6 *siclos* de ouro, 26 *siclos* de prata, fora[m usados n]el[es]

- (23-24) [x ... de {madeira} *tas*]*karinnu*⁵⁵⁸, revestida com ouro e prata. 12 *siclos* de ouro, 30 *siclos* de prata foram usados neles [.....] de marfim.
- (25-26) [x ... de {madeira} *tas*]*karinnu* revestida com prata. 16 *siclos* de prata foram usados neles [.....] de marfim.
- (27) [x..... de pra]ta, 380 *siclos* em peso
- (28-31) [x baú]s de [.....] suas f[ig]uras de marf[im é]bano, [sua]s ba[ses] com ouro. [1 b]a[ú] de madeira *elammakku*, revestida com ouro e prata. [x +]3 *si[clos* de ouro], 64 [*siclos* de prata], foram usado [n]eles.
- (32-36) [x ... fi]os sobrepostos [.....] foram usados neles. [.....] usad[o] de [...] 25 [..... *x siclos* de pra]ta foram usados [n]eles.
- (37-39) [x] 3(?) em ouro, 14 em [.....] trabalharam 19 pares de [.....] pedra *dušu* [.....]
- (40) [.....] vestimenta [.....]
- (41) [x.....] 1 vestuário d[o] estilo *iššuḫu*
- (42) [x.....] vermelho
- (43) [x.....] seus [.....] de ouro
- (44) 10 [.....] 110 [.....] pedidos
- (45) 4 mantos de tecido multicolorido. 1 vestimenta estilo *tukriš*, de tecido multicolorido
- (46) 1 [.....] de tecido multicolorido. [1]0 vestimentas *šušinnu* de tecido multicolorido
- (47) 40 [...] vestimentas [...] de tecido multicolorido, para mulheres. [*x* vestimentas] de tecido multicolorido, para mulheres
- (48) 41 {...} 10 vestimentas, trançados acima e abaixo
- (49) 30 lençóis grandes. 4 tecidos longos para uma cama
- (50) 2 tecidos pe[que]nos, cujos adereços são multicoloridos, para uma cama. 4 cobertas para os pés. 4 cobertas para a cabeça.
- (51) 1 recipiente de pedra para perfume, com fragrância de óleo de mirra. 1 recipiente de pedra para perfume, com óleo *kanatku*.
- (52) 2 recipientes de pedra para perfume, com óleo puro. 1 recipiente de pedra para perfume, com óleo *su'adi*
- (53) 2 recipientes de pedra para perfume, com óleo de murta. 1 recipiente de pedra para perfume, com óleo *peršantu*

⁵⁵⁸ Ver CAD 18, pp. 280-282.

- (54) 1 recipiente de pedra para perfume, com óleo antigo. 1 <recipiente de pedra para perfume>, com óleo de murta.
- (55) 10 potes *kirru* que estão cheios de “óleo doce”
- (56) 1 bacia lavatório de bronze. [1] chaleira de bronze
- (57) [x jarro]s grandes de bronze. [x j]arros pequenos de br[onze]
- (58) [x] de bronze [.....] potes [.....]
- (59) [x] de bronze [.....]
- (60) [x] de bronze. 10 bacias [lavatório de bronze]
- (61) [10 bra]zeiros de bronze. 10 conjuntos de *angurin[nu* de bronze]
- (62) [1 bebedo]uro de bronze. 1 recipiente para alcalino, de bronze. 20 facas [de bronze]
- (63) [x] caixas pequenas de {madeira} *taskarinnu*. 20 caixas pequenas de madeira *elammakku*
- (64) [20+x c]olheres de madeira *elammakku*. 270 mulheres, 30 homens, são o dote pessoal
- (65-67) São todos esses [prese]ntes (e) dote pessoal q[ue Tu]shratta, o rei de Mitani [.....] de[u]

EA26

TRADUÇÃO
VERSÃO REVISADA

- (1-6) [Diga] para [Teye], a senhora da terra do Eg[ito]: A[ssim (diz) Tush]ratta, rei da te[rra de Mitani. Comigo] está [{tudo} bem]; que esteja {tudo} b[em] com você. Que esteja {tudo} bem [com sua casa, com] seu filho; que esteja {tudo} bem com Tadu-Ḫeba, sua nora. Que {tudo} esteja muito, muito [bem] com suas terras, c[om suas tropas] e sua propriedade.
- (7-18) Você é quem me conhece, como [eu] se[mpre] mostrei amor {para} Mimmureya, seu marido, e Mimmureya, [seu] marido, por outro lado, como ele sempre mostrou amor para mim. [Quanto a mim], o que eu ir[ia escrever e] o que eu diria para Mimmureya, seu marido, e quanto a Mimmure[ya, por outro] lado, seu marido, [quais] palavras para mim [ele iria escrever] sempre e diria sempre; você, [Kel]ia e Mane sabem. E é você, [por outro lad]o, mais do que todos eles, quem sabe as palavras [que] nós dissemos um ao outro. Ninguém [mai]s as sabe.
- (19-29) [E agor]a, você [falo]u para Keliya: “Diga para seu senhor, M[i]mureya, meu marido, continuamente mostrou amor por seu pai e por você ele manteve isso; e para o seu pai ele não esqueceu seu amor e as [ca]ravanas que ele costumava mandar, ele não as interromp[eu]. E agora você não deve esquecer o seu [a]mor para Mimmu[reya], seu irmão; que Naphurreya, aumentou e manteve is[so]. E a caravana que você alegremente esteve mand[ando], você não deve interromper”.
- (30-39) O amor para Mimmureya, seu marido, eu não vou esquecer. Mais do que formalmente, até mesmo agora, eu estou [express]ando dez vezes mais amor por Naphurreya, seu filho. Mas quanto as palavras de Mimmureya, [seu] mar[ido, é você que (as) sabe, mas] minhas saudações-presentes que [seu marido disse] que man[daria], você não {as} mandou adequadamente, [e as] [estátuas de ouro] sólido fundido [que] eu pedi [de seu marido], dizendo, “[Meu] ir[mão, estátuas de ouro] e real lápis-lazúli [que ele envie] p[ara mim]”.

- (40-48) Mas agora, quanto ao Nap[hurreya, seu filho], ele cobriu [estátuas] de madeira [e (as) enviou. Mas, na terra de seu filho,] ouro é (como) pó; [p]or que elas {estátuas de ouro} iriam afligir o cora[ção] de seu filho para que ele não (as) desse para mim ao invés das que ele me deu? Isso é amor? Eu disse: “Dez vezes mais do que o pai dele, Nap[hurre[ia seu filho] vai superar por mim, mas agora ele [não me deu] nem mesmo o que seu pai costumava dar”.
- (49-57) Quanto as palavras q[ue você m]esma falou pa[ra mim], por que você não as disse para Nap[hurreia]? Se [você] não (as) disser par[a e]le, então quem m[ais] sabe? Estátuas de ouro só[lido], que Nap[hurreia me dê. Que ele não me cause nenhuma aflição qualquer! Que [ele não...] Dez vezes mais do que seu pai, que ele supere p[or mim] com amor e respeito.
- (58-63) [E] que seus próprios envios v[enham] regularmente com os em[baixadores] de Nap[hurreia, que um pre[sente par]a Yuni, minha esposa, e [que] os envio[s] d[e] Yuni, minha esposa, vão até [você] regularmente.
- (64-66) [A]gora, para sua saudação-presente, [eu envie]i um recipiente para perfume [cheio] de óleo doce; um conjunto de pedras [cravadas em ouro].

Verso (em hierático - duas linhas ilegíveis no verso e sinais ilegíveis do lado esquerdo do BM 29794 e no A 9356): Senhora das Duas Terras (Esposa do Rei) [nb.t t3wy] (hm.t nswt).

EA27

TRADUÇÃO
VERSÃO REVISADA

- (1-6) [Diga para Napḥurreya, o rei da terra do Eg]ito, meu irmão, meu genro, quem [eu amo e que me ama; assim {diz} T]ushratta, o Grande Rei, rei da terra de Mi[tani, seu sogro que ama você, seu irmão]. Está {tudo} bem comigo. Q[ue esteja {tudo} bem] com você. Que esteja {tudo} be[m com Teye, sua mãe, com] sua Casa. Com Tadu-Ḥeba,[minha] fil[ha, sua esposa, com o resto de suas esposas,] com [seus] filhos, [com seus oficiai]s [sêniores], com suas carroças, [com] seus [ca]valos, c[om suas tropas, com sua terra, e] com [su]as possessões, que esteja {tudo} excessivamente bem.
- (7-8) [Ma]ne, o emissário de meu irmão, [veio e] eu ouvi {sobre} o [be]m-estar d[e meu irmão] e [eu] regozizei grandemente; os materiais que meu irmão [ma]ndou eu vi e eu re[g]ozizei grandemente.
- (9-12) Meu irmão disse isso: “As[sim] como você continuou expressando amor para m[eu] pai, Mimmureya, então, de mesmo modo, agora expresse amor [para mim] continuamente”. [Uma ve]z que meu irmão deseja uma relação amável comigo, não iria eu desejar uma relação amável com meu irmão? Até mesmo agora, eu estou ex[pressando] [am]or excessivo por você, dez vezes mais do que por seu pai.
- (13-15) E seu pai, Mimmureya, d[isse] isso na carta dele; quando Mane trouxe o *terḥatum*, assim meu irmão Mimmureya disse: “Esses materiais que eu envio agora não são nada e meu irmão não deve reclamar.
- (16-18) Eu enviei nada. Esses materiais que eu enviei para você agora, assim eu enviei para você, mas quando meu irmão der a esposa que eu requisitei (e) eles (a) trouxeram aqui, (e) eu (a) vir, então dez vezes mais do que isso eu vou enviar para você”.
- (19-27) E estátuas de ouro sólido fundido, uma estátua de mim e outra estátua para a estátua de Tadu-Ḥeba, minha filha, eu requisitei de seu pai, Mimmureya. E seu pai disse: “desista de estátuas apenas de ouro fundido, e eu vou te dar (estátuas) de lápis-lazúli e outro ouro, além disso, (e) muitos materiais sem limite com as

estátuas eu vou te dar”. E quanto ao ouro para as estátuas, todos os meus emissários que estavam no Egito o viram com seus próprios olhos, e quanto as estátuas, foi seu pai, na presença de meus emissários, que as moldou, as trabalhou, as finalizou, as purificou. E quando a modelagem aconteceu, meus emissários viram com seus próprios olhos e quando elas {estátuas} foram terminadas e elas foram purificadas, com seus próprios olhos eles {emissários} viram

(28-31) E ele {Mimmureya} mostrou muito outro ouro, sem limites, que ele estava enviando para mim. E ele disse para meus emissários, “Agora, as estátuas e, agora, muito ouro e muitos materiais sem limites eu estou enviando para meu irmão, então veja com seus próprios olhos”. Então, meus emissários viram com os seus próprios olhos.

(32-34) E agora, meu irmão, as estátuas sólidas que seu pai ia enviar, você não enviou. Mas você as mandou de madeira revestida; os materiais que seu pai ia me mandar, você não enviou e você (os) reduziu bastante.

(35-36) E não há assunto sobre o qual eu conheça em que eu fui negligente com meu irmão. Em qualquer dia que eu ouvi sobre o bem-estar de meu irmão, eu fiz uma ocasião festiva.

(37-40) Quanto a [H]amašši, o emissário de meu irmão, quando ele veio até mim e quando ele contou as palavras de meu irmão e eu ouvi, então eu disse: “Assim como com Mimmureya, seu pai, eu continuamente mostrei amor, então, agora, dez vezes mais eu vou continuamente mostrar muito amor para Napḥurreya”. Então, assim eu disse para Ḥamašši, seu emissário

(41-42) Mas agora meu irmão não mandou estátuas de ouro sólido, e o resto dos materiais que seu pai ordenou para ser mandado, também, não foi mandado

(43-44) Agora, que meu irmão me dê as estátuas de ouro sólido que eu requisitei de seu pai. Que ele [nã]o as retenha.

(45-51) Os territórios, todos [eles...] ele d[isse para] dar, e agora se [...] todo[s eles]. Se uma vez [...] sem boa[...] ele disse [para] dar as estátuas. Mas na terra de [meu] irmã[o, ouro é abundante como pó; porque as estátuas] causaram tanta aflição [no coração de meu] irmão que ele não [as deu como foi prometido] para m[im por Mimmureya, se]u [pai]?

- (52-54) Quanto a Ḫamašši, o [emissário de meu irmão, quando] ele veio [para mim...] ele não tr[ouxe] nada [...] e [...] e assi[m por qu]e [meu] irmão re[almente não deu]?
- (55-58) Quanto a [Ḫa]ma[šši, o emissário de seu pai, eu o envio] com toda pressa [e em três meses] com toda a pressa, ele o enviou de volta. [E seu pai] enviou [muito ouro] e (isso foi) quatro sacos [cheios de ouro que ele enviou]. Então que meu irmão pergunte a [Ḫa]mašši, seu emissário.
- (59-62) [...] de[p]ois ele vai deixar Keliya v[ir] e, assim como [...] e assim, [Perissi] e Tulubri, [meus emissários], eu enviei [e] a propriedade [...] Agora, o ou[ro] estava em s]acos(?) que seu pai [comandou dar. Mas] o ouro(?) [.....] meu [irmão.]
- (63-68) E, assim, seu pai disse: “Esses objetos de [ou]ro [e es]ses [materiais...] Agora, [para meu irmão,] eu envio seu *terhatum*”. E seu pai [re]tornou amor para mim em um relacionamento amável. E as[sim, o] presente [públi]co [...] quando [... Mas] ele não en[viou m]eu [irmão], pod[er....] que [...]
- (69-73) [As palav]ras que [eu costumava falar] p[ara seu pai] e que [seu p]ai [costumava falar para m]im, ninguém [sabe. Teye, sua mãe, sabe]. Keli[a e Mane não s]abem, e ninguém mais [as] sabe, mas a mãe [de meu irmão] [sabe] elas [to]das: como seu pai [falaria] comigo e não esq[ueceu seu] amo[r por meu pai]. Da mesma forma, eu falaria com seu pai (e) [meu] am[or por seu pai e não esqueceria].
- (74-78) [E ag]ora, meu irmão disse, “Como ao meu pai, você [continuamente expressou amor, então], de mesmo modo, pa[ra mi]m, ex[presse amor continua]mente”. E, meu irmão verá, como para meu irmão eu vou c[ontinuamente e]xpr[essar amor e] eu [di]sse, “meu irmão, qu[e ele per]gunte {para} sua mãe [... meu irmão ve]rá, assim como [... e ago]ra [...] grande[mente eu] re[gozizei]”.
- (79-82) Mane, [o emissário d]e [meu] ir[mão], assim como ele veio para [mim] d[e...] o pai [de] meu irmão[... eu ouvi] as palavras de meu irmão e eu regozizei gran[demente].
- (83-88) E agora, quanto a Mane, [n]es[se] anos [eu vou o deixar ir se meu irmão não] detiver [meus emissários...] e por causa disso [...] e muito alegremente [...] ele verá um dia festivo. Que Teshub e Amo[n...] permitam e eu e você [...]

- (89-92) Agora Pirissi e [Tulubri, com os emissários de meu irmão, eu enviei] para meu irmão com pressa, [eu mandei que eles se apressassem] e [que] meu irmão não [os detenha; com toda a pressa que ele os liberte; a mensagem] que ele retorne. [Que eu] ouça [sobre o bem-estar] de meu irmão e que eu [regozije].
- (93-98) E [que os emissários] de meu irmão venham com [pressa para mim c]om Pirissi por mi[nha] tropa. Por eles eu estive [olhando] até [...] eles vão retornar. E assim, [Mane, o emissário de] meu [irmão] será libertado, e quanto aos meu emissários, [que meu irmão os liberte e] Mane será mandado com alegria para a te[rra de] meu irmão.
- (99-103) E quand[o] o emissário de meu irmão [chegar] com [Pirissi e Tulubri, é p]ara um grande festival de plenitude que eu vou [fazer para eles. Então, agor]a, que eles cheguem. E se assim eles [me alcançarem], então o que eu deveria fazer por eles? [Então, que eles c]hegu[em... para] o banquete.
- (104-109) Então, que meu irmão envie muito ouro para o banquete de plenitude. Então, [com] muitos materiais [que] meu irmão [me honre. Na terra] de meu irmão, ouro é abundante [co]mo pó. [Que] meu irmão [não faça] meu coração {se} afligir. Que ele mande [tanto] o[uro] quanto meu irmão tem. [E com] muitos [materiai]s meu [irmão] irá me honrar mais do que seu pai. [...] que ele exceda por mim.
- (110-111) [Agora, como su]as [saudações-presente: uma] camiseta estilo hurríta, uma camiseta estilo urbana, um robe, uma pedra [preciosa], [um par]a a mão com pedras-“olho” de genuína pedra *hulalu*, cinco {por corda}, cravadas em ouro.
- (112) [Um recipiente para perfume] che[i]o de [óleo]o doce, um conjunto de pedras cravadas em ouro; para Teye, [sua] mãe.
- (113-114) [Um recipiente para perfume, che]io [com óleo doce]; um conjunto de pedras [moldadas] em ouro, para Tadu-Heba, [minha filha], [su]a es[posa], eu envio.

Colofão no canto esquerdo em hierático: Ano 2, primeiro mês do inverno, dia [9?], quando aquele (faraó) estava na cidade sul, no palácio de *H'-m-3ht* (“Rogozijo do horizonte”); cópia da carta de Naharina, que o emissário Pirissi e o emissário [Tulubri] trouxeram.

EA28

TRADUÇÃO
VERSÃO REVISADA

- (1-11) Diga para Naphūireya, rei da terra do Egito, meu irmão, meu genro, que [me] a[ma] e quem eu amo. Assim { diz } Tushratta, rei da terra de Mitani, seu sogro, que te ama, seu irmão: Para mim, tudo está bem; para você, que esteja tudo bem, para sua Casa, para Teye, sua mãe, a [se]nhora do Egito, para Tadu-Ḫeba, minha filha, sua esposa, para o resto de suas esposas, para seus filhos, para seus oficiais sêniores, para suas carroças, para seus cavalos, para suas tropas, para sua terra, para sua propriedade, que { tudo } esteja muito, muito bem.
- (12-19) Pirissi e Tulubri, [m]eus emissários, eu enviei com grande pressa para meu irmão e eu os disse para realmente se apressarem. E quanto a eles, eu os enviei com uma escolta muito pequena. E, anteriormente, eu enviei essa mensagem ao meu irmão: “Mane, o emissário de [meu irmão], eu estou detendo até [meu] irmão libertar meu emissário e ele vier para mim”.
- (20-28) E, agora, meu irmão, absolutamente, se recusou a liberá-los para ir, e os pôs sob uma detenção muito estrita! O que são emissários? Eles não são pássaros que deveriam voar e voltar! Meu irmão, por que ele deixa seu coração o comer⁵⁵⁹ tanto por causa dos emissários? Por que não pode um [segura]mente ir diretamente ao outro e cada um ouvir as saudações [do ou]tro [para então] nós podermos regozijar extremamente todos os dias?
- (29-31) Que meu [irmão] liberte meu emissário prontamente [e] deixe-me ouvir as saudações [de] meu [irm]ão
- (32-36) [.....]
- (37-41) [Quanto a Mane], eu quero libertá-lo e eu quero enviar [meus] emissários [para me]u [irmão], como no passado, e, [como nos tem]pos passados, eu q[uero ouvir] (as saudações) de meu irmão. Ele foi ao meu irmão, então, que meu irmão faça todas as coisas que eu quero e que ele não me cause af[lição]

⁵⁵⁹ Nas linhas 24-25, lê-se: ŠÀ-šu i-ik-kál-šu, para a expressão *libbašu ikkalšu*, que literalmente significa “o coração dele o come” – uma forma metafórica de declarar sofrimento. Assim, lê-se “Meu irmão, por que sofre tanto por causa dos emissários?”.

(41-49) E quanto à todas as palavras que eu falei para se[u] pai, Teye, sua mãe, as sabe. Ninguém mais as sabe. Pergunte essas coisas para Teye, sua mãe, {para que,} então, ela possa te contar. Assim como seu pai sempre mostrou amor para mim, então agora, que meu irmão sempre mostre amor para mim. E que meu irmão não ouça nada de ninguém mais.

EA29

TRADUÇÃO
VERSÃO REVISADA

- (1-5) [Diga para Naphureya, o rei da terra do Egito, m]eu [irmão], meu genro, quem eu [am]o e que [me] am[a; a mensagem de Tush]ra[tta,] o r[ei da terra de Mitan]i, seu irmão, seu sogro, [qu]e te ma. Está {tudo} be[m] comigo. [Que esteja {tudo} bem com você. Com] Teye, qu[e esteja tudo b]e[m. Co]m Tadu-Heba, [mi]nha filha, sua esposa, que [esteja {tudo} bem. Com o re]sto [de suas esposas] que esteja {tudo} bem. Com seus filhos, com seus oficiais sêniores, com suas carroças, com [seus] cavalo[s], [com suas tropas, com] sua [ter]ra e com suas possessões, que esteja tudo muito, muito [bem].
- (6-10) [Do início de meu reina]do, enquanto Nimmureya, seu pai, continuamente escreveu para mim, [ele continuamente escreveu] sobre paz. Não havia outro assunto que ele continuamente costumasse escrever. Quaisquer que fossem todas as palavras [de Nimmurey]a, seu pai, que ele continuamente escreveu [para] mim, Teye, a grande esposa de Nimmureya, sua [amada] mãe, sabe todas elas. É para Teye, sua m[ã]e, que você deveria perguntar sobre todas elas, [as coisas que] seu pai [costumava continuamente escrever], as palavras que ele estava continuamente falando para mim.
- (11-15) [Meu amor por] meu [irmão] é dez vezes mais do que nós sempre tivemos com Nimmureya, seu pai. [E qualquer coisa que] Nimmureya, seu pai, continuamente discutiria comigo, ele nunca me causou aflição de nenhuma [forma]. E qualquer palavra que eu dissesse, então, naquele mesmo dia, [ele] as fazia. [E quanto a mim], em sentido algum eu causei aflição a ele, e qualquer [palavra que ele iria di]zer para mim, então naquele mesmo dia, eu faria aquilo.
- (16-20) Quando [Min-kheperu-Re^c], o pai de [Ni]mmureya, escreveu para Artatama, meu avô, e requisitou a filha de [meu] a[vô], ele escreveu cinco vezes ou seis vezes, mas ele não a deu. Apenas quando [ele escre]veu [para meu avô] a sétima vez, então sob tal pressão ele a deu. Quando Nimmureya, seu pai, [escreveu] para Shut[arna], me[u] pai, e requisitou a filha de meu pai, minha própria irmã,

três vezes ou quatro vezes ele escre[veu], mas [ele não deu] ela. Apenas quando ele escreveu a quinta vez ou sexta vez, então sob tal pressão, ele [a] d[e]u.

(21-27) Qua[ndo] Nimmureya, [seu pai], escreveu para mim e requisitou minha filha, então eu [não] disse “Não”. Na [mesma] primeira v[ez], eu disse [para] seu emissário, “eu certamente a darei”. Quanto ao emissário, na segunda vez [que] ele veio, ele derramou óleo [sobre] [a cabe]ça dela e eles trouxeram o *terḫatum* dela, e então eu [a] de[i]. [E o *t*erḫatum [da no]iva de Nimmure[ya], seu [pai], que ele [trou]xe era sem limite; isso ultrapassou céu e terra. Eu não [disse], “eu [nã]o vou a dar”. Eu enviei com toda a devida velocidade Ḫaamašš[i], o [emissário] de m[eu] irmão, [p]ara Nimmureya. [E e]m três mese[s co]m grande pressa [ele envi]ou[-o de volta] e ele enviou quatro sa[cos] cheios de [ou]ro, [sem inclu]ir as joias [que seu] pai en[viou] separadamente.

(28-30) [E aquela] mesma vez quando eu dei minha [fil]ha e [eu] a enviei, e Nimmureya, seu pai, a viu, ele re[gozijou]. Havia alguma coisa {para} ele [nã]o regozijar sobre? Ele regozijou mui[to], muito! E meu irmão disse, “Com todo s[eu] coração, [Tushratta, meu irmão, de]u ela”, e ele fez aquele dia uma celebração para sua terra, em honra ao meu emissário.

(31-34) [E seu pai, assim] como alguém vê seus pares, então, ele o honrou e, assim, no palácio de Tadu-Ḫeba, meus [emissários habitaram]. Todos eles, que estavam lá, ele enviou novamente e entre os meus emissários que entraram (no Egito), não houve [um para quem ele não de]u. Ele deu um lingote de ouro para Keliya que tinha mil *siclos* em peso.

(35-39) Nimmureya deu [... sacos che]ios [de ouro] para [Tadu-Ḫeb]a e Tadu-Ḫeba {os} entregou [para] meus [embaixada]ores. E pa[ra] meus [embaixado]res Nimmureya sempre os mostrou honra em amor [e em respeito]. [E Nimm]ureya enviou Niuy, seu emissário, [com Keliya], meu próprio [emissário], e ele deixou [eles irem com p]ressa para mim. [Ele enviou] sete sacos de ouro [com aquele lingo]te de ou[ro] de [mil *si*]clos [em peso] de Keliya. E assim

(40-44) [Nimmureya, como seus p]ais, sempre excedeu [em a]mor p[or mim]. Antes meus emissários [iriam adiante e partiam,] ele n[ão d]isse “Não”, [para] liberá-los; ele os mandou com pressa [para mim]. E ele [os] deu um comando, “[Não] se atras!”

Por mandá-lo com pressa, ele [não] enviou [as estátuas]; da pr[opriedade], o que [quer qu]e ele enviou, isso não tinha limite. E assim, [Nimmu]reya, seu pai, não permitiu aflição a ser causada em nenhu[m] assu[nto], nem mesmo na meno[r] medida.

(45-50) [Quanto a] todas [as coisas] que eu digo, eu não chamo [out]ra testemunha. Teye, [sua mãe], é ela que eu chamo, então, pergunte de Teye, sua [mãe]: se entre as palavras que eu falo, tem [sequer um]a palavra {que} não {seja} verdadeira; [se há uma pala]vra que não seja de Nimmureya, seu pai; se [Nimm]ureya, seu pai, [não] gerou [amor] mutualmente comigo; se Nimmureya, seu pai, [nã]o disse: “Quando eu tiver feito o ouro [da terra do Eg]ito suficiente na terra de H̄anigabat, então, certamente, eu não vou enviar [ou]ro”.

(50-54) Eu requisitei duas [estátuas de] [ouro] só<l>ido fundido de Nimmureya, seu [pai], e Nimmureya, [seu] p[ai], disse, “O que são {as} estátuas de ouro sem nada, [que] meu [ir]mão requisitou? Deixe isso! De ou[ro] e de real [lápiz-lazú]li, eu farei e eu enviarei para você”. [Então,] assim Nimmureya, seu pai, em nenhuma questão, jamais repudiou um assunto como não importante. [E], em nenhuma questão, ele me causou aflição.

(55-60) [E] quando meu [irmão], Nimmureya foi ao seu destino, eles reportaram isso e [eu ouvi] o que eles disseram; [e] n[inguém] cozinhou em uma panela; e eu mesmo chorei naquele dia. [E no meio da noite, eu] sentei; eu não tive pão ou água naquele dia e eu sofri, [dizendo, “Se ao menos fosse] eu [que tivesse morrido] ou se ao menos [seis mil] tivessem morrido em minha terra ou seis mil na [terra de] meu [irm]ão, [enquanto meu irmão quem eu am]o e que me ama, pudesse estar vivo, como céu e terra. Aquele [amor que] nós amamos em nossos corações e pudéssemos ter o feito durar”.

(61-64) [Mas quando eles anunciaram, dizendo, “Na]p[h̄urey]a, o filho mais velho de Nimmureya (e) de Teye, sua [grande] esposa, está exercendo {o} [re]inado [no lugar dele”], então, eu disse, dizendo, “Nimmureya, [meu irmão], não está morto! [Naph̄ure]ya, o fi[lho] mais velho [de]le, de Teye, sua grande esposa, no lugar dele [está exercendo {o} reinado]. Nad[a] irá mudar da situação como era antes”.

- (65-68) [E agora, em m]eu [coração,] eu estou dizendo: “N[ap]hureya é meu irmão. É em nosso coração que nós amamos. [Isso, agora, mais do que] Nimmureya, o pai dele, ele vai aumentar dez vezes porque Teye, sua mãe, que é a amada [grande] esposa [de Nummureya] está viva e ela irá confirmar {os} assuntos na presença de Naphureya, [o filho de Nimmur]eya, o marido dela, que nós sempre amamos (um ao outro) muito, muito”.
- (69-79) [Mas quando meu irmão] escreveu para [mim pela] primeira vez, quando ele liberou Keiya, [e quando meu irmão] envi[ou Ma]ne, e meu irmão enviou estátuas de madeira, mas as de ouro [que Nimmure]ya tinha dito que eu as veria, não eram ouro e não eram só[lidas...] seu [our]o e eu [estava], além disso, muito mais [triste] que antes. [..... os objeto]s, além disso, que Nimm[urey]a, meu irmão, havia me dado, meu irmão [diminuiu] e eu estava bravo e eu {me} tornei excessivamente antagônico [...] e eu, assim, [estava dizendo], “Nimmureya, meu irmão, env[iou] um presente [para mim]”. Quanto àquele ou[tr]o (presente) de Naphureya, [m]eu irmão, ele não adicionou nada aos [materiais de] seu pai, que ele enviou, e quando [eles] des[embrulharam] seus [materiai]s, eu causei aflição ao meu coração. [...] na presença de Mane, eu [não] causei aflição ao [coração dele] de forma alguma.
- (80-85) [E quando Mane chegou com] os materiais que meu irmão havia dado, ele (os) trouxe e quan[do eu vi os materiais que meu irmão havia mandado, eu disse pa]ra meus alto-oficiais, dizendo, “Com meu irmão em to[do meu coração, eu continuamente mostrei amor e assim como] meus pais, além disso, com os pais [de meu irmão, sempre mostrei amor, então] presentes que meu irmão mandou [... Que] nós regozijemos grandemente, e que nós façamos uma celebração [...] vai adiante [e n]o meio da noite eu sentei
- (86-90) [...] que iria adiante e Mane [...] os materiais”. [...] e ele trouxe os materiais em minha presença [...] ele vai atrasar. E eu regozijei na[quele] dia [...] com os nobres estrangeiros, Mane, o emissário de [meu irmão...] regozijei então deixei-o dizer [para você].
- (91-93) [Pirissi e Tulup]ri, com urgência e com toda velocidade eu enviei [...] eu enviei e [... eu] enviei [para ele], e eu enviei [...] trezentos [...]
- (94-98) [.....]

- (99-101) [... ele] envio[u] [..... m]eu ir[mão.....] grandemente [.....] com [Nimmure]ya m[eu] irmão.
- (102-107) [..... ser]vos quem v[ocê(?)] e depois(?) [..... qu]e era no tempo de Nimmure[ia, seu pai,] meu filho, dez vezes, que [..... que] seu [pai] sempre fez e iss[o] dele, Teye, sua mãe, sobre [seu] p[ai,] meu irmão.
- (108-110) [e essas eram as palavras que você] disse e, agora, as palavras de sua mãe, que ela [f]a[lo]u para Keli[ya... estátuas d]e ouro fundido sólido eu requisitei e [meus] pedid[os que eu requisitei de Nimmureya, eu não] vi e quanto aos meus emissários, meu irmão não os liberou e [eles] não [vieram].
- (111-114) E a saudação de meu irmão, ele não devolveu e ele não tomou uma decisão em meu nome e as estátuas d[e ouro fundido sólido que eu requisitei de Nimmureya], agora eu requisitei de você e você não deu e [meus] pedi[dos que eu requisitei de você, eu não vejo e] você não tomou uma [decisão] sobre mim, [e] desde quatro anos atrás, meus emissários você [deteve... e m]eus [emissários que] foram adiante [trouxeram minhas saudações-presente para m]eu [irmão;] para v[ocê eles (os) deram].
- (115-118) [E os emissários de m]eu [irmão], quando eles vierem [para mim, vão me trazer a saudação-presente de meu irmão e, os emissários de meu irmão], eu vou permitir [viajarem com toda pre]ssa [e eu não vou] det[ê-los.....]. Teye, sua mãe [...] se [...] deter, rapidamente, não [os] [li]berar.
- (119-129) [E quando meus emissários foram], eles {se} apressaram. Ess[es eram co]mo no período de [seu] p[ai...] que para quem [...] isso e que nós sempre mostramos am[or] mais que [previamente... na e]ra de nossos pais [...] de m[eu] coração [...]. Nenhuma [...] n[os] corações deles, eles mo[straram amor m]uito e [meu] irmão fez um juramento; que ele na verdade não ouviu [... como anti]gamente uma margem estreita [do] período de seu pai, que ele na verdade não... [... A Te]ye, sua mãe, verdadei[ramente, você deveria] escutar, se Teye, te der, comigo [... Meu irmão] está dizendo, “[Você] n[ão] está mostrando amor”, mas você não está mostrando amor e de acordo com o texto [do juramento..... apressa]damente que ele verdadeiramente retorne e [eu próp]rio, [disse], uma palavra que é para [meu irmão, verdadeiramente, eu vou realizar e is]so, você, agora, para [seu irmão, que v]ocê realize e qualquer [palavra de Nimmureya, seu pai, qu]e era para [mim], que foi sempre realizada, [então ess]as agora você

dez vezes mais [para seu irmão, que você realize, diligentemente. [U]m não pode mudar as palavras do outro.

(130-135) [Qualquer palavra que eu possa dizer, q]eu meu irmão verdadeiramente re[alize] e qualquer palavra que meu irmão [possa dizer, eu vou verdadeiramente realizar]. Um, [verdadeiramente, não deve causar aflição] para o outro em maneira nenhuma. [... Que] nós mostremos amor e que nós regozijemos enquanto nós estivermos vivos. [E mais do que todos os outros reinos, n]ossos [reinos vão] enriquecer sua abundância e eles vão dizer assim, “ Como [os reis da terra de Hanigalbat e da terra do Egi]to [mostram amor um ao outro]”. Se isso é assim, mais do que todas as terras, [nossas terras vão florescer muito [e] todas as terras irão falar de nós.

(136-140) [E agora, além] disso, verdadeiramente, [eu requisitei está]tuas de ouro fundido sólido para Nimmureya, [seu pai, e] eu requisitei muito, muito [ou]ro que não tivesse sido trabalhado. Agora, que meu irmão, dê estátuas [de] [ouro] fundido [sólido] e [que] meu irmão [dê] muito, muito ouro que não tenha sido trabalhado. Foi seu pai que d[eu] para mim [está]tuas de ouro. Por que isso é doloroso para seu coração para que voc[ê] não pergunte] se [eu] não requisitei [de seu pai] e seu pai [além disso] não deu? E agora eu requisitei de meu irmão.

(141-147) [E verdadeiras são essas pa]lavras ou não {são} verdade? Não? Além disso, as estátuas que eu requisitei de seu pai, ele deu. E agora [de meu irmão são outras que eu] requisitei. Então, meu irmão não fará outras e ele não dará (e) me causará aflição? [...] de todas as palavras. Teye, ela é sua mãe, então, per[gunte] {para} sua mãe [se eu não requis]itei [estátuas de ou]ro e muito [our]o para seu pai, e (se) seu pai não as deu. Então, [me]u irmão, que meu [irmão] me dê [estátuas de] [ouro] fundido sólido e muito ouro. E que meu irmão não faça meu coração ado[ecer. Na terra de meu irmão, ou]ro é abundante como p[ó]. E, verdadeiramente, eu nunca fiz o [coração de] meu [irmão] adoecer. Se eu não posso fazer um mausoléu [para meus ancestrais], o que eu vou fazer para eles?

(148-154) [E eu disse, “Meu] irmão, que Keliya retorne para ele. Meu irmão não deve ficar chateado. Keliya vai retornar para ele”. [Para meu irmão], eu (disse): “os emissários de meu irmão [vã]o retornar para você rapidamente”. Quando meu irmão [detém] meus emissários, eu detenho-os aqui. E, verdadeiramente, disse: “Quando ele liberar meus emissários e [eles vierem para mim, e quan]do eles

me derem um reporte, então, eu vou liberar Ma[ne] e Keliya com ele como antigamente”. [Sou eu que vou env]já-lo de volta. Quando meu irmão os atrasar como algo esquecido, então, [eu vou fazer] como eu havia planejado. Agora, além disso, é a questão de meu irmão que está se tornando algo como um esc[ând]alo; por que a [mãe] de meu irmão [disse], “ele é um homem crescido, ele tomou o trono de seu falecido pai”, e meu irmão, verdadeiramente, faz o que ele quer.

(155-158) [E] eu, [próprio], disse: “Meu irmão não liberou meus emissários e ele os detém por muito {tempo}”. Eu vee[mente]mente protestei! [Eu envie] Masibadli, meu emissário, o tio de Keliya, e eu o enviei pa[ra] meu [irmão] alegremente, então, meu irmão não deveria ficar bravo porque eu não mandei Keliya. Eu não o mandei [alegremen]te? E quanto ao outro emissário que eu mandei para meu irmão, o irmão de Keliya, o filho da mãe dele [é ele].

(159-161) [E] eu o enviei [para m]eu [irmão] com muita pressa. Como meu irmão não o liberou, ele não retorna rapidamente. E meu irmão não fez um reporte para [mim no assunto de] meus [pe]didos que eu requisitei e, por causa disso, eu não en[viei] Keliya. [E] que [meu irmão] não repita a queixa ou nada.

(161-165) [E Masiba]dli, quem eu enviei para meu irmão, é o tio de Keliya. Então, estátuas de ouro fundido sólido[, que meu irmão dê,] e muito ouro que não foi trabalhado, para o mausoléu; que eu requisitei de meu irmão, que meu irmão dê [para mim. E] que [meu irmão] não me cause [afl]ição e que ele não atrase; pois na ter[ra de] meu [irm]ão ouro é abundante como pó. [E que] eu não [cause afl]ição para meu irmão.

(166-172) [E] que [meu irmão] exceda em amor e [irman]dade dez vezes mais que seu pai. E comigo, nós vamos con[tinuamente mos]trar muito, muito amor. [E] quanto aos meus emissários, que meu irmão os libere rapidamente, e [q]ue meu irmão envie Mane com meus emissários, e que [eles] venham [para mim]. [Como] minha própria boca [falou], que meu irmão dê, e que eu envie Keliya, para meu [irmão], e uma grande caravana [eu verdadeiramente vou enviar] para meu [irmão]; e [quai]squer coisas, todas elas, que [meu] irmão vai dizer, então, elas eu vou, realmente, fazer. [Elas] que eu faça [e] que elas sejam feitas! E, agora, eu não tenho escrito para meu irmão como antes. Como [eu tenho escrito], então, [que] meu irmão me entenda. Que meu irmão não fique bra[vo]. E, para

meu irmão, [eu preparei] uma grande remessa, e Keliya [eu vou] enviar, e uma grande remessa eu vou enviar para meu [ir]mão.

(173-181) [E meu irmão] disse [sobre Ar]teššuba e Asali; ele disse, “eles cometeram um delito no reino de seu irmão”. Eles trouxeram [os dois] deles e eles trouxeram no resto de meus servos que têm vivido no Egito. Ma[ne, seu emissário], veio em minha presença e eles os condenaram em minha presença e eles de[clararam, “Nós fizemos isso”.] Então, eu disse para eles, “Por que vocês [desgraçam] seu nome?”. [Meu irmão, pergunt]e {para} Mane como eu os tratei. Eu p[us eles] em correntes e grilhões. [E ambos], um ao lado do outro, eu env[iei] para uma de minhas cidades na fronteira da {minha} terra. E, ademais, [meu irmão não disse {o crime}], e por esse motivo eu não os matei. Meu irmão, eles realmente com[eteram um delito, mas meu irmão] não disse {qual}. Então, meu irmão, eu não perguntei. Agora, que meu irmão defina a atividade pela qual [eles pecaram] e de ac[ordo] com o desejo dele para eles, então, assim eu farei para eles.

(182-185) [Agora quan]to às saudações-presente de [meu irmão], um pente de ouro encrustado genuíno, com a cabeça de um búfalo, uma maçã [... genuína] lápis-lazúli [...] um par para as mãos, de pedra genuína; um ornamento *šuruhtu* encrustado com [ou]ro; três roupas; três peças de [...] roupas; [uma] camiseta estilo urbano; [x] arcos, três aljavas revestidas com ouro; 9[0 ar]cos de bronze, aparados; [x.....x] de alta qualidade; três ma[ças; co]mo presentes de meu irmão eu [mandei].

(186-187) [... de] ouro; um par para as mãos, de [...] pedra; [x pares de] brincos; [...]; duas roupas, como saudações-presen[te de Te]ye, sua mãe, eu [mandei].

(188-189) [...] um par para as mãos, de [...] pedra [... x pares de bri]nc[os;x] roupas, como saudação-presente pa[ra Tadu]heba, minha [filh]a, [eu mandei].

EA31

TRADUÇÃO

- (1-6) Assim (diz) Nimuwariya, o Grande Rei, rei do Egito: para Tarḫundarasu, rei de Arzawa, (diga) como segue: Comigo {tudo} está bem. Com minhas casas, minhas esposas, minhas crianças, os oficiais sêniores, minhas tropas, minhas carroças, minhas possessões, qualquer coisa em minhas terras, tudo está bem.
- (7-10) Que tudo esteja bem com você. Com suas casas, suas esposas, suas crianças, seus oficiais sêniores, suas carroças, suas possessões, suas terras, que tudo esteja bem.
- (11-16) Veja, eu enviei para você Iršappar, meu mensageiro. Deixe-nos ver a filha quem eles trarão para Minha Majestade em casamento. Deixe-o derramar óleo sob a cabeça dela. Veja, eu enviei para você um *ḫalaliya* de ouro de boa qualidade.
- (17-21) Quanto {às coisas} sobre as quais você escreveu para mim: “envie isso para mim”, eu vou enviar para você depois. (Mas, primeiro,) envie de volta prontamente seu emissário e meu emissário e deixe-os vir (para mim).
- (22-26) (Quando) eles retornarem para você, eles vão levar o *terḫatum* para a filha. Meu mensageiro e o seu mensageiro, ele veio e... Envie-me pessoas da terra de Gašga⁵⁶⁰. Eu soube que tudo está terminado.
- (27-38) E, igualmente, a terra de Ḫattuša está paralisada. Veja, eu enviei para você uma remessa... na mão de Iršappa, [meu] mens[ageiro]:
- 1 *ḫalaliya* de ouro pesando 20 *minas* de ouro;
 - 3 linhos bons; 3 agasalhos de linha b[om?];
 - 3 *ḫuzzi* de linho;
 - 8 mantos de linho;
 - 100 *walgan* de linho;
 - 100 *ḫapp[a(-)...]* de linho;
 - 100 faixas de linho[...];
 - 4 (vasos) *kukkubu* para/com vinho bom;
 - 6 (vasos) *ku[kkubu]* para/com óleo bom;

⁵⁶⁰ i.e Kaska – região no norte da Anatólia, próximo ao Mar Negro. As pessoas de Kaska se organizavam em tribos e frequentemente entravam em confronto com os hititas.

3 cadeiras de ébano revestidas com couro requintado [e our]o;
10 cadeiras de ébano ornamentadas com marfim;
100 (pratos) de ébano;
Como uma saudação-presente.

EA32

TRADUÇÃO

- (1-3) Veja, no que diz respeito à questão que Kalbaya disse para mim “Nós devemos estabelecer relações de sangue entre nós”
- (4-6) Eu não confio em Kalbaya. Ele disse isso, mas isso não está apresentado no tablete.
- (7-9) Se você realmente quer minha filha, eu não a daria a você? Eu vou dá(-la) a você.
- (10-13) Envie Kalbaya prontamente para mim de novo, junto com meu emissário e escreva para mim de novo (sobre) esse assunto em um tablete.
- (14-20) O escriba que leu o tablete, que Ea, o rei da sabedoria e o Deus-Sol do portão do palácio, proteja-o em boa vontade! Deixe-os segurar as mãos deles em boa vontade ao seu redor.
- (21-23) Você, escriba, escreva para mim em boa vontade e adicione (seu) nome depois.
- (24-25) Os tabletes que são trazidos (aqui) continue (os) escrevendo em *nešite*⁵⁶¹.

⁵⁶¹ i.e. hitita.

EA33

TRADUÇÃO

- (1-8) Para o rei da terra do Egito, meu irmão, assim {diz} o rei da terra da Alašiya, seu irmão. {Tudo} está bem comigo; que esteja {tudo} b com você. Com sua casa, suas esposa(s), seus cavalo(s), suas carroça(s) e através de seu reino, que {tudo} estava [mu]ito bem.
- (9-18) [A]demais, então, eu mesmo soube [q]ue você sentou no [tr]ono da casa de seu pai [e eu] transportei [um presente de p]az. [E eu] soube do bem-estar [de] meu [irmão] e eu transp[ortei] para você [um carr]egamento de duzentos (*talentos*) de cobre [e eu] transportei para você [uma car]ga de dez talentos de [cobre bom].
- (19-26) [E quanto ao em]baixado[r de seu pai que] ele costumava [enviar pa]ra mim, [com] pressa eu [(o) enviei de volta]. Então envie [aqui(?)] meu [ho]mem que está c[om você(?)]. Meu irmão, não o cause atrasos, envi<e>-o com [pressa].
- (27-32) Então, ano após an[o], deixe meu [e]mbaixador ir [para você] e quanto à voc[ê], que seu [e]mbaixador venha ano após anos pa<ra> mim.

EA34

TRADUÇÃO

- (1-7) Assim {diz} o rei da terra da Alašiya para o rei da terra do Egito, meu irmão: Esteja informado que eu estou bem e meu reino está bem. E quanto ao seu bem-estar, então o seu bem-estar, o bem-estar de sua casa, de seus filhos, de <suas> esposas, <seus> cavalos, suas carroças e sua terra, que eles estejam muito bem.
- (7-15) Veja, voc<ê> é meu irmão. {Quanto ao que} você escreveu para mim “por que você não enviou seu emissário para mim?”, eu não soube que você ia fazer uma celebração. Então, não aflija seu coração. Então, assim que eu soube, eu enviei agora meu emissário para você.
- (16-25) E contemple, eu enviei, pela mão de meu embaix<ador>, para você cem *talentos* de cobre. Ademais, então agora os {bens} que seus emissários devem trazer: uma cama de ébano, revestida de ouro e uma carroça revestida de ouro e dois cavalos e quarenta e dois pedaços de linho e cinquenta lenços de linho e dois mantos de linho; quatorze árvores de ébano e dezessete vasos *ḥabannatu* de pedra de óleo bom [e] quanto aos bissos: quatro pedaços de linho e quadro lenços de linho.
- (26-31) [e quanto] aos vasos que não são [...] e o couro de burro [...] de uma cama e [quanto aos] vasos [*ḥab*]annatu que não são [...] eu enviei [na mão de] meu [emba]ixador
- (32-41) [...] grão [...] Então [...] meu [embaixa]dor co[m] dele[...] env[iei com pressa] e quanto ao [seu] embaixa[dor, envie para] minha [terr]a e [que eles venham] com pressa [para a terra da A]lashia, meu {mercador} [e vi]nte {[merca]dores} seus e [...] com eles.
- (42-46) Então que um tratado [seja fei]to entre nós e meu embaixad<or> vá até você e seu emissário venha para mim.
- (46-48) Ademais, por que você não me enviou óleo e linho para vestime[nta]s?
- (48-53) E aquilo que você solicitar, eu vou mandar. E contemple eu enviei um jarro *ḥabannatu* [que está] cheio de óleo bom para por em sua cab[ea]ça porque você sentou no seu trono real.

EA35

TRADUÇÃO

- (1-5) Di[ga para o r]ei da terra do Egito, meu irmão; [Assim] {diz} o rei da terra da Alašiya, seu irmão: {tudo} está bem [co]migo. Com meu palácio, minhas espo<sas>, meus filhos, meus oficiais sêniores, meus cavalos, minhas carroças e no meu território tudo está muito bem de fato.
- (6-9) E com meu irmão que tudo esteja bem. Com seu palácio, suas esposas, seus filhos, seus oficiais sêniores, seus cavalos, suas carroças e nos seus territórios que tudo estava muito bem.
Meu irmão, agora eu enviei meu emissário com seu emissário para você para a terra do Egito.
- (10-15) Agora, eu mandei quinhentos (*talentos*) de cobre. Como a saudação-presente de meu irmão, eu enviei para você. Meu irmão, a quantidade de cobre é pequena, que não aflija seu coração, porque a mão de Nergal, meu senhor, está em minha terra⁵⁶². Ele atingiu todos os homens de minha terra e não há trabalhadores de cobre. Então, meu irmão, que isso não [a]flija seu coração.
- (16-18) Envie seu emissário com meu emissário rapidamente e qualquer cobre que você solicite, meu irmão, eu vou enviar para você.
- (19-22) Você é meu irmão. (Que) ele me envie uma grande quantidade de prata. Meu irmão, dê-me a melhor (“divina”) prata. Quanto a mim, então, para o meu irmão, o que quer que você solicite, meu irmão, então eu mesmo irei enviar para você.
- (23-26) Ademais, meu irmão, o boi que meu emissário <so>licitou, dê-me, meu irmão, e o melhor óleo, meu irmão, envie-me dois *kukubu* jarros, meu irmão, e envie-me um especialista em divinação de abutre.
- (27-29) Ademais, meu irmão, os homens de meu reino estão falando {com[igo]} sobre minha madeira que eles entregaram para o rei da terra do Eg[ito], então, meu irmão, [pague] as somas que são devidas.

⁵⁶² Nergal é uma divindade mesopotâmica associada à guerra, à morte, à praga e às doenças. Ao falar de “a mão de Negal”, o rei da Alašiya refere-se a uma epidemia que acomete seu reino. Ver: GESTOSO SINGER, Graciela. **Beyond Amarna: The "Hand of Nergal" and the Plague in the Levant.** In. WATSON, Wilfred; WYATT, Nicolas. *Ugarit-Forschungen* (UF48), 2017, pp. 223 – 248.

- (30-34) Ademais, um homem da terra da A[lashia] morreu na terra do Egito e [seus] pertences estão em seu reino, mas seus filhos e sua esposa estão comigo. Então, meu irmão, assumo as possessões dos homens da Alašiya e entregue para meu emissário, meu irmão.
- (35-39) Meu irmão, não deixe que isso aflija seu coração, seu emissário está em meu reino há 3 anos, porque a mão de Nergal está em minha terra e em minha casa, há uma jovem esposa minha que morreu.
- (40-42) Agora, meu irmão, envie-me seu emissário com meu emissário segura e rapidamente e eu vou enviar a saudação-presente de meu irmão.
- (43-48) Ademais, (que) meu irmão mande a prata que eu requisitei de você, uma grande quantidade, meu irmão, e os objetos que eu requisitei de você, meu irmão, envie. E quanto a quaisquer as coisas, meu irmão fará todas {elas}. Quanto a você, quaisquer coisas que você me disser, então, eu mesmo farei.
- (49-53) Você não foi classificado com o rei de Ḫatti ou com o rei de Shanhar⁵⁶³. Quanto a mim, quaisquer saudação-presente que eles me enviarem, então, eu enviarei o dobro para você.
- (54-55) (Que) seu emissário venha para mim como ant[es e] (que) meu emissário vá até você como ant[es].

⁵⁶³ i.e. Babilônia.

EA36

TRADUÇÃO

- Frente*
(-7- -1)
{quebrado} [Diga para o rei da terra do Egito, meu irmão; a mensagem do rei da terra da Alašiya, seu irmão. {Tudo} está bem comigo, que {tudo} esteja bem com meu irmão. Com sua casa, com suas esposas, com seus filhos, com seus cavalos, com suas carroças e nas suas terras, que {tudo} esteja realmente muito bem].
- (1-4) [.....] pouco [...] eles processaram [.....]
- (5-11) [Eu soli]citei x [de co]bre, tanto quanto [eles haviam] preparado, eu enviei [e agora] eu enviei para meu irmão 120 (+ x) (*talentos* de) cobre; 70 *talentos* continuam; [entre] alguns dos *talentos* que você regozijou(?), 30+[1(?) entre os tal]entos são multicoloridos [... Agor]a, meu irmão {...} que você enviou seu mensageiro. [Quanto a mi]m, o que eu envio para você é pouco; agora eu solicitei [tanto] quanto você deseja, eu vou [re]almente em<v>iar para você [e o] que eu solicitar de [vo]cê, envie. Você deseja [...]
- (12-17) [Ag]ora, m[eu] irmão, eu preparei muito cobre [...] Que os barcos sejam muitos, envie(-os) aqui. O cobre [...] já que eles prepararam m[ui]to cobre, grãos [em barcos da] província de Canaã [envie para mim como nos dias] passados, [para que eu] possa [fazer] pão [...]
- Verso(?)*
(18-19) [Agora, sobre] meu [mensageiro], você [o deteve] dois anos. [Seu bem-estar q]ue ele comunicou (vai comunicar) para mim e as c[oisas que eu solicitei de você, me envie].
- (20-24) (ilegível)
- {25-31?} (mais linhas quebradas adiante)

EA37

TRADUÇÃO

Frente

- (1-7) Diga [pa]ra o r[e]i da terra [do Egito,] meu [irmão], assim { diz } [o rei da t]erra da Alašiya, seu [irmã]o: { tudo } está bem comigo. [C]om meu irmão que tudo esteja bem. Com sua casa, com suas esposas, [co]m seus filhos, com <seus> cavalos, com suas car[roças] e através dos seus territórios que { tudo } esteja mu<ito> [be]m.
- (8-12) Quanto [a saudaç]ão-presente para meu irmão, vidro [em b]ruto, cinco *talentos*; cinco times de cavalos; são a [sau]dação-presente para meu irmão. O emissário de meu irmão eu apressei.
- (13-20) E agora, meu irmão, que ele despache [m]eu embaix[ador] apressadamente, para que eu possa perguntar sobre o bem-estar de meu irmão. E o que quer que você deseje, ponha em uma carta e eu vou realmente envi[ar]. Envie prata refinada. Meu irmão, não retenha meu emissário. Que ele (o) envie.

Verso

- (21-29) Quanto a Baštummê, Kunêa, Etilluna, [-]r[u]mma, Ušbara, Bē[š]amma, meu irmão que ele os solte [.....]

EA38

TRADUÇÃO

- (1-6) Diga para o rei da terra do Egito, meu irmão; assim {diz} o rei da terra da Alašiya, seu irmão: {tudo} está bem comigo, que {tudo} esteja bem com você. Com sua casa, suas esposas, seus filhos, seus cavalos, suas carroças e no seu vasto exército, seus territórios, seus oficiais sêniores, que {tudo} esteja muito bem.
- (7-12) Por que, meu irmão, você diz isso para mim? Quanto a isso, meu irmão sabe? Eu não fiz essa coisa! Agora os homens das terras da Lycia, ano após ano, estão pegando uma cidade em minhas terras.
- (13-18) Meu irmão, você me diz “homens de seu reino estão com eles”. Mas eu, meu irmão, não sei que eles estão com eles. Se há homens de meu reino com eles, então me escreva e eu vou fazer o que eu quiser (com eles).
- (19-22) Você não sabe (que há) homens de me[u] reino (com eles). Eu não fiz isso! Se homens de meu reino fizeram, então, você faça o que quiser.
- (23-26) Agora, meu irmão, já que você não enviou meus emissários novamente, (aqui está) esse tablete. É o irmão do rei, deixe-o escrever. Seu emissário irá me dizer o que devo fazer.
- (27-30) Ademais, qual dos seus pais fez isso para os meus pais no passado? Então, agora, meu irmão, não aflija seu coração.

EA39

TRADUÇÃO

- (1-3) Diga para o rei do Egito, meu irmão, assim (diz) o rei da Alašiya, seu irmão:
(4-9) {Tudo} está bem comigo. Que {tudo} esteja bem com você. Com sua casa, suas esposas, seu{s} filho(s), suas esposas principais, sua carruagem, seus muitos cavalos, e no Egito, seu reino, que {tudo} esteja muito bem.
(10-13) Meu irmão, quanto aos meus mensageiros, envie-os rápida e seguramente para que eu possa ouvir do seu bem-estar
(14-16) Esses homens são meus mercadores. Meu irmão, envie-os rápida (e) seguramen[t]e
(17-20) Quanto ao{s} meu{s} mercador(es) (e) meu barco, que seu inspetor alfandegário não chegue perto deles.

Verso (em hierático, em tinta preta): Carta do Grande da Alašiya.

EA41

TRADUÇÃO

- (1-3) [A mensagem do Sol,] Suppiluliuma, o Gr[ande] Rei, [o rei da terra de H]atti; fal[e] para Huriya, [o rei da terra do E]gito, meu irmão
- (4-6) [{Tudo} está b]em comigo. Com você, que {tudo} esteja be[m. Para suas [esposas], seus filhos, sua Casa, suas tropas, suas carroças, [e n]as suas terras que {tudo} esteja muito bem.
- (7-13) Quanto aos meus emissários que eu enviei para seu pai e o pedido que seu pai pediu entre nós: “Permita-nos estabelecer relações amigáveis!” então certamente(?) eu não recuei. Qualquer coisa que seu pai disse, certamente(?) eu realmente realizei e meus pedidos que eu pedi ao seu pai, ele não reteve nada, ele realmente concedeu tudo.
- (14-15) Por que você reteve os carregamentos que seu pai enviou quando seu pai era vivo?
- (16-22) Agora, meu irmão, você ascendeu ao trono de seu pai, e assim como seu pai e eu desejamos saudações-presentes entre nós, então, agora, que você e eu, assim, desfrutemos boas relações entre nós e o pedido <que> eu fiz para seu pai, para meu irmão [eu vou fazer:] “que nós façamos um acordo de [casa]mento entre nós”.
- (23-28) [Quanto a qualqu]er pedido para seu pai, [você], meu [ir]mão, não retenha. [... duas e]státuas de ouro: uma [que esteja em pé], uma que esteja sentada; e duas estátuas de mulheres [de prat]a e muita lápis-lazúli e para [...] grande {...}, que meu irmão [envie]
- (29-32) [Eu] enviei e [...] e se meu irmão [desejar..... para dar...] que meu [irm]ão o[s] dê.
- (33-38) [Mas se] meu irmão [nã]o desejar os conceder; minhas carruagens vão terminar de [carr]egar {tecidos?} de linho.
- (39-43) Agora, para a sua saudação-presente, um ritão de prata, um carneiro⁵⁶⁴ {de} cinco *minas* de peso; um ritão, um carneiro de raça {de} três *minas* de peso;

⁵⁶⁴ Na tradução de Moran, a palavra usada é “stag” e na de Rainey é “ram” – dois animais diferentes. Considerando a ornamentação dos ritões, acredito que deva se tratar de uma subespécie do carneiro-selvagem.

dois [*ta*]*lentos* de prata {de} dez *minas* de peso; {e} dois grandes arbustos de *nikipu*⁵⁶⁵ eu enviei para você.

⁵⁶⁵ Planta medicinal.

EA42

TRADUÇÃO

- (1-3) [Assim (diz)] o Sol, Suppiluliuma, o grande rei, o rei da terra de Ḫatti; fale para Ḫuria(?), rei da terra do Egito, meu irmão]
- (4-7) [Comigo {tudo} está bem, com meu irmão] que {tudo} esteja bem. [Com suas esposas, seus filhos], seus oficiais sênior, com [suas] tropa[s, seus cavalos], com sua carruagem e na[s suas terras que esteja {tudo} bem]
- (8-14) Meu irmão, assim, ouça [...] o pai de nosso pai da t[erra de ... s]e da terra de Ḫur[ri... Se] da terra de [...] ele vie[r...] diante da presença de [...] que [...] que ele pergunte.
- (15-18) E agora, sobre o seu tablete que [você me enviou], por que [você exaltou] seu nome sob o meu nome? E quem anulou as boas relações [entre nós]? Essa é uma prática correta ent[ão]?
- (19-22) Meu irmão, foi procurando paz [entre nós] que você escreveu? E se [foi, seu nome,] por que você o exaltou? E eu sou consid[erado então como] um corpo?
- (22-26) [O nome do] escriba é Ruminta [... eu] escrevi e seu nome [... eu vou apa]gar [...] não [...]
- (27-28) [Assi]m (diz) o escriba de [...As]sim não fiqu[e...]

EA43

TRADUÇÃO

Cerca de três linhas perdidas

- (1-7) [...] Eu {...} [... seu?] filho [mais velho?] [...ele] não fez para ele [...] homens maldosos [...] isso que está{?} com ele [...] eles {...} ele e o mataram [...] Eu sei na presença dos deuses.
- (8-19) [...] você sabe que seu pai [...] fez como o pai dele (havia feito) [...] ele estava saindo [...] Eu vou os proteger [...t]odos eles e o filho mais velho dele [...] do pai dele [...] é bom o que ele está fazendo para ele [...] você não sabe [...] você não sabe [...] nada [...] não [...] e ele [...]
- (20-22) {...}
- (23) [...] ...r[ei?...]
- (24) [...] bo[m ...]
- (25) {...} em [...]
- (26) {...}
- (27) [...] lápis-lazúli e[m...]
- (28) [... lá]pis-lazúli grande e atrativa [...]
- (29) [... que] meu irmão desejar
- (30) [...] eu?
- (31) [...] ele [...]
- (32) [Agora para as suas saudações-]presente [...]
- (33-35) {...}

EA44

TRADUÇÃO

- (1-4) Diga para meu senhor, rei da [cid]ade do Egito, meu pai; assim {diz} Zidan, o filho do rei, seu filho.
- (5-6) Que tudo esteja bem com o senhor, meu pai.
- (7-13) Com uma caravana de algum de seus emissários, eles vieram para as terras da cidade de Ḫatti, e quando eles retornaram para você, então, fui eu quem enviou uma saudação-presente para você, meu pai, e eu mandei um envio para você.
- (14-17) [.....] seus [emba]ixadores [.....] eu enviei(?) [.....]
- (18-24) [.....] Agora, sobre os seus emissários, [eu estou] os [despachando] em seu caminho [da ter]ra da cidade de Ḫatti para você. E sou eu que está enviando, [c]om seus emissários, os meus emissários e um carregamento de dezesseis homens eu trouxe a você como saudações-presente.
- (25-28) E eu desejo [ou]ro, então, meu pai, me envie ouro e qualquer coisa que meu senhor, meu pai, desejar, escreva para mim e eu vou trazer isso para você.

APÊNDICE 1: GLOSSÁRIO DE NOMES

Este glossário visa dar uma breve introdução ou contexto para os personagens que aparecem no decorrer deste trabalho. Os nomes estão organizados por ordem alfabéticas. Todos os mensageiros, emissários ou funcionários com funções relacionadas que aparecem na lista, são referentes à documentação de Amarna, a menos que esteja indicado o contrário.

[–]rumma:	Mensageiro da Alašiya.
Agum-Kakrime:	Rei cassita da Babilônia (c. 1500 AEC)
Ahmoze (rei):	Rei do Egito (c. 1539 – 1515 AEC), fundador do Reino Novo e da XVIII Dinastia.
Ahmoze (soldado):	Nome de dois soldados egípcios que lutaram ao lado de Tothmés I.
Aḥu-ṭābu:	Responsável dos comerciantes (reino não definido, provavelmente Egito ou Mesopotâmia).
Akhenaton:	Rei do Egito (c. 1353 – 1336 AEC), filho de Amenhotep III e Tiye.
Akiya:	Mensageiro de Mitani.
Amenhotep I:	Rei do Egito (c. 1514 – 1494 AEC).
Amenhotep II:	Rei do Egito (c. 1425 – 1400 AEC).
Amenhotep III:	Rei do Egito (c. 1390 – 1353 AEC), pai de Akhenaton, filho de Tothmés IV.
Amut-pi-El:	Rei de Qatna (c. 1772-1762 AEC).
Ankhsenamón:	Rainha do Egito, esposa de Tutankhamon e filha de Akhenaton.
Artashumara:	Rei de Mitani (c. 1355 – 1352 AEC), irmão de Tushratta.
Ar-Teššob:	Mensageiro de Mitani, com cargo abaixo de Keliya (mensageiro-chefe).
Arteššuba:	Provavelmente mensageiro (reino de origem não definido, provavelmente Mitani).

Artatama:	Rei de Mitani (c. 1400 – 1375 AEC), avô de Tushratta.
Asali:	Escriba de Mitani.
Aššur-nadin-aḫḫē:	Rei da Assíria (c. 1393 – 1383 AEC).
Aššur-uballit:	Rei da Assíria (c. 1363 - 1328 AEC).
Baštummê:	Mensageiro da Alašiya.
Bēl-šamma:	Mensageiro da Alašiya.
Biryawaza:	Assaltante mencionado na carta EA7.
Burnaburiaš II:	Rei da Babilônia (c. 1360 – 1333 AEC), filho de Kadašman-Enlil.
Enna-Dagan:	Rei de Mari (segunda metade do III ^o Milênio AEC).
Enmetena:	Rei de Lagash (c. 2430 AEC).
Hammurabi:	Rei da Babilônia (c. 1792 – 1750 AEC), de origem amorita.
Ḫane:	Interprete egípcio.
Hantili:	Rei de Hatti (c. 1526 - 1496 AEC), cunhado de Mursili.
Ḫaramashi:	Mensageiro egípcio.
Hatshepsut:	Rainha-faraó do Egito (c. 1479 – 1458 AEC).
Hattusili:	Rei de Hatti (c. 1586 – 1556 AEC).
Hattusili III:	Rei de Hatti (c. 1267 – 1237 AEC).
Ḫaya:	Alto funcionário do Egito.
Ḫu`a:	Mensageiro da Babilônia.
Ḫuriya:	Rei do Egito não identificado. É possível que seja Akhenaton, Tutankhamun ou Smenkhkare.
Ibal-pi-El II:	Rei de Eshunna (c. 1779 – 1765 AEC).

Iblul-II:	Rei de Mari (c. 2380 AEC).
Ibubu:	Mensageiro de Ebla, funcionário de Irkab-damu (c. 2300 AEC).
Inbatum:	Princesa de Mari, filha de Zimri-Lim (c. 1775 - 1761 AEC) e casada com o rei de Andarig.
Irkab-damu:	Rei de Ebla (c. 2300 AEC).
Iršappa:	Mensageiro do Egito.
Išbi-Erra:	Rei fundador da dinastia de Isin (c. 2017 AEC).
Ishhi-Addu:	Rei de Qatna (primeira metade do século XVIII AEC).
Ishme-Dagan:	Rei de Ekallatum e da Assíria (c. 1776 – 1736 AEC), filho de Shamshi-Adad.
Kadašman-Enlil:	Rei da Babilônia (c. 1375 – 1360 AEC), pai de Burnaburiash II.
Kalbaya:	Mensageiro do Egito.
Karaḫardaš:	Rei da Babilônia, filho de Burnaburiaš II.
Karaindaš:	Rei cassita da Babilônia (c. 1410 AEC).
Kasî:	Mensageiro do Egito.
Keliya:	Alto funcionário, primeiro ministro, mensageiro-chefe de Mitani.
Kelu-Ḫeba:	Princesa mitânica, irmã de Tushratta, esposa de Amenhotep III.
Kidin-Adad:	Escriba da Babilônia.
Kirta:	Provavelmente primeiro rei de Mitani, em algum momento entre cerca de 1600 – 1560 AEC.
Kunêa:	Mensageiro da Alašiya.
Kurigalzu:	Rei da Babilônia (c. ? – 1375 AEC), avô de Buraburiash II.
Kurigalzu II:	Rei da Babilônia (c. 1332-1308 AEC), filho de Buraburiash II.

Lugalkignedudu:	Rei de Uruk (segunda metade do III ^o Milênio AEC).
Madduwatta:	Rei de Arzawa durante o século XIV ou XIII AEC.
Mane:	Alto funcionário, primeiro ministro, mensageiro-chefe do Egito.
Masibadli:	Emissário de Mitani, tio de Keliya.
Mayati:	Princesa egípcia, provavelmente Meriaton (filha de Akhenaton e Nefertiti).
Miḫuni:	Tradutor babilônico.
Mursili:	Rei de Hatti (c. 1620 – 1590 AEC), neto de Hattusili.
Naram-Sim:	Rei da Acádia (c. 2255 – 2218 AEC), neto de Sargão.
Niyu:	Emissário do Egito.
Pamaḫu:	Assaltante mencionado na carta EA7; governador de Kiṣri (Damasco).
Parattarna I:	Rei de Mitani (c. 1500 – 1475 AEC).
Perissi e Tulubri:	Mensageiros de Mitani, sempre aparecem juntos na documentação de Amarna.
Pirḫi:	Assassino do rei Artashumara, de Mitani.
Rim-Sin:	Rei de Larsa (c. 1822 – 1763 AEC), descendente de elamitas.
Ruminta:	Escriba (reino de origem não definido).
Ṣalmu:	Emissário, comerciante provavelmente babilônico.
Samsudita:	Rei de Babilônia, descendente de Hammurabi.
Sargão:	Rei da Acádia (c. 2340 – 2284 AEC). Seu nome original é Sharrukin.
Šamši-Adad:	Rei da região que envolve os territórios entre o Zagros e o Eufrates, com foco em Ekallatum, Mari e Shubat-Enlil (c. 1813 – 1781 AEC).
Šattiwaza:	Filho e assassino do rei Tušratta de Mitani

Šauštatar I:	Rei de Mitani (c. 1475 – 1450 AEC).
Šiptu:	Rainha de Mari, esposa de Zimri-Lim.
Šum-Hadda:	Assaltante mencionado na EA8; filho de Baʿlumme (reino de origem não definido).
Šuttarna I:	Rei de Mitani (c. 1560 AEC).
Sindišugab:	Emissário da Babilônia.
Suppiluliuma:	Rei de Hatti (c. 1370 – 1330 AEC).
Sutatna:	Filho de Sarātu de Akka, mencionado como assaltante na carta EA8.
Šuttarna II:	Rei de Mitani (c. 1375 – 1355 AEC), pai de Tushratta.
Šutti:	Emissário, provavelmente egípcio.
Tadu-Ḫeba:	Princesa de Mitani, filha de Tushratta e esposa de Akhenaton.
Tarḫundarasu:	Rei de Arzawa (segunda metade do século XIV AEC).
Tiye:	Rainha do Egito, esposa de Amenhotep III e mãe de Akhenaton.
Tothmés I:	Rei do Egito (c. 1493 – 1483 AEC).
Tothmés II:	Rei do Egito (c. 1482 – 1480 AEC).
Tothmés III:	Rei do Egito (c. 1479 – 1425 AEC).
Tothmés IV:	Rei do Egito, pai de Amenhotep III (c. 1400 – 1390 AEC).
Tudhaliya II:	Também aparece como Tudhaliya III, foi rei de Hatti (meados do século XIV AEC).
Tudhaliya IV:	Rei de Hatti (c. 1237 – 1208 AEC).
Tunip-iwri:	Mensageiro/escriva/tradutor (reino de origem não definido).
Tušratta:	Rei de Mitani (c. 1352 – 1335 AEC).

Ušbara:	Mensageiro da Alašiya.
Yasmah-Addu:	Vice-rei de Mari (c. 1795 AEC), filho de Shamshi-Adad.
Yarim-Lim:	Rei de Yamhad.
Yuni:	Esposa de Tushratta.
Zannanza:	Príncipe de Hatti, filho de Suppiluliuma, enviado para casar-se com Ankhsenamun no Egito, mas assassinado no caminho.
Zidan:	Príncipe de Hatti, filho do rei; provável irmão de Suppiluliuma
Zimri-Lim:	Rei de Mari (c. 1775 - 1761 AEC), provavelmente relacionado com Yahdun-Lim, um antigo rei de Mari antes da dominação de Shamshi-Adad.

APÊNDICE 2: GLOSSÁRIO DE TERMOS EM LÍNGUA ANTIGA

Os termos presentes nessa listagem foram usados no decorrer da pesquisa e correspondem a língua acadiana, com exceção de GIŠ.GIGIR, que é um sumerograma, comumente usado nas Cartas de Amarna. Esse glossário não tem como fim ser um minidicionário e por isso trago apenas os significados relativos ao contexto de uso dessas palavras. Para informações mais detalhadas e precisas, o CAD deve ser consultado.

<i>abum</i>	pai
<i>aḥḥūtu</i>	Relação fraternal; pessoas de mesmo <i>status</i> social, irmandade.
<i>aḥum</i>	Irmão; braço; lado
GIŠ.GIGIR	Sumerograma. GIŠ é um determinativo para designar coisas “de madeira”. GIGIR é o substantivo que opto pela tradução como “carroça”. Podemos encontrar uma equivalência com o acadiano <i>mugirru</i> . É preciso ter em mente que carroças na concepção atual são diferentes desses carros de madeira no mundo mesopotâmico, e demonstravam grande riqueza.
<i>hayaram qatālum</i>	Expressão amorita para o ritual de imolar o burro, pode aparecer no acadiana <i>imêrum</i> (burro), <i>dâkum</i> (matar) ou <i>mahâsum</i> (golpear)
<i>ḥuradi</i>	Soldados
<i>karum</i>	Sociedade de comerciantes
<i>mārum</i>	Filho
<i>mulūgu</i>	Era um tipo de dote, associado com o sumerograma MUNUS.MEŠ, sendo que MUNUS significa para mulher e MEŠ é uma marca de plural. Nesse sentido pode ser entendido como “dote feminino”
<i>namru</i>	Brilhante
<i>napištašu lapâtum</i>	Ritual de tocar a garganta
<i>nešite</i>	Língua hitita
<i>rikitu</i>	contrato
<i>šarru</i>	Rei
<i>šulmānu</i>	saudações-presente e desejos de bem-estar
<i>terḥatum</i>	“preço da noiva”, em tradução livre. O <i>terḥatum</i> consistia em um presente para o pai da noiva, como forma de mostrar que o casamento ia acontecer e os procedimentos estavam sendo tomados
<i>ubānu</i>	No contexto amarniano, o termo se refere a objetos com formato de dedos de touro

APÊNDICE 3: RELAÇÃO DE NOMES E REINOS EM CADA CARTA

Link A	Link B	Carta	Reino A	Reino B	Observações
Kadašman-Enlil	Amenhotep III	EA1	Babilônia	Egito	
Kadašman-Enlil	Tothmés IV		Babilônia	Egito	
Amenhotep III	Tothmés IV		Egito	Egito	
Kadašman-Enlil	Šuttarna II		Babilônia	Mitani	Menciona-se o reino de Mitani . Provavelmente durante o governo de Šuttarna II
Amenhotep III	Šuttarna II		Egito	Mitani	
Kadašman-Enlil	Kurigalzu		Babilônia	Babilônia	
Kurigalzu	Amenhotep III		Babilônia	Egito	
Amenhotep III	Kadašman-Enlil	EA2	Egito	Babilônia	
Amenhotep III	Kadašman-Enlil	EA3	Egito	Babilônia	
Amenhotep III	Kadašman-Enlil	EA4	Egito	Babilônia	
Kadašman-Enlil	Amenhotep III	EA5	Babilônia	Egito	
Amenhotep III	Burnaburiaš II	EA6	Egito	Babilônia	
Burnaburiaš II	Kadašman-Enlil		Babilônia	Babilônia	
Amenhotep III	Kadašman-Enlil		Egito	Babilônia	
Akhenaton	Burnaburiaš II	EA7	Egito	Babilônia	
Akhenaton	Burnaburiaš II	EA8	Egito	Babilônia	
Akhenaton	Burnaburiaš II	EA9	Egito	Babilônia	
Kurigalzu	Burnaburiaš II		Babilônia	Babilônia	
Akhenaton	Kurigalzu		Egito	Babilônia	
Amenhotep III	Burnaburiaš II		Egito	Babilônia	
Amenhotep III	Akhenaton		Egito	Egito	
Amenhotep III	Kurigalzu		Egito	Babilônia	
Burnaburiaš II	Aššur-uballit		Babilônia	Assíria	

Aššur-uballit	Akhenaton		Assíria	Egito	
Akhenaton	Burnaburiaš II	EA10	Egito	Babilônia	Menciona os antepassados de Akhenaton dos tempos de Karaindaš
Karaindaš	Burnaburiaš II		Babilônia	Babilônia	
Tothmés III	Amenhotep III		Egito	Egito	
Amenhotep III	Tothmés IV		Egito	Egito	
Amenhotep III	Akhenaton		Egito	Egito	
Akhenaton	Tothmés IV		Egito	Egito	
Tothmés III	Tothmés IV		Egito	Egito	
Tothmés III	Akhenaton		Egito	Egito	
Karaindaš	Tothmés III		Babilônia	Egito	
Tothmés IV	Amenhotep II		Egito	Egito	
Tothmés III	Amenhotep II		Egito	Egito	
Amenhotep III	Amenhotep II		Egito	Egito	
Amenhotep II	Akhenaton		Egito	Egito	
Burnaburiaš II	Kadašman-Enlil		Babilônia	Babilônia	
Burnaburiaš II	Kurigalzu		Babilônia	Babilônia	
Burnaburiaš II	Kadashman-harbe		Babilônia	Babilônia	
Kadašman-Enlil	Kurigalzu		Babilônia	Babilônia	
Kadašman-Enlil	Kadashman-harbe		Babilônia	Babilônia	
Akhenaton	Burnaburiaš II	EA11	Egito	Babilônia	
Burnaburiaš II	Tiye		Babilônia	Egito	
Burnaburiaš II	Amenhotep III		Babilônia	Egito	
Tiye	Amenhotep III		Egito	Egito	
Tiye	Akhenaton		Egito	Egito	
Burnaburiaš II	Kadašman-Enlil		Babilônia	Babilônia	
Kadašman-Enlil	Amenhotep III		Babilônia	Egito	

Amenhotep III	Kurigalzu		Egito	Babilônia	
Princesa Babilônica	Rei do Egito	EA12	Babilônia	Egito	
Princesa Babilônica	Burnaburiaš II		Babilônia	Babilônia	
Burnaburiaš II	Princesa Egípcia	EA13	Babilônia	Egito	
Akhenaton	Burnaburiaš II	EA14	Egito	Babilônia	
Akhenaton	Princesa Babilônica		Egito	Babilônia	
Burnaburiaš II	Princesa Babilônica		Babilônia	Babilônia	
Akhenaton	Aššur-uballit	EA15	Egito	Assíria	
Akhenaton	Aššur-uballit	EA16	Egito	Assíria	
Aššur-uballit	Aššur-nadin-ahhe		Assíria	Assíria	
Aššur-nadin-ahhe	Rei do Egito		Assíria	Egito	
Aššur-uballit	Tušratta		Assíria	Mitani	
Tušratta	Amenhotep III		Mitani	Egito	
Aššur-uballit	Amenhotep III		Assíria	Egito	
Amenhotep III	Tušratta	EA17	Egito	Mitani	
Šuttarna II	Tušratta		Mitani	Mitani	
Artašumara II	Tušratta		Mitani	Mitani	
Šuttarna II	Amenhotep III		Mitani	Egito	
Tušratta	Suppiluliuma		Mitani	Hatti	Menciona vitória sobre o rei hitita, provavelmente, Suppiluliuma.
Amenhotep III	Suppiluliuma	EA18	Egito	Mitani	
Artašumara II	Tušratta		Mitani	Mitani	
Amenhotep III	Tušratta	EA19	Egito	Mitani	
Amenhotep III	Šuttarna II		Egito	Mitani	
Šuttarna II	Tušratta		Mitani	Mitani	
Tušratta	Artatama		Mitani	Mitani	
Amenhotep III	Tušratta	EA20	Egito	Mitani	
Šuttarna II	Amenhotep III		Mitani	Egito	
Šuttarna II	Tušratta		Mitani	Mitani	

Amenhotep III	Tušratta	EA21	Egito	Mitani	
Amenhotep III	Tušratta	EA22	Egito	Mitani	
Amenhotep III	Tušratta	EA23	Egito	Mitani	
Amenhotep III	Tušratta	EA24	Egito	Mitani	
Suppiluliuma	Tušratta		Hatti	Mitani	Menciona os hititas como inimigos de Mitani, provavelmente no governo de Suppiluliuma.
Šuttarna II	Tušratta		Mitani	Mitani	
Šuttarna II	Amenhotep III		Mitani	Egito	
Artatama	Amenhotep III		Mitani	Egito	
Artatama	Tušratta		Mitani	Mitani	
Artatama	Tothmés IV		Mitani	Egito	
Šuttarna II	Tothmés IV		Mitani	Egito	
Tothmés IV	Amenhotep III		Egito	Egito	
Tušratta	Amenhotep III	EA25	Mitani	Egito	
Tiye	Tušratta	EA26	Egito	Mitani	
Tiye	Amenhotep III		Egito	Egito	
Tušratta	Amenhotep III		Mitani	Egito	
Amenhotep III	Šuttarna II		Egito	Mitani	
Amenhotep III	Akhenaton		Egito	Egito	
Tušratta	Akhenaton		Mitani	Egito	
Tiye	Akhenaton		Egito	Egito	
Akhenaton	Tušratta	EA27	Egito	Mitani	
Tiye	Akhenaton		Egito	Egito	
Tiye	Tušratta		Egito	Mitani	
Amenhotep III	Akhenaton		Egito	Egito	
Amenhotep III	Tušratta		Egito	Mitani	
Amenhotep III	Tiye		Egito	Egito	
Akhenaton	Tušratta	EA28	Egito	Mitani	
Tiye	Tušratta		Egito	Mitani	

Tiye	Akhenaton		Egito	Egito	
Amenhotep III	Tušratta		Egito	Mitani	
Amenhotep III	Tiye		Egito	Egito	
Amenhotep III	Akhenaton		Egito	Egito	
Akhenaton	Tušratta	EA29	Egito	Mitani	
Tiye	Tušratta		Egito	Mitani	
Tiye	Akhenaton		Egito	Egito	
Amenhotep III	Tušratta		Egito	Mitani	
Amenhotep III	Tiye		Egito	Egito	
Amenhotep III	Akhenaton		Egito	Egito	
Tothmés IV	Artatama		Egito	Mitani	
Tothmés IV	Amenhotep III		Egito	Egito	
Amenhotep III	Šuttarna II		Egito	Mitani	
Šuttarna II	Artatama		Mitani	Mitani	
Šuttarna II	Tušratta		Mitani	Mitani	
Artatama	Tušratta		Mitani	Mitani	
Amenhotep III	Tarkhundarasu	EA31	Egito	Arzawa	
Tarkhundarasu	Rei de Hatti		Arzawa	Hatti	Menciona que Hatti estava "paralisada". Isso significa que essa carta pode ter sido mandada entre Tudhaliya II ou Suppiluliuma (que que derrotou Arzawa)
Rei de Hatti	Amenhotep III		Hatti	Egito	
Amenhotep III	Tarkhundarasu	EA32	Egito	Arzawa	
Akhenaton	Rei da Alašiya	EA33	Egito	Alašiya	Pelo conteúdo Rainey afirma ser Akhenaton. Assim, "seu pai" é Amenhotep III.
Amenhotep III	Akhenaton		Egito	Egito	
Amenhotep III	Rei da Alašiya		Egito	Alašiya	
Akhenaton	Rei da Alašiya	EA34	Egito	Alašiya	

Akhenaton	Rei da Alašiya	EA35	Egito	Alašiya	Fala da praga "Mão de Nergal" - provavelmente fim do governo de Akhenaton
Rei da Alašiya	Burnaburiaš II		Alašiya	Babilônia	
Suppiluliuma	Rei da Alašiya		Alašiya	Hatti	
Burnaburiaš II	Akhenaton		Babilônia	Egito	
Suppiluliuma	Akhenaton		Egito	Hatti	
Rei da Alašiya	Rei do Egito	EA36	Alašiya	Egito	
Rei da Alašiya	Rei do Egito	EA37	Alašiya	Egito	
Rei da Alašiya	Rei do Egito	EA38	Alašiya	Egito	
Rei da Alašiya	Rei do Egito	EA39	Alašiya	Egito	
Huriya	Suppiluliuma	EA41	Egito	Hatti	
Rei do Egito	Suppiluliuma		Egito	Hatti	"Rei do Egito" é "seu pai". Huriya pode ser Akhenaton, Tutankhamon ou Smenkhare, portanto seu pai pode ser Amenhotep III ou Akhenaton.
Rei do Egito	Huriya		Egito	Egito	
Huriya	Suppiluliuma	EA42	Egito	Hatti	
Suppiluliuma	Tušratta		Hatti	Mitani	Fala da terra de Hurri. Estima-se que Tušratta pelo período.
Tušratta	Huriya		Mitani	Egito	
Suppiluliuma	Rei do Egito	EA43	Hatti	Egito	Não há nomes. Rainey propõe Suppiluliuma
Rei do Egito	Zidan	EA44	Hatti	Egito	Zidan provavelmente é irmão de Suppiluliuma. Rainey defende que a carta é endereçada para Amenhotep III
Zidan	Suppiluliuma		Hatti	Hatti	